

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ARTES
DOUTORADO EM MULTIMEIOS

MARIA LEANDRA BIZELLO

**ENTRE FOTOGRAFIAS E FOTOGRAMAS: a construção da imagem pública
de Juscelino Kubitschek – 1956-1961**

Este exemplar é a redação final da Tese
defendida pela Sra. Maria Leandra Bizello e
aprovada pela Comissão Julgadora em
25/02/2008.

Prof. Dr. Marcius César Soares Freire

Orientador

Tese de doutorado apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Multimeios do Instituto
de Artes, da Universidade Estadual de
Campinas, para obtenção do Título de Doutor
em Multimeios.

Orientador: Prof. Dr. Marcius César Soares
Freire

CAMPINAS – SP
Fevereiro/2008

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA

BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ARTES DA UNICAMP

B552e Bizello, Maria Leandra.
Entre fotografias e fotogramas: a construção da imagem
pública de Juscelino Kubitschek (1956-1961) / Maria Leandra Bizello –
Campinas, SP: [s.n.], 2008.

Orientador: Marcius C. S. Freire.
Tese(doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Artes.

1. Cinema 2. Fotografia. 3. História. I. Freire, Marcius C. S. II.
Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. III. Título.

(em/ia)

Título em inglês: “Between pictures and frames: The construction of Juscelino Kubitschek’s public image (1956-1961)”.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Cinema ; Photography ; History.

Titulação: Doutor em Multimeios

Banca examinadora:

Prof. Dr. Marcius C. S. Freire

Prof. Dr. Etienne Samain.

Profa. Dra. Ana Maria Mauad.

Profa. Dra. Célia Ap. F. Tolentino.

Prof. Dr. Fernando Passos.

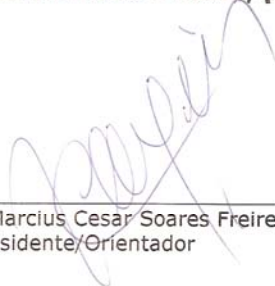
Prof. Dr. Francisco Elinaldo Teixeira.

Prof. Dr. Mauricius Martins Farina.

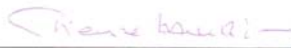
Data da Defesa: 25-02-2008

Instituto de Artes Comissão de Pós-Graduação

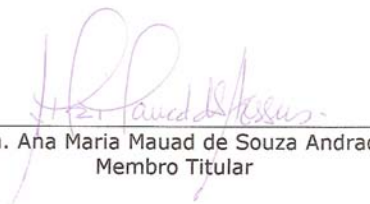
**Defesa de Tese de Doutorado em Multimeios, apresentada pela
Doutoranda Maria Leandra Bizello - RA 905144 como parte dos
requisitos para a obtenção do título de Doutor, perante a Banca
Examinadora:**



Prof. Dr. Marcius Cesar Soares Freire
Presidente/Orientador



Prof. Dr. Etienne Ghislain Samain
Membro Titular



Profa. Dra. Ana Maria Mauad de Souza Andrade Essus
Membro Titular



Profa. Dra. Célia Aparecida Ferreira Tolentino
Membro Titular



Prof. Dr. Antonio Fernando da Conceição Passos
Membro Titular

Aos meus queridos pais,
Simão Pedro e Orminda.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a algumas pessoas e instituições importantes para que esta tese fosse possível: aos funcionários do AEL – Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP), da Biblioteca da ECA – Escola de Comunicações e Artes da USP, do Arquivo Público do Distrito Federal, da Produtora Jean Manzon, e de maneira especial à Graça Amaral do Museu Histórico e Pedagógico Bernardino de Campos em Amparo. Todas essas pessoas se mostraram zelosas não apenas na guarda e trato dos documentos que utilizei, mas também atenciosas e pacientes comigo.

À Tatiana Leite Pinto que realizou parte da pesquisa na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro: pesquisadora de grande profissionalismo, dedicação e capricho.

Ao Prof. Dr. Michel Marie que me recebeu com carinho e me orientou na França durante meu estágio doutoral na Sorbonne Nouvelle – Paris III.

Aos queridos Alfredo e Alexandre que dividiram comigo o espaço físico, as angústias, as paisagens parisienses, o cotidiano de brasileiros sonhadores em outros territórios.

Ao Edgar, Francisco, Marli, Cybelle, Patrícia, Marilda, Rita e Clélia pelo apoio incondicional e por estarem sempre presentes mesmo que virtualmente.

Aos meus pais, meu irmão Sérgio e minha cunhada Silvia por estarem perto de mim desde sempre.

Aos meus colegas e alunos do Departamento da Ciência da Informação da Unesp/Marília pelo acolhimento carinhoso e incentivo para que eu finalizasse esse trabalho.

Aos professores doutores Eduardo Morettin e Etienne Samain pelas contribuições imprescindíveis na banca de qualificação.

Finalmente agradeço ao Prof. Dr. Marcius Freire que me aceitou no programa de doutorado em Multimeios, me apoiou em todos os passos, pela confiança que dispensa ao meu trabalho desde o mestrado, pela liberdade de pensamento que me concedeu e concede como orientador, pelo seu carinho, pelo seu imenso profissionalismo. Minha grande admiração será para o todo sempre.

Para nós, nada se iguala ao acontecimento
único, captado ao vivo, no próprio instante de
sua criação.

André Bazin

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar a construção da imagem pública de Juscelino Kubitschek no período de sua presidência nos anos de 1956 a 1961 nas revistas Manchete, O Cruzeiro, cinejornais e documentários realizados nessa mesma época. Para esta análise partimos das relações entre cinema, fotografia e história entendendo as imagens fotográficas e cinematográficas como documentos históricos. A visualidade da política relaciona-se com o poder entendido como espetáculo estabelece relações com a sociedade na medida em que a política não está isolada de outros setores sociais. A imagem pública de Juscelino Kubitschek está intimamente ligada ao seu próprio tempo, às crises políticas, militares e econômicas que enfrentou enquanto presidente. As imagens da construção da nova capital federal, Brasília, contribuíram para legitimá-lo como um presidente dinâmico, visionário e moderno. Os rituais de poder, a vida em família e o cotidiano de trabalho durante seu governo são faces que constituem sua imagem pública. Analisamos como essa construção vincula-se às relações entre os meios de comunicação de massa e o Estado.

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the construction of Juscelino Kubitschek 's public image in the period of his presidency during the years from 1956 to 1961 in *Manchete*, *O Cruzeiro*, newsreels and documentaries carried out in the same time. For this analysis we started from the relations between cinema, photography and history understanding the photographic and cinematographic images as historical documents. The expose of the politics is connected with the power which is understood as a show and also establish relations with the society in the way that politics is not isolated from other social sectors. The public image of Juscelino Kubitschek is intimately connected with his time and with the political, military and economical crises that he faced while president. Doe to the pictures produced because of the construction of the new federal capital, Brasilia, his image of a dynamic, visionary and modern president was reinforced. The rituals of power, the family life and his ordinary way of working were the characteristics that constituted his public image. We analyze the construction of his image linked to the relations between the mass media and the State.

Lista de Figuras

Figura 1 – Manchete, 06 de junho de 1959 – n. 372 – ano 7	p.63
Figura 2 – O Cruzeiro, 02 de junho de 1956 – n.33 – ano XXVIII	p.80
Figura 3 – O Cruzeiro, 02 de novembro de 1957 – n. 3 – ano XXX	p.81
Figura 4 – O Cruzeiro, 14 de fevereiro de 1959 – n.18 – ano XXXI	p.82
Figura 5 – O Cruzeiro, 18 de julho de 1959 – n.40 – ano XXXI	p.83
Figura 6 – O Cruzeiro, 04 de junho de 1960 – n.34 – ano XXXI	p.83
Figura 7 – Manchete, 07 de fevereiro de 1959 – n. 355 – ano 7	p.84
Figura 8 – Manchete, 07 de fevereiro de 1959 – n. 355 – ano 7	p.85
Figura 9 – Manchete, 01 de dezembro de 1956 – n. 241	p.86
Figura 10 – Manchete, 21 de abril de 1956 – n.209	p.87
Figura 11 – O Cruzeiro, 14 de dezembro de 1957 – n. 9 – ano XXX	p.88
Figura 12 – O Cruzeiro, 14 de dezembro de 1957 – n. 9 – ano XXX	p.89
Figura 13 – Manchete, 14 de janeiro de 1956 – n.195	p.95
Figura 14 – Manchete, 14 de janeiro de 1956 – n.195	p.95
Figura 15 – Manchete, 14 de janeiro de 1956 – n.195 – pp.8-9	p.97
Figura 16 – Manchete, 21 de janeiro de 1956 – n.196	p.99
Figura 17 – Manchete, 21 de janeiro de 1956 – n.196	p.100
Figura 18 – Manchete, 21 de janeiro de 1956 – n.196	p.100
Figura 19 – Manchete, 21 de janeiro de 1956 – n.196	p.102
Figura 20 – Manchete, 21 de janeiro de 1956 – n.196	p.102
Figura 21 – Manchete, 21 de janeiro de 1956 – n.196	p.104
Figura 22 – Manchete, 28 de janeiro de 1956 – n.197	p.106
Figura 23 – Manchete, 28 de janeiro de 1956 – n.197	p.107
Figura 24 – Manchete, 28 de janeiro de 1956 – n.197	p.108
Figura 25 – Manchete, 28 de janeiro de 1956 – n.197	p.109
Figura 26 – Manchete, 28 de janeiro de 1956 – n.197	p.109
Figura 27 – Manchete, 28 de janeiro de 1956 – n.197	p.110
Figura 28 – Manchete, 28 de janeiro de 1956 – n.197	p.110
Figura 29 – O Cruzeiro, 21 de janeiro de 1956 – n.14 – ano XXVIII	p.112
Figura 30 – O Cruzeiro, 11 de fevereiro de 1956 – n.17 – ano XXVIII	p.114
Figura 31 - O Cruzeiro, 11 de fevereiro de 1956 – n.17 – ano XXVIII	p.114
Figura 32 – O Cruzeiro, 11 de fevereiro de 1956 – n.17 – ano XXVIII	p.116
Figura 33 – O Cruzeiro, 11 de fevereiro de 1956 – n.17 – ano XXVIII	p.116
Figura 34 – O Cruzeiro, 11 de fevereiro de 1956 – n.17 – ano XXVIII	p.118
Figura 35 – O Cruzeiro, 11 de fevereiro de 1956 – n.17 – ano XXVIII	p.118
Figura 36 – O Cruzeiro, 11 de fevereiro de 1956 – n.17 – ano XXVIII	p.118
Figura 37 – O Cruzeiro, 11 de fevereiro de 1956 – n.17 – ano XXVIII	p.118
Figura 38 – WRZOS, Conrad – 1960	p.127
Figura 39 - O Cruzeiro, 11 de fevereiro de 1956 – n.17 – Ano XXVIII	p.133
Figura 40 - Manchete n.195 – 14 de janeiro de 1956	p.133
Figura 41 – Manchete, 07 de janeiro de 1956 – n.194.....	p.139
Figura 42 – O Cruzeiro, 14 de janeiro de 1956 – n.13 – ano XXVIII	p.142
Figura 43 – O Cruzeiro, 28 de janeiro de 1956 – n.15 – ano XXVIII	p.143

Figura 44 – Manchete, 04 de fevereiro de 1956 – n.198	p.144
Figura 45 – Manchete, 04 de fevereiro de 1956 – n.198	p.145
Figura 46 – Manchete, 04 de fevereiro de 1956 – n.198	p.146
Figura 47 – Manchete, 11 de fevereiro de 1956 – n.199	p.146
Figura 48 – Manchete, 11 de fevereiro de 1956 – n.199	p.147
Figura 49 – Manchete, 11 de fevereiro de 1956 – n.199	p.147
Figura 50 – Manchete, 11 de fevereiro de 1956 – n.199	p.148
Figura 51 – Manchete, 11 de fevereiro de 1956 – n.199	p.149
Figura 52 – Manchete, 04 de fevereiro de 1956 – n.198	p.149
Figura 53 – Manchete, 04 de fevereiro de 1956 – n.198	p.150
Figura 54 – O Cruzeiro, 11 de fevereiro de 1956 – n.17 – ano XXVIII	p.151
Figura 55 – O Cruzeiro, 11 de fevereiro de 1956 – n.17 – ano XXVIII	p.152
Figura 56 – O Cruzeiro, 11 de fevereiro de 1956 – n.17 – ano XXVIII	p.153
Figura 57 – O Cruzeiro, 11 de fevereiro de 1956 – n.17 – ano XXVIII	p.154
Figura 58 – O Cruzeiro, 04 de fevereiro de 1956 – n.16 – ano XXVIII	p.156
Figura 59 – O Cruzeiro, 04 de fevereiro de 1956 – n.16 – ano XXVIII	p.156
Figura 60 – O Cruzeiro, 10 de março de 1956 – n. 21 – ano XXVIII	p.164
Figura 61 – O Cruzeiro, 04 de fevereiro de 1956 – n.16 – ano XXVIII	p.165
Figura 62 – O Cruzeiro, 24 de março de 1956 – n. 23 – ano XXVIII	p.165
Figura 63 – O Cruzeiro, 31 de março de 1956 – n. 24 – ano XXVIII	p.166
Figura 64 – O Cruzeiro, 31 de março de 1956 – n. 24 – ano XXVIII	p.166
Figura 65 – O Cruzeiro, 07 de abril de 1956 – n.25 – ano XXVIII	p.167
Figura 66 – O Cruzeiro, 21 de abril de 1956 – n.27 – ano XXVIII	p.168
Figura 67 – O Cruzeiro, 21 de abril de 1956 – n.27 – ano XXVIII	p.169
Figura 68 – O Cruzeiro, 28 de abril de 1956 – n.28 – ano XXVIII	p.170
Figura 69 – O Cruzeiro, 19 de maio de 1956 – n.31 – ano XXVIII	p.171
Figura 70 – Manchete, 24 de março de 1956 – n.205	p.172
Figura 71 – Manchete, 03 de março de 1956 – n.202	p.174
Figura 72 – Manchete, 14 de abril de 1956 – n.208	p.174
Figura 73 – Manchete, 14 de abril de 1956 – n.208	p.175
Figura 74 – Manchete, 21 de julho de 1956 – n.222	p.176
Figura 75 – Manchete, 02 de junho de 1956 – n.215	p.177
Figura 76 – Manchete, 26 de maio de 1956 – n. 214	p.178
Figura 77 – Manchete, 01 de setembro de 1956 – n.228	p.179
Figura 78 – Manchete, 01 de setembro de 1956 – n.228	p.180
Figura 79 – Manchete, 01 de setembro de 1956 – n.228	p.181
Figura 80 – O Cruzeiro, 15 de setembro de 1956 – n.48 – ano XXVIII	p.182
Figura 81 – O Cruzeiro, 22 de setembro de 1956 – n.49 – ano XXVIII	p.183
Figura 82 – Manchete, 22 de setembro de 1956 – n.231	p.184
Figura 83 – Manchete, 06 de outubro de 1956 – n.233	p.185
Figura 84 – Manchete, 13 de outubro de 1956 – n.234	p.192
Figura 85 – Manchete, 15 de dezembro de 1956 – n.243	p.193
Figura 86 – Manchete, 11 de maio de 1957 – n.264	p.194
Figura 87 – O Cruzeiro, 18 de maio de 1957 – n.31 – ano XXIX	p.194
Figura 88 – Manchete, 29 de novembro de 1958 – n.345 – ano 6	p.196

Figura 89 – O Cruzeiro, 23 de maio de 1959 – n.32 – ano XXXI	p.197
Figura 90 – O Cruzeiro, 23 de maio de 1959 – n.32 – ano XXXI	p.198
Figura 91 – O Cruzeiro, 05 de dezembro de 1959 – n. 8 – ano XXXII	p.200
Figura 92 – O Cruzeiro, 24 de outubro de 1959 – n. 2 – ano XXXII	p.200
Figura 93 – O Cruzeiro, 27 de fevereiro de 1960 – n.20 – ano XXXII	p.201
Figura 94 – Manchete, 20 de fevereiro de 1960 – n.409 – ano 7	p.201
Figura 95 – Manchete, 21 de abril de 1960 – edição histórica	p.213
Figura 96 – O Cruzeiro, 07 de maio de 1960 – n.30 – ano XXXII	p.213
Figura 97 – O Cruzeiro, 07 de maio de 1960 – n.30 – ano XXXII	p.214
Figura 98 – O Cruzeiro, 21 de maio de 1960 – n.32 – ano XXXII	p.215
Figura 99 – Manchete, 07 de maio de 1960 – n.420 – ano 8	p.216
Figura 100 – Manchete, 07 de maio de 1960 – n.420 – ano 8	p.217
Figura 101 – O Cruzeiro, 27 de junho de 1959 – n.37 – ano XXXI	p.222
Figura 102 – O Cruzeiro, 04 de fevereiro de 1956 – n.16 – ano XXVIII	p.226
Figura 103 – O Cruzeiro, 04 de fevereiro de 1956 – n.16 – ano XXVIII	p.226
Figura 104 – O Cruzeiro, 12 de maio de 1956 – n. 30 – ano XXVIII	p.228
Figura 105 – O Cruzeiro, 12 de maio de 1956 – n. 30 – ano XXVIII	p.229
Figura 106 – O Cruzeiro, 01 de setembro de 1956 – n.46 – ano XXVIII	p.230
Figura 107 – Manchete, 25 de outubro de 1958 – n.340 – ano 6	p.230
Figura 108 – Manchete, 24 de setembro de 1960 – n.440 – ano 8	p.231
Figura 109 – O Cruzeiro, 21 de maio de 1960 – n.32 – ano XXXII	p.232
Figura 110 – Manchete, 12 de janeiro de 1957 – n.247	p.234
Figura 111 – O Cruzeiro, 02 de fevereiro de 1957 – n.16 – ano XXIX	p.235
Figura 112 – Manchete, 04 de julho de 1959 – n. 376 – ano 7	p.236
Figura 113 – O Cruzeiro, 21 de fevereiro de 1959 – n.19 – ano XXXI	p.239
Figura 114 – O Cruzeiro, 21 de fevereiro de 1959 – n.19 – ano XXXI	p.239
Figura 115 – Fotografia de Flávio Damm	p.242
Figura 116 – Manchete, 25 de abril de 1959 – n.366 – ano 7	p.244
Figura 117 – O Cruzeiro, 10 de agosto de 1957 – n. 43 – ano XXIX	p.244
Figura 118 – O Cruzeiro, 20 de outubro de 1956 – n. 1 – ano XXIX	p.246
Figura 119 – Manchete, 29 de março de 1958 – n.310 – ano 5	p.247
Figura 120 – Manchete, 19 de dezembro de 1959 – n.400 – ano 7	p.250
Figura 121 – O Cruzeiro, 09 de janeiro de 1960 – n. 13 – ano XXXII	p.250
Figura 122 – O Cruzeiro, 09 de agosto de 1958 – n.43 – ano XXX	p.252
Figura 123 – Manchete, 05 de julho de 1958 – n.324 – ano 6	p.253
Figura 124 – O Cruzeiro, 28 de junho de 1958 – n.38 – ano XXX	p.254
Figura 125 – Manchete, 10 de agosto de 1957 – n.277	p.255
Figura 126 – Manchete, 15 de junho de 1957 – n.269	p.257
Figura 127 – Manchete, 15 de junho de 1957 – n.269	p.258
Figura 128 – Manchete, 15 de junho de 1957 – n.269	p.259
Figura 129 – Manchete, 06 de julho de 1957 – n. 272.....	p.259
Figura 130 – O Cruzeiro, 22 de junho de 1957 – n. 36 – ano XXIX	p.260
Figura 131 – O Cruzeiro, 29 de junho de 1957 – n. 37 – ano XXIX	p.260
Figura 132 – O Cruzeiro, 13 de julho de 1957 – n. 39 – ano XXIX	p.261
Figura 133 – O Cruzeiro, 19 de abril de 1958 – n. 28 – ano XXX	p.263

Figura 134 – Manchete, 09 de agosto de 1958 – n.329 – ano 6	p.264
Figura 135 – O Cruzeiro, 23 de agosto de 1958 – n.45 – ano XXX	p.265
Figura 136 – Manchete, 23 de janeiro de 1960 – n. 405	p.267
Figura 137 – Manchete, 12 de março de 1960 – n. 412 – ano 7	p.268
Figura 138 – O Cruzeiro, 12 de março de 1960 – n. 22 – ano XXXII	p.269
Figura 139 – O Cruzeiro, 13 de setembro de 1958 – n. 48 – ano XXX	p.274
Figura 140 – O Cruzeiro, 20 de setembro de 1958 – n. 49 – ano XXX	p.275
Figura 141 – O Cruzeiro, 04 de outubro de 1958 – n. 51 – ano XXX	p.275
Figura 142 – Manchete, 20 de setembro de 1958 – n.335 – ano 6	p.276
Figura 143 – Manchete, 20 de setembro de 1958 – n. 335 – ano 6	p.276
Figura 144 – Manchete, 20 de setembro de 1958 – n. 335 – ano 6	p.277
Figura 145 – Manchete, 06 de fevereiro de 1960 – n. 407 – ano 7.....	p.278
Figura 146 – O Cruzeiro, 06 de fevereiro de 1960 – n. 15 – ano XXXII	p.278
Figura 147 – Manchete, 04 de agosto de 1956 – n.224	p.280
Figura 148 – Manchete, 04 de agosto de 1956 – n.224	p.281
Figura 149 – O Cruzeiro, 11 de agosto de 1956 – n. 43 – ano XXVIII	p.281
Figura 150 – O Cruzeiro, 11 de agosto de 1956 – n. 43 – ano XXVIII	p.282
Figura 151 – Manchete, 20 de agosto de 1960 – n. 435 – ano 8	p.283
Figura 152 – O Cruzeiro, 27 de agosto de 1960 – n.46 – ano XXXII	p.283
Figura 153 – O Cruzeiro, 19 de dezembro de 1959 – n. 10 – ano XXX	p.285
Figura 154 – Manchete, 09 de novembro de 1957 – n. 290	p.285
Figura 155 – O Cruzeiro, 07 de novembro de 1959 – n. 4 – ano XXXII.....	p.288
Figura 156 – O Cruzeiro, 16 de abril de 1960 – n. 27 – ano XXXII	p.289
Figura 157 – Manchete, 02 de abril de 1960 – n. 415 – ano 7	p.289
Figura 158 – Manchete, 12 de maio de 1956 – n. 212	p.293
Figura 159 – O Cruzeiro, 24 de setembro de 1960 – n. 50 – ano XXXII	p.294
Figura 160 – Manchete, 23 de março de 1957 – n.257	p.295
Figura 161 – Manchete, 25 de julho de 1959 – n. 379 – ano 7	p.295
Figura 162 – O Cruzeiro, 26 de março de 1960 – n. 24 – ano XXXII	p.296
Figura 163 – O Cruzeiro, 04 de agosto de 1956 – n. 42 – ano XXVIII	p.299
Figura 164 – O Cruzeiro, 04 de agosto de 1956 – n. 42 – ano XXVIII	p.299
Figura 165 – O Cruzeiro, 02 de junho de 1956 – n. 33 – ano XXVIII	p.300
Figura 166 – Manchete, 19 de setembro de 1959 – n.387 – ano 7	p.301
Figura 167 – Manchete, 27 de fevereiro de 1960 – n. 410 – ano 7	p.302
Figura 168 – O Cruzeiro, 05 de janeiro de 1957 – n. 12 – ano XXIX	p.303
Figura 169 – Manchete, 01 de fevereiro de 1958 – n. 302 – ano 5	p.303
Figura 170 – Manchete, 06 de fevereiro de 1960 – n. 407 – ano 7	p.304
Figura 171 – O Cruzeiro, 02 de abril de 1960 – n. 25 – ano XXXII	p.305
Figura 172 – O Cruzeiro, 02 de abril de 1960 – n. 25 – ano XXXII	p.306
Figura 173 – Manchete, 18 de junho de 1960 – n. 426 – ano 8	p.306
Figura 174 – Manchete, 18 de junho de 1960 – n. 426 – ano 8	p.307
Figura 175 – Manchete, 05 de novembro de 1960 – n.446 – ano 8	p.307
Figura 176 – O Cruzeiro, 10 de dezembro de 1960 – n. 06 – ano XXXIII	p.308
Figura 177 – Manchete, 24 de dezembro de 1960 – n.453 – ano 8	p.309

SUMÁRIO

1. Introdução	17
2. Questões metodológicas: fotografia, cinema e história	25
2.1 - Fotografia e História	26
2.2 - Cinema e História	33
2.3 - História e Imagens	47
3. A política e o político em imagens	53
3.1 - A visualidade do político	54
3.2 - Convergência de interesses	59
3.3 - A campanha presidencial.....	64
3.4 - Saber ver, olhar e entender o universo político	76
3.5 - Imagens de uma viagem proposital	93
3.5.1 – A viagem nas telas de cinema	119
4. Á procura do palco... em cena	135
4.1 – Imagens do cenário da crise	136
4.2 – Brasília: cenário e cena	187
5. Imagens da vida pública	219
5.1 – JK: um homem de família, um político moderno	221
5.2 - Rituais de poder	251
5.3 – Os bastidores à mostra	297
6. Considerações Finais	311
Bibliografia	317

1. INTRODUÇÃO

*Se eu fosse um antiquário, só teria olhos para as coisas velhas. Mas sou um historiador. É por isso que amo a vida.*¹

O interesse em pesquisar a imagem de Juscelino Kubitschek partiu de algumas preocupações durante o mestrado e tomou corpo na medida em que o nome, a imagem e os feitos de JK foram constantemente usados por políticos e pela mídia de forma geral.

Na dissertação de mestrado, cujo objeto e fontes de pesquisa foram os filmes documentários de Jean Manzon, no período do governo presidencial de JK, a imagem do presidente aparece, evidentemente, e revelou um universo pouco estudado: as relações entre o poder e os meios de comunicação da época.

Outra preocupação que ainda partiu desse estudo foi - e aqui é muito mais um incômodo - com a quase unanimidade em torno de uma época sempre caracterizada pelo glamour, pelo otimismo que tem como uma das fontes propagadoras, a imagem de Juscelino Kubitschek.

As muitas biografias e referências a JK são tão superlativas que as interrogações sobre sua imagem e os usos que se fazem dela no presente nos levaram a pesquisar e também questionar esse passado.

Pensar a imagem de JK no calor da hora para começar a refletir sobre sua sobrevivência no presente: eis a idéia inicial. No entanto, a questão que nos orienta é: como se deu a construção da imagem pública de JK enquanto presidente da República?

Algumas armadilhas são colocadas o tempo todo ao estudar tema e objeto tão envolventes. Uma delas é a figura de Juscelino Kubitschek. A popularização de sua imagem é tão grande que se confunde com seu próprio tempo, no caso os anos 1950. E se oculta em outros, como os anos de exílio e

¹Frase de Henri Pirenne quando este e Marc Bloch estavam em Estocolmo. BLOCH, Marc. Introdução à história. Trad. de Maria Manuel e Rui Grácio, 4.ed.; Lisboa:Publicações Europa-América, s/d. p.43.

sua volta ao Brasil nos anos de chumbo, a que Rosilene Dias Montenegro chamou de “O tempo do martírio” (2001,p.377).

Por certo a figura de JK é sedutora, um homem que parece tirar do nada forças para mobilizar inúmeras pessoas na direção de ações que transformariam e transformaram a vida de cidadãos e da nação.

Sua determinação e seu pragmatismo ainda impressionam. A memória coletiva agarrou-se a alguns adjetivos e a um determinado período de sua história e o monumentalizou. Por outro lado o processo de monumentalização foi iniciado em seu próprio tempo e Brasília é, com certeza, o monumento que atinge não apenas Juscelino, mas Oscar Niemeyer e Lúcio Costa para ficarmos em seus idealizadores. Todavia, não é a memória e a monumentalização que nos interessam.

Para desenvolvermos a idéia da construção da imagem de JK baseamo-nos na análise de Peter Burke sobre a “fabricação” da imagem de Luís XIV. Segundo ele, “a palavra “fabricação” designa um processo (...)” (BURKE, 1994, p.22) e “sugere a importância dos efeitos dos meios de comunicação no mundo, a importância do que foi chamado de “a feitura de um grande homem” ou a “construção simbólica da autoridade””. (idem)

A palavra construção também indica “um processo”, em nosso caso, que já vinha acontecendo desde quando Juscelino envolveu-se com a política partidária antes mesmo de ser prefeito ou governador. Nesse processo ele apoiou-se nos meios de comunicação de massa para se mostrar aos cidadãos. Num primeiro momento, esses meios estavam restritos a sua localidade enquanto político do estado de Minas Gerais. Entretanto, ao mesmo tempo em que crescia como político e atravessava as fronteiras de seu estado, tornou-se necessário que sua imagem fizesse o mesmo movimento de travessia.

Para compreendermos a construção da imagem pública de Juscelino Kubitschek entre os anos de 1956 a 1961, escolhemos como documentação as duas revistas ilustradas de maior circulação no período: **O Cruzeiro** e **Manchete**.

A esse corpo documental somamos os cinejornais produzidos pela Companhia Administradora de Brasília, a NOVACAP, e filmes institucionais realizados pela produtora Jean Manzon Films.

Trabalharemos assim com fotografias, mais precisamente com fotojornalismo, e filmes. Toda essa documentação de época está guardada em arquivos públicos, como é o caso das revistas e os cinejornais da NOVACAP, e em instituição privada, no caso da maioria dos filmes de Jean Manzon.

A imagem é aqui entendida como documento histórico, e por que usaremos duas modalidades de imagem, é importante que atentemos a ela. Outro ponto é que a imagem discutida é personalizada na figura de Juscelino Kubitschek, o homem político e atuante na esfera pública. Isto é, estudamos as imagens em que JK aparece como personagem principal ou secundário; o importante é a sua presença na fotografia ou no filme. Veremos que em muitas delas, principalmente nas imagens cinematográficas, a sua aparição acontece em poucos segundos ou minutos.

Quando pensamos em imagem, não é no sentido metafórico, imagem construída pelo discurso escrito ou falado, mas a imagem na sua forma visível e, mais especificamente, aquela cuja visibilidade é possível através do aparato técnico da fotografia e do cinema.

A imagem fotográfica e cinematográfica é, pois, o nosso documento histórico para a compreensão da construção da imagem pública de Juscelino Kubitschek no período em que foi presidente da república. Outro aspecto dessa imagem visual, entendida como documento histórico, é que ela foi mediada pelos meios de comunicação de massa do período abordado.

A grande imprensa e o cinema já estavam consolidados no Brasil da década de 1950. Entretanto, suas relações com o Estado, principalmente a legislação, eram heranças das décadas anteriores. O controle estatal dos meios de comunicação e a censura agressiva instituída pelo Estado Novo Vargas não existiam mais.

Desmontado o DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda -, após o fim da Ditadura Vargas, as relações entre Estado e meios de comunicação não seguiram regras claras. No entanto, o meio impresso e o cinema continuavam tão importantes para a relação político-massa e para a construção de sua imagem pública quanto antes.

A representação do político através de imagens fotográficas e cinematográficas constitui um amplo campo para o debate historiográfico e, ao mesmo tempo, contempla outras áreas como a comunicação. Procuramos no capítulo **Questões metodológicas: fotografia, cinema e história**, trabalhar interdisciplinarmente discutindo as relações entre a história, a fotografia e o cinema.

Abordamos diversos autores que discutem as relações cinema-história, fotografia-história e história e imagens. Tais divisões não são estanques, mas apenas uma maneira de explorar a diversidade de ligações da história com as imagens. Isso também reflete um aspecto de nosso trabalho: o *corpus* documental refere-se a dois tipos diferentes de imagens – a fotografia e o filme – o que implica uma reflexão metodológica que dimensione as diferenças entre tais imagens. Daí a necessidade de compreendermos abordagens que dessem conta tanto da fotografia quanto do cinema e, por fim, levantarmos questões cuja abrangência os contemple conjuntamente.

Nesse sentido, os textos pioneiros de Marc Ferro sobre cinema e história são tão importantes quanto os de Boris Kossoy sobre fotografia e história. Não há, por certo, uma vasta bibliografia, pois os historiadores foram, durante muito tempo, reticentes em compreender o filme e a fotografia como documento histórico. Contudo, o debate tem sido ampliado, os historiadores despiram-se de seus preconceitos e tomaram as imagens para o fazer histórico.

Assim, no capítulo **A política e o político em imagens** refletimos sobre a visualidade da política e do político. Para tal, dois estudos foram importantes: *O poder em cena*, de Georges Balandier, e *O estado espetáculo*, de Roger-Gérard Schwartzberg. A representação do político através das imagens é um dos

aspectos do jogo político que, por sua vez, constitui o espetáculo do poder. Analisamos as relações entre os meios de comunicação do período e o governo de Juscelino Kubitschek.

A partir dessas reflexões, estudamos as imagens de Juscelino Kubitschek, primeiro como presidente não empossado. No mês de janeiro de 1956, JK faz uma viagem ao exterior, muito divulgada pelas revistas, e examinamos essas imagens. Elas constituem uma das faces de sua imagem pública. Além das revistas, analisamos o filme **O mundo aclama o Brasil**, de Jean Manzon, que também tem como tema a viagem.

As imagens de Juscelino durante seu primeiro ano de governo e as imagens de JK e Brasília são objetos de reflexões no capítulo **À procura do palco... em cena**. O primeiro ano de governo de JK é mergulhado em diversas crises: a política- partidária, com a oposição quase sempre agressiva da UDN – União Democrática Nacional; os acontecimentos políticos desde a morte de Getúlio Vargas, em agosto de 1954, levaram à instabilidade política que permaneceu durante 1956 e foi diminuindo no decorrer do mandato; a crise político-militar também se insere nesse contexto de crise partidária, pois uma parte influente dos militares era aliada da oposição e compactuava da idéia de que Juscelino Kubitschek era um herdeiro do Getulismo.

Trabalhamos fundamentalmente com fotografias das seções políticas das revistas, lugar de discussão da política nacional e, para nós, palco do jogo político onde são encenadas as “cenas da crise”.

As imagens de Juscelino em Brasília constituem o segundo item desse capítulo. Entendemos que a capital federal em construção foi essencial para a construção da imagem pública de JK. Não é possível examinarmos o criador sem examinarmos a criatura ou vice-versa. Brasília também se constitui em cenário e cena do jogo político.

No capítulo **Imagens da vida pública**, discutimos a imagem pública de JK a partir dos conceitos de público e privado. Tomamos esses conceitos para

refletirmos a idéia de imagem pública como aquela que é vista por todos em contraposição à imagem privada, de âmbito familiar, restrito.

Examinamos, então, fotorreportagens e filmes em que a família – esposa, filhas e a mãe – de Juscelino estão ao seu lado caracterizando-o como um homem de família. Outras imagens o caracterizam como homem moderno. As fotografias em que ele está falando ao telefone e suas viagens de avião são analisadas nesse sentido.

Como homem público, político moderno, Juscelino Kubitschek presidente participa dos rituais de poder. Nesses momentos, ele recebe líderes políticos de outros países para assinatura de acordos internacionais, mostra o andamento de seu projeto de governo e, principalmente, as obras da construção de Brasília que consideramos um novo cenário para os rituais de poder. Os rituais de poder também contemplam as visitas que JK fez a outros países.

As viagens a Brasília e as inaugurações de indústrias e estradas, por exemplo, também fazem parte dessas imagens na medida em que nos mostram o empenho do governo na realização de seu Programa de Metas. Programa que teve implicações ideológicas e econômicas, mas que tornou o seu idealizador símbolo de dinamismo e modernidade.

Outras situações como enterros, casamentos, corridas de cavalo que, à primeira vista, são momentos cotidianos e até mesmo banais para a esfera da política, funcionam, ou melhor, são elevadas a rituais de poder.

Finalmente analisamos imagens referentes ao que chamamos de *Bastidores à mostra*, ou seja, imagens de JK utilizadas em entrevistas e retrospectivas de governo que as revistas **Manchete** e **O Cruzeiro** publicavam. Era a prestação de contas do próprio presidente ou o olhar da revista sobre os anos de governo que já haviam passado ou, ainda, a fala do presidente provocado pelo jornalista que o entrevistava.

***2. QUESTÕES METODOLÓGICAS:
FOTOGRAFIA, CINEMA E HISTÓRIA***

2.1 Fotografia e História

O uso da fotografia como evidência histórica ainda nos coloca algumas questões que os historiadores e aqueles que se interessam pela fotografia não resolveram. Os historiadores não estão mais relutantes quanto ao uso da fotografia como documento histórico, mas as dificuldades em pensá-la como tal, em decifrar seus significados, em trabalhá-la potencialmente ainda consiste um desafio.

Neste item do capítulo, alguns trabalhos serão analisados na intenção de traçar um caminho com as variantes metodológicas nas quais os historiadores trabalham a fotografia como documento histórico.

O primeiro trabalho que abordarei é o pequeno e instigante livro de Boris Kossoy (1989), *Fotografia e História*. Aqui, o autor nos coloca as formas e usos da fotografia como documento histórico, as maneiras possíveis de interpretação, a história da fotografia, a fotografia como memória. Abordaremos apenas o que nos preocupa, ou seja, as questões do documento histórico, a metodologia sugerida, e as maneiras de interpretação.

Como objeto-imagem, a fotografia, segundo Boris Kossoy, como fonte primária é, ao mesmo tempo, um objeto museológico – um artefato –, uma fonte histórica que em sua materialidade envelhece e tem valor histórico de conteúdo – esse não envelhece –, produzido num determinado momento histórico; o fotógrafo é entendido como um filtro cultural, aquele que recorta o assunto e o realiza através de uma tecnologia que também escolheu. Esse valor documental nos faz entender a fotografia como um meio de conhecimento do passado.

A preocupação de Boris Kossoy (1989) se dá em duas frentes. A primeira é da metodologia da pesquisa: há a recuperação das fontes, um levantamento do que será utilizado, ao mesmo tempo em que acontece o levantamento bibliográfico, entrevistas com os fotógrafos ou com seus contemporâneos. A busca de informações referentes a tudo o que cerca o documento e como este foi produzido, é o que ele chama de *primeira realidade*.

Essa investigação é a crítica externa ao documento. Ele reconhece que tal análise iconográfica, “ver, descrever e constatar não é suficiente” (idem, p.65).

Ao documento fotográfico há uma segunda via de investigação, um aprofundamento da análise, indicando que o fragmento visual deve ser “compreendido em sua interioridade” (ibidem, idem), o que ele chama de *segunda realidade*, e aqui recorre a Panofsky no plano da interpretação iconológica. Essa segunda realidade são os contextos que envolvem não mais apenas a materialidade da fotografia, mas o conteúdo da imagem. Se na crítica externa o trabalho é com o explícito, na crítica interna e na interpretação, o seu significado nem sempre está explícito,

O significado é imaterial; jamais foi ou virá a ser um assunto visível passível de ser registrado fotograficamente. O vestígio da vida cristalizado na imagem fotográfica passa a ter sentido no momento em que se tenha conhecimento e se compreendam os elos da cadeia de fatos ausentes da imagem. Além da verdade iconográfica. (ibidem, p.80)

A postura epistemológica de Boris Kossoy situa-se, remetendo-nos a Philippe Dubois (1994, p.36), naquela da “transformação do real pela foto”, pois, como colocamos, o fotógrafo é um filtro cultural, há uma preocupação com os contextos na interioridade da fotografia, uma escolha estética e ideológica do fragmento visual, a verdade fotográfica é colocada em questão: “a imagem não pode representar o real empírico, mas apenas uma espécie de realidade interna transcendente” (idem, p.56).

Dessa forma, o tratamento dado por Boris Kossoy ao documento fotográfico eleva-o ao nível dos documentos escritos respeitando, no entanto, suas especificidades visuais. Mas, apesar dos esforços em traçar através da iconologia caminhos para a leitura da fotografia, ela ainda não nos parece suficiente.

Jeziel de Paula (1998), em *1932: Imagens construindo a história*, faz um estudo da Revolução Constitucionalista de 1932 através de 2.000 fotografias que constituem o corpo documental pesquisado. Desse montante, o historiador

utilizou 700 imagens entre fotografias e representações gráficas em livros, revistas, jornais e cartazes. Essa documentação não estava organizada e nem acondicionada de forma ideal, o que implicou dificuldades na manipulação e leitura do documento, daí também a necessidade da escolha daquelas imagens possíveis, na sua materialidade, de serem trabalhadas.

Se a escolha levou em conta a materialidade, o autor também partiu da documentação para discutir o que já existe em relação ao tema – a Revolução de 1932 – ou, como ele mesmo coloca, uma “controvérsia: a apresentação de imagens fotográficas que, em maior ou menor grau, questionam e relativizam algumas versões interpretativas amplamente aceitas sobre o evento” (DE PAULA, 1998, p.27).

Quanto ao método, Jeziel de Paula, parte da semiótica peirciana, tomando a fotografia como índice ou, ainda, indícios do objeto de estudo. Tal conceito peirciano, no entanto, é retomado pela ótica de Philippe Dubois (1994) que estabelece três relações epistemológicas quando pensa o realismo e o valor documental na fotografia. E justamente a terceira via é a indicial:

(...) a terceira maneira de abordar a questão do realismo em foto marca um certo retorno, mas livre da obsessão do ilusionismo mimético. Essa referencialização da fotografia inscreve o meio no campo de uma pragmática irredutível: a imagem foto torna-se inseparável de sua experiência referencial, do ato que a funda. Sua realidade primordial nada diz além de uma afirmação de existência. A foto é **em primeiro lugar índice**. Só **depois** ela **pode** tornar-se parecida (ícone) e adquirir sentido (símbolo).” (DUBOIS, 1994, p.53)

A imagem é um documento indicial que dá pistas ao historiador, carrega em si um conhecimento histórico que não se estabelece apenas na ordem do visível, mas na invisibilidade, no *inteligível* (DE PAULA, 1998, p.22). Há que se seguir as pistas deixadas pelo referente histórico no documento fotográfico.

Esse trabalho detetivesco inclui uma forte ênfase na técnica fotográfica. Jeziel de Paula procura compreender os olhares dos fotógrafos atuantes na Revolução Constitucionalista de 1932 e recupera a tecnologia utilizada por eles. A análise documental mostra a forte ambigüidade da fotografia: arte e técnica.

Tal preocupação perpassa todo o trabalho e nos remete ainda a Philippe Dubois para repensá-lo na epistême, na segunda relação, ou seja, naquela em que a foto é um *símbolo*. Na análise da fotografia é levada em conta uma série de códigos culturais, ideológicos e técnicos denunciando a transformação do real. Esse repensar sobre o estudo de Jeziel de Paula não impede o entendimento da fotografia a partir do índice peirciano, mas, no decorrer do trabalho de análise, a tendência foi acentuar cada vez mais o caráter de símbolo da imagem.

O trabalho com as fontes visuais e fotográficas em particular, como podemos ver até aqui, tem suscitado algumas experiências metodológicas nas quais os historiadores ainda não estão totalmente seguros. Em um artigo, Ulpiano B. de Meneses (2003) nos coloca justamente essa dificuldade. Ele deixa bem claro que as fontes visuais em si não têm autonomia, ou seja, não se deve privilegiar a “imagem em si, mas a sua biografia, sua carreira, sua trajetória” (idem, p.148), o que implica entendê-la em situação de interação social e então a imagem é um “ingrediente” da realidade social, um código histórico-cultural no seio mesmo da vida social (ibidem, p.146).

Apesar de criticar o uso da perspectiva ideológica, do imaginário e das mentalidades nos estudos com/de imagens, Ulpiano centraliza sua preocupação com o método na importância do contexto da imagem, evocando inclusive um trabalho que privilegie uma objetividade na visão de Durkheim ao que ele mesmo chamou “dos descaminhos e dos labirintos semióticos” (ibidem, p.149).

Em *War and Photography* (1997), Caroline Brothers estuda as fotografias de periódicos ingleses e franceses sobre a Guerra Civil Espanhola,

“explora as relações entre fotografia e imaginação coletiva, trabalhando para a compreensão de certos aspectos da mentalidade de franceses e ingleses durante as décadas perdidas do entre guerras” (idem, p.31) e como essas duas grandes democracias perceberam coletivamente esse conflito tomando a fotografia e mais o fotojornalismo como evidência histórica.

Caroline Brothers nos dá grandes pistas metodológicas de como lidar com essa documentação. O método não é fechado, ao contrário, ela caminha pela interdisciplinaridade e perscruta procedimentos que propõem algumas respostas para a fotografia como documento histórico, mas não os entende como definitivos.

A partir da perspectiva de John Tagg em *The Burden of Representations: Essays on photographs and histories*, Brothers traça visões diferentes de teóricos sobre como a fotografia “fala” para e sobre o passado.

Para Tagg, segundo Brothers, a fotografia é um meio influenciado de forma esmagadora pelo contexto, não é uma evidência para a história, mas ela mesma, a fotografia, é histórica (ibidem, p.17). Não são evidências precisas, pois suas condições de produção num contexto determinam o sentido que transmitem e por isso Tagg nos diz que nunca são evidências porque são infinitamente vulneráveis à distorção e à manipulação.

Em contraposição, Roland Barthes é quem primeiro indica o potencial da fotografia como fonte para o historiador. Se John Tagg entende por contexto o tecnológico e institucional como o influenciador da fotografia, Barthes usa o contexto cultural numa perspectiva semiológica. Em *A mensagem fotográfica* coloca justamente que

(...) a análise dos códigos talvez permita definir historicamente uma sociedade, mais facilmente e com mais segurança do que análise de seus significados, pois estes podem, muitas vezes, aparecer como trans-históricos, fazendo parte mais de um fundo antropológico do que de uma história verdadeira: (...) ao tentar reconstruir, em sua estrutura específica, o código de conotação de um meio de comunicação tão abrangente quanto a fotografia jornalística, podemos esperar encontrar, em sua própria astúcia, as formas que nossa sociedade utiliza para tranquilizar-se, e,

assim, captar a medida certa, os desvios e a função profunda desse esforço tranquilizador: perspectiva atraente, como dissemos no início, sobretudo no que diz respeito à fotografia, pois que ela se desenvolve sob a forma de um paradoxo: aquele que faz de um objeto inerte uma linguagem e que transforma a incultura de uma arte “mecânica” na mais social das instituições. (BARTHES, 1990, p.24-25)

O processo de denotação e conotação é um caminho onde estão juntos imagem, ideologia e contexto. Na leitura que Caroline Brothers faz dos trabalhos de Barthes sobre a fotografia, a oposição binária que este estabelece em *A Câmera Clara*, o *studium* e o *punctum* não é incompatível com as idéias anteriores de conotar e denotar. Ele reconhece a dimensão social e o poder comunicativo do fotojornalismo e por isso a indica como fonte para a história.

As idéias de Pierre Bourdieu e pesquisas ligadas à psicanálise são caminhos legítimos, segundo Caroline Brothers, para a análise da fotografia e, no entanto, escolhe a história das mentalidades e o conceito de imaginação coletiva para trabalhar as fontes visuais a que se propõe. Entretanto, não descarta utilizar conceitos emprestados das teorias que expôs. O conceito de mentalidade é mais amplo que o conceito de ideologia, “ele integra o que não está formulado, o que permanece aparentemente como ‘não significante’, o que se conserva muito encoberto ao nível das motivações inconscientes”.

A mentalidade engloba o conceito de ideologia, daí o modelo de Barthes na análise do corpo documental ajudar a perceber a imaginação coletiva de um dado momento histórico. Esse corpo documental não está restrito às imagens. A fotografia de imprensa nunca está sozinha, ela está incorporada no contexto da revista, no layout da página, é acompanhada de legendas e textos que potencializam a leitura que se faz dela. Por isso, para Caroline Brothers, as sugestões semiológicas oferecem instrumental para iluminar a mentalidade de franceses e ingleses quanto à Guerra Civil Espanhola.

A fotorreportagem também constitui o corpo documental utilizado por Adriana Hassin Silva (2003) em sua dissertação de mestrado, que analisa as imagens de Brasília através das revistas **O Cruzeiro** e **Manchete** entre 1956-1960. Para as análises das fotorreportagens, a historiadora preferiu um aspecto mais formal que o de Caroline Brothers. Concentrou-se fundamentalmente nas relações texto–imagem e partiu do conceito de complementaridade de E. Gombrich para criar categorias semânticas e funções desempenhadas pelos textos e pelas imagens. Há ainda uma outra articulação importante a se fazer, segundo o mesmo autor citado pela historiadora, a do *signo, legenda e contexto* (GOMBRICH, apud SILVA, idem, p.88), o que permite entremear texto, imagem e legenda, e o contexto histórico abordado.

O estudo nos oferece tabelas com essas categorias e funções. Em relação aos textos, temos as seguintes categorias: relato, descrição, explicação, apresentação, afirmação; e funções: valorização, informação, convencimento, registro, autoria, justificativa e comprovação. Quanto às imagens, foram organizadas em quatro categorias: vista, cena, modelo, retrato; e em seis funções: apresentar, ocupar, ensinar, eternizar, registrar e assinar (SILVA, ibidem, p.17).

Esse método analítico permite entender melhor a inter-relação texto–imagem, como os discursos interagem; as imagens não falam por si ou reproduzem o real, elas são permeadas de sentido por existir uma narrativa que lhes estrutura. A modernidade, então, foi construída imgeticamente e divulgada em massa pelas duas maiores revistas ilustradas da época, **O Cruzeiro** e **Manchete**.

Os estudos abordados oferecem alguns elementos metodológicos para o nosso trabalho. A preocupação em articular texto e contexto não é exclusiva da pesquisa com a fotorreportagem. Obviamente, para o historiador, a compreensão do período no qual o documento foi produzido é fundamental. Mas isso não basta, nos meandros desse contexto, há que ocupar-se das linguagens que formam e conformam o corpo documental.

Trabalharemos a relação texto–imagem, não apenas as legendas das fotorreportagens, mas também os artigos que invariavelmente as acompanham. Não estabeleceremos, num primeiro momento, uma categorização tão rígida como a realizada por Adriana Hassin Silva a partir dessa relação. Preferimos refletir com Caroline Brothers e incorporar propostas semiológicas na medida em que o nosso objeto, a imagem pública de JK, é pensado em construção, o que implica compreender a mentalidade através da visualidade e visibilidade divulgadas pelos meios de comunicação. No entanto, não descartamos a possibilidade de utilização dessa categorização a que nos referimos acima, pois que usamos o mesmo corpo documental.

2.2 Cinema e História

Tanto quanto a fotografia, o filme abre um amplo campo de debate para o historiador quanto às questões metodológicas. As aproximações entre a história e o cinema acontecem das mais diversas formas. Em algumas, a evidência histórica está na tela o tempo todo, como nos filmes históricos, ou mais afastados dessa relação, mas não menos explícitos, como os filmes de ficção.

Quando pensamos em filmes, não podemos deixar de lado a força da indexação. Isso acontece tanto na crítica jornalística quanto nos estudos do cinema. Ela está assentada e o filme já aparece ao espectador devidamente indexado pela produtora/distribuidora, reforçada pela dita crítica e pouco colocada em questão pelos estudiosos do cinema.

A idéia de indexação nos parece um bom ponto de partida para a discussão das relações cinema–história, pois o historiador também terá que lidar com ela ao tomar o filme como documento histórico. Classificar os filmes pode também nos dar uma idéia de como os homens pensavam e pensam sua produção cinematográfica num dado momento e as relações que estabelecem com o cinema.

A discussão que abriremos a seguir cuida de entender filmes classificados, históricos e documentários, ou não ficcionais, como documentos

históricos e quais os tratamentos metodológicos possíveis na relação com o conhecimento e o fazer histórico.

Alcides Freire Ramos (2002) faz uma leitura não apenas enviesada, mas muito reducionista dos textos de Marc Ferro, sem avançar na proposta de método mesmo que seguindo o caminho proposto por Pierre Sorlin.

Ele entende duas propostas teórico-metodológicas para o uso do filme como documento histórico:

A primeira, possuindo inspiração “positivista”, acaba por valorizar os filmes de “atualidade”, os cinejornais e os documentários no âmbito do trabalho do historiador, deixando em segundo plano as manifestações ficcionais. A segunda, em parte contrapondo-se àquela, gira em torno das possibilidades de ampliação do rendimento da relação História-Cinema e tendem a valorizar também os filmes de ficção. (idem, p.17)

Nessa divisão, a primeira postura é discutida em dois autores, José Honório Rodrigues e Georges Sadoul, que se centram nos princípios de objetividade e autenticidade. A câmera cinematográfica é um instrumento objetivo por captar imagens com pouca interferência humana, aumentando a probabilidade da verdade no filme mesmo que a manipulação e a falsificação sejam reconhecidas como parte do processo de realização – na montagem, por exemplo.

É sob o viés da “inspiração positivista” que Alcides Freire Ramos entende as propostas de Marc Ferro quanto à relação cinema e história, colocando-o em comparação aos historiadores estudados por ele:

A principal diferença, portanto, entre as abordagens de inspiração “positivista” e aquela aqui representada por Marc Ferro não reside em outro lugar senão no modo de incorporar os filmes ficcionais ao trabalho do historiador. A abertura de horizontes é, obviamente, um pouco maior na tendência representada pela chamada “Nova História”. (ibidem, p.25)

Essa ampliação de horizontes se dá porque Marc Ferro também inclui os filmes de ficção no rol de documentos históricos para o historiador; esse reconhecimento parece não representar um avanço na historiografia ou uma nova postura do historiador, já que o positivismo paira no ar em qualquer um dos casos.

Outro ponto dessa crítica redutora é não perceber que a partir dessa incorporação do filme como documento, Ferro também propõe um método para sua análise e, claro, em sendo uma proposta é necessário o trabalho de estruturá-lo. Marc Ferro deixa o método em aberto justamente porque há a necessidade, tanto de uma aproximação maior dos historiadores a essa fonte, como de um caminho de descobertas metodológicas a partir delas.

Infundada é a insistência sobre o fato de Marc Ferro estudar, em sua obra, documentários e cinejornais, o que demonstra o “caráter autônomo” do filme, segundo Alcides Ramos. E para resgatar o mesmo texto lido por Ramos, *O filme, uma contra-análise da sociedade?*², vemos aí tanto a preocupação de Ferro com o método, como o uso do filme de ficção, ao analisar *Dura Lex* de Kulechov, baseado na novela de Jack London. Ainda nos anos 1970, com o livro *Analyse de film, analyse de sociétés* (FERRO, 1975), há a preocupação em pensar o filme não segundo uma indexação por gêneros, mas por temas:

- *Revoluções e sociedades socialistas;*
- *A Grande Guerra e suas lembranças (son souvenir);*
- *Nazismo, fascismo, democracia, antifascismo;*
- *Os Estados Unidos: da crise econômica à crise de valores;*
- *A Segunda Guerra Mundial. A resistência;*
- *O imperialismo e a revolta dos povos colonizados;*
- *A terra, o trabalho, a vida política e social na Europa ocidental;*
- *Problema de família e o estatuto da mulher;*

² Este texto de Marc Ferro está em: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. *História: novos objetos*. RJ: Francisco Alves, 1976, p.199-215.

- *A reconstituição do passado*.³

Filmes de ficção e documentários estão juntos numa mesma temática: em A Guerra e suas lembranças, um filme de montagem concebido pelo próprio Ferro em 1964 a partir de cinejornais, *A Grande Guerra*, está ao lado de *A grande ilusão*, de Jean Renoir, de 1937. *Metrópolis* (1926) e *M, o vampiro de Dusseldorf* (1931), de Fritz Lang e novamente *A grande ilusão*, são algumas sugestões de filmes para o tema Nazismo, fascismo, democracia, antifascismo; *Sargento York* (1941), de Howard Hawks e *Cidadão Kane* (1941) de Orson Welles são mencionados para o estudo dos Estados Unidos; *Os homens preferem as loiras* (1953) de Howard Hawks, *Teu nome é mulher* (1957) de Vincent Minnelli e *Os esquecidos* (1952) de Luis Buñuel refletem os problemas de família, da juventude, da infância e das mulheres; *Terra sem pão* (1932) de Luis Buñuel, *Ladrões de bicicleta* (1948), de Vittorio de Sica e *Os boas-vidas* (1953) de Federico Fellini apresentam questões e representações bem diferentes da terra, do trabalho, da vida política e social da Europa; e ainda filmes tão diversos na reconstituição do passado, filmes históricos como *Satyricon* (1969) de Federico Fellini e *Viva Zapata* (1951) de Elia Kazan (FERRO, idem, p.65-119).

A partir daí vemos, então, que Ferro não tem como única referência documentários e cinejornais como imagens da história e para a história e nem tão-somente filmes que se ocupam da reconstituição histórica. O universo da relação cinema-história é muito mais amplo e tem a mesma dimensão do cinema, ou seja, a do imaginário do homem. Portanto, o cinema de ficção é documento para a história tanto quanto as seqüências que propõem discutir a realidade e a verdade de um dado evento histórico.

Na leitura, Alcides Ramos encontra certa ingenuidade de Ferro entendendo-o como partidário do cinema puro:

³ Esses temas compõem a segunda parte de *Analyse de Film, Analyse de Sociétés*, e cada um deles traz um filme selecionado por Marc Ferro. Tradução nossa.

Num pequeno ensaio, ele [Marc Ferro] procurou demonstrar em que medida o cinema poderia dar uma contribuição *específica* à história (diferente, portanto, daquela que poderia ser oferecida pela literatura ou pelo teatro, por exemplo). Nesta linha de indagação, Ferro concluiu afirmando que “algo se consegue quando esta trama se converte em *puro discurso de imagens* (grifo nosso). Por este motivo, a busca de uma narração fílmica *específica* da história levou Ferro a valorizar apenas as imagens. (RAMOS, 2002, p.28)

O puro discurso de imagens a que Ferro se refere em seu texto é a escrita do filme através da montagem. Por certo, a montagem não implica apenas a imagem, mas o cinema **é imagem em movimento**, parte-se dela para qualquer tipo de reflexão sobre ele. Além disso, Marc Ferro (1980), no mesmo livro, *Cine e História*, estudo no qual propõe análises de filmes, não se restringe às imagens, mas ao filme como um todo, inclusive ao extrafilme, ou seja, da produção à recepção do filme pela sociedade em um dado momento.

No entanto, a crítica prossegue:

(...) Na verdade, os argumentos de Marc Ferro lembram os debates ocorridos no início do século XX acerca da *especificidade do cinema* em face das demais artes (especialmente do Teatro e da Literatura). De qualquer modo, a imagem *por si só* não é a definidora do específico cinematográfico. O cinema sem som e sem palavra não é “o” cinema. É apenas uma etapa da história desse mesmo cinema. Marc Ferro, com seus argumentos parece ter tomado partido no debate aludido anteriormente, colocando-se ao lado dos que defenderam o *cinema puro* (narração apenas por imagens) contra o *cinema impuro* (narração com a presença de palavras). (RAMOS, p.28-29)

A idéia de **cinema puro** associado ao cinema mudo é uma visão estreita da qual Marc Ferro não compartilha, assim como não defende o puro discurso de imagens ou ainda a “imagem *isolada e descontextualizada*” (idem, p.29).

No obstante, al transcribir la historia a través de la ficción, el cineasta actúa entonces como antaño procedían otros novelistas de lo escrito, no del cine. La parte específicamente fílmica de la aproximación histórica sigue siendo la misma dado que la trama del relato fílmico, la diégesis, sigue siendo no fílmica. Algo se consigue cuando esta trama se convierte en puro discurso de imágenes, sin emanar ya de ninguna instancia, al modo de esas telas no representativas; las asociaciones de planos surgen entonces de lo imaginario histórico, y no de los archivos de la historia, y ni siquiera de esas versiones instituidas o hasta novelescas. (FERRO, 1980, p.139-140)

O imaginário histórico, como nos diz Ferro, é o ponto que separa aquilo que ele chama de ***puro discurso de imagens*** e não está ligado a outras formas de representação histórica como a literatura, pois – voltamos então – há o específico do cinema.

Talvez aí possamos discordar de Ferro na medida em que o cinema, no caso da reconstituição histórica, quase sempre vai se inspirar em outra representação senão como ponto de partida, mas no processo de realização do filme, quando é necessária a pesquisa para tornar o passado concretamente visível na tela.

Marc Ferro não descarta a perspectiva positivista de filmes históricos quando esses apresentam uma preocupação com a exatidão na reconstrução de diálogos, figurinos, cenários. No entanto, para além dessa perspectiva há outras, cuja representação do passado traz, ainda, uma subversão ideológica ou, ainda, a ideologia se impõe ante a preocupação da verdade ou exatidão histórica. O exemplo dado é *Napoleão*, de Abel Gance, de 1926 e *A Marsehesa*, de Jean Renoir, de 1938.

Para um exemplo mais contemporâneo, *Danton, o processo da revolução*, de Andrzej Wajda, de 1982, trabalha com inquietações do presente tanto da Polônia quanto da França. Esse filme, realizado a partir de uma peça teatral de 1931, nos mostra não apenas uma verdadeira sintonia com as preocupações ideológicas nas quais Wajda estava envolvido, mas também uma

versão mais ideológica do que histórica da revolução. A reconstrução histórica não é apenas um pano de fundo para o desenvolvimento de uma história, mas de um embate histórico que é personagem histórica e, no entanto, elementos da contemporaneidade influenciam na leitura que se fez e se faz do filme. Outros filmes, como *Terra Prometida*, de 1975, ou *Sem Anestesia*, de 1978, denunciam o peso da ideologia e da perseguição política na Polônia. Mesmo que filmado na França e sobre um evento capital da história francesa, *Danton*, em sua esmerada reconstituição histórica, nos deixa o embate entre Robespierre e Danton, cada qual com uma caracterização assombrosa:

O Robespierre frio, neurótico e desumano interpretado por Wojciech Pszoniak pareceu particularmente ofensivo aos críticos porque Robespierre é a pedra de toque da ortodoxia das interpretações da Revolução. Igualmente importante: ele é o modelo do moderno intelectual francês. Personificou o engajamento. Teórico transformado em homem de ação, descortinou linhas partidárias, traçou a estratégia que interessava às massas. Os líderes socialistas se vêem como intelectuais desta linhagem. (DARNTON, In: CARNES, p.109)

Um *Danton*, ainda segundo Robert Darnton, *bêbado demais*, e podemos acrescentar fanfarrão, um orador apaixonado e entusiasta, arrebatador, impetuoso e enfurecido:

A força de interpretação de Gérard Depardieu faz de Danton uma figura dominante e mais simpática, mas a insistência de Depardieu em realçar a intemperança de Danton pode ser vista como mostra da decadência burguesa do personagem. (idem, p.106)

Na caracterização, quaisquer adjetivos que possamos usar estarão sempre em oposição a um Robespierre contido ao extremo, e embora Darnton não se atenha a ela, parte de seus elementos para entender essa contraposição que constitui uma das peças do filme. O historiador prefere compreender as relações do filme com a sua recepção, no caso a esquerda européia,

particularmente a francesa, e o seu *estranho mundo simbólico*, que rejeitou o filme e o criticou severamente, a começar pelo então presidente, François Mitterrand; a partir daí surgem perguntas:

Mas por que os socialistas precisavam rejeitar esta versão da briga entre Danton e Robespierre que focaliza Danton sob uma luz favorável? Os esforços de Danton para pôr fim ao Terror não podem ser tidos como o antepassado histórico da resistência ao stalinismo? Wajda não é um herói do Solidariedade polonês? E não é de se supor que o Danton de Wajda fosse simpático aos olhos da esquerda francesa moderada, essa defensora do socialismo com face humana? (ibidem, p.104)

A invenção de alguns episódios não tira do filme seu peso ideológico/histórico, como a destruição da oficina do jornal *Le Vieux Cordelier* de Camille Desmoulins, mas acentua a possibilidade de compreensão da perseguição à imprensa para qualquer espectador. Ao menos dois públicos, o polonês e o francês, lêem *Danton* de forma diferente associando-o ao seu presente ou ao seu passado de forma mais íntima. Por certo, Wajda falsifica a história sem feri-la completamente, pois tal liberdade está também contextualizada por sua participação política no movimento Solidariedade e na denúncia ao stalinismo. Procura dar ao passado uma inteligibilidade e visualidade, permite diálogos entre passado e presente nem tão distantes. O passado reconstruído visualmente é como uma espécie de matriz sobre a qual podemos entender outros passados mais recentes e que não pertencem apenas à França. Podemos citar aqui para ampliar a diversidade da recepção do filme pela sociedade a *dupla recepção* de *A grande ilusão*, de Jean Renoir: num primeiro momento, em 1937, entendido como filme pacifista e, logo após a Segunda Guerra, acusado de colaboracionista (FERRO, 1991, p.61-65).

A recepção do filme é uma das preocupações de Alcides Ramos; nesse mesmo trabalho em que critica Ferro e ao tomar como referencial teórico Pierre Sorlin, reconhece que este último não contempla esse aspecto do filme, o

que, como vimos acima, é discutido nos textos de Marc Ferro. Ramos coloca ainda outras questões importantes à sua fonte fílmica e que estão na mesma direção de questionamentos levantados por Ferro e também por Darnton quanto a relações do filme, intelectuais e ativistas políticos:

... Neste sentido, a pergunta básica é: em comparação aos documentos dos partidos e/ou aos depoimentos de ex-combatentes, de que maneira o filme *Os Inconfidentes* se relaciona com as questões de seu tempo? Em que medida a Inconfidência Mineira foi entendida como alegoria do Brasil dos anos 60? De que forma as organizações políticas de “esquerda” posicionaram-se em face da questão dos intelectuais e dos ativistas políticos neste período? Que tipo de diálogo *Os Inconfidentes* mantém com as teses mais comuns de sua época? O filme apenas ilustra uma determinada tese político-partidária? O filme traz dados novos para o debate? (RAMOS, op.cit., p.48)

De qualquer forma, a crítica de Alcides Ramos não se justifica ao usar um teórico numa tentativa de tornar o outro ultrapassado quando percebemos que há, na verdade, uma leitura superficial de pelo menos um deles, ou ainda, uma leitura que oculta aspectos relevantes em função de outro. Na verdade, o trabalho de Pierre Sorlin deve ser associado ao trabalho de Marc Ferro, que entendemos pioneiro nas questões cinema e história⁴.

Mas essa mesma superficialidade nos instiga a buscar em outros trabalhos as possibilidades do avanço e da diversidade teórico-metodológica quando da relação cinema e história. É claro que o trabalho de Ramos nos mostra um caminho a seguir, mas em detrimento de outro, sem apontar a diversidade no trabalho com a imagem como fonte para a história e mais especificamente o filme.

⁴ Há dois trabalhos que fazem o percurso da obra de Marc Ferro: Schvarzman, Sheila. *Humberto Mauro e as imagens do Brasil*. 2000. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000 e MORETTIN, Eduardo. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. In CAPELATO, Maria Helena [et al.]. *História e cinema*. São Paulo: Alameda, 2007, p.39-64.

O filme como **escritor da história** nos dá múltiplas possibilidades de trabalho. Se em Ramos a preocupação é com a recepção e como o filme, indexado histórico, se relaciona com as inquietações do período no qual foi produzido, há ainda outros caminhos. Em um artigo apresentado na XVII ANPUH (2004), Vitória Azevedo da Fonseca aponta outras possibilidades ao estudar a relação do filme *Carlota Joaquina, a princesa do Brasil* com a historiografia consultada como fonte para a sua realização. Há um diálogo entre essa pesquisa historiográfica e o filme, o que influencia a orientação de sua concepção de história, os significados que terá e, também, podemos pensar naqueles que provocará em seus espectadores.

Na década de 1980, quando a revista norte-americana *The American Historical Review* (93(5), dec.,1988) lançou um número dedicado às relações cinema e história, a discussão quanto ao filme histórico, como um agente de inteligibilidade histórica e o envolvimento do historiador na sua realização, estava sempre em comparação à história escrita, sem o filme ser uma transcrição desse discurso histórico, sem ter as suas preocupações, e mesmo assim havia a analogia entre a história escrita e a história visual. Essa discussão não tomou um corpo no debate e na pesquisa histórica. O filme, com sua linguagem específica, permite uma outra forma de “escrever a história”. Forma que, como vimos, leva em conta também a história escrita, quase sempre lugar de partida para os filmes.

A relação cinema e história contempla, como vimos, com Marc Ferro a mesma diversidade de gêneros permitida no cinema. Tanto filmes de ficção como os de não-ficção dialogam com a história, se não de maneira tão explícita como o filme histórico, dão visibilidade e representam o imaginário coletivo em um dado momento. O filme histórico, como colocamos acima, é uma das possibilidades de conhecer e tornar a história inteligível e discutida.

Em nosso estudo, não trataremos de filmes históricos, mas de filmes que são tão históricos quanto esses. Não se trata de reconstituições, mas de filmes que captaram a sua realidade, sobreviveram materialmente a um meio

adverso e nos permitem ver “o que foi”. São **documentos históricos**: o tempo separa o presente no qual foram produzidos do presente em que ainda permanecem. Portanto, temos aqui não a história reconstituída, mas a história documentada, escrita numa outra perspectiva, no “calor da hora”; são eles os filmes de não-ficção, documentários, cinejornais, filmes institucionais, narrativas fílmicas que privilegiam enunciados assertivos sobre a realidade ali representada. É justamente essa representação do real que nos interessa, ela está em diálogo com a história na medida em que permite a visibilidade do passado, mas não da mesma maneira que o filme histórico.

A dissertação de mestrado de Cássio dos Santos Tomain (2006) sobre os cinejornais realizados pelo Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP nos mostra como há possibilidades de trabalhar o documento fílmico sem tomar caminhos pretensiosos e labirínticos, como nos sugeriu Ulpiano Meneses.

Para Tomain,

(...) a relação cinema e história implica ao pesquisador uma postura desmistificadora do objeto. Entende-se aqui por desmistificação, uma análise dirigida pela desconstrução dos signos visuais e sonoros do filme, o que nos permite uma abordagem estética do cinema, o que faz do fazer cinematográfico um constante inventar e executar.

(...) propiciou-me uma busca por estas construções sígnicas, revelando como o cinema documental, no tocante as particularidades do gênero, serviu ao aparato de propaganda política do Governo de Getúlio Vargas, que também compreendia outros dispositivos culturais como o rádio, a música, as festas cívicas entre outros. A problematização era da seguinte ordem: como as imagens sequenciais, tidas como signos mitificadores, colaboraram para forjar (montagem) no imaginário social do brasileiro dos anos 1930 e 1940 uma única imagem, o Estado Novo? (TOMAIN, 2006, p.25-26)

Tomain ressalta a preocupação em pensar os cinejornais ou o filme não ficcional como um discurso articulado de um “*real socializado*” (Idem, p.16), pois tanto o filme ficção como o documentário lida de alguma forma com a realidade e a objetividade. No entanto, os cinejornais são quase sempre – e isso é recorrente

– entendidos como documentos desfavorecidos, apesar de suas imagens trazerem o dito real da época em que foram produzidos.

Numa outra perspectiva, aquela das práticas históricas do cinema, Christian Delage e Vincent Guigueno (2004), analisam um fragmento do cinejornal *France-Libre-Actualités*: é o encontro entre Hitler e Pétain em 1940. A cerimônia do encontro é simbolizada pelo aperto de mãos entre os dois homens; ao rever as imagens breves desse encontro, colocam-se algumas questões:

Selon quelle temporalité et de quelle manière les actualités cinématographiques françaises et allemandes ont-elles construit pendant l'Occupation et immédiatement à la Libération la représentation de cet événement? Quelle importance peut-on accorder à ces images? (DELAGE; GUIGUENO, 2004, p.132-133)

Esse trecho curto de cinejornal foi estudado dentro de um contexto maior entre 1940 e 1944. A cronologia do encontro, o seu contexto imediato, também foram levantados. As imagens repetidas durante a Segunda Guerra por cinejornais alemães e franceses com montagens diferentes são, então, imagens de arquivo, o encontro foi constantemente lembrado.

Desde sua primeira exibição em 1940 por um cinejornal alemão, um problema técnico aparece: a câmera do cinegrafista não consegue filmar o aperto de mãos entre Hitler e Pétain, pois o ministro alemão das Relações Exteriores coloca-se diante da câmera. Ele está de costas; apenas os fotógrafos, que estão do lado oposto ao cinegrafista, conseguem registrar o acontecimento.

Em 1944, o acontecimento foi retomado pelos técnicos do Comitê de Liberação do cinema francês para a *France-Libre-Actualités*. Houve a necessidade de uma manipulação, um truque: a inserção de um grande plano de duas mãos, em um aperto. Esse plano que faltava refaz o percurso simbólico e metafórico do momento real, afinal mostra claramente qual lado o governo de Vichy escolheu durante a Segunda Guerra Mundial. Nessa última retomada do trecho fílmico, há uma evidente e proposital mudança para que saibamos da manipulação que aconteceu entre as imagens de arquivo e o plano colocado posteriormente.

Para Delage e Guigueno há uma tensão entre a “realidade factual e simbólica”. A repetição das imagens entre 1940 a 1944 nos mostra o quanto elas estão ligadas ao seu tempo presente e às contingências do acontecimento.

Desse estudo surge ainda em 1998 um filme de curta metragem, *Montoire, l'image manquante* (DELAGE; GUIGUENO, 2004, p.133). Aqui o fazer fílmico parte do historiador-cineasta preocupado em enriquecer a pesquisa realizada a partir do trecho de cinejornal e produzir um filme-estudo que não se basta, houve a pesquisa para se chegar nele.

Sem deixar de pensar as práticas históricas do cinema, o trabalho de Sylvie Lindeperg (2000) sobre os cinejornais franceses do período da Liberação nos é particularmente interessante por analisar a presença do General Charles de Gaulle e a sua representação estabelecida nesses cinejornais.

No entanto, o estudo tem duas proposições que estão além da análise da imagem do General:

(...) produire une connaissance historique sur la construction filmée de l'événement en enrichissant, grâce aux ressources de l'outillage numérique, une approche méthodologique inspirée de la génétique des textes; articuler cette activité cognitive avec une pratique de l'écriture historique surdéterminée par l'horizon des nouvelles technologies de saisie et de transmission de l'événement. (Lindeperg, 2000, p.13)

Ao usar os computadores da Inateca da França para ver os cinejornais, a pesquisadora percebeu que ali havia também uma via para a reflexão sobre as vantagens e as relações do uso de instrumentos digitais para a pesquisa histórica e mais especificamente dos cinejornais.

Os instrumentos digitais abriram o estudo para muitas possibilidades, para a multiplicidade e “pluralidade de vozes (cineastas; operadores e diretores

dos cinejornais; pesquisadores de diversas disciplinas...)” (idem, p.15)⁵, dessa forma:

(...) il se trouve surtout dans la façon d’aborder et d’interpréter l’archive comme un document en éternel devenir, en réfléchissant sur ses usages et ses possibles ramifications dans l’intelligibilité des grandes questions du temps présent. (ibidem, p.16)

Ao lado dessa documentação que cobre o período de agosto de 1944 a janeiro de 1946, a história do grupo de imprensa *France-Libre-Actualités* também foi abordado. É o que Sylvie Lindeperg chama de “navegação *horizontal*”⁶ (2000, p.17), momento em que vê os 68 cinejornais de maneira cronológica de sua produção e exibição, enquanto, em um segundo momento, há a “navegação *vertical*”⁷, e separa as unidades de representação que se abrem nos cinejornais.

O entendimento sobre os arquivos dos cinejornais é aberto – eles não se fecham após uma pesquisa ali realizada – e permite justamente a multiplicidade de interpretações.

Isso nos remete aos poucos estudos⁸ que foram realizados no Brasil tomando os cinejornais e filmes institucionais como fonte para a história. Lentamente, os pesquisadores de diferentes áreas aproximam-se desses arquivos cujas imagens não guardam reflexões estéticas profundas, nem mudanças imagéticas que apresentam ao espectador alternativas ao modo de ver instaurado pela narrativa clássica. Ao contrário, para mostrar a dita realidade ou o

⁵ Tradução nossa.

⁶ Tradução nossa.

⁷ “Navigation verticale et buissonnante (ou rhizomatique)” – preferimos, na tradução, nos ater à idéia da verticalidade.

⁸ Destaco as dissertações de José Inácio Mello e Souza (1990) e Cássio dos Santos Tomain (2006) sobre os cinejornais do período de Getúlio Vargas, de Edson Luis Nars (1996) sobre os documentários de Jean Manzon, com temáticas ligadas ao Estado nas décadas de 1950 e 1960, de Rodrigo Archangelo (2007), sobre os cinejornais *Bandeirantes da Tela*, de Daniela Giovana Siqueira (2007), sobre cinejornais realizados pela prefeitura de Belo Horizonte em Minas Gerais na década de 1960 e Renata Vellozo Gomes (2007), sobre os cinejornais realizados pela Agência Nacional na década 1950.

acontecimento, era necessário trabalhar com a linguagem que já era conhecida e aceita por um público, por sua vez, educado visualmente.

2.3 História e Imagens

Filmes e fotografias constituem documentos históricos que instigam os historiadores – e, de maneira mais geral, os profissionais das ciências humanas – a percorrerem, antes de tudo, a interdisciplinaridade.

Os tópicos acima procuraram dar conta dessa diversidade de caminhos que existe quando pensamos a imagem e, mais especificamente, as imagens reproduzidas tecnicamente. Como nos diz Peter Burke (2004, p.234), não há “‘receitas’ para decodificar imagens, como se elas fossem quebra-cabeças com soluções simples e definitivas. Ao contrário (...) as imagens são muitas vezes ambíguas ou polissêmicas”.

Ele ainda levanta quatro aspectos gerais que colocaremos sinteticamente:

1. As imagens dão acesso não ao mundo social diretamente, mas sim a visões contemporâneas daquele mundo, a visão masculina das mulheres, a da classe média sobre os camponeses, a visão dos civis da guerra, e assim por diante. (...)
2. O testemunho das imagens necessita ser colocado no “contexto”, ou melhor, em uma série de contextos no plural (cultural, político, material, e assim por diante), incluindo as convenções artísticas para representar (...).
3. Uma série de imagens oferece testemunho mais confiável do que imagens individuais, seja quando o historiador focaliza todas as imagens ainda existentes que os espectadores poderiam ter visto em lugares e épocas específicas(...), seja quando observa as mudanças nas imagens... ao longo do tempo.(...)
4. No caso de imagens, como no caso dos textos, o historiador necessita ler nas entrelinhas, observando os detalhes pequenos, mas significativos – incluindo ausências significativas – usando-os como pistas para informações que eles não estavam conscientes de possuir. (...) (BURKE, 2004, p.237-238)

Esses aspectos não dizem respeito apenas à questão do método, mas mais à interpretação, entretanto eles nos mostram que o historiador de qualquer maneira é colocado diante de uma fonte que ainda inspira o debate metodológico maior e um amplo campo de ação ao interagir a história com outras linguagens.

Para nos posicionarmos diante da multiplicidade de trabalhos que apresentamos acima, algumas reflexões são necessárias. Começemos pela idéia de objetividade da imagem fotográfica, pois, ao trabalharmos com o gênero fotojornalístico, esse termo é importante. Para Jean-Marie Schaeffer (1996, p.73), a imagem fotojornalística é utilizada para “transmissão de informações que têm estatuto de testemunhos visuais” e ainda tem

(...) a função de “prova” para o conjunto das informações verbais que a acompanham: “Veja esta imagem: ela é a prova daquilo que eu disse”. Sabemos perfeitamente que, em alguns casos, a imagem não tem a menor relação com a mensagem verbal que se espera que ela “prove”: é uma ilustração plausível, muitas vezes tirada de um contexto totalmente diferente daquele a que se refere a mensagem verbal. (idem)

A legenda ou o artigo que acompanha a imagem jornalística identifica-a; se essa idéia não for clara, segundo Schaeffer, há um falso debate em torno da “objetividade”. Por outro lado, essa “objetividade”, sempre entre aspas, é algo frágil. A imagem fotográfica quase sempre está submetida à manipulação; podemos pensar nisso também para o cinema.

Ao mesmo tempo em que Schaeffer (1996) entende a imagem como prova a partir da idéia de “objetividade” ele coloca a impossibilidade do caráter probatório e estabelece duas razões:

De um lado, qualquer “prova” só é pertinente em relação a uma teoria e a um conjunto de hipóteses explícitas, e mais precisamente no quadro de uma experiência da qual diversos parâmetros são dominados pelo experimentador. Inútil dizer que nem o fotógrafo nem o receptor agem no quadro de restrições tão exatas. Em segundo lugar, a imagem fotográfica só pode ser uma prova no âmbito fotônico, pois é

o único nível no qual se pode realmente estabelecer uma relação quantificável e calculável entre o impregnante e a impressão. (idem, p.75)

Há ainda uma outra confusão, “aquela entre a imagem e o conhecimento do fotógrafo, isto é, entre uma informação quase perceptiva e um ato verbal assertivo (implícito ou, quando a foto é legendada, explícito)” (ibidem). Para Schaeffer, a intencionalidade do fotógrafo pode ser desvirtuada pela revista ou pelo jornal. As legendas, os artigos, as **Manchetes** podem dar diferentes orientações a uma fotografia. Essa relação, para ele, e principalmente, também se dá na relação com o receptor, este tem a sua interpretação da imagem, há então “a maleabilidade interpretativa” (idem, p.77).

A relação texto–imagem, como apontamos ao tratarmos da fotografia, terá como idéia inicial, e será desenvolvida no decorrer da tese, de que “o texto é uma mensagem parasita, destinada a conotar a imagem, isto é, ‘insuflar-lhe’ um ou vários significados segundos” (BARTHES, 1990, p.20). Será inicial porque a relação é um ir e vir entre texto e imagem, um não se sobrepõe ao outro, pois que a imagem não ilustra o texto e nem o substitui, ambos atribuem-se níveis de significados diferentes⁹.

Retomemos, então, o segundo item desenvolvido por Peter Burke (2004) quanto aos contextos. O nosso contexto está recortado, 1956-1961. Dentro desse curto período, a pluralidade se dará exatamente nas articulações que a imagem fotográfica e a cinematográfica estabelecem num movimento interno e específico, e a partir daí trabalharemos com os temas sugeridos pela compreensão dessas articulações.

Os cinejornais estudados não têm legendas, mas possuem um texto falado, a voz-*over* assertiva que nos possibilita fazer esse mesmo movimento. O texto orienta, dirige o espectador, dá informações extracampo que estabelecem relações identificadoras com o contexto e permitem a produção de sentidos.

⁹ Os autores citados também discutem tais relações com o receptor, que não serão discutidas neste trabalho.

Entendemos que a concepção de voz do documentário desenvolvida por Bill Nichols (2005) é importante para que compreendamos as relações que as imagens estabelecem com o discurso verbal nos cinejornais e a partir daí a autenticidade e a objetividade.

Para Nichols (idem, p.72), “os documentários representam questões, aspectos, características e problemas encontrados no mundo histórico, pode-se dizer que falam desse mundo tanto através de sons como de imagens”. A voz não está entendida apenas em sua literalidade, evidentemente, e é ela quem “pode defender uma causa, apresentar um argumento, bem como transmitir um ponto de vista” (idem, p.73), ela orienta internamente o documentário e a sua “lógica informativa”.

Outros aspectos, outros “meios” para a realização do filme ampliam a concepção de voz:

1) quando cortar, ou montar, o que sobrepor como enquadrar ou compor um plano (...); 2) gravar som direto, no momento da filmagem, ou acrescentar posteriormente som adicional, como traduções em voz-over, diálogos dublados, música, efeitos sonoros ou comentários; 3) aderir a uma cronologia rígida ou rearrumar os acontecimentos com o objetivo de sustentar uma opinião; 4) usar fotografias e imagens de arquivo, ou feitas por outra pessoa, ou usar apenas as imagens filmadas pelo cineasta no local; e 5) em que modo de representação se basear para organizar o filme (expositivo, poético, observativo, participativo, reflexivo ou performático). (Idem, p.76)

Os cinejornais não apresentam uma diversidade na forma de representar os eventos. Existe uma espécie de padronização na realização principalmente quanto ao uso da voz-over, com o ponto de vista do Estado, da autoridade, da instituição; o orador ou narrador nos conduz por entre os fragmentos de acontecimentos, descrevendo-os e/ou comentando-os sempre sob uma perspectiva objetiva e impositiva, o que é fundamental para a credibilidade desse discurso. A relação entre imagens e voz-over é construída de sobreposições, complementaridades. Podemos pensar que é nesse momento que

se manifesta a autenticidade dos cinejornais, no entanto há, vez por outra, um deslize, ocasional ou não, e a música pode incorrer em ironizar pequenos gestos, olhares, expressões.

Se, para Barthes, na relação texto–imagem, não há sobreposição, a voz-over nos cinejornais tende a esse movimento, numa espécie de repetição. O narrador nos diz: “O ministro cumprimentou o presidente” e então vemos os dois homens apertando as mãos. À frase descritiva da imagem pode seguir-se um comentário que complementa, engrandece ou ironiza o gesto e o evento, por outro lado o aperto de mão pode vir num grande plano, e o tom irônico é dado pela música e não pela voz-over, como no cinejornal estudado por Delage e Guigueno (2004).

Para resolver esse problema e entender quando as sobreposições acontecem ou não, é preciso ir ao contexto fílmico e histórico. É necessário fazer emergir o discurso político-ideológico, compreender em que medida formou a mentalidade coletiva.

3. A POLÍTICA E O POLÍTICO EM IMAGENS

3.1 – A visualidade do político

O político e a política não são setores ou níveis da realidade isolados, influenciam e são influenciados pelo econômico, pelo social e/ou pelo cultural, podemos, portanto, entendê-los como “ponto da maior convergência de séries causais” (RÉMOND, R., 1996, p.449), revelam comportamentos e mentalidades coletivas; relacionam-se com a prática e o exercício do poder, mas não se inscrevem numa perspectiva redutora, tudo partindo dele ou chegando a ele. Por outro lado, o político e a política têm características próprias que os fazem autônomos e independentes em relação aos outros aspectos da realidade. Essa tessitura do político com as outras expressões da sociedade nos permite entendê-lo globalmente como *um ponto de condensação* (idem, p.445), uma força atuante e constitutiva do imaginário e da imaginação coletiva.

Para desenvolvermos essas idéias sobre a visualidade do político e da política nos deteremos na análise de como as revistas **O Cruzeiro** e **Manchete** os tratavam visualmente. Ambas as revistas modificaram a maneira como a fotografia era usada na mídia impressa no século XX no Brasil. Além dessas duas revistas ilustradas, estudaremos como a visualidade se dava no campo do cinema, estudando filmes realizados para a NOVACAP e aqueles produzidos pela Jean Manzon Films.

*

Um primeiro ponto a refletir antes de nos determos na análise de nossas fontes é a idéia da política como espetáculo e, para tal, usaremos dois autores: Georges Balandier (1982) e Roger-Gérard Schwartzenberg (s.d.) que estudam e se interrogam sobre as relações entre a política e a sociedade. E por que a política como espetáculo? Para Schwartzenberg, a política que antes era uma prática de idéias é, hoje, de personagens, como no espetáculo, e explica em nota de rodapé:

Hoje em dia, o espetáculo está no poder. Não mais apenas na sociedade, tão enorme que foi o avanço desse mal. Hoje, nossas conjecturas já não têm como único objeto as relações do espetáculo e da sociedade em geral. Como as tecia Guy Debord em 1967. Agora, é a superestrutura da sociedade, é o próprio Estado que se transforma em empresa teatral, em “Estado espetáculo”. De uma forma sistemática e organizada. Para melhor divertir e iludir o público de cidadãos. Para melhor distrair e desviar. E mais facilmente transformar a esfera política em cena lúdica, em teatro de ilusão. (SCHWARTZENBERG, s.d., p.9)

Ele ainda distingue o *poder pessoal* e a *personalização do poder*, e mesmo que em muitas situações aconteça a convivência dessas duas formas, cada uma tem a sua natureza. A primeira *designa uma realidade institucional*, a segunda relaciona-se com a psicologia coletiva, a personagem, no caso, o político, *simboliza a nação, o Estado ou o partido. Ele representa o poder do grupo nele encarnado, é o poder dotado de uma face*, de uma máscara, ele é visível por todos. Digamos que é a vitrine, aquilo que aparece para o público de cidadãos, o que o cativa, atrai as luzes e os olhos do público, enquanto o poder real é exercido em outros lugares. Ambas as formas podem conviver, é o mais freqüente: Hitler, Mussolini, Stalin, Mao.

Por essa distinção, podemos repensar a imagem de Juscelino Kubitschek quase sempre associada à de Getúlio Vargas, como uma espécie de herdeiro do ditador, e depois presidente eleito, que nos legou o que entendemos, ainda hoje, como uma das mais fortes imagens do poder e do Estado.

Getúlio Vargas nos remete à idéia do *poder pessoal* associado à *personalização do poder*. Ele concentrou e controlou os poderes do Estado no período ditatorial, criou um aparato estatal para que essa imagem fosse divulgada, compôs e encarnou uma imagem e dela ficou cativo, tanto que a imagem do período em que foi eleito presidente fica apagada em comparação à imagem do ditador.

A figura de Juscelino Kubitschek é a da *personalização do poder*, ele simboliza a nação, o Estado e, num último plano, o partido de que fazia parte. Ele

impõe uma imagem que se opõe à do poder pessoal. Na medida em que atribui a si mesmo um caráter democrático, modela justamente a figura do estadista que é avesso à concentração dos poderes, um governante que governa sem imposição, que media, harmoniza. A característica de líder democrático é um dado que foi conquistado a duras penas desde sua eleição à Presidência da República: da campanha eleitoral até o dia da posse houve uma sucessão de tentativas de golpes da oposição e dos militares, mesmo que, comprovadamente, sua eleição tenha sido constitucional. A essa imagem Juscelino Kubitschek fica preso e mistura-se a ela até os últimos dias da sua vida. Se JK morre, a imagem ainda prevalece.

Em ambos os casos há o espetáculo, a *mise en scène*, a criação e manipulação de símbolos. No entanto, poderemos ampliar essas idéias para além da personagem central do político como os presidentes e ditadores. O poder político em suas diversas esferas enfrenta-se no palco da política. Esse enfrentamento faz com que senadores, deputados, prefeitos, vereadores e militantes criem cada um sua imagem como político dentro da hierarquia dos poderes. Os militares também desempenham um papel nesse palco construindo sua própria imagem jogando o jogo da política.

Esse enfrentamento e o lugar onde ele acontece, no parlamento, evocam o teatro, mas o espetáculo da política não se prende a ele. O desenvolvimento de técnicas de reprodução da voz e da imagem seduz o político e o lugar do espetáculo expande-se para além do palco do parlamento. O político adapta-se ao jornal, ao rádio, ao cinema e à televisão; é a mídiapolítica, para Schwartzberg.

A mídiapolítica se desenvolve aproveitando-se das condições técnicas de comunicação (e do social) e Schwartzberg traça um histórico delas: há uma primeira fase em que a comunicação pela voz e o gesto são dominantes: os grandes discursos, a palavra dita por um intermediário ao povo, a imagem tem como suporte as esculturas, os retratos e as moedas.

A segunda época é a que tem como fundamento o desenvolvimento da imprensa, a comunicação escrita torna-se dominante, a voz e o gesto não são desprezados, mas a eles uma nova maneira de comunicação é agregada. Tomemos dois estudos centrados nas relações entre as formas de comunicar-se das épocas estabelecidas acima e a política, sobretudo na constituição da imagem pública dos dirigentes.

Em *The Image of Thomas Jefferson in the public eye – portraits for the people 1800-1809*, Noble Cunningham (1981) analisa a imagem de Thomas Jefferson em seus anos de presidente que circulava em moedas, medalhas, gravuras em periódicos e livros, retratos em objetos domésticos como pequenas leiteiras e canecas de porcelana, caricaturas. Segundo ele, esses objetos da cultura material são retratos para o povo, uma maneira de as pessoas comuns apreciarem a imagem do presidente. Os retratos oficiais que eram produzidos atingiam um número limitado de pessoas mesmo que reproduzidos em livros. A reprodução da imagem em objetos da ordem do cotidiano tornou a imagem de Jefferson mais popular. No entanto, essa imagem popular tinha como fonte as imagens oficiais, e ao mesmo tempo a preocupação era torná-la pública e estabelecer uma ligação visual entre o Thomas Jefferson presidente e seus contemporâneos.

A visibilidade de Thomas Jefferson sai então da esfera restrita dos gabinetes para a rua e o interior da casa do homem comum. Permeia o cotidiano de diversas maneiras e forma o imaginário coletivo. Uma representação visual é predominante, ela se torna um modelo para que outras sejam produzidas, nos diversos suportes.

Outro estudo que nos interessa é o de Peter Burke (1994). Ele nos mostra como a imagem pública de Luis XIV foi construída analisando as representações num conjunto de pinturas, gravuras, medalhas, moedas, na imprensa da época, enfim, nos meios de comunicação do período de seus setenta e dois anos de reinado na França. A idéia de imagem construída nos dá a dimensão da manipulação oficial dessa imagem e o quanto ela era objeto do que

Burke já considera a propaganda, não em seu conceito moderno, mas nas formas de persuadir e educar uma sociedade.

A visibilidade de Luis XIV tanto quanto a de Thomas Jefferson faz parte do espetáculo que constitui o poder; mostrar a pompa e o luxo deve sair dos limites oficiais da corte e dos palácios e chegar ao povo. A imagem pública tem que permear o cotidiano e alargar a relação que o político estabelece com a sociedade.

No século XX, o rádio e a televisão permitiram que a voz e a imagem predominassem. Esse retorno é entendido por Schwartzberg (s.d., p.168) como um refluxo, uma volta aos primeiros tempos, uma regressão que privilegia as formas em detrimento do conteúdo intelectual (idem, p.149). Podemos fazer uma reflexão sobre essa época de regressão, terceira e última fase, que é a que nos interessa. Mesmo que ele entenda que nessa regressão esses suportes permitam atingir de uma só vez grandes audiências, é importante ressaltar que há uma mudança na relação entre o público de cidadãos e os políticos através da imagem. Vimos nos exemplos acima a procura do político em sair de seu âmbito restrito e estar cada vez mais próximo ao homem comum.

Na modernidade, o universo político ganha outras dimensões, os meios de comunicação de massa mudam consideravelmente as relações entre o político, o povo e a produção de imagens do político. Podemos compreender esse movimento por Georges Balandier (1982, p.62-63):

A multiplicação e a difusão dos meios de comunicação modernos modificaram profundamente o modo de produção das imagens políticas. Elas podem ser fabricadas em grande quantidade, por ocasião de acontecimento ou de circunstâncias que não têm necessariamente um caráter excepcional. Elas adquirem, graças aos meios audiovisuais e à imprensa escrita, uma força de irradiação e uma presença que não se encontram em nenhuma das sociedades do passado. Elas se tornam quotidianas; isto quer dizer que elas se tornam banais e se desgastam, o que exige renovações freqüentes ou a criação de aparências de novidade.

A mídia impõe uma lógica que lhe é própria, singular; isso reflete a mudança das relações que colocamos acima e, então, “a demonstração substitui a argumentação e a tomada global, imediata e emocional, substitui o abstrato, o analítico” (idem, p.67).

Mesmo que novas relações apareçam, Balandier entende a permanência na política do que ele chama de “investimento mítico” (ibidem, p.66), pois é o mito que sustenta a relação entre o político e o povo ou ainda o público de cidadãos, tanto numa sociedade de regime pluralista como na de regime totalitário; o poder não se estabelece apenas pela força bruta, pela violência e muito menos por uma racionalidade exacerbada: “Ele só se realiza e se conserva pela transposição, pela produção de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização em um quadro cerimonial” (ibidem, p.7).

Os sistemas políticos se ajustaram e se ajustam às novas maneiras de encenar o poder, isso significa que outros atores aparecem em cena, estabelecendo relações entre o poder e a imprensa que antes não existiam, ou ainda revendo, refazendo e atualizando tais relações, em um movimento que tenta evitar a banalização, como nos diz Balandier (1982).

Essa aproximação pode ser historicizada, é claro, mas não faremos aqui. Não obstante, para usar algumas balizas históricas, podemos situar a revolução francesa como um dos momentos em que a imprensa atuou ativamente no poder e pelo poder, e as relações entre o governo norte-americano e a imprensa após a independência (COOK, T.E., 1997). As manifestações políticas encontraram na imprensa um lugar ótimo para demonstrar idéias, opinar, debater, provocar. No século XX, tais relações tornaram-se mais estreitas e constantes.

3.2 – Convergência de interesses

A cena política brasileira quase sempre foi portadora de espetáculo e de atores políticos muito bem colocados. Os estudos sobre Getúlio Vargas,

principalmente no período ditatorial, nos dão uma idéia da importância da reflexão sobre as relações entre a imprensa e o poder e, por sua vez, a construção de imagens de políticos.

Nos cinejornais realizados pelo DIP, a imagem de Getúlio Vargas, segundo José Inácio de Melo Souza (1990) é de naturalidade, ou seja, o ditador atua de maneira a negar as câmeras que o registram, numa “situação despreocupada”. Por outro lado, essa atitude de Vargas e dos cinegrafistas leva a depreciações da sua imagem: “Vargas não se destaca do conjunto de homens públicos que o cercam, compondo harmoniosamente com outras barriguinhas civis ou militares, com outras estaturas baixas ou médias ministeriais ou autárquicas” (SOUZA, 1990, p.345-346).

No entanto, podemos perceber que a imagem de Vargas não possui uma unicidade, ela ganha movimento. Ao estudar as charges sobre Getúlio Vargas no período de 1930 a 1937, Eduardo Romero de Oliveira (1995) tenta justamente fazer surgir desse universo de imagens uma espécie de oposição à idéia de “importância natural do homem Getúlio Vargas” (OLIVEIRA, 1995, p.116) e compreender como nesse momento de governo provisório a figura do poder, nesse tipo de representação, não tinha um caráter de legitimação do regime que então se constituía, oscilava entre o elogio e a crítica:

Num primeiro momento, de 1928 a 1930, observamos que a figura de Vargas aparece constantemente evocada na tematização da sucessão presidencial. Sucessão que não seria um caminho “natural” do jogo político, mas vitória de certas forças sociais. (...) Vargas seria uma máscara a mais do cenário político; ou então (...) como a confirmação da impossibilidade de escolha do eleitor. (...)

Num segundo momento, a partir de 1932 principalmente, Vargas mostra-se ele mesmo como tema recorrente. (...) A figura Vargas como promotor do “despertar da Nação” (...). E (...) a figura Vargas é construída pela evocação do “presidente Getúlio Vargas”, o “condutor do novo governo”, “enigmático (no bom sentido), “político veiaço”, verdadeiro “enchedor de lingüiça (no mau sentido). (idem, p.59-60)

A constituição da imagem de Vargas não se dá então numa única dimensão, a da charge ou do cinejornal; o conjunto dessas reflexões por sua vez nos oferece um olhar multifacetado do ditador como um sujeito histórico. Por isso defendemos a necessidade de trabalharmos com a multiplicidade da produção imagética ao estudarmos a construção de imagens.

Ainda sobre Vargas, para Souza (in CAPELATO, 2007, p.123):

Durante o seu governo legítimo, nos anos 1950, ele dispensará a guarda presidencial ou a proteção do carro presidencial para fazer da aproximação física um dos itens básicos da *mise en scène* política, aprimorando a experiência ditatorial.

Para o autor, a imagem de Vargas veiculada pelos cinejornais é a do “líder de massas”¹⁰ que deixa envolver-se pela multidão, na relação que estabelece com o povo tanto como ditador quanto como presidente eleito.

Com aparato institucional que lhe dá suporte técnico para que sua imagem fosse captada, veiculada e difundida durante a ditadura, no momento anterior, no governo provisório, ao criar relações com a imprensa, ou ainda em sua volta na primeira metade dos anos 1950, Getúlio Vargas tem imagens constituídas historicamente. As reflexões acima nos mostraram que elas não se confundem e não se superpõem, posto que as compreendemos no movimento de sua elaboração.

Para Georgete Medleg Rodrigues (1990), em seu estudo sobre a propaganda da construção de Brasília, o período do governo de Juscelino Kubitschek ainda não recebeu um estudo atento sobre o aparato da propaganda oficial

A nível mais geral, não identificamos no governo Kubitschek a montagem de aparelhos de propaganda específicos como os que existiram na Ditadura Vargas. Sem dúvida, não pode haver semelhanças entre os dois períodos no que concerne

¹⁰ Retomaremos essa questão mais à frente.

à natureza do regime político, o que implica em diferenças na condução ideológica do projeto de um e de outro. Contudo, podemos identificar no governo Kubitschek um “núcleo” de elaboração, sistematização e divulgação da ideologia, que se localizava no Ministério da Educação e Cultura, seguindo uma tradição que vinha desde o governo Vargas. (RODRIGUES, p.36)

O aparato de propaganda do governo Juscelino Kubitschek, de fato, não se serviu de um núcleo estatal forte e planejado como na Ditadura Vargas, mas ele já tinha um “know-how” como sublinha G.M. Rodrigues, adquirido não apenas na campanha presidencial, mas também na sua experiência enquanto governador.

Em Minas Gerais usou de estratégias administrativas menos agressivas, mais modernas, para se relacionar com o povo e divulgar sua imagem ainda no âmbito regional¹¹. Organizou uma equipe de redação formada por jornalistas, escritores e poetas que eram responsáveis pela elaboração de discursos, pela correspondência com as instituições de âmbito público e privado e com cidadãos comuns. Ele se relacionou amplamente com a população tendo o cuidado e a percepção das particularidades de cada público.

Segundo Josanne Guerra Simões (2000), a relação que Juscelino Kubitschek estabeleceu com a imprensa enquanto governador foi de cordialidade e não havia conflitos, apesar da oposição de alguns jornais. É importante destacar o percurso que ela levanta dessa relação antes mesmo do governo estadual, isto é, quando JK era ainda prefeito de Belo Horizonte. Nesse momento, em que a figura de Vargas é a mais importante seguida, em Minas Gerais, pela de Benedito Valadares, JK tem menor estatura na hierarquia nacional do poder. O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) estendia seus braços censores aos estados, controlando a imprensa oficial como um todo. Os outros jornais, apesar de vigiados pelo Estado, de alguma maneira mostram-se simpáticos ao então prefeito e à sua administração.

¹¹ SIMÕES (2000) discute como JK se relacionou com os intelectuais e constituiu sua “entourage” enquanto governador de Minas Gerais.

Quando governador, entre 1950-1955, como dissemos acima, JK tem uma equipe que cuida das relações do governo com a imprensa e na divulgação de notícias oficiais. Havia um “setor de imprensa sob a direção do jornalista José Moraes, incumbido dos contatos com a imprensa mineira e da preparação e distribuição de *releases* aos jornalistas políticos” (ÁVILA; MOURÃO apud. SIMÕES, 2000, p.77). Percebemos que, nas estratégias e relações de JK com a imprensa vêm num crescendo, mas ainda não atingem o âmbito nacional. Enquanto prefeito, suas realizações *ficam* obscurecidas pela imagem de Benedito Valadares para aparecer com mais força no seu governo estadual.

Abaixo, uma foto sugestiva dessa hierarquia em uma reportagem de **Manchete** sobre Benedito Valadares; vemos JK sentado no chão encostado na mesa em que Getúlio Vargas e o então governador Benedito Valadares assinam papéis.



(Fig. 1) Manchete, 06 de junho de 1959 - n.372 – ano 7

A reportagem de Caio de Freitas, *O mundo de Benedito*, de 06 de junho de 1959, é centrada na figura do ex-governador e naquele momento senador da

República. O texto percorre sua vida política e o liga intimamente a Getúlio Vargas, como podemos notar nas duas páginas centrais da reportagem. A fotografia em que JK, jovem prefeito, aparece, deve ser de arquivo, mas não há como afirmar, pois não há os créditos do fotógrafo e nem a data. O texto da reportagem nas duas páginas não faz nenhuma menção a Juscelino. No entanto, ao comentar, a legenda estabelece a continuidade de atitude entre o prefeito e o presidente: *Juscelino, prefeito de Belo Horizonte, depois de inventar a Pampulha e sua discutida igreja, senta mesmo no chão. Era o homem informal de Brasília.* A imagem aqui nos ajuda a perceber o lugar político de JK ainda no início de sua carreira política.

3.3 – A Campanha Presidencial

A campanha presidencial de Kubitschek, estudada por seu secretário entre 1972 e 1976, o norte-americano Edward Anthony Riedinger (1988), coloca-o como um desconhecido fora de Minas Gerais ainda no ano de 1955, frente a outras figuras mais antigas no cenário político nacional como Ademar de Barros, Juarez Távora e até mesmo Plínio Salgado. Diante desse desconhecimento da figura política houve a necessidade de um grande investimento em dinheiro, de idéias e de energia para que a população brasileira conhecesse Juscelino.

Idéias e energia não faltavam a JK, mas era preciso criar e mobilizar gente e dinheiro para que a campanha pudesse percorrer todo o país. A equipe segundo Moraes (1995, p.163 apud SIMÕES 2000, p.77) era

(...) chefiada por Cristiano Martins, secretário particular do governador e chefe do setor de redação do Palácio da Liberdade. Dela faziam parte: José Moraes; os fotógrafos Fernando Ricardo, Antonio Freitas e João Mascarenhas; o “cinematografista” Nelson Machado; o locutor Almeida Nobre; os jornalistas Hélio Fernandes, Francisco Barbosa de Souza, Orlando Iperoig de Carvalho, Sérvulo de Carvalho, Clemente Luz, Canô Simões Coelho, Dalwan Macedo Fernandes; e os “generais da publicidade” Pompeu de Souza no *Diário*

Carioca, Álvaro Lins no *Correio da Manhã*, Marcelo Pimentel e Doutel de Andrade nos *Diários Associados*.

A imprensa mineira cooptada entrou na campanha ao seu lado. Claro que havia os jornais opositores, no entanto, de maneira geral foi fundamental criar boas relações com os meios de comunicação assim como com artistas e intelectuais, o que não foi difícil para JK que gostava de música, de dançar e, mais importante, sempre teve intelectuais em seu círculo de amizades tanto pessoal quanto político. O financiamento da campanha ligava-se à utilização dos diversos meios de comunicação

Uma vez recebidos, os fundos da campanha eram distribuídos através de uma hierarquia de funções. Destas, a mais importante era a publicidade, que se dividia em vários níveis. O principal veículo era o comício, especialmente eficaz no interior, onde a precariedade dos meios de comunicação, a virtual ausência de divertimentos e o analfabetismo tornavam atraente uma reunião em praça pública para ouvir um candidato – o qual, de outra forma, não teria meios de promover-se.

Além dos comícios, havia os jornais. A maior despesa da campanha de Kubitschek neste particular foi com os Diários Associados. Os pagamentos feitos a jornais incluíam não apenas serviços de publicidade, mas também reportagens e editoriais. A campanha de Kubitschek pagou vários milhões de cruzeiros à cadeia de jornais de Chateaubriand.

O rádio e a televisão também foram utilizados. (...) Kubitschek apareceu quase 100 vezes na TV; mas, nesse estágio de sua carreira, não usou com grande efeito o novo meio de comunicação. (RIEDINGER, 1988, p.247-248)

Os gastos da campanha giraram em torno de 50 milhões de cruzeiros, ainda segundo Riedinger (1988, p.249), sem conseguir ser exato. O que importa aqui é a necessidade imperiosa de usar a imprensa, mais especificamente, os jornais, para que sua campanha realmente fosse vitoriosa e ele conseguisse se firmar perante o eleitorado e saísse do desconhecimento. Obviamente que não descartamos, assim como Riedinger, os conchavos políticos que eram garantidos com dinheiro, “(...) havia as despesas feitas por chefes políticos locais, os quais

pagavam a alimentação e o transporte com que atraíam os eleitores aos locais de votação e, muitas vezes, lhes compravam o próprio voto” (idem, p.248).

No entanto, a imprensa já exercia uma força muito grande enquanto máquina eleitoral, pelo menos nos grandes centros urbanos. Fundamentaremos um pouco mais esse ponto, pois que, de maneira geral, a afirmação mais aceita se centra na grande oposição da imprensa da época, tanto na candidatura de JK quanto durante sua campanha à presidência.

Para Sheldon Maran (in GOMES, 1991) havia “a oposição dos principais meios de comunicação do país” em relação a Juscelino candidato, e essa oposição foi transposta durante seu governo através “de seu charme pessoal, do impacto de seu programa e da utilização judiciosa de favores pessoais para conquistar os proprietários de boa parte dos meios de comunicação” (idem, p.116).

Segundo Rosilene Dias Montenegro (2001), a imprensa estava nas mãos da oposição, e destaca a disposição de **Manchete** em apoiá-lo, desde sua criação em 1952. Cita também o *Correio da Manhã*, a *Rádio Inconfidência* de Minas Gerais e a rádio carioca *Mayrink Veiga*.

Se no final de seu mandato enquanto governador a imprensa mineira enfileirara-se ao seu lado, outros jornais importantes fora de Minas Gerais também se posicionaram a seu favor.

A *Última Hora* apoiava JK desde sempre, não apenas porque o entendia como herdeiro de Getúlio Vargas, mas tinha recebido “generoso” apoio financeiro antes mesmo do início da campanha oficial em 1955 (WAINER, 1988, p.217), durante o governo estadual de Juscelino. Esse apoio foi fundamental para que a empresa jornalística continuasse a existir e se expandisse para o resto do país, a tal ponto que, no início dos anos 1960, a *Última Hora* estabelecia-se em sete cidades: “Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Niterói, Belo Horizonte e Recife” (idem, p.231).

As relações pessoais entre Samuel Wainer e Juscelino Kubitschek não beiraram a “lealdade” que o primeiro tinha por Getúlio Vargas; o jornalista era

sensível às diferenças de estilos entre os dois presidentes, mas estabeleceu um relacionamento bastante próximo a Juscelino apoiando-o tanto na campanha quanto durante todo o seu governo.

Minha aliança com JK manteve-se ao longo de seu governo. A *Última Hora* foi, por exemplo, o único jornal a apoiar sem restrições a criação de Brasília. Instalamos a sucursal em Brasília quando a cidade nem sequer fora inaugurada, e o jornal sempre defendeu a tese que JK pensara no futuro. (ibidem, p.215)

A revista **Manchete** de Adolpho Bloch foi outro importante meio a apoiar JK. O apoio nesse caso foi incondicional na campanha e durante a presidência.

No início da década de 1950, a família Bloch possuía uma gráfica para impressão de panfletos e embalagens. E já em 1952, percebendo a possibilidade de inserir-se no mercado editorial brasileiro que estava em expansão, lançou em 26 de abril de 1952 a revista **Manchete**.

Adolpho e Oscar Bloch, os irmãos que se ocuparam da revista souberam, com perspicácia, detectar o buraco que existia entre os periódicos voltados para a informação e o entretenimento.

Manchete entrava no mercado como única concorrente de **O Cruzeiro** e tentava competir de igual para igual tanto na constituição de seu quadro de profissionais, com a contratação de fotógrafos e jornalistas, quanto na concepção e o uso da fotografia¹².

A revista apresenta-se moderna, para acompanhar a velocidade das mudanças que o Brasil estava enfrentando. Ela procurava não apenas ressaltar a face moderna do país, mas inseri-lo no mundo moderno.

O governo de Juscelino Kubitschek pareceu cair como uma luva aos propósitos da revista que foi amistosa aos seus empreendimentos durante todo o período em que governou como presidente. A amizade e a simpatia mostraram-se

¹² Silva, Adriana Hassin. Op.cit. faz uma listagem desses profissionais.

nas reportagens de **Manchete**¹³, mais positivas à figura do presidente do que a imprensa de uma forma geral e mais especificamente do que **O Cruzeiro**.

Essa aproximação foi compreendida por Pedro Augusto Gomes Santos (2002) através de um viés ideológico, ou seja, **Manchete** seria um aparelho ideológico atrelado ao Estado nacional-desenvolvimentista que daria suporte a este no sentido de cooptar a população para os seus fins.

No entanto, a preocupação da revista estava muito mais em dominar o mercado editorial, antes inclusive de JK ser candidato a presidente. Não podemos, entretanto, deixar de concordar que **Manchete** serviu aos propósitos de Juscelino e à conformação de sua imagem pública. Ainda em 1952, segundo Montenegro (2001, p.217), “a revista **Manchete** publicou três reportagens sobre as probabilidades do jogo político das indicações dos candidatos à presidência da República. Nessas três reportagens Juscelino foi apontado como provável candidato à sucessão”¹⁴.

Os artigos foram *A luta secreta pela sucessão*, de 23/08/1952, *A marcha para o Catete*, de 20/09/1952 e *Com os olhos no futuro*, de 27/09/1952. Para Montenegro, Juscelino Kubitschek, no início de seu mandato como governador, já aspirava à presidência e dava início à sua campanha “pelas bases, pelos bastidores, mas bem discretamente” (idem). Podemos entender que o caminho em direção ao Catete merecia um esforço maior do que aquele empreendido para governador cujo consenso eleitoral foi grande. Para atingir todos os brasileiros, as estratégias deveriam ser outras, ou melhor, ampliadas.

A revista **O Cruzeiro** e a empresa à qual pertencia, os Diários Associados, de propriedade de Assis Chateaubriand, também apoiaram JK em sua campanha à presidência. O apoio se deveu aos favores que Juscelino lhe

¹³ Tal simpatia não era apenas uma relação profissional, mas Adolpho Bloch e Juscelino Kubitschek desenvolveram um estreito laço de amizade. A Bloch Editores publicou os volumes da autobiografia de JK e o amparou em momentos difíceis da vida, principalmente nos anos 1970, quando JK foi perseguido e vigiado pelos militares.

¹⁴ Edson Luiz Nars (1996) também coloca em sua dissertação de mestrado esse empreendimento de **Manchete** na figura de JK como virtual candidato à presidência.

concedeu quanto às suas pretensões de se eleger, mais uma vez, senador. Por sua vez Chateaubriand ameaçou: “ou o PSD arranjava uma vaga de senador para ele ou os Diários Associados não assumiriam qualquer compromisso com a candidatura do partido à Presidência da República” (MORAIS, 1994, p.564). Mas não ficou nisso, as possibilidades de um golpe em novembro de 1955, após as eleições, fez com que Chateaubriand reforçasse o apoio ao candidato eleito e ameaçado de não tomar posse. Em troca, pediu sua nomeação à embaixada brasileira na Inglaterra. Diante das circunstâncias delicadas, Juscelino não podia recusar qualquer apoio, fosse qual fosse o custo.

A empresa Diários Associados possuía jornais em quase todos os estados, assim como estações de rádio, a revista **O Cruzeiro** de circulação nacional, e a TV Tupi, primeiro canal de televisão do Brasil. Ainda como jornais influentes ao lado da campanha de JK estavam o *Correio da Manhã* e o *Diário Carioca*, ambos do Rio de Janeiro (BOJUNGA, C., 2001, p.274).

Na biografia de Chateaubriand encontramos uma passagem que nos dá uma dimensão aproximada de quanto os favores pessoais se misturam à política e aos negócios quando pensamos nas relações entre a política e a imprensa:

Para os Diários Associados, apoiar um candidato significava ampliar a força política da organização, caso ele fosse eleito, mas era também a garantia de uma considerável fonte de renda. O “apoio” se traduzia pela publicação de anúncios pagos pelo candidato (e os veículos não recusavam publicidade de ninguém, nem mesmo dos adversários) mais a garantia da cobertura jornalística da campanha – pela qual o candidato também tinha de pagar. Ou seja: além de uma opção política, o que se fazia era também um bom negócio (anos depois Chateaubriand revelaria que Kubitschek terminou sua campanha eleitoral com uma dívida de 100 milhões de cruzeiros com os Associados – 1,3 milhão de dólares da época, 6,6 milhões de dólares de 1994 – entre publicidade e “cobertura jornalística e editorial”). (MORAIS, 1994, p.573)

Fernando Moraes classifica o apoio de Chateaubriand de “*sui generis*”, pois ao mesmo tempo em que apoiava JK para presidente, desqualificava a meta-síntese, a mudança da capital do Rio de Janeiro para o planalto central:

Já que está mesmo decidido a tirar a capital do Rio de Janeiro, o candidato Juscelino Kubitschek podia mudá-la para a Baixada Fluminense. Aquilo é muito melhor, muito mais cosmopolita e civilizado que o sertão goiano. (idem) ironizava Chateaubriand.

Se **Manchete** era considerada o veículo de comunicação de massa com posição mais aberta e francamente a favor de Juscelino, outros veículos, como vimos, também foram favoráveis à sua candidatura. Podemos pensar que em termos quantitativos uma parte considerável da imprensa influente da época não fazia oposição ao candidato do PSD-PTB, e aqui nem levamos em consideração a influência de João Goulart. É interessante relativizar o apoio e a oposição que os meios de comunicação faziam à candidatura PSD/PTB. A UDN tinha em Carlos Lacerda e seu jornal, a Tribuna da Imprensa, a tradicional oposição agressiva desde Getúlio Vargas.

A campanha, que se inicia em outubro de 1954 e termina em outubro de 1955, é mergulhada em conflitos e tensões tanto em relação à imprensa como nos meios políticos. Jornais, rádio e televisão nos aparecem como palcos em que os enfrentamentos políticos se realizam, lugares de vozes, imagens e escritas em confronto.

A aliança PSD/PTB recebeu o apoio do Partido Comunista, mesmo na ilegalidade, segundo Maria Victoria Benevides (1976), os líderes poderiam participar de comícios e reuniões. A autora ainda chama a atenção para a “florescente” imprensa comunista com “sessenta e sete jornais, revistas e semanários sindicais considerados “sob controle dos comunistas”, especialmente *Voz Operária e Imprensa Popular* no Rio de Janeiro, então Distrito Federal” (idem, p.98). A aliança principal foi “*indispensável*”: o PTB garantia o apoio da massa urbana, principalmente o operariado, através dos sindicatos, e do apoio do PC

como já dissemos. Do outro lado estava o PSD com os coronéis que queriam manter o poder, o estatuto social e o eleitorado do campo.

Dessa maneira, reiteramos a idéia de relativizar a oposição da imprensa em relação ao candidato JK. Devemos considerar que a televisão era um meio de comunicação incipiente; para a maioria da população, o rádio consistia no mais importante meio de comunicação e de diversão que tinha não só em casa, mas também no trabalho.

Os intelectuais do ISEB também estavam ao lado de JK em sua campanha. Roland Corbisier escreveu em jornais e falou no rádio em defesa da candidatura. Havia, portanto, um grande esforço para que Juscelino fosse eleito assim como uma força contrária. No embate, a vitória foi bastante apertada, mas legítima. JK foi eleito com 36% dos votos, depois vieram Juarez Távora com 30%, Ademar de Barros, 26% e Plínio Salgado, 8% (BENEVIDES, 1976, p.96).

Inconformada, a oposição continuou a bater; na Tribuna da Imprensa Carlos Lacerda conclamava os militares à ação, pois JK e Jango levariam o “país, em pouco tempo, [a] uma ditadura e, como inevitável consequência, a uma guerra civil (...) (LACERDA, 1955 apud WILLIAM, 2006, p.108). O ataque considerado mais agressivo de Lacerda é o artigo “Não podem tomar posse”, publicado em 09 de novembro de 1955, em que exigia que os candidatos eleitos não tomassem posse.

Entre os militares, o General Lott, então Ministro da Guerra, tentava a todo custo contornar as oposições internas. Diante da efetivação do golpe, Lott destituiu Café Filho, e Nereu Ramos, presidente da Câmara dos Deputados assumiu o executivo até 31 de janeiro de 1956 quando JK e Jango foram empossados como presidente e vice-presidente da República.

A toda essa oposição política bastante agressiva que se expressava principalmente através de jornais de que maneira Kubitschek candidato respondeu? A ingenuidade não era característica de JK. Vimos que houve a constituição de um aparato de comunicação do candidato muito organizado e que primava em cobrir todo o país, seja ao vivo indo até as cidades mais longínquas,

seja falando ao eleitorado através do rádio, escrevendo em jornais que lhe eram favoráveis e fazendo programas de televisão. Para Montenegro, Juscelino procurava “evocar a imagem ideal de um chefe de Estado” (op.cit., p.286), daí a necessidade de acentuar as suas características: “a firmeza, a energia, a segurança e a serenidade” (idem).

Ainda segundo Montenegro, JK reagia, desqualificando

seus adversários através da desconstrução das propostas deles, que eram também muito gerais e nada populares, uma vez que o discurso era o da austeridade como meio de solução dos problemas mais graves. A desqualificação do adversário era feita de tal maneira a edificar a sua imagem e, sobretudo, a mobilização do imaginário coletivo. (ibidem, p.287)

Esse tipo de reação procurava também convencer o eleitorado de seu caráter democrático, afinal o confronto se dava no campo verbal, na discussão, no debate, e apesar de toda força no sentido contrário, Juscelino permanecia firme e seguro, acreditando nos princípios democráticos que o elegeriam e o elegeram.

Na presidência, Juscelino Kubitschek continuou com a mesma estratégia, cercando-se de intelectuais num âmbito menos regional, agora nacional, se bem que levou sua “entourage” mineira para o Rio de Janeiro. Autran Dourado, que foi seu secretário de imprensa durante o período presidencial era, num primeiro momento, o oficial de gabinete que atendia aos jornalistas, depois, segundo suas memórias (2000), pediu para que o presidente o designasse como secretário de imprensa; Danton Jobim e Murilo Melo Filho também auxiliaram Juscelino nas relações com a imprensa. Não existia uma secretaria independente responsável por tais relações, o oficial de gabinete ou o secretário de imprensa de então respondia diretamente ao presidente da República.

O Instituto Superior de Estudos Brasileiros, ISEB, criado em 1955, a partir do Grupo de Itatiaia, como já apontamos, participante da campanha presidencial na figura de Roland Corbisier, foi intensamente ativo durante o governo federal; podemos defini-lo como

(...) um núcleo de intelectuais dispondo de um estatuto oficial e convidados pelo próprio poder senão para intervir

diretamente na gestão da política econômica, pelo menos para participar da construção da nova legitimidade, colocando-se a serviço da criação da síntese nacional-desenvolvimentista. (PÉCAUT, 1990, p.110)

Roberto Campos, membro do grupo, por exemplo, foi presidente do BNDE. A constituição do grupo foi entendida por Pécaut como heterogênea na medida em que havia intelectuais de diferentes vertentes ideológicas e na diferença, ao debaterem a partir de suas divergências, atuou “(...) sobre o poder, ou melhor, inserido no poder; (...)” (idem, p.113) sob o nacional-desenvolvimentismo.

A referência a esse grupo de intelectuais é importante para salientarmos as diferentes relações que o poder, sob JK, estabeleceu com a intelectualidade em seus diversos setores e como tais relações também implicaram a constituição de sua imagem pública. Médico de formação, escolheu Paris para seu estágio em medicina; não escondia seus gostos pela música popular, pela dança, pela literatura. Publicou durante a presidência seus discursos e *Mensagem do presidente* pela Livraria José Olympio Editora.

*

Como já dissemos, JK não contava com um departamento que cuidasse de sua imagem de maneira específica. O DIP foi extinto logo após o fim do Estado Novo, mas de alguma maneira o Estado controlava as informações oficiais, não havia mais o caráter de censura estatal. No entanto, a produção de cinejornais oficiais existirá durante o período 1956-1961, e o órgão responsável por essa produção era a então Agência Nacional.

Segundo Renata Vellozo Gomes (2007), que estudou uma série de cinejornais dos anos 1950 realizados pela Agência Nacional, esse órgão substituiu o Departamento de Imprensa e Propaganda, em 1946. No curto período de 1945-1946 ele existia como Departamento Nacional de Informações, subordinado ao

Ministério da Justiça. O DIP foi subordinado à Presidência da República¹⁵. O DNI tinha atribuições próximas às de seu antecessor:

(...) fazer a censura cinematográfica, estimular a produção de filmes nacionais, conceder prêmios e, (...)com base na autorização do decreto-lei de 1942, que delegava ao diretor-geral do DIP a competência para aumentar a exibição compulsória, o DNI promulgou a portaria 131/45, aumentando para três o número de filmes nacionais de longa-metragem exigidos por ano. (SIMIS, A., 1996, p.135)

A Agência Nacional tinha “(...) funções de natureza meramente informativas. Cabia-lhe outras atribuições à captação, elaboração e distribuição de matérias, visando a divulgação dos atos emanados da autoridade governamental (...)” (ARQUIVO NACIONAL, 1983, p.55 apud GOMES, R.V., 2007, p.50).

Subordinada ao Ministério da Justiça no governo JK, a Agência Nacional distribuía matérias oficiais à imprensa, assim como realizava imagens fotográficas e cinematográficas segundo os interesses e atos da “administração federal” (GOMES, R.V., idem, p.49).

A elaboração desse percurso, do DIP à Agência Nacional, é importante para entendermos como de fato a propaganda oficial tomou outros caminhos durante o governo de JK. A escassa documentação, segundo Gomes, a levou a traçar um histórico baseado em entrevistas e nos levantamentos realizados pelo Arquivo Nacional, onde está depositado o acervo dos cinejornais e outros poucos documentos sobre o órgão¹⁶. Apesar desses cinejornais não serem objeto de nossa análise¹⁷, entendemos que é importante colocarmos o papel da Agência Nacional, mesmo que de maneira sucinta, na medida em que mostra uma das faces das relações do poder com os meios de comunicação.

¹⁵ Gomes (2007) faz um quadro no qual mostra os períodos, nomes e subordinações pela qual o Estado Brasileiro concebeu a propaganda oficial desde 1934 até 1988 (p.50).

¹⁶ A bibliografia especificamente sobre a Agência Nacional é praticamente inexistente, fora o trabalho aqui mencionado.

¹⁷ Faremos menção aos cinejornais que Gomes utilizou em seu trabalho e naqueles que JK aparece apenas como contraponto dos filmes que analisaremos. Isso se dá porque nosso volume de imagens está centrado nas revistas ilustradas.

Paradoxalmente, a bibliografia referente aos anos 1950, ou mais especificamente os anos 1956-1961, não cita a Agência Nacional; Juscelino Kubitschek em suas memórias também não faz referência ao órgão; Autran Dourado em nenhum momento comenta sobre as relações entre seu trabalho como secretário de imprensa e a Agência Nacional; nem Fernando Moraes ou Cláudio Bojunga a citam. Em relação às fontes primárias utilizadas nesse trabalho, a Agência Nacional aparece de forma muito residual em sua função de divulgadora de notícias e imagens oficiais a serem veiculadas nas revistas ilustradas.

Esse silêncio é significativo. A ausência de documentação é um obstáculo a ser transposto. Podemos tecer algumas hipóteses já sugeridas: Juscelino Kubitschek enquanto presidente estabeleceu uma relação mais personalista com os meios de comunicação; a Agência Nacional não herdou o papel de censor desempenhado agressivamente pelo DIP, a censura ficaria sob responsabilidade do Serviço de Censura de Diversões Públicas – SCDP, subordinado ao Departamento Federal de Segurança Pública – DFSP (SIMIS, A. op.cit., p.136); na década de 1950, os meios de comunicação expandiram-se e influenciaram de tal maneira o cidadão comum que a relação estabelecida entre ele e o político não podia mais se restringir à notícia oficial, à imagem captada pelas câmeras oficiais. As empresas jornalísticas cresceram e estabeleceram relações com a opinião pública que saíram do âmbito oficial, se bem que esse ainda agia de maneira intensa, porém sem ser controlador.

A democracia vigente e a postura democrática de Juscelino Kubitschek contribuíram para que as atribuições de propaganda do Estado a partir dele mesmo tomassem outras feições, se comparadas ao Estado Novo. Esse movimento vinha num crescendo desde o final da Segunda Guerra Mundial, sendo que Getúlio Vargas, em seu segundo mandato, já lidava com ele.

A produção de chanchadas da época pode nos dar uma idéia mais abrangente sobre esse ponto. O “subtexto político” (AUGUSTO, 1989, p.134) do filme *Nem Sansão nem Dalila*, de 1954, satirizava a “condição subalterna do

cinema brasileiro (...) e também ao populismo, à demagogia, às alianças políticas espúrias e ao golpismo militar” (idem). Oscarito parodia Getúlio Vargas discursando para os “súditos de Gaza”, mantendo, segundo Sérgio Augusto, a mesma “relação perversa”:

Trabalhadores de Gaza! A situação nacional está uma pouca vergonha! As mamatas andam soltas por aí! E todos querem se defender! Por isso eu exijo nos camelos tacômetros!
(idem, p.158)

Juscelino Kubitschek também foi alvo das chanchadas: em *Metido a bacana* de 1957, aparece um sócio seu enquanto Linda Batista canta o samba *A nova capital*. Em *Garota Enxuta* de 1959 (ibidem, p.172), Ankito imita JK. Nem Brasília escapou, citada direta ou indiretamente ela está em *O homem do Sputnik* de 1959, *Tudo legal* de 1960, *Marido de mulher boa*, 1960, *Um candango na Belacap*, 1961.

O governo de Juscelino Kubitschek não censurou esses filmes tampouco entendeu que as fortes críticas dirigidas ao presidente escritas por David Nasser em **O Cruzeiro** deveriam ser censuradas. Para além da democracia e estabilidade política aparente, o controle de informações não parece ser uma característica do período, seja pela presença liberal de JK, seja por uma liberdade de imprensa que ainda precisa ser mais estudada, seja por uma glamourização talvez exacerbada do período que também deve ser relativizada, pois nos parece que da presidência de Dutra, passando por Getúlio presidente e o curto governo de Café Filho, há certa continuidade nas relações entre a imprensa e o governo.

3.4 – Saber ver, olhar e entender o universo político

O Cruzeiro tinha uma preocupação com a educação do olhar, assim como **Manchete**. Dessa maneira, a fotografia exercia um papel central nos dois periódicos; as fotorreportagens elevaram o trabalho do fotógrafo, o texto e a imagem tomaram dimensões equivalentes. O repórter não trabalhava sozinho, as

duplas de reportagens, fotógrafo e repórter, garantiam às fotorreportagens a transformação do fato em acontecimento inédito, novo, surpreendente.

Concentremo-nos um pouco nas características da fotorreportagem na medida em que ela é a forma predominante no jornalismo praticado pelas revistas ilustradas em todo o mundo. **O Cruzeiro** é a revista brasileira pioneira no uso dessa forma com sucesso que durou algumas décadas e modificou não apenas o jornalismo e a fotografia, mas influenciou na maneira de conhecer, através da imagem, o Brasil e o mundo.

A fotorreportagem é uma narrativa que resulta da conjugação de texto e imagem, ou seja, da conjugação de duas estruturas narrativas totalmente distintas e independentes, dentro de uma amarração própria realizada pela edição. (COSTA, H. 1992, p.83)

Essa definição faz repensar a idéia corrente de que as imagens nas revistas ilustradas são mais importantes que o texto. Helouise Costa ressalta que é a edição, ou ainda, o “trabalho invisível da edição” (idem) o responsável por tornar a fotografia mais forte, aparentemente, diante do texto. A relação que se estabelece entre a imagem e o texto na foto legendada não é simples, não basta dizer que a legenda manipula o entendimento da fotografia. Por certo, o texto orienta a leitura da imagem, mas essa relação torna-se mais complexa ao estudarmos atentamente o texto curto da legenda e o texto de fôlego maior do artigo ou da entrevista.

Se a partir de duas unidades narrativas, segundo Helouise Costa, há a fotorreportagem, é a “tensão básica entre elas que dará origem ao sentido final” (ibidem, p.101). É ao movimento do ir-e-vir do texto à imagem e vice-versa que nos referimos quando partimos da idéia de Barthes de o texto ser uma mensagem parasita em relação à imagem; mas é o movimento de leitura texto–imagem que proporciona os significados segundos.

Para Helouise Costa, há

(...) três movimentos. Inicialmente o olhar percorre a imagem, buscando uma inteligibilidade imediata; num segundo momento lê a legenda, a fim de completar sua percepção primeira; por fim retorna à imagem e conclui a interpretação da cena. (ibidem)

Tal movimento proporcionado pela edição das imagens é o das “seqüências fotográficas” (op.cit., p.83). A autora credita ao cinema uma influência a todo esse processo de construção e relação entre texto e imagem.

Qualquer assunto era alvo das lentes dos fotógrafos e da caneta dos repórteres: a vida exótica dos índios na Amazônia, os problemas urbanos, os rituais das religiões afro-brasileiras, os concursos de Miss Brasil e Miss Universo, os casamentos da aristocracia européia, a construção de Brasília, as viagens do presidente e dos governadores, a violência urbana, as atrizes de cinema. As páginas eram fartamente ilustradas com fotografias, mas a imagem aparecia sob outras formas: peças publicitárias – pois tanto **O Cruzeiro** quanto **Manchete** viviam da venda de espaço publicitário –, charges e caricaturas completavam a utilização da imagem nas duas revistas.

O universo da política em **O Cruzeiro** e **Manchete** não poderia existir sem imagens. Tanto quanto as fotorreportagens sobre as estrelas de cinema, fatos extraordinários ou os índios na Amazônia, os políticos apareciam para além dos artigos, comentários e críticas. A produção de imagens dos homens e mulheres que faziam a política partidária era parte do cotidiano da revista e o modo de sua produção nos revela como os meios de comunicação se apropriaram da relação entre o político e o povo. Ao mesmo tempo em que faz a imagem do político mais próxima ao homem comum, também a banaliza, provoca um considerável desgaste dessa imagem e produz a necessidade de sua freqüente renovação.

Qualquer ato ou acontecimento político adquire um caráter extraordinário, uma novidade; quando difundido pela imprensa, compõe um conjunto na forma de fotorreportagem. A difusão dessa imagem, então excepcional, torna-se cotidiana, uma presença constante na vida do cidadão. A

imagem do político que chega ao povo nem sempre tem como fonte imagens oficiais, isto é, captadas pelos fotógrafos das agências governamentais; elas podem ser tomadas no calor da hora, no desenrolar do acontecimento, sem o consentimento do político ou então ter na pose um dos princípios do fazer fotográfico dos fotógrafos de revistas e jornais.

Esse movimento permitido pelos meios de comunicação de massa incide sobre a relação entre o homem político e o homem do povo, uma relação mediada por uma série de elementos: a câmera fotográfica e o fotógrafo, as máquinas de escrever e o redator ou o repórter, as prensas, a multiplicação possível através da reprodução técnica.

Quais os espaços destinados aos políticos e à política nas revistas **Manchete** e **O Cruzeiro** entre 1956-1961, considerado um período democrático, glamouroso, otimista?

O Cruzeiro tinha uma sessão chamada **Política** que não era assinada, mas os textos das reportagens, comentários, críticas, opiniões e entrevistas eram divididos entre Carlos Castelo Branco e Benedito Coutinho¹⁸ (CARVALHO, L.M., 2001, p.327-328). As fotografias também não recebiam o nome dos fotógrafos nessa seção. A parte textual não se dedicava a um único assunto dentro do universo da política. Como podemos ver no exemplar abaixo, nas duas páginas, o que predomina são os rostos dos políticos, as legendas que seguem as fotografias apenas os identificam com um ou outro adjetivo. Na página da esquerda, a legenda da foto maior identifica os políticos ligados à UDN, que presidem as discussões de seu partido em relação à anistia e à reforma constitucional, objetos do texto; ali está M. Campos, entre o senador Rui Palmeira e o deputado P. Kelly. Nas fotografias menores, ainda nessa página, aparecem Vieira de Melo, líder do partido majoritário na Câmara, Amaral Peixoto, líder do PSD, Sérgio Magalhães, autor do projeto da anistia e futuro candidato à prefeitura do Distrito Federal. Os

políticos ganham então visibilidade na medida em que são citados no texto, mas nem todos: não há fotografia de Luis Carlos Prestes, um dos pilares da discussão sobre a anistia naquele momento.

Na página da direita, o assunto é outro, apesar de a charge que satiriza a luta entre a oposição e a situação ainda se referir à questão anterior. Os assuntos se dividem entre o problema orçamentário para o ano de 1957 e o aumento de impostos. A fotografia de Juscelino Kubitschek tem como legenda: *Juscelino: problema econômico.* A relação com o artigo ***Impostos em vez de emissão*** aponta para os esforços de JK para resolver os problemas financeiros e ao mesmo tempo colocar em marcha seus propósitos de desenvolvimento, afinal já se passara mais de um ano que estava no poder.



(Fig. 2) O Cruzeiro, 02 de junho de 1956 – n.33 – ano XXVIII

Em confiança, uma seção que aparecia quase sempre junto à de **Política**, as notícias curtas abordam a movimentação dos partidos, o entra-e-sai de políticos, as discussões internas, a troca de ministros, as fofocas nos vários âmbitos da política nacional. Quase sempre ilustrada e seguindo o layout da seção como um todo, nos mostra os rostos dos políticos. Na edição acima, na página da

direita, aparecem os rostos de Afonso Arinos, na foto menor, e nas fotos maiores na parte inferior da caixa de texto, à esquerda, Armando Falcão e, à direita, Barbosa Lima Sobrinho. Os pequenos textos, tópicos sobre os políticos que estão retratados, contemplam políticos que não aparecem ali, como João Goulart e Gustavo Capanema, dentre outros. Fotografia e texto não apareciam lado a lado, apenas a legenda identificadora tinha essa função; seguindo o exemplar que estudamos, enquanto a fotografia de Afonso Arinos aparece pequena, à direita e no alto da caixa do texto, o texto que a ele se refere é o penúltimo. Nele lemos:

O Sr. Afonso Arinos trouxe da Europa um quadro de Rugendas, o original do retrato de Dom Pedro I. O retrato custou-lhe em nossa moeda 15.000 cruzeiros e foi adquirido num antiquário da Itália.



(Fig. 3) O Cruzeiro, 02 de novembro de 1957 – n.03 – ano XXX

No exemplar que vemos acima, notamos uma outra configuração para a seção **Política**; aqui, as fotografias maiores, todas da mesma dimensão, privilegiam os encontros entre políticos aos pequenos retratos, quase que no formato 3x4, como nas Figuras 3, 4 e 5.

No número abaixo, em **Em confiança** não há fotografias, o que era bastante comum. Observamos aqui que não há um critério claro para que nessa

coluna o texto seja acompanhado por fotografias. Diferente de **Política**, invariavelmente ilustrada, nesse número predomina a fotografia recortada 3x4, apresentando o rosto dos políticos.



(Fig. 4) O Cruzeiro, 14 de fevereiro de 1959, n.18 – ano XXXI

Os números de **O Cruzeiro** que mostraremos a seguir têm como assunto principal a sucessão presidencial centrada na indicação do Marechal Lott como candidato governista e toda a movimentação que provoca no meio político. A imagem de Lott não era muito explorada pelos meios de comunicação. Quase sempre sisudo, opunha-se à desenvoltura e alegria de Juscelino Kubitschek; a sua seriedade ainda lembrava o papel fundamental que exercia nas relações entre o governo e as forças armadas desde antes da posse de JK.



(Fig. 5) O Cruzeiro, 18 de julho de 1959 – n.40 – ano XXXI



(Fig. 6) O Cruzeiro, 04 de junho de 1960 – n.34 – ano XXXI

O universo da política partidária tinha um espaço textual e imagético garantido e exclusivo em **O Cruzeiro**. Ocupava de duas a quatro páginas a cada exemplar e aparecia com a riqueza de assuntos e imagens própria da política e dos políticos. A diagramação das páginas de **Política**, como vimos nos exemplares estudados, não seguia uma padronização, ou seja, os espaços ocupados por textos, fotografias, charges, caricaturas e legendas variavam entre os exemplares; a fotografia que ocupa a página inteira ou “foto sangrada” (COSTA, H., 1992, p.81) não era utilizada nessa seção.

O político e a política também eram objeto de fotorreportagens que não mantinham relações internas com as seções **Política** e **Em confiança**. Essas fotorreportagens apareciam com maior destaque, pois saíam do mundo cotidiano da política, procuravam tratá-la de maneira privilegiada ou, então, no caso de entrevistas, promoviam o político em questão. Podemos pensar que havia duas abordagens para o universo da política: a do cotidiano e a do acontecimento excepcional. Dentre esses acontecimentos podemos relacionar aqueles que se constituem em rituais do poder, ou seja, o receber chefes de Estado, como por exemplo, a visita ao Brasil do Secretário de Estado norte-americano Foster Dulles, em agosto de 1958, ou a viagem de JK pelos Estados Unidos e Europa, em janeiro de 1956, antes de sua posse como presidente.

*



(Fig. 7)

Na revista **Manchete**, no período em que estudamos, o espaço privilegiado para a política e os políticos é o da fotorreportagem. O tema da política era tão importante quanto os outros temas que a revista publicava. Muitas vezes as personagens políticas eram assunto de capa, como a da edição de 07 de fevereiro de 1959 – Figura 7.

Com texto de Murilo Melo Filho e foto de capa de Gervásio Batista, a fotorreportagem dedica-se a um balanço do governo JK e de suas metas. A imagem de

Juscelino está apenas na capa, no interior da revista as imagens referem-se às obras realizadas ou em desenvolvimento, o presidente está representado por suas obras.

O mesmo exemplar apresenta outra fotorreportagem, com texto de Daniel Linguanotto e fotos de Geraldo Mori, que aborda a mudança de Jânio Quadros e sua família do palácio em que morou enquanto governador de São Paulo e sua volta à casa simples de um bairro paulistano. O fotógrafo apresenta o político em sua esfera pública. Dentro do palácio ele era um político, um homem público, mas com o fim do mandato, o político volta a ser um homem comum ao retornar à sua antiga residência. Ali está a esfera da vida privada de Jânio Quadros. Ele é quem faz as malas da família ainda no palácio, e não parece desolado em deixá-lo para seu sucessor.



(Fig. 8) Manchete, 07 de fevereiro de 1959 – n.355 – ano 7

As fotos sangradas iniciam a fotorreportagem em uma seqüência: na página da esquerda, numa tomada de baixo para cima, Jânio lê alguns papéis que estão na mão direita, em primeiro plano a parte de trás de um sofá, ele parece conferir algo; a legenda está à direita da página em fundo negro. Na página da direita, Jânio caminha com as malas nas mãos, atravessando uma sala em direção ao fotógrafo, a manchete está na parte inferior da página, e o texto/artigo inicia na parte superior dessa página, continuando nas páginas que seguem.

Outras fotorreportagens de **Manchete** seguem mostrando o universo da política não apenas em seus personagens principais, mas também em seus acontecimentos políticos inscritos nas disputas partidárias e nas sutilezas do jogo político.

No número 241 de 01 de dezembro de 1956 – Figura 9 –, com texto de Pedro Gomes, que sempre assinava as reportagens sobre política, vemos os principais personagens da crise de unidade na maioria parlamentar que apoiava o governo de JK. Vieira de Melo, do PTB, é quem dá a entrevista assim como outros líderes fazem comentários sobre os problemas enfrentados pelos representantes do governo no Congresso.



(Fig. 9) Manchete, 01 de dezembro de 1956 – n.241.

A representação do político em **Manchete** está em outras seções, além das fotorreportagens: **O mundo em Manchete**, uma seção ilustrada com os mais variados assuntos sobre o que acontecia em diversos países, dentre eles acontecimentos políticos, sempre apresenta fotografias de homens públicos – reis, rainhas, primeiros-ministros, presidentes – nas mais diversas situações: viagens, inaugurações, festas, casamentos, encontros políticos, enfim, a política e seus

rituais; as fotografias e as legendas dão, muitas vezes, um tom de excentricidade à situação representada. A idéia é a do flagrante, esse momento no qual o fotógrafo congela a ação.

O Brasil em Manchete era outra seção que invariavelmente apresentava políticos. O texto curto, quase uma legenda, comentava a ação que ali se passava, os assuntos abordados localizavam-se no Brasil. No exemplar abaixo, da esquerda para a direita, os assuntos são: *Aurora Miranda reaparece*, *O disco de ouro aos melhores* (no caso os melhores cantores e cantoras do rádio), *Feijoada Bi-Centenária* (feijoada oferecida pelo humorista Leon Eliachar aos amigos), *Assoalho à prova d'água* (sobre o péssimo estado do telhado da Faculdade Nacional de Medicina), *Greve nas Barcas* (sobre a greve de trabalhadores das barcas do Rio e a ação da Marinha para garantir o transporte), *Augusto Rodrigues expõe* (sobre a exposição de desenhos desse artista), *Sílvio Caldas: 4 meses no Rio* (a volta do cantor ao Rio de Janeiro), *Inaugurado o Clube Comercial* (inauguração prestigiada por JK do Clube criado pela Associação Comercial do Rio de Janeiro).



(Fig. 10) Manchete, 21 de abril de 1956 – n.209

O tamanho da fotografia varia nessa seção, não percebemos uma hierarquia de assuntos associada à dimensão da fotografia. De uma maneira geral a seção funcionava como coluna social, de curiosidades, fatos inusitados. Os políticos, tal como JK nesse exemplar, apresentam-se nessa seção em encontros sociais ou momentos de descontração.

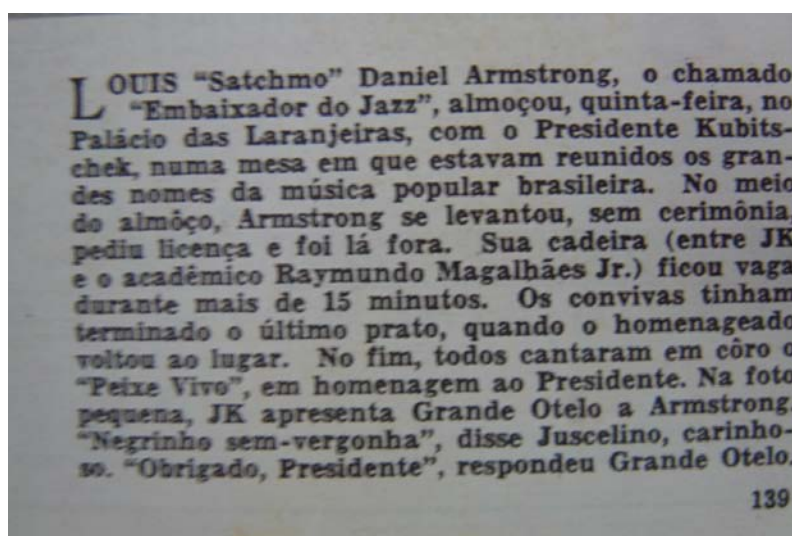
Até final de 1956, **Manchete** tinha uma seção mais exclusiva para a discussão da política, chamada **Política**, escrita por Pedro Andrade Gomes. A seção também era ilustrada, nos moldes da seção de mesmo nome de **O Cruzeiro**. No entanto, ela parece ter sido suprimida; aparentemente em seu lugar, com menos espaço e sem fotografias iniciou-se a seção **Ponto de Escuta** criada por Murilo Melo Filho, com notícias curtas centradas na figura dos políticos. A discussão de maior fôlego ficou mesmo com as fotorreportagens e as entrevistas, em sua maioria escritas por esse mesmo repórter. Encontraremos fotografias de políticos também na coluna social de Ibrahim Sued voltada exclusivamente para eventos sociais.

Veremos que na revista **O Cruzeiro** uma abordagem semelhante à de **O Brasil em Manchete** será encontrada em **Um fato em foco**. A semelhança, no entanto, fica apenas no quesito inusitado, o tratamento fotográfico e textual é bem diferente.



(Fig. 11) O Cruzeiro, 14 de dezembro de 1957 – n.09 – Ano XXX

Com fotos de Luís Edgard de Andrade, nesse exemplar, **Um fato em foco** aborda o almoço oferecido por Juscelino a Louis Armstrong, em visita ao Brasil. A seqüência procura provocar o leitor a ter um entendimento imediato num certo sentido – na Figura 11, na foto superior, Louis Armstrong e Raymundo Magalhães Jr. observam a conversa entre JK e o homem sentado ao seu lado; na foto logo abaixo, a cadeira de Armstrong está vazia e JK ainda conversa, mas não conseguimos ver com quem – surge, então, uma interrogação: por que Armstrong deixou a mesa de almoço? O pequeno texto, na parte inferior, à direita, nos revela o que afinal de contas se passou – Figura 12 –, a interpretação se completa ao mesmo tempo em que chama a atenção para a pequena foto do lado esquerdo inferior da página, porém a interrogação permanece sem resposta.



(Fig. 12) O Cruzeiro, 14 de dezembro de 1957 – n.09 – Ano XXX

Os movimentos de leitura, como já abordamos, são fundamentais, pois a fotografia ou a seqüência fotográfica é sempre provocadora. Não havia um fotógrafo fixo para essa seção e os assuntos abordados por ela variavam muito, o sentido é que norteava a sua existência: o inusitado, o engraçado, o inesperado dado na relação texto–imagem.

A imagem pública do político num momento que ficou conhecido como o de grande desenvolvimento econômico, em que tudo parecia caminhar em direção a um futuro brilhante e promissor não é transitória, ou está em adaptação a novos elementos que a constituem. O político, como homem público, tem clareza que deve constituir sua imagem pública para chegar mais perto do povo e dos meios que deve utilizar para tal.

Essa imagem pública não está mais limitada a ligar-se aos postos oficiais de difusão e produção de imagens e informações. O político sabe que, ao ser eleito, tomar posse de seu cargo, trilhar um caminho na esfera pública terá no seu encaixe as lentes dos fotógrafos e as páginas de revistas e jornais.

Por outro lado, as revistas ilustradas tinham um propósito educacional, como salientamos no início deste item: a educação do olhar que, no período estudado, já estava estabelecido tanto por **O Cruzeiro** como por **Manchete**. Sustentamo-nos aqui no trabalho de Helouise Costa sobre **O Cruzeiro** e a figura do indígena veiculada pela revista. Para a autora,

(...) a proposta de educação visual do público constituía-se num verdadeiro projeto, dada a consciência da manipulação das imagens, que os repórteres demonstravam, chegando mesmo a explicitá-la com grande ironia.(...)

É no jogo de uma dupla identidade que a fotografia de imprensa encontra a sua autonomia. Por um lado respalda-se no seu estatuto tradicional do real. Ao mesmo tempo investe no seu recém-adquirido poder de construção da realidade. (COSTA, H. op.cit., p.175)

A idéia da educação visual passa então pelo olhar do fotógrafo, pelas mãos do repórter e do editor. No período a que nos dedicamos, ainda havia as duplas de fotorreportagem, mas tanto fotógrafos como repórteres não tinham companheiros fixos, como a mais famosa dupla composta por Jean Manzon e David Nasser. Flávio Damm, fotógrafo que trabalhou em **O Cruzeiro** de 1949 a 1959, nos dá uma idéia das diferentes maneiras de se trabalhar na revista:

(...) Havia o repórter de política. Era o Castelo Branco. Então o Castelo Branco ia fazer uma entrevista, por exemplo, com um ministro, com o Oswaldo Aranha, ou seja, com alguma

personalidade.(...) Então ele chamava: olha, eu preciso de um fotógrafo que eu vou entrevistar, é, Lourival Fontes. Aí *O Cruzeiro*, quem é que está disponível. (...) Podia ser qualquer um. (...) Havia um fotógrafo que tinha mais sensibilidade pra fotografar balé, por exemplo. Tinha o Indalécio que fotografava Miss. Fotografava capa de revista. Eu em dez anos fiz duas capas de revista.¹⁹

O fotógrafo muitas vezes trabalhava sozinho na realização da reportagem, assim como também escrevia as legendas e os textos, segundo Flávio Damm, que passavam por um revisor. Notamos essa prática principalmente em seções como **Um fato em foco**; não havia uma padronização na escrita do texto e muitas vezes ele aparecia sem o nome do autor, apenas com o nome do fotógrafo ou vice-versa. O mesmo acontecia com as fotografias:

Geralmente o nome do fotógrafo vinha na abertura da matéria, depois do nome do autor do texto. O crédito podia ser individual ou coletivo, no caso de matérias realizadas por mais de um fotógrafo. Era usual também publicar o nome de toda a equipe, incluindo repórteres e fotógrafos, muitas vezes não especificando quem era quem. O crédito às vezes era dado à equipe fotográfica da revista como um todo, outras para um grupo de fotógrafos que participou de determinada cobertura, ou mesmo podia estar diluído na equipe da revista entre repórteres de texto e fotógrafos. Este tipo de identificação era muito usado em grandes coberturas e em matérias que utilizavam material de arquivos. (SILVA, S.L. da, 2004, p.27)

Percebemos também que era bastante comum o nome do autor do texto vir ao lado do nome do fotógrafo, mas isso acontecia apenas nas fotorreportagens e na identificação do fotógrafo da capa, no resto da revista as fotografias não recebiam a autoria. Em **O mundo em manchete** e **O Brasil em manchete**, a ausência de autoria era uma prática. Observamos que nessas seções as fotografias são muito recortadas e parecem recuperadas dos arquivos

¹⁹ Entrevista a Ana Mauad em 24/04/03 – Transcrita e depositada no Laboratório de História Oral e Imagem do Departamento de História – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense.

da revista. Havia ainda a compra de material fotográfico de agências internacionais como a *Associated Press* e a *Reuters*²⁰.

Outro ponto importante que consideramos na educação do olhar é o fazer do fotógrafo dedicado ao jornalismo e nos reportamos novamente ao testemunho de Flávio Damm, pois ele nos revela uma ruptura entre o fazer de Jean Manzon, que modifica o fotojornalismo no Brasil após a Segunda Guerra Mundial e os fotógrafos com trabalhos de maior visibilidade nos anos 1950:

Nunca houve alguém que fotografasse uma reportagem em que o Manzon estivesse fotografando. Ele trabalhava em apartamento fechado, em quarto de hotel. Não fotografava como nós, na rua. Perdeu o trono quando nós entramos – Zé Medeiros, eu, Eugênio, Ballot, Luciano. A gente fotografava de forma espontânea. O Manzon, numa reportagem de carnaval, ia para uma suíte do Copacabana Palace, enfeitava aquilo ali de serpentina, botava umas mulheres. Era uma mentalidade cinematográfica. Criava os cenários e fotografava. Iluminava muito bem, mas com luz preparada, criada por ele. Era o especialista da foto posada, e sempre trabalhava com um assistente. Não é um crime, não é uma falha, nem uma coisa negativa. É um mérito. Só que ele fazia daquele jeito.

Nós fazíamos a foto como ela era. O Manzon fazia como queria que ela fosse. A praia dele era essa – e perdeu espaço. Eugênio Silva era o melhor fotógrafo da época. Fotos com espontaneidade total. Zé Medeiros foi o primeiro a entrar em um candomblé na Bahia, com o olho e a câmera. Eu fiz a primeira cerimônia de autoflagelação dos pescadores do rio São Francisco. Fui pra lá em uma Sexta-Feira Santa, vi o sangue correndo e ganhei oito páginas numa boa, sem ninguém ter que posar.

Nós entramos com sangue novo, com uma nova visão e uma nova mentalidade. (...) (DAMM apud CARVALHO, L.M., 2001, p.249-250)²¹

Veremos, no decorrer do trabalho, que as fotografias posadas continuaram a existir como prática entre os fotógrafos, inclusive para Flávio Damm, nem por isso podemos deixar de concordar com seu testemunho. A

²⁰ Entrevista a Ana Mauad, idem.

²¹ No depoimento que dá a Ana Mauad, Flávio Damm repete, com outras palavras, essas mesmas idéias sobre Jean Manzon.

passagem de Jean Manzon²² por **O Cruzeiro** deixou muitas marcas: introduziu a câmera Rolleiflex com negativo 6x6, e o flash de mão, engrandeceu o trabalho do fotógrafo, tornando-o um profissional respeitado tanto dentro das redações quanto para o público em geral e com salário valorizado.

Os elementos que colocamos nesse item concorrem para que a imagem do político e da política estabeleça-se e passe a fazer parte do imaginário do homem comum; as relações para esse movimento não estão apenas entre o político e o povo, mas mediadas pelos meios de comunicação, que por sua vez também constroem relações internas para a produção imagética, e voltam-se para as relações externas com o político ou os políticos e o povo.

No item a seguir, iniciaremos o estudo sobre esse movimento na construção da imagem pública de Juscelino Kubitschek.

3.5 – Imagens de uma viagem proposital

Vimos acima que a campanha para presidente de Juscelino Kubitschek não transcorreu de uma maneira tranqüila, sem conflitos e tensões. Os meses que antecederam sua posse foram mais tumultuados ainda; assim, era imperioso para ele afastar-se de todo esse estado de tensão e luta política. O embate pela imprensa também foi desgastante e continuava sendo. A trégua parecia longe. A idéia de uma viagem pareceu fundamental:

Em face de todos esses fatos e atendendo a ponderações de amigos, resolvi permanecer em Belo Horizonte, a fim de evitar que, participando dos acontecimentos que tinham lugar na Capital Federal, pudesse me comprometer, sendo vítima de um desnecessário desgaste político. Às vésperas do Natal, porém, retornei ao Rio de Janeiro. Julgava que o melhor caminho a trilhar, naquele momento, seria o de fazer uma longa viagem pelo exterior. Enquanto os inconformados se digladiassem no Brasil, numa desprimorosa manifestação de provincianismo político, eu estava no exterior em contato com os chefes de Estado e com os líderes das grandes

²² Jean Manzon trabalhou em **O Cruzeiro** de 1943 a 1951 (COSTA, H., 1998, p.148).

nações realizando entendimentos sobre os recursos que pudessem ser facilitados para a execução do meu programa de metas. Haveria, além disso, outra vantagem ao realizar aquela excursão: os brasileiros só tomariam conhecimento do que ocorria comigo através da imprensa. Seria uma maneira de estar presente na memória do povo, não em ligação pessoal e direta, mas de uma maneira simbólica, por intermédio de uma imagem. (KUBITSCHKE, J., 1976, p.457)

A viagem foi assim uma habilidosa “jogada” político-propagandística procurando JK, num momento político delicado, o apoio internacional para fortalecer-se perante a população brasileira, que lhe dera 36% dos votos válidos, e a oposição nacional. Assim, era necessário enfrentar a maioria que não o elegera, mostrando através de imagens aquilo em que ele acreditava e iria realizar. Mostrar as possibilidades do país ao mundo era para JK um bom e fundamental início.

Se Juscelino, como colocamos acima, se propunha a relacionar-se com os brasileiros simbolicamente através da imagem, isso de fato aconteceu. As revistas **Manchete** e **O Cruzeiro** publicaram coberturas dessa viagem assim como a produtora cinematográfica Jean Manzon Films produziu um documentário, **O mundo aclama o Brasil**. As imagens produzidas por essas coberturas e pela Jean Manzon Films são objetos de análise deste item.

Manchete dedicou três números da revista para a viagem de Juscelino presidente eleito. O número 195, de 14 de janeiro de 1956 dedica-se à sua estadia nos Estados Unidos. Na fotorreportagem não encontramos autoria de textos ou de fotografias, apenas as referências às agências INS e United Press; há duas principais manchetes com textos bem curtos: *Juscelino toma café com Ike* e *O conselho de Kubitschek a um jornalista que gosta de café*. Ocupando quatro páginas, as imagens mostram JK subindo no avião para seguir viagem, os abraços daqueles que foram à sua despedida; na página seguinte o vemos já no aeroporto, nos Estados Unidos, sendo recebido por Foster Dulles.



(Figs. 13 e 14) Manchete, 14 de janeiro de 1956 – n.195

Segundo a legenda da fotografia maior, à direita, JK foi recepcionado por John Foster Dulles, Secretário de Estado, pois o presidente Eisenhower estava em Key West. No entanto, o texto acima dessa mesma fotografia faz outras menções à viagem:

O sr. Juscelino Kubitschek, presidente eleito do Brasil, que deixou o Rio, na semana passada, para uma rápida visita aos Estados Unidos e vários países da Europa, já está na metade do roteiro, mas sua viagem ainda se mantém como o principal acontecimento internacional do começo do ano. (Manchete, 14 de janeiro de 1956, n.195, p.7)

Esse primeiro trecho faz a ligação entre a seqüência fotográfica da página da esquerda, onde vemos JK ainda no Brasil, e a página com a foto de JK nos Estados Unidos; o texto situa temporalmente o leitor na medida em que o informa do início da viagem e em que momento ela se situava. Percebemos que há uma espécie de deslocamento temporal característico das revistas ilustradas da época – a notícia não era dada no mesmo dia, ou na mesma semana em que o fato acontecia, isso porque a revista fechava na quinta ou sexta-feira e, além disso, os meios de transmissão de informações ainda não tinham a mesma velocidade da era digital. O texto continua:

Key West, na Flórida, foi a primeira escala do sr. Kubitschek que ali conferenciou com o presidente Eisenhower (em convalescença), durante 25 minutos. “Lamento que o senhor não se demore” – disse Ike, abraçando o sr. Kubitschek e oferecendo-lhe uma xícara de café, nos jardins da pequena Casa Branca de Key West. Versou a conferência sobre petróleo, comunismo e empréstimo (um bilhão de dólares). Depois do “breakfast” com o presidente Eisenhower, o sr. Juscelino Kubitschek decolou para Washington, onde foi recebido com honras oficiais. Visitou o Senado norte-americano, cujos membros o aplaudiram de pé, discursou ligeiramente (traçou o pensamento político que anima o futuro governo do Brasil em relação aos EEUU) e foi saudado pelo vice-presidente norte-americano Richard Nixon (presidente do Senado) em nome do Congresso. (idem)

O texto sucinto faz referências a encontros cujas fotografias não estão nessas duas páginas, mas nas outras duas a seguir. Na página da esquerda temos na fotografia menor a visita de JK ao Cemitério Nacional, em Arlington, Virgínia, num breve cerimonial militar de homenagem ao soldado desconhecido. Juscelino coloca uma coroa de flores no monumento. Na legenda da foto, a descrição da cena: *Juscelino, com uma guarda de honra do Exército americano, visita o túmulo do Soldado Desconhecido.*



(Fig. 15) Manchete, 14 de janeiro de 1956 – n.195 –p.8-9

Na fotografia maior da mesma página, o encontro entre Eisenhower e Juscelino, a legenda comenta: *Em Key West, na Flórida, o aperto de mão entre o presidente Eisenhower e o presidente eleito do Brasil. Eles tomaram o café da manhã juntos.* O texto maior entre as duas fotografias, de título *O conselho de Kubitschek a um jornalista que gosta de café*, nos revela:

Manteve o sr. Kubitschek importantes contatos com o vice-presidente Nixon e com o Secretário de Estado Foster Dulles “limitando-se esses encontros a facilitar a preparação de futuros entendimentos políticos e econômicos entre os dois governos”, segundo informou à imprensa o presidente eleito. Solene recepção foi-lhe, a seguir, prestada na Organização dos Estados Americanos, onde advogou “uma revolução no pan-americanismo”. Um programa relâmpago de homenagens foi cumprido em Washington e, em seguida, em Nova Iorque, para onde embarcou o visitante, deixando muito bem impressionados os círculos políticos e jornalísticos da capital norte-americana. Em Nova Iorque, foi recebido por duas centenas de autoridades e por uma súbita onda de frio que o surpreendeu sem sobretudo; o termômetro baixou a sete graus. Duas horas depois, dava entrevista à imprensa local; em seguida, visitou o monumento de José Bonifácio e, no mesmo dia, almoçou com o prefeito Robert Wagner, e jantou com o Governador do Estado de Nova Iorque,

Havarell Harriman. No aeroporto, pouco antes de partir para a Europa, o sr. Kubitschek declarou – “Estou muito reconhecido pela maneira calorosa como fui recebido e estou certo de que essa viagem contribuiu grandemente para assegurar uma melhor compreensão entre os nossos povos”. Os jornalistas fizeram-lhe, ainda, várias perguntas sobre os seus planos de governo. Passando, depois, dos assuntos sérios aos temas mais leves, um jornalista perguntou ao sr. Juscelino Kubitschek que providência deveria adotar para melhorar o café servido em seu jornal. Resposta pronta do presidente eleito: “Deixar de comprar café de outras procedências e se fixar no café brasileiro”. Prosseguiu viagem o sr. Kubitschek, para a Holanda, Itália, França, Inglaterra, Alemanha e Portugal. (ibidem, p.8)

Na página seguinte, com fotografias que invadem a página anterior, vemos Nixon colocando o sobretudo em JK – a legenda comenta: *O vice-presidente Nixon que virá ao Brasil representando o seu governo na posse do novo presidente brasileiro, ajudou o sr. Juscelino a vestir o sobretudo, à saída da conferência de 4 horas em Washington* (Figura 15).

Abaixo, nas duas fotos menores, JK está com Foster Dulles e com o presidente do Congresso. O texto nos dá informações sobre o encontro com o Secretário de Estado Norte-Americano: Juscelino prepara o terreno para entendimentos políticos e econômicos, mas a legenda permite um outro entendimento: *Com o secretário sr. Foster Dulles Kubitschek conferenciou sobre ajuda financeira*. De qualquer maneira, a fotorreportagem nos mostra uma viagem rápida aos Estados Unidos e sem constrangimentos. Os sorrisos, os apertos de mãos, a aparente boa recepção que JK recebeu entra um pouco em contradição com o andamento das relações entre Brasil e Estados Unidos a que nos deteremos um pouco mais adiante, após analisarmos os outros exemplares que tratam da viagem.

O exemplar de 28 de janeiro de 1956, n.196, concentra-se na viagem de JK à Europa, que se iniciou em 10 de janeiro, depois de cinco dias nos Estados Unidos. A fotorreportagem, *As 4 rainhas do mundo recebem Juscelino*, apresenta o texto de Hélio Fernandes, correspondente de **Manchete** na viagem. O texto

destaca que ele “(...) foi o único jornalista a assistir às conferências (...)”. As conferências no caso foram com as quatro rainhas do título da fotorreportagem: Juliana da Holanda, Elizabeth da Inglaterra, Charlotte de Luxemburgo e Guilhermina da Bélgica.



(Fig. 16) Manchete, 21 de janeiro de 1956 – n.196

Nas duas primeiras páginas da fotorreportagem, apenas a rainha Juliana da Holanda aparece, há a justificativa revelada no texto e na legenda que ela abriu uma exceção e deixou-se fotografar junto a Juscelino. Pela revista **Manchete**. No entanto, não sabemos o nome do fotógrafo que fez a foto e podemos pensar que o próprio Hélio Fernandes a tenha feito, uma vez que também assistiu à conversa. As outras rainhas não aparecem nas páginas nem nas outras seqüências fotográficas; são sugeridas pela fotografia da página à esquerda em que vemos um carro saindo de um palácio, a legenda explica: *O presidente Juscelino Kubitschek deixa o palácio real de Buckingham, onde a Rainha Elizabeth o recebeu*. Ainda nessa página, JK aparece passando revista à RAF (Royal Air Force), o fundo branco da foto confunde-se com a página. Na parte inferior da página da direita, outra foto, agora na França, a legenda nos situa: *A passagem por Paris foi rápida; a foto é o flagrante do desembarque em*

Orly. Apesar das legendas terem a preocupação em localizar JK geograficamente e descrever suas ações, a relação entre o texto maior e a seqüência fotográfica das duas páginas é de **defasagem**, isto é, ao mesmo tempo em que temos informações complementares às fotografias, a seqüência por sua vez nos mostra outros elementos que o texto não contempla.

Nas duas páginas seguintes – Figuras 17 e 18 – da fotorreportagem, o mesmo acontece, a seqüência fotográfica nos mostra JK ainda em Londres cumprindo o roteiro de visitas, à esquerda, e na página da direita na França e na Holanda.



(Figs. 17 e 18) Manchete, 21 de janeiro de 1956 – n.196

O texto curto, *Encontro de Elegantes*, comenta o encontro na Inglaterra:

Na famosa residência de Downing Street, 10, sir Anthony Eden ofereceu um banquete ao sr. Juscelino Kubitschek. O Primeiro-Ministro da Inglaterra e o presidente eleito do Brasil apresentaram-se de acôrdo com a tradição que os consagrou, como dois dos mais elegantes homens dos citados países.

O comentário do texto não só nos informa o que e onde aconteceu o evento, mas tece elogios aos dois homens de Estado que se encontraram.

No mesmo exemplar encontramos ainda outras referências à viagem que se vinculam a essa reportagem em alguns aspectos. A primeira delas faz especulação sobre o ministério de JK, que era um dos temas mais discutidos, pelo menos nas revistas ilustradas, antes de sua posse. Essa reportagem de duas páginas – Figura 19 –, com texto de Hélio Fernandes, funciona como uma espécie de continuidade à fotorreportagem a que nos referimos acima. *A última palavra sobre o ministério de Juscelino* nos mostra JK ainda na viagem; na página da esquerda, a legenda nos revela que na foto superior ele está em Londres e, na inferior, *desembarca na Holanda*; o texto que acompanha essas fotografias, nessa mesma página, enfatiza o intenso roteiro de viagens. Encontros, festas, recepções, discursos, banquetes faziam parte do programa que Juscelino cumpria, apesar disso não deixou de pensar nos problemas políticos do Brasil. Segundo o texto, o presidente eleito, sempre em contato com seus líderes que permaneceram no Brasil, tentava finalizar a escolha de nomes que comporiam o ministério²³.

Na página da direita, a foto sangrada mostra JK com alguns homens ao seu lado, caminhando sobre o chão coberto de neve: *Tiritando de frio, apesar do sobretudo e das luvas, o presidente eleito sr. Juscelino Kubitschek caminha sobre o chão gelado do aeroporto de Amsterdã*. É a legenda que nos situa e ao mesmo tempo interpreta a sensação de JK.

De uma forma geral, as legendas dessa pequena seqüência estão preocupadas em situar JK na sua viagem. O texto, por sua vez, também é importante na medida em que faz a relação entre JK e o Brasil de maneira mais explícita. Os textos do outro exemplar comentavam os acontecimentos da viagem sem estabelecer relações com os problemas políticos que Juscelino havia deixado para trás e seus esforços para resolvê-los mesmo que de longe.

²³ Veremos no próximo capítulo como se deu a discussão em torno da escolha ministerial através de **O Cruzeiro e Manchete**.



(Fig. 19) Manchete, 21 de janeiro de 1956 – n.196

Ainda nesse exemplar, imagens da viagem são aproveitadas em outras seções. É o caso de **Política**, assinada por Pedro Gomes. A fotografia utilizada é a mesma da edição de 14 de janeiro, só que editada. Vemos JK e Eisenhower,



(Fig. 20) Manchete, 21 de janeiro de 1956 – n.196

mas não há o aperto de mão da primeira fotografia; o corte se deu um pouco acima da cintura e na parte de cima da foto, mas a pose é a mesma. O texto

abaixo da foto com o título *A viagem de Juscelino* especula, a partir das diversas críticas que foram feitas a ela e a JK sobre as dificuldades que aparecem antes da posse. O autor coloca:

O sr. Juscelino Kubitschek voou para o estrangeiro, deixando atrás de si o redemoinho de uma vasta controvérsia. Sendo o Brasil um país em posição de permanente equilíbrio instável, o presidente eleito teve que partir, para a sua decisão de viajar da seguinte premissa: todas as ocasiões, presentes e futuras, seriam inconvenientes e inoportunas para uma temporada internacional.

Esse início de texto nos mostra o quanto a viagem era ao mesmo tempo um incômodo para a oposição e um perigo político. Uma estada tão grande no exterior gerou um desequilíbrio maior ainda no frágil contexto político de então. As especulações foram desde a comitiva e o valor monetário da viagem até as ponderações de observadores favoráveis e contrários. A fotografia de Eisenhower e Juscelino não mostra a preocupação do texto em relação à forma antecipada da viagem, principalmente quanto aos Estados Unidos. JK não era presidente empossado e isso gerou um problema diplomático e de recepção em quase todos os países, mas o autor mesmo destaca a entrada em ação do “*jeitinho*” dado pelo Itamaraty. Aliás, no quesito recepção, as coberturas ressaltam o quanto o presidente teve honras de chefe de Estado, não havendo nenhum tipo de inconveniente. De fato, intriga da oposição que as fotorreportagens negam ou pelo menos escondem.

O texto ainda questiona a necessidade de se repetir a viagem aos Estados Unidos durante o governo que ainda iria se iniciar. Outro ponto que parece incomodar é que, na ausência de JK, João Goulart ocupe a presidência:

(...) Mas é aí que se aponta a grande dificuldade no caso João Goulart. O presidente se animaria a passar o Catete ao seu substituto constitucional? Mesmo que pudesse, que se sentisse forte para a proeza, deveria fazê-lo? (...)

Tais questões nos mostram a desconfiança em relação ao vice-presidente. Na entrevista coletiva que JK dá a jornalistas nos Estados Unidos no

Waldorf-Astoria, os jornalistas norte-americanos também demonstram desconfiança com relação a João Goulart. JK responde com segurança, confiança e tranqüilidade em seu vice. Toda essa desconfiança relaciona-se com o comunismo e a força que o Partido Trabalhista mostrou durante as eleições, além de o vice ser herdeiro direto de Getúlio Vargas.

Por último, nessa edição, há mais uma reportagem de Pedro Gomes, agora sobre a crise econômica do Brasil e como JK espera resolvê-la, *Nova arma no front da crise*. Na fotografia, ele aparece ao lado de Israel Pinheiro. Vejamos que essa edição do dia 21 já nos mostra Juscelino aqui no Brasil em conversações para a solução dos inúmeros problemas, além da viagem que ainda estava fazendo pela Europa, pois sua volta se dará no dia 20 de janeiro.



(Fig. 21) Manchete, 21 de janeiro de 1956 – n.196

A viagem interessa, é claro, o presidente eleito é bem recebido em todos os países por onde passa. Todos os encontros são aparentemente bem-sucedidos. Mas a tensão ainda existe no Brasil. A imagem de JK aparece em duplicidade, uma vez que, ao mesmo tempo em que o vemos cumprindo

protocolos em outros países, ele também está aqui articulando seu ministério e o início de seu governo.

A terceira edição que **Manchete** dedica à viagem é a de 28 de janeiro de 1956, n.197. A primeira seqüência fotográfica tem, como título, *Juscelino volta de sua maratona*; a segunda seqüência, ainda centrada na volta de JK: *Dança de mãos na festa do desembarque*. Em outras duas páginas, mas sem imagens de JK, *O primeiro comício do presidente*. E, por último, o final da viagem nos percursos na França, Alemanha e Itália.

A seqüência das imagens e da fotorreportagem não é cronológica, tal como na edição anterior em que vimos JK durante a viagem e aqui no Brasil; o que sinaliza o uso de fotografias de arquivo. Nessa edição do dia 28, pouco importa que vejamos Juscelino chegando e só depois tomemos conhecimento sobre o final de sua viagem; essa é uma prática recorrente em ambas as revistas durante todo o período pesquisado. À edição da revista são permitidos saltos no tempo e no espaço.

Na página da esquerda – Figura 22 –, JK, protegido por homens que o seguram em meio a uma multidão sugerida pelo corte da fotografia, parece temer pisar em falso. O texto curto enfatiza novamente a intensidade dos 20 dias de viagem pelos dez países visitados e finaliza:

Outras manifestações programadas para a mesma noite tiveram de ser canceladas em vista do estado de cansaço em que se encontrava, cansaço que deu os primeiros sinais, com reflexos na sua saúde, quando da passagem pela Itália.

Ainda na página da esquerda, vemos D. Júlia, mãe de Kubitschek, sentada, emocionada pela chegada do filho; a fotografia maior, na página da direita, nos mostra JK no aeroporto do Galeão, depois de descer do avião: muitas pessoas estão à sua volta, há alguns fotógrafos que estão com o flash levantado, Juscelino está dizendo algumas palavras. A cobertura fotográfica dessa seqüência é de Luís Pinto, Armando Rozário, Gervásio Batista e Faria Azevedo. Nessa

fotografia em particular, o fotógrafo teve que subir em algum lugar para ficar acima das pessoas que se aglomeravam à sua frente.

Abaixo dessa foto, a seqüência se completa com três fotografias menores: a de D. Júlia, que fica na página da direita, um close de JK com flores e, mais à direita, JK na porta do avião sendo recebido por José Maria Alkmin.



(Fig. 22) Manchete, 28 de janeiro de 1956 – n.197

Na fotorreportagem abaixo, novamente, a chegada de JK: *Dança de mãos na festa do desembarque*. O texto interpreta as imagens:

Eram milhares de braços nervosa e festivamente erguidos para saudar o senhor Juscelino Kubitschek, num agitado cruzar de mãos espalmadas ao ar em busca de um “shake-hands” com o presidente eleito. Cercado de mãos por todos os lados, o sr. Juscelino Kubitschek agitava as suas, efusivamente, na tentativa de retribuir os cumprimentos com que o saudava a multidão. Durante cerca de três horas, tanto no aeroporto do Galeão, onde desembarcou, como ao longo de todo o percurso até a Cinelândia, um mundo de braços se levantou em volta do presidente, executando, improvisadamente, o estranho e inédito ballet de mãos que exprimiam as boas-vindas ao sr. Juscelino Kubitschek, na festa em que o povo transformou a sua chegada triunfal.

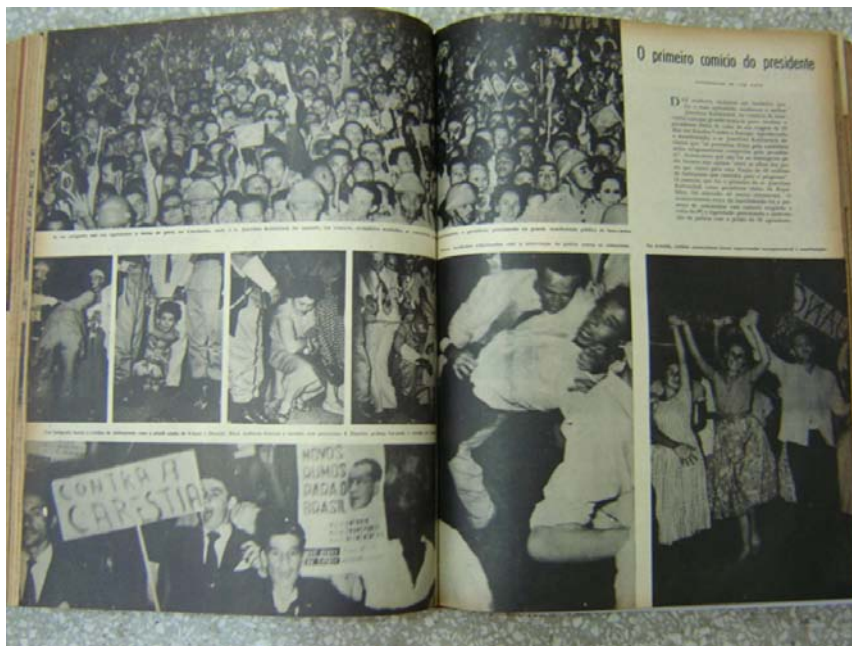


(Fig. 23) Manchete, 28 de janeiro de 1956 – n.197

As fotografias dessa seqüência estão muito recortadas, vemos Juscelino de perto, literalmente nos braços do povo. As mãos do povo estão no sentido ascendente, em saudação. As de JK fazem o movimento tanto para receber os cumprimentos como o de também saudar o povo. Não há fotografias do percurso até a Cinelândia como esclarece o texto, e nem mesmo da multidão que o acompanhava.

Em *O primeiro comício do presidente* não há fotos de JK, a ênfase aqui é a multidão, que protesta. As fotografias são de Luís Pinto.

O texto, sem autoria, destaca que nesse primeiro comício de JK eleito presidente houve a presença de comunistas que protestavam pela legalidade do Partido Comunista e alguns deles foram presos. Dentre outros oradores, Juscelino ressaltou a importância de sua viagem ao exterior e de como ela foi importante para que os países visitados conhecessem as potencialidades do Brasil.



(Fig. 24) Manchete, 28 de janeiro de 1956 – n.197

A fotorreportagem – Figura 25 – sobre o final da viagem empreendida está dividida pelos últimos países visitados – *Paris: escala sentimental na rota de Juscelino*. Nesse trecho da viagem, Juscelino, além do protocolo das visitas e recepções, encontra-se com seu professor do ano em que estudou na França, M. Maurice Chevassus; o vemos de costas ao visitar o túmulo de Napoleão. O lado sentimental da visita se dá justamente pelos encontros com pessoas ligadas a ele quando era médico recém-formado. Na página da esquerda ele aparece comprando um perfume, “*Fleur de Rocaille*” para Sarah. E, na foto maior, cumprimentando alguém que a legenda também não nos revela quem seja.



(Fig. 25) Manchete, 28 de janeiro de 1956 – n.197

A seguir, Juscélino é recebido na Alemanha por Adenauer, e, no Vaticano, pelo Papa Pio XII.



(Fig. 26) Manchete, 28 de janeiro de 1956 – n.197

Nas duas reportagens, a ênfase do texto se dá justamente na boa recepção dada a Juscélino. O título da página da esquerda, *Visita ao Papa sem*

protocolo, exagera. O exagero é consertado no curto texto abaixo; o que aconteceu foi a quebra, não a falta, de protocolo. Os quinze minutos tradicionais foram aumentados para quarenta e cinco.

A Itália – Figuras 27 e 28 – é o último país que vemos Juscelino visitar, segundo **Manchete**. Na página da esquerda, nas fotos menores, ele recebe homenagens do prefeito de Roma e do presidente Gronchi, e por sua vez homenageia o soldado desconhecido, na foto maior. Na página da direita, JK está no cemitério brasileiro de Pistóia, local em que descansam os soldados brasileiros tombados durante a Segunda Guerra Mundial. A cerimônia deixou o presidente eleito muito emocionado, segundo a legenda. O pequeno texto nessa página enfatiza o interesse da imprensa italiana por Juscelino.



(Figs. 27 e 28) Manchete, 28 de janeiro de 1956 – n.197

A imprensa internacional acompanhou a viagem de JK. A visita a Pio XII e à Alemanha tiveram a colaboração de Justino Martins, pela agência Alitália. Segundo a própria revista **Manchete**, o *Le Monde* registrou a passagem do presidente eleito pela França. Na revista francesa *Paris-Match* de 21 de janeiro de

1956²⁴, na seção *Elles et Eux*, JK aparece em uma sequência de quatro fotografias em duas páginas: na primeira ele está de beca para receber o título de Doutor *Honoris Causa* pelo Fairleigh Dickinson College²⁵, com a legenda: *En Angleterre, le président Kubitschek est fait docteur honoris causa. Chirurgien réputé, il fut télégraphiste pour payer ses études*. Na segunda fotografia, Juscelino aparece dormindo na sua cama no avião Superconstellation. Na terceira, bem menor, JK está ao lado do Ministro das Relações Exteriores Antoine Pinay passando em revista as tropas francesas. A legenda informa que JK foi estudante em Paris²⁶. A quarta fotografia nos mostra JK ao lado de Jean Manzon, correspondente da revista francesa e convidado de Juscelino na viagem. Um pequeno texto resume a intensa atividade que até aquele momento Juscelino havia cumprido:

**"Tour du monde éclair:
Monsieur Brésil à Paris**

En dix-huit jours, du 18 au 22 janvier, le docteur Juscelino Kubitschek de Oliveira, nouveau président du gouvernement brésilien, a fait le tour du monde occidental. Son agenda de voyage porte les noms de Eisenhower, Adenauer, Franco, Salazar, Pie XII. En deux jours, il a été reçu par quatre reines: Juliana de Hollande, Elizabeth d'Angleterre, la Grande-Duchesse de Luxembourg et la reine Elisabeth de Belgique. On l'appelle de Phileas Fogg brésilien. Le 13 janvier, le président Coty lui remettait la grand-croix de la Légion d'honneur. A cinquante-quatre ans, cet homme séduisant est infatigable. Il dit à ses amis qui s'inquiètent de sa santé: "Ce voyage me reposé de mon élection". (Paris-Match, n.354 – samedi, 21 janvier 1956, p.61)

A sequência de *Paris-Match* não difere das seqüências que apresentamos em **Manchete**. O ritual do poder está representado, assim como os

²⁴ Exemplar pesquisado na Bibliothèque National de France – site François Mitterrand.

²⁵ É importante assinalar que este acontecimento não está contemplado no livro de Conrad Wrzos, Juscelino Kubitschek, Estados Unidos–Europa, e nem mesmo no livro de memórias de Juscelino Kubitschek, A escalada política – meu caminho para Brasília (vol. II). O primeiro nos conta o dia-a-dia da viagem de JK.

²⁶ Legenda: *Il est reçu par M.Pinay avec les honneurs militaires dans ce Paris où il fut jadis étudiant*.

momentos mais descontraídos da seqüência fotográfica ao vermos JK dormindo ou sorrindo ao lado de Jean Manzon.

*

A revista **O Cruzeiro** acompanha timidamente a viagem de JK; a primeira edição em que encontramos imagens relacionadas a ela é a de n.14, de 21 de janeiro de 1956. Em duas páginas, o artigo *Os mineiros sobem ao poder* explora os problemas do jogo político que se estabelece no país com a aliança PSD/PTB no poder e as relações de força entre os estados no novo governo que, segundo o título do artigo sugere, será dominado politicamente pelos mineiros.

A seqüência fotográfica que aparece ao lado do artigo nos mostra JK embarcando para sua viagem – a longa legenda nos situa temporalmente e faz relação com o artigo:



(Fig. 29) O Cruzeiro, 21 de janeiro de 1956 – n.14 – ano XXVIII

Quando as fotos acima foram tomadas, não sabia o Sr. Juscelino Kubitschek que, entre os que foram ao seu “bota-fora”, uma guerra já se desencadeara. Partiu do Aeroporto do Galeão com um programa de viagem algo duvidoso. Vinte e quatro horas depois, desembarcando nos Estados Unidos, sua excursão no exterior já era um sucesso. Recebido pelo Presidente Eisenhower, solicitado pela Rainha Elizabeth, aguardado com ansiedade pelos industriais alemães e franceses, o futuro Presidente da República ainda teve de rearticular-se com seus correligionários do PSD, através de telegramas e telefonemas. Seu regresso, marcado para o dia 23, será o início de uma fase crítica do ponto de vista político. Até agora, de acordo com o que disse pelo radiotelefone, os seus compromissos se resumem nas seguintes indicações: Clóvis Salgado para o Ministério da Educação; José Maria Alkmin para o Ministério da Fazenda; Álvaro Lins para a Casa Civil; e o General Nelson de Melo para a Casa Militar. É tudo o que se sabe. Quanto às demais pastas, nada há de oficial. Só boatos.

Imagens, legenda e artigo estão ligados pelo fator político tanto da viagem quanto dos problemas que por aqui ficaram e são objetos de especulações das revistas. O adeus de JK é o bastante para **O Cruzeiro** resumir sua viagem realizada durante o mês de janeiro. A revista mostrou-se pouco interessada por ela. Veremos que a imagem de Juscelino interessava à revista de outra maneira.

A viagem de JK foi objeto de **O Cruzeiro** somente no mês de fevereiro, no exemplar de número 17, do dia 11, a partir da página 106, com o título: *JK em busca de riqueza para o Brasil*; acima desse título há a informação da exclusividade com que o presidente “descreve” sua viagem para **O Cruzeiro**; a reportagem é de Eugênio H. Silva, fotógrafo que estava na comitiva de JK, e Álvares da Silva.



(Figs. 30 e 31) O Cruzeiro, 11 de fevereiro de 1956 – n.17 – Ano XXVIII

Nas primeiras páginas – Figuras 30 e 31 – dessa fotorreportagem há, à esquerda, um pequeno painel de rituais de poder no qual vemos JK com primeiros-ministros, presidentes, e representantes da aristocracia europeia dos países que visitou. Esse painel ilustra o texto da página da direita que é o início do depoimento de Juscelino, concluído em página anterior a essa, 104.

O depoimento enfatiza a confiança e a determinação de JK em realizar a viagem e a sua certeza de que, através dela, os seus primeiros objetivos como presidente eleito foram plenamente atingidos. Isto é, estabeleceu contato direto tanto com políticos quanto com toda a burguesia industrial e financeira desses países para lhes apresentar as potencialidades do país, mostrar-se aberto aos investimentos externos para levar a todos o seu projeto de desenvolvimento.

A fotografia maior que está na página da direita e também invade a da esquerda mostra JK em um jeep. A legenda descreve e ao mesmo tempo informa:

JK EXPERIMENTA com satisfação um passeio no tipo de “jeep” (preço de: 38 a 40.000 cruzeiros) que a Mercedes-Benz vai fabricar brevemente em nosso País. O teste, no qual o carro superou obstáculos em terreno difícil, ocorreu na região perto de Bonn. Na direção, o Sr. Fritz Koeneck,

Presidente da Mercedes-Benz (**O Cruzeiro**, 11 de fevereiro de 1956, p.107).

Na seqüência da fotorreportagem, vemos JK na Itália, na França, e nos outros países que visitou. Se nas pequenas fotografias de abertura temos uma espécie de “álbum” de JK com personalidades em poses protocolares, nas páginas a seguir há a ação de Juscelino no jeep. O momento congelado privilegia os encontros tanto com autoridades quanto com pessoas comuns. A cronologia da viagem não interessa à edição realizada. A ênfase na imagem é justamente na acolhida carinhosa que o presidente recebeu em todos os lugares. O clímax, tal como em **Manchete**, é sua passagem pela França. A visita ao hotel em que morou enquanto estudante foi marcada por recordações e expressões de emoção.

Abaixo – Figuras 32 e 33 –, duas imagens emblemáticas desse reencontro e do sentimento positivo que permaneceu em toda a viagem. Os percalços foram transpostos sem muitas dificuldades. As demonstrações de crédito ao presidente eleito no exterior superaram os conflitos deixados no Brasil.

Na imagem da esquerda, enquadramos um pouco mais o que a página com fotografia sangrada nos mostra: Juscelino Kubitschek é abraçado por uma mulher. Diz a legenda:

Retorno sentimental ao Hotel de la Paix e encontro por acaso com uma conterrânea. Em 1929, o jovem Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, bolsista de Medicina em Paris, residia no Hotel de la Paix, em Montparnasse, 27 anos depois, como Presidente do Brasil, revê o hotel onde vivera modestamente. Era pela manhã, e, ao chegar, foi reconhecido por uma brasileira (Srta. Wups Campos Cortez) que o abraçou, cheia de alegria (à esq. Sr. Danton Jobim, e à dir. Dr. Penido).



(Figs. 32 e 33) O Cruzeiro, 11 de fevereiro de 1956 – n.17 – Ano XXVIII

O tratamento textual e imagético em **O Cruzeiro** dessa visita é o mesmo que em **Manchete**. Nesta última, o título *Paris: escala sentimental na rota de Juscelino* – Figura 25 – também nos traz a idéia da lembrança de Juscelino na França, nos dias em que foi estudante; as imagens com o velho professor, comprando perfume e visitando o túmulo de Napoleão nos dão a dimensão da importância de Paris para JK. As imagens de **O Cruzeiro** complementam essa dimensão nostálgica na medida em que nos mostram Juscelino revendo o hotel em que morou, comprando uma lembrança para uma das filhas perto da Torre Eiffel. O ser reconhecido e a demonstração de carinho da brasileira permitem que a imagem de Juscelino se oponha cada vez mais às situações hostis que perduravam no Brasil.

A manifestação de emoção também está na Itália, mas não com o mesmo sentido acima trabalhado. Aqui a emoção relaciona-se com o passado da nação, com os soldados brasileiros mortos durante a Segunda Guerra Mundial e enterrados em solo italiano, no cemitério de Pistóia – Figura 34.

Ainda na página da direita, na Figura 33, na coluna de fotografias menores, na primeira de cima para baixo, vemos JK recebendo o título de *Honoris Causa* a que a revista *Paris-Match* se referiu, mas com outras informações: a instituição é o Fairleigh Dickinson College, de New Jersey, nos Estados Unidos e não na Inglaterra; na revista francesa vemos o nome da instituição na fotografia e a legenda informando o país a que pertence.

O Cruzeiro privilegia as imagens de Juscelino na Europa, aquelas em que ele se encontra nos Estados Unidos estão em tamanho menor nas páginas do interior da fotorreportagem, como esta a que nos referimos acima. **Manchete** equilibra mais o percurso de viagem, dedicando um exemplar ao roteiro norte-americano.

Em **O Cruzeiro**, não vimos JK encontrar-se com industriais franceses ou norte-americanos, apenas o encontro com industriais alemães aparece nas primeiras páginas das seis dedicadas à viagem. Apesar da profusão de imagens, é evidente a concisão com que **O Cruzeiro** mostrou a viagem em comparação a **Manchete**, que a publicou semana a semana, com a defasagem esperada. Isso não significa que a imagem de Juscelino Kubitschek tenha ficado ausente de **O Cruzeiro** no mês de janeiro, veremos à frente de que maneira ele é tratado imagetivamente nesse mesmo período.



(Figs. 34 e 35) O Cruzeiro, 11 de fevereiro de 1956 – n.17 – Ano XXVIII



(Figs. 36 e 37) O Cruzeiro, 11 de fevereiro de 1956 – n.17 – Ano XXVIII

*

3.5.1 – A viagem nas telas de cinema

Imagens em movimento também registraram essa viagem no documentário, estruturado como cinejornal, **O mundo aclama o Brasil**, realizado pela Jean Manzon Films. A produtora, iniciada em 1952 pelo fotógrafo francês Jean Manzon, inseriu-se no mercado do complemento nacional com sucesso.

Alguns trabalhos exploraram a produção de Jean Manzon enquanto fotógrafo de revistas ilustradas e como produtor e realizador de filmes. Helouise Costa (1992), em sua dissertação de mestrado, ao estudar a imagem do índio em **O Cruzeiro** nas décadas de 1940 e 1950, faz referência à atividade de Manzon como fotógrafo; em sua tese de doutorado, de 1998, a autora concentra-se de forma mais intensa em todo o período de atividade de Jean Manzon nessa revista, analisando detidamente sua produção fotográfica. Nadja Peregrino, em um estudo de 1991 sobre o mesmo periódico, também se detém sobre as fotorreportagens realizadas pelo fotógrafo franco-brasileiro.

Analisamos, em nossa dissertação de mestrado (1995), a produção fílmica realizada pela produtora referente ao período do governo de JK. Edson Luiz Nars (1996) também analisa alguns filmes produzidos durante o período JK estendendo a análise de filmes realizados até o governo Costa e Silva. Dessa maneira, podemos entender que a produção de imagens realizadas por Jean Manzon, tanto como fotógrafo quanto como realizador de filmes, despertou interesse para os pesquisadores que trabalham com imagens.

Em todos os trabalhos citados, as relações que sua produção estabeleceu com o poder foram mais ou menos estudadas. A entrada de Manzon²⁷ no Brasil pelas portas do DIP, seu primeiro emprego, lhe permitiram estabelecer relações com pessoas estreitamente ligadas ao poder. O trabalho em **O Cruzeiro** possibilitou que ele continuasse a circular na esfera política, se bem que, desse momento em diante, sem ser empregado do Estado. A produção

²⁷ Jean Manzon chega ao Brasil em 1941. Trabalha no DIP até 1944 e desse ano até 1951 em **O Cruzeiro**.

cinematográfica realizada por sua empresa também nos mostra essa relação, agora estendida à burguesia industrial e financeira.

Para Nars (1996), Manzon procura “ocultar os verdadeiros interesses dos filmes” (idem, p.32) na medida em que nega a perspectiva política de sua produção: “Não quero saber de política, nem de filmes de propaganda eleitoral. O cinema é um instrumento demasiadamente poderoso para ser utilizado sem prudência. Portanto, nada de política, nem de pessoas” (FOLHA DA NOITE, 30 de outubro de 1953 apud NARS, ibidem, p.31).

A relação de filmes que levantamos na dissertação de mestrado não só vai na contramão dessa declaração como confirma a “aparente despolitização” observada por Nars (ibidem, p.32) na fala de Jean Manzon. Entre os clientes da empresa no período que nos interessa estão listados, por exemplo: as empresas aéreas VARIG e Cruzeiro do Sul, o Governo de São Paulo, o Partido Trabalhista Brasileiro com um filme sobre San Thiago Dantas, o jornal O Globo, a Petrobrás, a H. Stern, a Fábrica Nacional de Motores/GEIA – Grupo Executivo da Indústria Automobilística.

Havia a legislação que proibia esse tipo de propaganda, mas por outro lado, os filmes muitas vezes eram exibidos em espaços restritos pelo próprio cliente, em feiras, congressos, no exterior e até mesmo dentro da própria empresa para sua clientela. O fazer fílmico também permitia que se ocultasse o caráter propagandístico do filme. O cliente fazia uma proposta de acordo com as suas intenções para a realização do filme, o roteiro baseava-se então nessa proposta e no que era possível fazer na captação de imagens e no que fosse melhor para o cliente. Dessa maneira o roteiro não era fechado. A narração também era realizada no intervalo entre filmagens e montagem. Era preciso contentar a censura e o cliente.

Imagens de pessoas e intenções políticas são alicerces de **O mundo aclama o Brasil**. Ao estudarmos a campanha presidencial de Juscelino Kubitschek colocamos o ponto de vista de Montenegro (2001), que entende o

início da campanha quando JK ainda era governador. Nars (1996) concorda com essa idéia observando que dois filmes realizados pela Jean Manzon Films enquanto Juscelino era governador relacionam-se com sua candidatura para presidente. Os filmes são *O Binômio*, de 1954 e *Kilowatts para o progresso*, de 1955 (idem, p.50). Em ambos, o fio condutor é o conjunto de obras que JK empreendia no Estado de Minas Gerais.

Nesses anos de produção dos filmes, 1954/1955, de fato, JK amplia seus esforços para mostrar-se mais à população brasileira como candidato à presidência. Ainda segundo Nars, no primeiro filme, “Jean Manzon procura reforçar a imagem de ‘audácia, dinamismo e realização’ de Juscelino Kubitschek (...)” (ibidem, p.52) e o segundo é “o ensaio geral” (ibidem, p.64) do Programa de Metas a ser lançado. Nars ainda revela que Jean Manzon teria feito uma proposta de “plano de cobertura cinematográfica” (ibidem, p.58) para a campanha, mas que, em sua pesquisa, não conseguiu elementos para saber se ela foi colocada em prática. As possibilidades da não-concretização desse plano são grandes na medida em que Edward Riedinger (1988) não cita o nome dos realizadores dos programas de televisão em que JK apareceu e nem das reportagens realizadas na campanha. Como já vimos, o comício em todo o Brasil foi a forma de comunicação mais eficiente, segundo o próprio Riedinger.

A relação entre Jean Manzon e Juscelino Kubitschek continua durante a presidência. A produtora realiza filmes para ministérios e instituições ligadas ao governo. Recuperaremos aqui algumas idéias sobre esses filmes de nossa dissertação de mestrado no sentido de ampliá-la, pois naquele momento as análises não tinham como objeto exclusivo a imagem de JK, mas aquelas que diziam respeito à ideologia do desenvolvimentismo e presentes nos filmes realizados pela produtora de Jean Manzon.

Observamos acima que Manzon fazia parte da comitiva de Juscelino nessa viagem como correspondente de Match. Aliás, houve alguma especulação em torno do número de pessoas que constituíam a comitiva (NARS, idem, p.66), no entanto, percebemos que em relação às revistas ilustradas, essa questão não

foi levantada, talvez porque havia correspondentes de ambos os periódicos na viagem. Hélio Fernandes, Jean Manzon, Herbert Richers e Eugênio Silva estavam todos ligados à produção de imagens, e acompanharam JK na viagem para colocar a sua idéia inicial “de estar presente na memória do povo, não em ligação pessoal e direta, mas de uma maneira simbólica, por intermédio de uma imagem” (KUBITSCHEK, J., op.cit.) em ação.

Ao analisarmos as revistas, vimos que **Manchete** estabeleceu essa relação de maneira mais efetiva na medida em que publicou as imagens da viagem enquanto ela acontecia. **O Cruzeiro** preocupou-se com outros aspectos da vida política nacional durante a viagem e quando a publicou fez isso com palavras do próprio JK e imagens que não eram mais exclusivas.

De **O mundo aclama o Brasil** não temos informações sobre sua exibição. Em nota de rodapé, Nars esclarece que o filme custou “quatrocentos e cinquenta mil cruzeiros” e foi pago “provavelmente” pelo próprio JK (op.cit., p.67). Sabemos com certeza que as imagens que chegaram até o público brasileiro foram aquelas publicadas por **O Cruzeiro** e **Manchete**. No entanto, entendemos que esse filme é um elemento importante na construção da imagem de Juscelino, nos faz entender o aparato de propaganda que havia à disposição no período e redimensiona a própria imagem que chamamos de jusceliniana²⁸.

Para a construção desse filme foram usadas imagens de cinejornais, imagens de arquivo, provavelmente da própria produtora, e tomadas realizadas durante a viagem pelas Atualidades Francesas e pela produtora italiana Astra Cinematográfica.

Não era suficiente montar um filme no qual JK aparecesse infinitas vezes apertando mãos, sorrindo, descendo e subindo em aviões. Era fundamental construir um roteiro no qual outros elementos referentes às idéias e ações de Juscelino também fossem mostrados. (BIZELLO, M.L., 1995, p.44)

²⁸ Retomamos essa idéia de nossa dissertação de mestrado (1995).

Acompanhamos no filme todas as visitas de JK nos Estados Unidos e na Europa, mas o mostrar desses rituais de poder não basta para que entendamos a que vem o filme de título ambicioso. Era fundamental deixar claro por que o mundo aclamava o Brasil. Para Edson Nars, o título refere-se à democracia representada por Juscelino e havia necessidade da legitimação dessa figura (op.cit., p.67). Por certo JK representava a democracia naquele momento, ele se esforçava para demonstrar a crença e a segurança no processo democrático que o elegera. No entanto, a aclamação ao Brasil parece estar mais voltada para o projeto representado pelo Programa de Metas.

Para além do Juscelino democrático, as imagens de arquivo centram-se nas possibilidades que o país oferece para o desenvolvimento industrial, as potencialidades ainda não exploradas. As metas são ilustradas por imagens de arquivos e com a voz do narrador onipresente que nos oferece o entendimento tanto das imagens dos encontros, reuniões, festas e banquetes, quanto das metas ilustradas.

Retomemos a idéia desenvolvida em nosso trabalho anterior do plano de um close de hélice de avião como um elemento diegético importante nesse filme. É ele que “costura” as seqüências de imagens de arquivo e as seqüências de imagens das visitas de JK nos diversos países. Indica ainda o deslocamento e a movimentação de Juscelino. Podemos pensar no forte caráter simbólico que o avião toma para o presidente durante seu governo. Na campanha, percorreu todo o país de avião e era um entusiasta desse meio de transporte, o que reforçava o seu aspecto de modernidade e dinamismo enquanto homem e político. Durante sua presidência será conhecido e criticado como o presidente que gostava de voar, ao propor a mudança da capital federal, do litoral para o centro do país, desbravou o território pelo ar.

Em sua análise de **O mundo aclama o Brasil**, Edson Nars aproxima as seqüências da volta e da posse de JK a **O triunfo da vontade**, de Leni Riefenstahl. A aproximação se dá pela chegada de Juscelino ao Rio de Janeiro e de Hitler a Nuremberg. No primeiro, o avião sobrevoa a Baía do Rio de Janeiro,

close da hélice do avião, close de rodas do avião pousando no aeroporto. No segundo, o avião sobrevoa Nuremberg demoradamente para depois nos mostrar a figura de Hitler e seu longo desfile pelas ruas da cidade saudando e sendo saudado pela multidão. Juscelino, ao descer do avião, também é saudado pelo povo já a partir da pista do aeroporto. Segundo Nars,

(...) o avião adquire um sentido especial, pois ambos (Hitler e Juscelino) saem do céu para realizar, na terra, o desejo do povo. Juscelino, já na terra, é recebido na pista do aeroporto pelo povo e é conduzido triunfalmente para ocupar o seu lugar de chefe, de líder, escolhido democraticamente através das urnas para ocupar esse lugar. Assim, o líder Juscelino chega para, junto com o povo, construir uma nova nação baseada no apaziguamento interno, levando inexoravelmente ao desenvolvimento econômico. (op.cit., 1996, p.92-93)

No entanto, algumas observações devem ser colocadas a essa aproximação. A seqüência de tomadas aéreas sobre Nuremberg oculta o ou os ocupantes do avião, sabemos que a câmera funciona como o ponto de vista de alguém que está dentro do avião, mas ainda não sabemos quem é, intuímos ser Hitler, nada garante; o filme inicia com uma espécie de suspense preparatório para o grande evento que é preparado lá embaixo. O avião tem um sentido apenas nesse início.

A seqüência aérea em **O mundo aclama o Brasil** não está solitária ou pretende fechar o filme, ela encerra a viagem que tem no close da hélice do avião, como dissemos acima, planos que nos mostram o deslocamento efetivo de JK e por sua vez também o caracterizam como um homem dinâmico e moderno. Defendemos que é o conjunto desses planos que dá sentido ao filme. Como coloca Nars, a locução cria “um clima emotivo e de esperança ao povo sofrido e sacrificado, representado na figura do ‘novo timoneiro’ Juscelino que, com fé, conduzirá o país ao seu destino, um futuro glorioso” (op.cit., p.92), e não a seqüência de imagens tal como em **O triunfo da vontade**.

Podemos pensar que tanto Leni Riefenstahl como Jean Manzon tiveram que lidar com dificuldades em montar um filme que interessasse ao espectador e

aos políticos, representados a partir de imagens parecidas e de conteúdos semelhantes. O filme clássico alemão provavelmente não era desconhecido de Manzon naquele momento, mas a aproximação é demasiada.

As figuras de Hitler e JK não se aproximam, não apenas pela ideologia, mas pela postura autoritária e intolerante do primeiro em oposição à atitude democrática e tolerante do segundo. Também, porque Juscelino procura se afastar imagetivamente da figura que lhe era mais próxima enquanto líder político, no caso Getúlio Vargas, cujo período como ditador coincide com o de Hitler. Veremos como esse afastamento acontece durante os anos de sua presidência e que, por outro lado, há a força da oposição que sempre o caracterizou e o aproximou a Getúlio como herdeiro político e não na representação visual.

Outro ponto a se discutir é a relação com o povo em ambos os filmes. A multidão em **O triunfo da vontade**, mesmo que excitada por ver e tocar Hitler, é disciplinada, não há oposição, não há espaço para a indisciplina. As expressões de afeto são estudadas pela montagem. Apesar de a multidão em **O mundo aclama o Brasil** aparecer tanto no aeroporto quanto no trajeto da posse, a sua representação é residual, ela não se caracteriza por uma aproximação com JK, no toque, mas, sobretudo, no distanciamento, como coloca Nars, e nisso concordamos.

A representação da chegada de Juscelino ao Brasil nas revistas, como já vimos, se dá de maneira ambígua. É em **Manchete** de 28 de janeiro de 1956, n.197 – Figuras 22, 23 e 24 – que vemos JK chegando da Europa e sua relação com o povo. Não há multidão no aeroporto, mas um grupo pequeno de pessoas. A multidão aparece em sequência de oito fotografias – Figura 24 –, selecionamos duas delas: em uma, há um mar de cabeças, mãos segurando bandeiras do Brasil; na outra, há pessoas com cartazes, em um deles lemos: CONTRA A CARESTIA; em outro cartaz, há a fotografia do rosto de Kubitschek, está escrito: NOVOS RUMOS PARA O BRASIL.

Ao mesmo tempo em que vemos essa multidão que ouve os discursos de JK e outros políticos, em meio a ela, como já colocamos, há o protesto e a

festa, a carnavalização, segundo a legenda da foto da página da direita, abaixo do texto: *Na Avenida, cordões carnavalescos foram improvisados incorporando-se à manifestação* – Figura 24. Ainda nessa foto há uma faixa um pouco dobrada com a inscrição JANGO. A seqüência apresenta também uma sucessão de fotografias na página da esquerda que mostra pessoas que quebram a segurança: primeiro um fotógrafo não identificado, depois duas senhoras e, finalmente, um guarda. O que se vê não é, de forma alguma, a multidão disciplinada ou controlada, apesar da presença de policiais. Ao contrário, a ênfase dada às imagens é a de conflitos que acontecem justamente pela presença do presidente eleito. Ao mesmo tempo em que há a festa, há a prisão de agitadores comunistas que pedem a legalidade do Partido.

O filme não revela essa oposição, e não nos dá elementos que caracterizam nesse primeiro momento a imagem de Juscelino como a do político populista nos moldes de Getúlio. A sua popularidade está envolta em indefinições e conflitos que encobrem aquelas características que procurou salientar enquanto governador e durante a campanha eleitoral.

A viagem mostrada pela Jean Manzon Films segue, assim como nas revistas, o roteiro oficial. Primeiro os Estados Unidos, depois a Europa. Os encontros repetem-se: Eisenhower, Foster Dulles, Nixon, o encontro casual com uma garota acometida pela poliomielite. Estudemos essas seqüências.

Os encontros oficiais têm na imprensa um fator importante, o filme salienta, mostrando fotos de JK e Eisenhower em jornais e depois a imagem em movimento, a simpatia com que a imprensa norte-americana recebeu Juscelino, claro contraponto à oposição da imprensa nacional, como já vimos, relativa.

Edson Nars percebeu, em sua análise, uma manipulação na montagem que acentua esse contraponto:

(...) Na foto exibida no filme, a cena mostra de cima a foto de Eisenhower ao lado de Juscelino impressa num jornal. Mas examinando com cuidado percebemos que existe um risco branco separando os dois presidentes. Além disso, no

encontro presidencial, o presidente americano usa um terno claro e na foto, que Manzon utiliza, Eisenhower está usando um terno escuro. Esse fato evidencia-se com maior clareza, quando percebemos que a foto impressa está sobreposta sobre o texto corrido do jornal que está sem legenda e além disso mal recortada. (NARS, op.cit., p.71)

Provavelmente Manzon usou a fotografia divulgada pela assessoria de imprensa norte-americana. Como vimos nas Figuras 15 e 20, a revista **Manchete** publicou a fotografia do encontro, assim como a publicada por **O Cruzeiro** em 11 de fevereiro de 1956 – Figura 30 – é outra tomada do mesmo encontro. Abaixo reproduzimos uma outra ainda que encontramos no livro de Conrad Wrzos (1960), um dos jornalistas que estavam na comitiva presidencial. Em todas elas ambos os presidentes estão de ternos escuros.



Fig. 38

De qualquer maneira, os atos oficiais foram mostrados de maneira positiva, os rituais de poder não têm aspectos negativos, pois as imagens nos trazem apresentações cujo caráter é o de apaziguamento e não o do conflito ou enfrentamento. As imagens dos encontros entre estadistas devem justamente conter elementos que neutralizem os aspectos de desgaste, devem firmar a imagem positiva de um estadista diante do outro e também da população que os vê.

O filme apresenta uma seqüência de Juscelino Kubitschek discursando para jornalistas no National Press Club em Washington. Ele inicia o discurso com uma pequena provocação:

Não faço o menor esforço para agradar-vos, felizmente, porque não o saberia fazer, pois sou um homem natural, um homem simples, um cidadão que veio do povo, do coração do povo e caminhou até a Presidência da República de um país como o Brasil. (WRZOS, idem, p.149)

A seguir começa a listar os pontos que desenvolveria durante sua fala. O primeiro deles é “o da liberdade de imprensa”²⁹. Novamente percebemos uma atitude de defesa em relação à imprensa de uma forma geral, e a preocupação em afirmar-se como democrata e independente politicamente.

Juscelino continua a falar sobre a questão da imprensa brasileira, desenvolvendo mais dois pontos: “(...) segundo o comportamento diante dos extremismos da direita e da esquerda; e o terceiro a maneira de encarar os capitais estrangeiros, no Brasil” (ibidem).

As imagens mostram Juscelino um pouco aflito: coloca e tira a mão no bolso do paletó algumas vezes, usa o lenço no rosto, enfim não parece à vontade. Há, por certo, provocações dos jornalistas na entrevista coletiva que se segue e, ao contrário do discurso defensivo, ele responde de maneira segura e bem-humorada a elas, principalmente quanto à questão do café, como vimos também na cobertura realizada por **Manchete**.

²⁹ Discurso no filme e em WRZOS, 1960, p.150.

Os encontros não se restringiram à oficialidade, o acaso esteve presente durante toda a viagem e foi mostrado no filme e, como já vimos, nas revistas. Em Nova Iorque o acaso se dá quando ele, ao visitar o monumento a José Bonifácio, colocando uma coroa de flores em homenagem ao Patriarca da Independência, é abordado por uma garota brasileira, que está em uma cadeira de rodas por sofrer de paralisia infantil. A câmera em plano médio mostra toda a ação desde o monumento até Juscelino acariciar e beijar o rosto da menina numa demonstração de afeto pela brasileira e ambos ao olharem para a câmera são conscientes da presença dela ali e de outras câmeras, a cena também aparece em **O Cruzeiro** de 11 de fevereiro (Figura 32).

A narração sublinha e interpreta a seqüência:

NARRAÇÃO: Distante do Brasil a imponente figura histórica de José Bonifácio, o Patriarca, é uma lembrança que traz o exemplo da lealdade e da dedicação à pátria. No frio abaixo de zero, flores são levadas à estátua do grande brasileiro. As solenidades não o afastaram das aproximações puramente humanas. Uma pequena vítima da poliomielite.

Os ideais de “lealdade” e “dedicação à pátria” relacionados à imagem de José Bonifácio são também os de JK. O percurso da viagem é uma tentativa de fortalecimento da imagem de democrata; a atitude de reverenciar uma figura histórica da independência brasileira nos Estados Unidos reforça a vontade de Juscelino ser reconhecido como um defensor da nação à medida que as críticas afluíam de todos os lados.

O gesto de humanismo e afetividade não está isolado na viagem. Vimos em **O Cruzeiro** de 11 de fevereiro de 1956, n.17, Figura 31, Juscelino abraçado por uma mulher, brasileira, que o reconhece nas ruas de Paris. Aliás, a viagem à França, como vimos, foi marcada pelo lado sentimental, segundo a revista.

Dos Estados Unidos à Europa a travessia do mar:

- close de hélice de avião voando;
- plano de conjunto de Juscelino saindo do hotel; travelling do carro saindo do hotel;
- 2 planos próximos de jornais sendo impressos;
- plano próximo de um homem lendo jornal;

- plano de conjunto de JK despedindo-se de autoridades e embarcando no avião;
- close de hélice de avião voando.

NARRAÇÃO: Incansáveis, o homem e a máquina vão atravessar o Atlântico rumo à Europa. O avião é o hotel do viajante, o seu lar, o seu restaurante provisório. Primeira escalada no velho continente: A Holanda. Juscelino pôde dizer aos bons imigrantes que o Brasil, terra fabulosa, os espera de braços abertos. Pôde dizer ao lavrador europeu que ele encontrará durante os anos de seu governo um país que difundirá ao máximo a mecanização da lavoura, onde as famílias estrangeiras possam encontrar em paz, possibilidades e segurança. Temos campos no sul para a reprodução do gado europeu sempre e em maior escala. Temos petróleo para suas sondas. A longa viagem é afinal, uma oportunidade para novos confrontos do papel do Brasil na situação atual do mundo.

Na Holanda, pátria do trabalho dirige-se o presidente ao palácio onde a Rainha Juliana o recebe como futuro chefe de uma nação verdadeiramente amiga.

Abrem os jornais largo espaço à presença do mensageiro da boa vontade. Mas chega o momento de partir em direção a outros portos. Em Amsterdã as altas personalidades holandesas saúdam o representante do jovem país da América do Sul cujo povo recebeu a influência e o sangue saudável da disciplinada gente dos países Baixos.

Na Europa é que se passa a maior parte da viagem. Além de abordar os encontros com os estadistas europeus, o filme enfatiza, através de imagens de arquivo, o Plano de Metas então proposto em campanha. É a visualização do que Juscelino conversava com presidentes, primeiros-ministros, rainhas, industriais, banqueiros.

- seqüência de imagens de arquivo: caminhões da FNM, camponeses colhendo café, moças varrendo café espalhado no terreiro; operários; movimento de cidades; multidão;
- close de hélice de avião;
- avião estacionando no aeroporto;

- em plano americano vemos JK descer do avião e cumprimentar o premiê italiano Augusto Segni;
- outro plano de JK com o presidente Giovanni Gronchi;
- seqüência no cemitério de Pistóia: JK leva flores ao túmulo do soldado brasileiro; panorâmica mostrando o cemitério; close de JK, semblante grave olhando a imagem de Nossa Senhora Aparecida; close da imagem de Nossa Senhora Aparecida (campo/contracampo).

Essas seqüências nos mostram Juscelino Kubitschek como um presidente, sem ser empossado, digno e altivo, aberto aos sentimentos mais nobres do ser humano; o humanismo, como já trabalhamos, é reforçado na visita ao cemitério de Pistóia onde, à imagem de JK visivelmente emocionado diante das cruzes que representam os soldados brasileiros mortos durante a Segunda Guerra Mundial, sucede a imagem de sua visita ao Vaticano, o encontro com o Papa Pio XII e o plano em que o vemos ajoelhado rezando.

NARRAÇÃO: Da Alemanha rumo à Itália. Naqueles dias, naquelas noites de cansaço não eram muitos os seus momentos de repouso. O sono venceu a todos na passagem dos Apeninos. A Itália colabora com o Brasil na solução dos seus problemas de transportes com esse fabuloso FNM. Sabia o presidente que o material humano, a excelente imigração italiana é a maior riqueza que a Itália nos pode mandar para as terras maravilhosas do Paraná, para o Brasil inteiro, campos e cidades, lavoura ou indústria? O quadrimotor se aproxima de Roma, a capital cristã do mundo. O premiê Augusto Segni recebe o presidente do Brasil no aeroporto de Champino. Da visita a Roma resultariam as bases iniciais para os possíveis acordos comerciais ítalo-brasileiros, ponto de partida para importantes desenvolvimentos industriais que Juscelino tinha em mente. O primeiro mandatário brasileiro recebido pelo presidente italiano Giovanni Gronchi sentiu nas palavras que este proferiu seu desejo de uma expansão maior dos investimentos italianos na indústria mecanizada do Brasil. Reverenciando o soldado que morre pela pátria. O capítulo mais emocionante da viagem de Juscelino: o cemitério brasileiro de Pistóia. Assumindo um compromisso, afirmou

então Juscelino diante das cruzes brancas, naquele pedaço de Brasil no além-mar: venho a Pistóia pedir a esses que partiram para a guerra em plena mocidade e não tornaram a seus lares, a força de alma, a decisão e a inspiração. Diante dos nossos soldados, nesse cemitério de Pistóia, quero assumir o compromisso de dedicar-me inteiramente aos trabalhos que o Brasil reclama, sem medir sacrifícios.

Ao voltar para o Brasil, Juscelino está pronto para a posse; aprovado no exterior, na companhia de João Goulart, inicia o ritual para se efetivar no cargo de presidente e, Goulart, como vice-presidente. Em carro aberto, desfilam pelas ruas da capital federal até o Palácio do Catete e lá outro ritual acontece: o recebimento da faixa presidencial das mãos de Nereu Ramos. No caminho até o Catete quem aperta as mãos de populares é João Goulart, a multidão é sugerida pela chuva de papéis picados e serpentinas.

Podemos aqui retomar um pouco mais a relação entre JK e o povo. O distanciamento, como já dissemos, ainda predomina, tanto no gesto realizado pelo vice-presidente e ausente em JK, quanto na idéia de que esse povo ovaciona os novos dirigentes do país dada pela narração. Juscelino não se deixa envolver pela multidão, não caminha em direção a ela.

Edson Nars (1996) analisa que a viagem aos Estados Unidos mostra Juscelino pouco à vontade em alguns momentos e ao mesmo tempo tem uma recepção positiva. Essa ambigüidade se deve às relações instáveis entre Brasil–Estados Unidos, à necessidade de se afirmar a democracia no Brasil a partir de sua eleição.

A essas questões levantadas observamos que a imagem de Juscelino Kubitschek é a do líder afeito a pequenos gestos. As imagens pelas quais JK relacionou-se com o povo brasileiro nesse primeiro momento têm a preocupação da campanha de fazer-se conhecido, agora internacionalmente. Ele aparece como uma novidade no exterior ao mesmo tempo em que leva suas propostas de desenvolvimento econômico e a idéia de estabilidade política. Internamente, continua a necessidade de tornar-se conhecido em todo o território. Mas as revistas ilustradas mostram um presidente eleito para além da viagem, o que não

acontece no documentário, limitado à viagem e à posse. Ele continua aparecendo como o articulador político agora envolvido nas discussões em torno da escolha de nomes para compor seu ministério. Essa complexidade na imagem de JK será discutida no próximo capítulo.



(Fig. 39) O Cruzeiro, 11 de fevereiro de 1956 – n.17 – Ano XXVIII
JK em busca de riqueza para o Brasil – O presidente descreve sua viagem com exclusividade para “O Cruzeiro”
Reportagem de Eugênio H. Silva e Álvares da Silva



(Fig. 40) Manchete n.195 – 14 de janeiro de 1956
Juscelino toma café com Ike

4. À PROCURA DO PALCO... EM CENA

Vimos no capítulo anterior como Juscelino Kubitschek, ao planejar sua viagem ao exterior, pretendeu fazer-se presente ao público de cidadãos no Brasil através da representação imagética. Estudamos como isso se deu, mas essa representação não ficou restrita às imagens da viagem; as revistas ilustradas também se debruçaram sobre outros eventos em que encontramos a imagem de JK que, de alguma maneira, pretendia controlá-la. A partir dessas idéias iniciais, estudaremos neste capítulo as imagens de Juscelino veiculadas em **Manchete** e **O Cruzeiro** no primeiro ano de seu governo e as imagens de JK e Brasília desses dois periódicos e em filmes.

4.1 – Imagens do cenário da crise

Janeiro foi um mês de expectativas na política nacional. Depois de se fazer conhecer nos países desenvolvidos e, antes disso, de ter atingido a dimensão nacional, Juscelino teria que provar a sua capacidade de liderança. Como nos diz Balandier (1982, p.17)

Vencedor, ele terá a obrigação de representar com os recursos de um cerimonial, de governar, manifestando sua competência e sua "sorte", de dominar, mostrando que mantém o controle das "forças" – compreendidas as próprias.

A viagem ao exterior foi cansativa, fez provar pelas imagens nas revistas ilustradas que JK estava em boa forma física para se sustentar no governo e também sua competência em articular-se para iniciar a movimentação do Programa de Metas proposto durante a campanha. Mesmo que suas obras em Minas Gerais tenham demonstrado e representado essa força, o desejo de levar à frente planos mais ambiciosos, como a construção de Brasília, impunha um grande domínio e controle de forças internas e externas.

As imagens de Juscelino em viagem não são as únicas nas quais ele aparece. Ou, ainda, a viagem não é o único palco mostrado pelas revistas e pelo

cinema. Tanto **Manchete** quanto **O Cruzeiro** possibilitam “uma nova forma de dramaturgia política”, como diz Balandier (idem, p.63); o poder com “menos dependência do ciclo anual do cerimonial político” (ibidem).

Os rituais do poder certamente são explorados pelos meios de comunicação, mas outras situações ganham visibilidade. Não são necessariamente circunstâncias excepcionais e “adquirem (...) uma força de irradiação” (ibidem), tal como a multiplicação da imagem que implica um desgaste, como já vimos. Novas e tradicionais situações ganham um outro palco, ou seja, o universo político ao ser mostrado nas páginas das revistas ilustradas e na tela de cinema tem um outro lugar dramático.

Tomamos tal idéia de Balandier que entende o “cenário” como sinônimo genérico do “lugar dramático em que são produzidos efeitos” (ibidem). As fotorreportagens, as imagens que aparecem nas revistas e os filmes, cada um com sua especificidade narrativa, mostram a dramatização e dramatizam o universo político. Nesse cenário, o político desempenha papéis, personagens, impõe

(...) uma imagem de si mesmo que capte e fixe a atenção do público.

Essa imagem é uma reprodução mais ou menos fiel dele mesmo. É o conjunto de traços que ele preferiu apresentar à observação pública. É uma seleção, uma recomposição.

Esta maquete reduzida constitui, portanto, uma representação figurada da realidade. E ao mesmo tempo uma reconstrução da realidade. (SCHWARTZENBERG, op.cit., p.11)

A personagem na composição dessa imagem nem sempre é única. Há, segundo Schwartzberg, um “repertório político” de papéis. O homem político almeja sempre as grandes personagens, mas é na diversidade de papéis que se compõe “uma imagem de marca heterogênea, feita de diferentes traços e calcada em diversos mitos” (idem, p.17). Retomemos a idéia iniciada no capítulo anterior da hierarquia do poder quanto às imagens. Vimos que, em relação a JK, no início da carreira política sua imagem estava subordinada à de Getúlio Vargas e à de

Benedito Valadares, homens cuja projeção imagética no cenário político nacional estava em harmonia com suas posições políticas, de ditador para o primeiro e de governador para o segundo – Figura 1.

No entanto,

As circunstâncias fazem e desfazem (...) personagens, provocam a sucessão de papéis, condicionam as figuras diferentes da autoridade. A passagem se dá de uma arte política mais teatral e melhor ajustada ao tipo de poder ilustrado pelo herói para uma arte política moldada pelo cinema e pela televisão. Para um modo de representação que se organiza à maneira do “star system” e encontra na imprensa um agente de reforço. (op.cit., p.63)

A informalidade, segundo a legenda da Figura 1, é a qualidade que une o Juscelino prefeito ao JK presidente. Há a citação de duas obras que o qualificam de moderno: a Pampulha e Brasília. Então que papel cabe a Juscelino Kubitschek no palco da política nacional?

Retomemos: ele se prepara enquanto governador para a presidência, estabelece uma série de metas a serem desenvolvidas em Minas Gerais e as coloca em prática. É o homem dinâmico. Inova com a concepção da Pampulha por Oscar Niemeyer, leva indústrias para o atrasado estado mineiro. É o homem moderno.

De certa maneira esses atributos que Juscelino Kubitschek constrói, enquanto governador, serão potencializados como presidente, mas isso não ocorre de uma maneira imediata. Os acontecimentos políticos são obstáculos a essa construção, ao mesmo tempo em que serão contados como pontos positivos e de reforço a seu favor quando superados no decorrer da presidência.

Juscelino encarna a figura do herói, chegou de sua viagem triunfante, os objetivos foram cumpridos e os planos para o futuro também o levarão ao triunfo no final do mandato. Assim ele crê. Sua autoridade funda-se no carisma e na ação: trabalho e movimento. Já exploramos esse lado inicialmente pelo plano da hélice de avião em **O mundo aclama o Brasil**.

O herói, para Schwartzberg, “faz o espetáculo, proporciona o sonho e confere a certeza” (s.d., p.22). O Programa de Metas apresentado à nação é a

maneira que Juscelino encontrou para mostrar a segurança. Ele tem uma visão clara do futuro a partir daquilo que estabeleceu como desenvolvimento. No entanto, o herói precisa “manter distância com relação ao vulgo. (...) Em seguida, é importante manter o mistério e transformar o poder em enigma” (idem, p.25).

Mas, como tudo isso se constitui no campo da imagética? Observamos que a figura do herói JK é paradoxal. Se olharmos atentamente para as revistas do mês de janeiro e fevereiro de 1956 encontraremos uma série de imagens de Juscelino que configuram ao mesmo tempo o triunfo e a continuação da crise desencadeada pela eleição em outubro.

No conjunto de filmes que estudamos, não há imagens desse primeiro ano de governo, portanto trabalharemos apenas com as imagens das revistas ilustradas.

A grande preocupação política no primeiro mês de 1956 era a constituição do ministério. Especulações eram realizadas pelas duas revistas: os exemplares de janeiro, ao mesmo tempo em que se dedicavam à viagem, não deixavam de fazer previsões e contatar os assessores mais próximos de Juscelino que permaneceram no Brasil para especular em torno das questões mais urgentes do futuro governo.



(Fig. 41) Manchete, 07 de janeiro de 1956 – n.194

Na Figura 41, vimos como **Manchete** coloca Juscelino numa posição de condutor de sua possível equipe ministerial. A diagramação das duas páginas forma o conjunto especulado pelo repórter Murilo Melo Filho das possibilidades políticas de JK. A fotografia de Juscelino, maior que as outras, ressalta sua posição de líder. De mão no bolso, a postura ereta em momento de discurso, parece justamente falar para essa provável equipe. Em contrapartida, as fotografias dos comandados formam uma espécie de platéia – foram dispostas de tal maneira que generais e políticos olham para JK ou para o leitor; sob cada uma delas um texto curto, uma legenda, informa sobre a situação política do retratado em sua relação com o futuro governo.

Na fileira superior, vemos fotografias dos generais que estarão ao lado de JK no ministério; nas outras duas fileiras abaixo, os políticos que comporão a parte civil. A idéia de hierarquia ligada ao frágil e difícil momento político é clara: os futuros ministros ligados às Forças Armadas aparecem em fotografias maiores que as dos outros futuros ministros civis, porém em um tamanho menor ainda que a de Juscelino. A legenda abaixo da fotografia de JK e o início do texto mais longo nos fornecem maiores informações sobre o delicado processo que constituiu a eleição presidencial naquele momento: “Legenda: JUSCELINO: suas cogitações, neste momento, giram em torno da formação de seu ministério, por dois caminhos – grandes nomes, ou com bases estritamente políticas”.

Para começo de conversa, devo dizer que acredito sinceramente na posse do sr. Juscelino Kubitschek, a 31 de janeiro. Pois, se não acreditasse, esta reportagem seria apenas uma farsa. Não vejo no xadrez político qualquer peão ou qualquer cavalo capaz de obstar o pulo do bispo para o xeque-mate sobre o rei (no caso, o bispo seria o próprio sr. Kubitschek e o rei o Catete). Partindo, portanto, da suposição lógica da posse a 31 de janeiro, fizemos o levantamento dos nomes mais cotados para o futuro ministério. Para isso, muitas opiniões e palpites foram ouvidos. Opinaram sigilosamente na nossa “enquête” os principais lugares-tenentes do (quase) presidente da República, que tem hoje a interpretar-lhe os pensamentos e as diretivas numerosos porta-vozes. (FILHO, Murilo Melo. **Manchete** 07 de janeiro de 1956, n.194)

Efetivamente, Juscelino Kubitschek começa a governar em fevereiro de 1956. Como vimos no capítulo anterior, o mês de janeiro foi uma tentativa de neutralizar os ataques da oposição. A viagem mostrou aos cidadãos o presidente eleito interessado e esforçando-se em dissipar a névoa na qual era entendido como herdeiro do varguismo, em afastar-se também da imagem do ditador, depois presidente e de quem realmente fora próximo.

O debate e as especulações em torno do ministério prosseguem pelos exemplares seguintes. O de 14 de janeiro nos mostra JK em viagem, mas o de 21 de janeiro nos dá um outro elemento a ser enfrentado pelo presidente eleito. Além da viagem, Juscelino aparece ao lado de Israel Pinheiro, então deputado federal. No artigo de duas páginas de Pedro Gomes há a trajetória da criação do Ministério da Economia, empenho e esforço de Israel Pinheiro. Esse ministério se tornou uma espécie de “arma” no combate à crise econômica que atingia o país e uma das frentes a ser combatida por JK. Vejamos que o título do artigo “*Nova arma no front da crise*”, apela para o sentido bélico que se queria imprimir à situação, ou, ainda, dá uma significação de luta a ser empreendida. No entanto, a imagem utilizada no artigo está num outro sentido, o da negociação – Figura 21. Juscelino conversa com Israel Pinheiro, sentados um ao lado do outro. Se o título do artigo carrega no sentido de luta, o conteúdo do mesmo não enfatiza esse sentido e nem mesmo a fotografia. A postura dos dois políticos é a da negociação, assim como o percurso indicado no texto. No mesmo exemplar, vimos JK com Eisenhower (Figura 20) na seção **Política**, também escrita por Pedro Gomes, analisada no capítulo anterior, além das imagens da viagem que também prevalecem no último exemplar do mês de janeiro.

Em **O Cruzeiro** encontramos algumas preocupações que convergem no sentido textual, mas divergem na imagética de **Manchete**. Esta divide a imagem de Juscelino entre a viagem ao exterior e o Brasil. Ao mesmo tempo em que cumpre seu itinerário de visitas, também se encontra no Brasil envolto nas negociações para seu ministério.

O Cruzeiro, na edição de 14 de janeiro de 1956 – Figura 42 -, nos mostra Juscelino ligado à sua campanha eleitoral, junto a Jango em um comício em Belo Horizonte, como esclarece a legenda, na página da esquerda. À direita, a seqüência fotográfica dedica-se a mostrá-lo em conversa com Armando Falcão e Almirante Amaral Peixoto; na primeira fotografia de cima para baixo, com Assis Chateaubriand e Amaral Peixoto; na terceira ele está com Vitorino Freire.



(Fig. 42) O Cruzeiro, 14 de janeiro de 1956 - n.13 – ano XXVIII

Vemos aqui que a forma predominante nas fotografias é a triangular, o conversar está ligado à idéia de consulta a interlocutores para a composição do ministério, o que se contrapõe ao texto ou, pelo menos, ao título do artigo que sugere quase sempre a idéia de competição ou a de luta, batalha, como no exemplar de 28 de janeiro – Figura 43 -. O título diverge das fotografias que acompanham o texto. Ao lado de Benedito Valadares, JK aparece a partir de uma fotografia recortada, o que dá a impressão que está em close. Apesar das duas fotografias terem a mesma dimensão, o recorte amplia a imagem de Juscelino em relação à de Valadares. Na hierarquia das imagens, a de JK já toma a frente e se destaca no meio dos políticos, afinal agora ele é o presidente.



(Fig. 43) O Cruzeiro, 28 de janeiro de 1956 – n.15 – ano XXVIII

O caráter bélico dado pelo título é explicado no texto que traça o percurso espinhoso do presidente eleito desde 1953 quando seu nome era cogitado como candidato a candidato. Não há tensão na expressão de Kubitschek; tanto nas seqüências fotográficas como nas outras fotografias, não se nota, em seu semblante, relação com os conflitos colocados nos artigos em ambas as revistas. Em **O Cruzeiro**, percebemos um tratamento mais homogêneo de Juscelino na medida em que a abordagem está sempre ligada à questão política interna e não à viagem. Mesmo fotografado ao lado do avião que o levou ao exterior – Figura 29 – sua imagem refere-se a acontecimentos da política interna.

O mês de fevereiro, para ambas as revistas, é dedicado a mostrar a posse do novo presidente acontecida em 31 de janeiro. **Manchete** aborda a posse em dois exemplares, os de 04 e 11 de fevereiro. No primeiro, vemos a posse formal: a recepção no Palácio Tiradentes, em sessão conjunta da Câmara e Senado. Diante de políticos e representantes de Estado, Juscelino e Jango prestam juramento.



(Fig. 44) Manchete, 04 de fevereiro de 1956 – n.198

A posse em **Manchete**, no exemplar de 04 de fevereiro – Figura 44, teve a cobertura de um grupo de fotógrafos: Armando Nazário, Armando Nogueira, Faria de Azevedo, Gervásio Batista, Hélio Santos, Luis Pinto, Juvenil de Souza e Orlando Machado. Os textos curtos descrevem de forma geral a situação das seqüências fotográficas.

Vejamos as outras seqüências em que JK aparece: elas privilegiam os acontecimentos internos à posse, isto é, o que se passou no Palácio Tiradentes e no Catete; Juscelino recebe cumprimentos de políticos e estadistas; privilegiou-se mostrar, afinal, quem estava presente, como Nixon, por exemplo. A platéia ilustre acompanha, mais ou menos atenta, o cerimonial – Figura 45.

Em outra seqüência (Figura 46), um pouco confusa, vemos na página da esquerda na fotografia acima do texto, JK, com a faixa presidencial, beijando sua mãe; abaixo do texto, Juscelino recebe a faixa de Nereu Ramos. Na página da direita, a seqüência continua com uma fotografia maior da chegada de JK e Jango ao Palácio do Catete: no primeiro plano uma fileira de soldados está a postos, de costas para o fotógrafo, em segundo plano alguns seguranças e o carro presidencial. Em pé ao lado de Jango, Juscelino acena olhando para cima e, ao

fundo algumas pessoas: seria o povo? Abaixo dessa fotografia que ultrapassa a página da direita, temos três outras menores – da esquerda para a direita: a chegada de Dona Sarah, JK – sem a faixa presidencial – e Nereu Ramos subindo as escadas do Catete e JK arrumando o cabelo. A diagramação das fotografias dessas duas páginas não segue a cronologia dos acontecimentos, ela organiza-se de uma outra maneira, privilegiando os fatos acontecidos nos ambientes internos que parecem homogêneos; as legendas, ao serem descritivas, orientam o leitor na sua localização espacial.



(Fig. 45) Manchete, 04 de fevereiro de 1956 – n.198



(Fig. 46) Manchete, 04 de fevereiro de 1956 – n.198

A festa no Palácio do Catete só foi divulgada por **Manchete** no exemplar do dia 11 de fevereiro. O ritual de receber aconteceu logo após a posse e o desfile pela rua. No Catete, JK e Jango recebem os cumprimentos dos convidados antes do banquete.



(Fig. 47) Manchete, 11 de fevereiro de 1956 – n.199



(Fig. 48) Manchete, 11 de fevereiro de 1956 – n.199

À sucessão de cumprimentos segue o discurso do presidente empossado, em duas tomadas, uma em preto e branco e outra colorida. Em cores também é a fotografia de Kubitschek com Sarah, a primeira-dama. Na disposição das fotografias mais uma vez a sucessão dos acontecimentos fica um pouco comprometida. A fotografia colorida da página da direita na Figura 48 é, segundo a legenda, da chegada de JK e Sarah no Palácio do Itamaraty para o banquete, algo que acontece antes de cumprimentos e discursos.



(Fig. 49) Manchete, 11 de fevereiro de 1956 – n.199

Nesse mesmo exemplar, na seção **Política**, Juscelino aparece em duas situações diferentes: entre as duas páginas, uma fotografia o mostra em uma mesa cercado por repórteres e fotógrafos. Era a primeira coletiva como presidente; o texto ao lado, *A imprensa e o ministério*, coloca o comentário de insatisfação e decepção de diversos jornais sobre a composição do ministério. Abaixo, em uma seqüência de quatro fotografias, JK aparece em situações descontraídas ainda durante as festas da posse. Em outra reportagem de Pedro Gomes de Andrade – Figura 51 –, Juscelino está na cabeceira de uma grande mesa com seus ministros na primeira reunião entre o presidente e sua equipe ministerial. Nesse exemplar, alguns cenários são deixados de lado enquanto outros se iniciam; os rituais de posse e as festas oficiais duraram duas semanas em **Manchete**. A imagem de Juscelino está distante do povo: o presidente e o povo não são representados juntos.



(Fig. 50) Manchete, 11 de fevereiro de 1956 – n.199



(Fig. 51) Manchete, 11 de fevereiro de 1956 – n.199



(Fig. 52) Manchete, 04 de fevereiro de 1956 – n.198



(Fig. 53)

As legendas das fotografias nas Figuras 52 e 53 nos informam que o povo saúda o novo presidente, no entanto ele está ausente nessas imagens que evocam o apelo popular. É o vice-presidente João Goulart – Figura 52 – quem abraça uma senhora em meio a populares. Não há exaltação ou população alterada na rua. As pessoas esperam com disciplina a passagem do desfile presidencial. Entretanto, a revista mostra esse povo de dia e à noite, o que nos leva a pensar que

imagens de arquivo foram usadas na constituição das seqüências fotográficas.

O Cruzeiro também faz sua cobertura da posse do novo presidente em fevereiro, na edição do dia 11, a mesma em que mostra a viagem de Juscelino ao exterior. De maneira mais concisa que em **Manchete**, a fotorreportagem procura mostrar JK tomando posse e na festa do Catete. As seqüências procuram trazer ao leitor uma visão geral de tudo o que aconteceu; nas pequenas fotografias, características da diagramação da revista, temos uma “decomposição analítica” (PEREGRINO, 1991, p.60), uma continuidade da ação, no caso, a posse e a festa.

Com texto de Carlos Gaspar e fotos de Eugênio Silva e João Martins, a fotorreportagem *O novo presidente* não economiza em mostrar JK. Na Figura 54 vemos Juscelino subindo as escadas do Catete, a legenda interpreta a ação:

ATÉ O ÚLTIMO DEGRAU

A campanha do Sr. Juscelino Kubitschek foi uma luta penosa e dramática. Ei-lo, enfim, atingindo o objetivo. A seu lado, o General Henrique Teixeira Lott, que, como Ministro da Guerra, afirmou que

garantiria, e na realidade o garantiu, a posse. Ele subiu com Juscelino as escadas do Palácio do Catete, levando-o até o último degrau.

O autor da legenda aproveitou a imagem e colocou em palavras, no texto curtíssimo, um resumo do que aconteceu desde a campanha eleitoral. Juscelino atingiu seu objetivo e a revista reforça esse acontecimento em palavras e em imagens.



(Fig. 54) O Cruzeiro, 11 de fevereiro de 1956 – n.17 – Ano XXVIII

Na seqüência fotográfica ao lado do texto, vemos o juramento da posse, o aceno para a platéia, para a multidão, a transmissão do cargo ao receber a faixa presidencial de Nereu Ramos, o assédio da imprensa durante a primeira entrevista coletiva e os fotógrafos sobre a mesa “derrubando estátuas, pisando pastas, etc.”, como descreve a legenda.

Em continuação a essa seqüência temos a recepção no Palácio do Itamaraty. O texto esclarece ao leitor quando e onde a festa aconteceu. Um desfile de rostos identifica algumas autoridades que participaram do evento. Abaixo, duas fotografias: na primeira, Nixon conversa com o ex-presidente da França, Auriol, enquanto na segunda Juscelino conversa com Jango, com expressão preocupada, “grave” como adjetiva o texto de Carlos Gaspar. Na

página da direita, uma foto de página quase inteira nos mostra, de perfil, JK e Sarah; a legenda comenta que a elegância da primeira-dama foi assunto entre mulheres presentes à festa. Essa fotografia é um outro ponto de vista daquela colorida em **Manchete** – Figura 48 – o fotógrafo está ao lado do casal e não à frente.



(Fig. 55) O Cruzeiro, 11 de fevereiro de 1956 – n.17 – Ano XXVIII

A terceira seqüência fotográfica – Figura 56 – faz uma análise da festa. Ela leva ao extremo o que Nadja Peregrino (1992) chama de “decomposição analítica”. A festa é mostrada através de seus convidados, cada fotografia revelando aqueles que participaram do evento e a situação em que se encontravam. Não há apenas a identificação de rostos como em parte da seqüência acima, mas um movimento que mostra a intensidade do acontecimento, “através de uma repetição continuada” (PEREGRINO, *idem*). As conversas, quase sempre entre duas pessoas, os casais em pose, os instantes fotográficos, a forma triangular do conteúdo visual, procuram oferecer ao leitor não apenas o instante singular, o ineditismo, mas o relato imagético. O banquete é apresentado na diversidade dos acontecimentos. A imagem de Kubitschek está em quase todas as seqüências na medida em que ele é o personagem principal do relato imagético.

Aqui ele aparece na primeira fotografia da primeira fileira de cima para baixo, conversando com Jango.



(Fig. 56) O Cruzeiro, 11 de fevereiro de 1956 – n.17 – Ano XXVIII

Em outra seqüência, vemos a apresentação de acontecimentos referentes ao evento. Acima, podemos observar que o prato principal foi faisão, que aparece em uma pequena fotografia na página da esquerda. Era preciso apresentar quem afinal preparou essa iguaria para os convidados que representavam o mundo. A presença de JK não pôde ser dispensada. Ele aparece em uma pequena fotografia na página da esquerda. A legenda nos informa de sua presença. Mas os acontecimentos abordados nas duas páginas são: o ballet e o *chef* francês que preparou o faisão – Figura 57. O casal de bailarinos representa o espetáculo de dança apresentado durante o banquete. O local também merece um espaço maior na página, ao lado do retrato do *chef* Grangier segurando sua “obra culinária”. O texto na página da esquerda faz especulações em torno do valor gasto para a festa, assim como o possível pagamento ao eminente cozinheiro convidado que saiu de Nova York para “apreciar”, “ver” o que há no Brasil, nada recebendo em dinheiro para cozinhar para o novo presidente.



(Fig. 57) O Cruzeiro, 11 de fevereiro de 1956 – n.17 – Ano XXVIII

A posse e a festa foram eventos importantes para a imagem de JK no primeiro mês como presidente. Podemos entender esse momento ritualístico como o desfecho de toda a tensão política que existia no país desde a morte de Vargas. Ele marca simbolicamente o início de um outro período político e econômico. O texto inicial de Carlos Gaspar em **O Cruzeiro** – Figura 54 – revela que os deputados e senadores da UDN não compareceram à posse no Palácio Tiradentes, demonstração de uma oposição unida em repúdio à eleição legítima de Juscelino Kubitschek, que se confirmava e se realizava naquele ritual de posse.

A oposição fazia retirada momentânea e estratégica. Essas hipóteses são aceitáveis para a ausência da UDN. Por outro lado, a oposição, vencida, de fato não comparece a um momento de triunfo como a posse.

Segundo **Manchete**, poucos representantes da UDN apareceram à cerimônia, mas não nomeia nenhum deles; se compareceram, não fizeram o enfrentamento agressivo. Iniciavam a oposição vigilante.

O ritual do poder – no caso, a posse, a transmissão do cargo e, extensivamente, a festa – faz parte do universo político, é um de seus cenários obrigatórios. Nereu Ramos, ao passar a faixa presidencial a JK, reforça a

legitimidade dada pelo voto. Em ambas as revistas, os textos nos informam dados confusos quanto à idade da faixa presidencial. Para **O Cruzeiro**, ela serve a República desde Affonso Penna, isto é, desde 1906; para **Manchete**, a faixa data de Washington Luís, 1926. Essa imprecisão cronológica expressa um dos poucos referenciais históricos usados pelas revistas ilustradas e que se limita ao texto, nenhum cerimonial de posse anterior é evocado. Dessa maneira, a novidade parece realmente existir com o *novo presidente*.

Para além das imagens da novidade, a descrição textual complementa o que não foi possível apresentar em imagens: detalhes como a caneta de ouro com diamante marcando a cidade de Diamantina no mapa do Brasil ali incrustado com a qual JK assina o termo de posse, o pé direito à frente quando Juscelino entra no Catete na companhia de Nereu Ramos.

Como já observamos, as imagens do povo ou do novo governante em meio a ele, são residuais. Se em **Manchete** percebemos uma distância expressa visualmente – Figuras 52 e 53 –, em **O Cruzeiro** há a ausência da apresentação visual do povo que se restringe ao discurso escrito quando, ao final do texto inicial da fotorreportagem, Carlos Gaspar informa que JK manda abrir os portões do Palácio: “E o povo invadiu os jardins do Catete”.

Se **Manchete** inicia fevereiro com as imagens do cerimonial de posse, **O Cruzeiro** dedica o primeiro exemplar do mês a uma espécie de apresentação do então presidente antes de mostrar o ritual de poder no dia 11. A fotorreportagem de título *É o Presidente do Brasil* tem texto do deputado estadual mineiro Olavo Drummond e fotos de Eugênio Silva. O deputado e o fotógrafo deslocam-se até Diamantina juntamente com JK e revivem sua infância e juventude, traçam o percurso formador, a partir do relato de D. Júlia, mãe de Juscelino. As dez páginas fartamente ilustradas nos mostram o presidente em sua antiga casa, lugar onde aprendeu as primeiras letras com a mãe, ao lado da irmã, Naná, de Sarah e das duas filhas, Márcia e Maristela.



(Figs. 58 e 59) O Cruzeiro, 04 de fevereiro de 1956 – n.16 – ano XXVIII

O teor biográfico, tanto no texto quanto nas fotografias, nos faz conhecer melhor o presidente. Nas figuras acima, Juscelino visita sua casa em Diamantina, lugar em que viveu sua infância e parte da juventude. A noção de nostalgia é, evidentemente, dirigida nas imagens e nas legendas descritivas: revê seu quarto, a cozinha, a jabuticabeira, se identifica com todas as coisas da vida simples que tivera. Na fotografia de página inteira, JK, na janela, olha para o passado ou para o que há por vir? A legenda dirige a significação: *Uma janela e muitos planos. Ela ficou como marco na vida de Juscelino. Quando fala sobre sua carreira, ele diz que tudo está ligado a este quarto da infância.*

Nas páginas a seguir, imagens da infância e adolescência: no seminário, durante a revolução de 1932 e um retrato com a irmã Naná. O percurso não deixa de citar os amigos que se tornaram companheiros políticos. Os laços afetivos que estabeleceu com a cidade de Diamantina e seus habitantes são sempre evocados e identificam o presidente. O presente está repleto de lembranças que constituem um homem que não dá as costas ao seu passado. Diamantina parece ser o cenário onde tudo começou na vida política de JK. De lá ele veio e para lá voltou quando se tornou presidente; se saiu ainda pobre voltou

triunfante como presidente, mas conservando a humildade que lhe é dada como atributo, na medida em que retorna e revê sua história sem renegá-la, ao contrário, assumindo-a.

Apresentados o passado e a família do presidente, a trajetória política é refeita, enfatizando a mudança pela qual passou de médico muito bem estabelecido a político seduzido pela política. Os percalços são lembrados para não deixar dúvida ao leitor de que, se JK era presidente, alcançou o cargo por merecimento, ultrapassando todos os reveses que se colocaram durante sua vida. Essa história de vida nos mostra o percurso do *self-made man*, a ascensão do menino pobre de Diamantina a presidente da República, algo inédito na tradição política brasileira em que o mérito não tinha espaço, mas sim o privilégio dado pelo nascimento.

Ao analisar a “construção do mito Juscelino Kubitschek no imaginário político e na memória coletiva” Rosilene Montenegro (2001, p.425), a partir das memórias e discursos de JK, percebe que ele, ao repetir sua história, enfatiza sua pobreza (não miserabilidade) e a importância da família e, mais especificamente, o papel de sua mãe em sua formação (idem, p.139-140). Na fotorreportagem, as imagens, ao apresentarem Juscelino em seu retorno a Diamantina, fazem com que o público visualize o seu passado; este é outro cenário no qual JK atua no início de tudo e aonde ele sempre voltará. Mostrar seu percurso através das fotografias nas páginas de **O Cruzeiro** foi fundamental para expandir sua imagem pelo país. Já discutimos como, na campanha, a mobilização da imprensa foi responsável por tornar sua imagem conhecida nacionalmente; o exemplar de 04 de fevereiro parece ainda fazer parte desse movimento de tornar sua imagem conhecida em todo o território agora como presidente, não mais como candidato. Era necessário, então, reiterar em imagens o que já se conhecia através do discurso verbal.

Embora as revistas tratem JK com evidente simpatia, e aqui ainda não podemos afirmar se **Manchete** desempenha esse papel com mais eficiência que **O Cruzeiro**, procurando mostrá-lo em seu esforço para iniciar o mandato

presidencial a partir do fim do mês de fevereiro, sua imagem freqüentarão predominantemente as seções de política de ambas as revistas.

Tal freqüência se dá ali, pois, como discutimos no capítulo anterior, essas seções eram o espaço privilegiado para a discussão e a crônica política e, como as outras seções, eram ilustradas. Porém, as fotografias não seguem uma seqüência narrativa como nas fotorreportagens e nem trabalham a decomposição analítica do acontecimento. As fotografias possuem um papel de identificação dos políticos que são citados nos diversos textos que compõem a seção. Há, é claro, o caráter de ilustração, no entanto, no universo político de muitos nomes, identificá-los torna-se um fator didático na relação que a revista estabelece com o leitor.

Retomando o movimento de leitura sugerido por Helouise Costa (1998), o texto de maior fôlego da seção permite que a fotografia também ganhe outros significados para além da identificação. Nesse novo cenário que as revistas exploram, JK tem uma outra imagem, que foge de seu controle nas seções dedicadas à política. Conforme já observamos ao analisá-las de maneira geral, as fotografias são provavelmente pertencentes aos arquivos das revistas. Temos então uma outra prática das revistas ilustradas, que é a repetição das fotografias. Essa repetição pode acontecer com o uso explícito da mesma imagem em outro contexto, adequando-a; ou, então, com a edição da fotografia já utilizada em outra ocasião, recortando-a; ou, ainda, as duas maneiras de tratamento fotográfico coexistem em ambas as revistas.

Embora a imagem de Juscelino apareça semanalmente, isso não significa que ela seja a mais importante nos contextos desenvolvidos por cada uma das revistas; podemos dizer que ela é a mais explorada pelo menos nos anos de sua presidência. Vimos acima como **O Cruzeiro** na edição de 11 de fevereiro faz duas grandes reportagens sobre JK: uma sobre sua viagem ao exterior, *JK em busca de riqueza para o Brasil* – Figuras 30 e 31 – e outra sobre sua posse, *O novo presidente* – Figura 54. No exemplar do mesmo dia de **Manchete**, JK também aparece em vários contextos: recebendo os convidados em sua festa de posse – Figura 47 –, na seção **Política** dando uma entrevista coletiva à imprensa

– Figura 50 –, e em outra reportagem, *O primeiro ministério de JK* – Figura 51. Esse procedimento não é raro: podemos ver Juscelino com expressão grave ao lado de um artigo que discuta a crise ministerial e páginas adiante junto à sua família ou em uma festa, sorrindo. A diversidade de situações apresentadas pelas revistas nos faz compreender Kubitschek como uma personagem com muitos cenários; as próprias revistas são cenários e palcos, lugares de sua atuação. No entanto, é necessário nos perguntarmos de que maneira as personagens atuam, por quem são dirigidas e como os cenários são criados.

Os cenários são aproximações à realidade na medida em que a fotografia de reportagem tem um caráter de objetividade – aqui retomamos a discussão de Schaeffer (1996) e que trabalhamos no Capítulo 2. A imagem para o fotojornalismo tem o estatuto de prova, testemunho mesmo que frágil em função de sua possível e provável manipulação. É o que temos como prática nas fotorreportagens e nas fotografias utilizadas nas seções políticas.

A produção de uma fotorreportagem, como nos diz Peregrino

(...) se caracteriza por uma fragmentação que ocorre em função dos diversos níveis de operacionalização presentes na publicação de uma fotografia. A escolha da foto, determinada pelo acontecimento, começa no momento do *click* (...), passa pelo editor de fotografia (...) e, em seguida, é encaminhada para a editoria geral, que determina o espaço que ela vai ocupar junto com o texto. Até sua forma final, a foto pode ser cortada, ampliada e, até mesmo, truncada. (1991, p.45-46)

A diversidade e heterogeneidade temáticas que Peregrino (idem, p.48) assinala em **O Cruzeiro**, e que não são diferentes em **Manchete**, também podem ser encontradas quanto à imagem de JK. Nas diversas situações em que ele aparece nas fotorreportagens e nas seções políticas podemos trabalhar a idéia de “interpretação do real” que, segundo Schaeffer (1996, p.75), está ligada à questão da objetividade. O fotógrafo, que podemos conhecer ou não através dos créditos de cada fotorreportagem – quando eles existem –, tem e, ao mesmo tempo, proporciona um determinado conhecimento sobre a imagem, o “conhecimento

lateral”. Esse termo geral empregado por Schaeffer nos fará compreender melhor as relações de construção da imagem de JK.

O conhecimento lateral é o que se sabe sobre aquela imagem e que pode ser visual ou não. Isso diz respeito ao receptor, mas queremos pensá-lo também em relação ao fotógrafo, produtor da imagem, e ao veículo, aqui, as revistas ilustradas. Em nosso caso, isso nos parece importante porque Schaeffer considera a legenda como sendo uma forma de conhecimento lateral. Da mesma maneira, podemos pensar o artigo como um conhecimento lateral.

Legendas e artigos entendidos como conhecimentos laterais em relação à imagem nos remetem à produção da fotorreportagem como vimos acima; também acompanhamos a influência e a participação do fotógrafo na escrita de legendas e pequenos textos, segundo a entrevista de Flávio Damm³⁰. Esses movimentos em torno da constituição da fotorreportagem nos fazem compreender que a ação de JK na construção de sua imagem pública é intermediada por níveis nos quais compartilha o controle sobre ela mesma, ou seja, o político tem um domínio relativo sobre sua própria imagem.

Os dois primeiros meses do mandato presidencial de JK representados nas revistas ilustradas nos iniciam na sua imagem pública; aproximam mais o público do então presidente em conjunto aos acontecimentos publicados. Para Balandier,

O poder não é mais associado a uma figura longínqua, moldada pelo mito inicial, o imaginário coletivo e a tradição, mas a uma elaboração que dá aos responsáveis uma presença e um renome, fazendo-os personagens capazes de provocar a mais ampla adesão. A cena parlamentar não é mais um universo quase fechado, ela é proposta aos olhos dos telespectadores que se tornam efetivamente espectadores a distância do drama montado por eles – o mais freqüentemente sob a forma de uma breve confrontação das “estrelas” políticas. (1982, p.63-64)

³⁰ Entrevista a Ana Mauad em 24/04/03 – Transcrita e depositada no Laboratório de História Oral e Imagem do Departamento de História – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense.

Por outro lado, não podemos perder de vista que o uso e a multiplicação de imagens e situações podem proporcionar o desgaste da imagem do político. No entanto, esse início de governo parece não ser atingido por esse movimento de desgaste apesar de JK ter enfrentado uma oposição agressiva durante a campanha.

Na historiografia do período, duas obras clássicas são importantes para compreendermos a questão da crise ou das crises durante a presidência de Kubitschek. Para Miriam Limoeiro Cardoso (1977, p.130), “(...) o governo JK foi uma época grandemente tumultuada, marcada ainda pela grave crise que a antecedeu e que culminou com o suicídio de Getúlio”. Após as eleições, as crises continuaram: “(...) o primeiro ano da Presidência JK parece ter sido um período de ajustamento das instituições governamentais às novas diretrizes a que deveriam conformar-se, processo que não transcorreu sem tropeços” (idem). Essas idéias em relação às crises, a autora percebe no próprio discurso juscelinista.

Na segunda obra de referência sobre o período, Maria Victória Benevides entende que há dois períodos em relação às crises conjunturais:

(...) o primeiro, que compreende 1956, 1957 e meados de 1958; o segundo se estende até o fim do mandato, ou melhor, até as eleições presidenciais de 1960. O começo e o fim do governo são marcados por fortes crises, mas essas crises tiveram naturezas diversas. Em 1956 Kubitschek e Goulart assumem o mandato em condições tais que estava em risco a própria possibilidade de governar; (...) Em 1959 as crises são de natureza especificamente econômica: é o planejamento que corre o risco de não ser cumprido. (BENEVIDES, 1976, p.49-50)

No entanto, a autora compreende que o governo tem uma “relativa estabilidade política” (idem, p.51) que existe segundo um modelo proposto por ela de “(...) três variáveis: política partidária, política militar e política econômica, num mecanismo de compensação no qual os momentos de ruptura entre tais variáveis são compensados por outras variações, mantendo-se sempre uma propriedade geral que garante a estabilidade do sistema” (ibidem). A implantação do Programa

de Metas dependia de como o governo Kubitschek conseguiria o apoio de outros setores e de que maneira lidaria com a interdependência das três variáveis colocadas pela autora.

Uma outra idéia ainda da crise nessa conjuntura diz respeito à sua “imagem” – da crise –, trabalhada por Maria José Trevisan (1986), ao analisar o papel e a representação do empresariado, através da FIESP, ou seja, a partir de seu discurso “sobre a sociedade brasileira, aí incluída a industrialização, as relações de classe e o papel dos agentes sociais (...)” (idem, p.18). Segundo a autora, no período JK, o empresariado associa a viabilização da industrialização à crise política inicial e de um desequilíbrio da sociedade advindo justamente de práticas políticas apaixonadas, que por sua vez é desqualificada.

Anteriormente discutida por Marilena Chauí (1978), a “imagem de crise” está associada à desordem apontada pelo discurso ideológico. Voltemos ao trabalho de Miriam Limoeiro Cardoso, pois é nele que podemos entender a concepção de desordem para a ideologia do desenvolvimentismo. No discurso desenvolvimentista, a desordem está associada à miséria. Se se combate a miséria há o combate à subversão, raiz da desordem e de outras ideologias que se contrapõem à ordem estabelecida. O desenvolvimento econômico é fundamental para extirpar o mal subversivo e estender o controle ideológico.

Se o empresariado preocupa-se com a desordem advinda do jogo político e o governo em sua proposta econômica e ideológica, com a subversão, tais posturas entram em harmonia por pertencerem ao pensamento burguês. Outra convergência é a de que há um pragmatismo nessa visão na medida em que o desenvolvimento é considerado “condição de segurança” para a ordem, assim como o fim da pobreza (CARDOSO, 1977, p.126).

Esse período de crise, no qual se inicia o governo JK, é uma herança da crise cujo clímax foi a morte de Getúlio Vargas. O seu desdobramento segue até o final de 1954, continua em 1955 e entra em 1956, mas com a novidade de um presidente que, mesmo entendido como herdeiro do antigo ditador, pretende

instaurar uma outra ordem, pelo menos algo renovador do ponto de vista do desenvolvimento econômico.

Para Balandier (1982, p.65), “os poderes modernos não eliminaram os investimentos míticos necessários a seu funcionamento; eles mudam as formas e se tornam sobretudo reivindicadores nos períodos de crise em que a ‘magia’ política sofre uma crise de eficácia”. Os momentos de ruptura como revoluções propõem novos mitos políticos, “exaltam o corte” (idem), novos atores aparecem, “eles fazem surgir do novo universo industrial e urbano as figuras da mudança, quer para exaltar o progresso e as alegorias que compõem o seu cortejo (Ciência, Tecnologia, Indústria, Comércio) (...)” (ibidem). Nesse período de crise continuada, não estamos diante de uma ruptura concretizada por uma revolução, mas por certo algumas características citadas por Balandier nos ajudam a compreender melhor o momento e, principalmente, a analisar as imagens dessa crise.

Sua personagem central é Juscelino Kubitschek, não apenas por ser o presidente da República, o político triunfante nesse momento, mas porque tem a consciência da necessidade de se fazer mostrar aos cidadãos como o presidente que propõe mudanças que se materializarão. Nesse sentido, ele *exalta o corte*, de que falava Balandier, dado por sua posse. Sua eleição foi importante, mas como presidente eleito ele estava limitado nas tomadas de decisões. Como presidente empossado também não tinha poderes ilimitados e nem mesmo propôs que os adquirisse a partir de um golpe; percebeu que aquele momento seria o de fortalecer-se enquanto democrata. Podemos entender que, nesse momento, quem sofre de “crise de eficácia” é a oposição, e não a situação representada por JK.

Porém, é impossível passar incólume por uma crise que, mesmo ao mostrar novos atores, ainda reivindica velhos mitos. A imprensa lembra quase incessantemente outros tempos, faz comparações. A Figura 1 ainda nos parece paradigmática nesse sentido, pois coloca ali personagens de uma mitologia política que não foram apagados; mudaram de cena, assumiram outros papéis, mas não saíram do palco da política, nem mesmo Getúlio Vargas.

A crise é discutida nas seções **Política** de **O Cruzeiro** e **Manchete**; ali conhecemos as personagens que entram e saem do palco da política, seguimos o seu desenrolar. As crises dramatizadas são a político-militar e a político-partidária, ambas dividem espaço de duas ou quatro páginas em que a imagem de Juscelino Kubitschek é presente. Após os dois primeiros meses de 1956, as imagens centram-se justamente nos homens que participam do jogo político, personagens da crise.



(Fig. 60) O Cruzeiro, 10 de março de 1956, n.21 – Ano XXVIII

Na figura acima, a primeira do mês de março em que JK aparece, a imagem utilizada na seção **Política** em **O Cruzeiro** já foi mostrada no exemplar de fevereiro na fotorreportagem **É o presidente do Brasil** - Figura 61. Observemos que há a utilização, nessas páginas, de caricaturas de militares, as fotografias de Nereu Ramos na página da esquerda e a imagem de JK na da direita. Na fotorreportagem de fevereiro não havia legenda, mas a imagem estava no contexto de viagens que Juscelino fez durante a campanha. Em março, a imagem um pouco recortada tem como legenda: *Juscelino, energia para governar*. A energia está relacionada ao enfrentamento da crise. Juscelino sentado, lendo, a mão segurando os óculos em uma posição reflexiva, concentrada.



(Fig. 61) O Cruzeiro, 04 de fevereiro de 1956 – n.16 – Ano XXVIII

Nesse mesmo sentido a imagem de JK está em outro exemplar de março; ele lê, a legenda interpreta: *JUSCELINO KUBITSCHKEK, á espera dos acontecimentos, procura poupar-se o máximo.*



(Fig.62) O Cruzeiro, 24 de março de 1956 – n. 23 – ano XXVIII

A abordagem da crise é alternada entre as relações PSD/PTB/UDN e os militares. As imagens de militares, sempre consultados quanto aos acontecimentos, alternam-se às das principais figuras políticas constantemente mostradas nas seções. No final de março a crise ainda é discutida partidariamente; agora é o PTB que se volta contra o PSD e a UDN. A fotografia de Juscelino conversando com João Goulart foi realizada durante o banquete de posse e mostrada no exemplar de 11 de fevereiro de 1956 – Figura 55. A legenda nesse exemplar - *Palestras ininterruptas: Nixon-Auriol, Juscelino-Jango* - sugere as conversas entre os políticos de outros países e o presidente e o vice, mas não há nenhum teor de confronto. Em março, a mesma fotografia recebe outra legenda: *Juscelino e Jango, unidos pelas urnas, enquanto pessedistas e trabalhistas se entreolham para a luta*. A situação fotografada nos mostra JK com a mesma expressão grave ouvindo Jango. O contexto dado pelo texto maior faz com que a conversa fotografada tome um significado diferente de fevereiro. A conversa é o ponto que unifica os dois homens; mas que conversa é essa? A de fevereiro está na confraternização da festa, enquanto a de março opõe Juscelino/Jango ao confronto entre o PTB e as tentativas de acordo do PSD e UDN no Congresso.



(Fig. 63 e 64) O Cruzeiro,
31 de março de 1956
– n.24 – Ano XXVIII

A expressão grave, ou pelo menos séria, de JK é predominante nesse primeiro semestre do ano de 1956. Em abril sua imagem também começa a aparecer junto à de Jânio Quadros em diversos contextos. A imagem de Juscelino mostrada na figura abaixo foi utilizada em 28 de janeiro – Figura 43 – com a repetição da palavra **batalha** no título da seção: **A reforma: batalha perdida, batalha ganha pelo governo**. A batalha aqui se refere não à questão política partidária como em janeiro, mas à reforma constitucional que deveria colocar o governo em negociação com o Congresso desviando as preocupações da oposição das questões administrativas para as constitucionais. Para o autor do artigo isso significaria um “alívio” ao governo.



(Fig. 65) O Cruzeiro, 07 de abril de 1956 - n. 25 – ano XXVIII

A edição do dia 21 de abril nos mostra justamente esse movimento da imagem de JK de gravidade e preocupação e, também, ao lado de Jânio. Duas fotografias de Juscelino são utilizadas na mesma seção **Política**: a primeira, na página 100, está no contexto da nova fase de discussão que é a reforma constitucional e pode-se colocá-la também no desenvolvimento da crise; ela é um outro ângulo da fotografia mostrada em outros exemplares, nas Figuras 60 e 61. A legenda (*O PRESIDENTE Juscelino Kubitschek não tem interesse político nem doutrinário na reforma constitucional. Mas a delegação de poderes o beneficiará*

muito) interage com o texto maior na medida em que não é apenas descritiva ou interpretativa, ela ajuda na compreensão texto-imagem, afinal o público-leitor já conhece JK visualmente e segue o desenrolar da crise – Figura 66.

Na segunda fotografia – Figura 67-, na página 103, Juscelino e Jânio estão em um encontro na cidade paulista de Assis; a legenda, apesar de bem humorada (*JÂNIO E JUSCELINO no encontro de Assis: Diante de elogios à elegância do Presidente, disse JQ: “Se entrarmos nesse terreno, estou perdido”. JK: “Nem tanto”.*), parece sugerir justamente a tensão que sempre existirá nas relações entre ambos. No entanto, a imagem mostra um momento descontraído do evento. Por certo, os personagens políticos, ao desempenharem seus papéis confrontam-se, e é aí que voltamos à hierarquia das imagens nas revistas como temos discutido. No texto maior, a abordagem não confirma nem a tensão entre ambos, nem as boas relações, mas o esforço político desempenhado por JK entre os governadores para que o apoiassem em questões administrativas. Ele assume um papel de negociador e sua imagem sorrindo não é uma constante nesses primeiros meses de governo. Juscelino sorrindo está associado aos rituais de poder, como na viagem e na posse. O encontro na cidade de Assis foi objeto de mais um exemplar ainda em abril, assim saberemos mais sobre o que foi discutido no encontro.



(Fig. 66) O Cruzeiro, 21 de abril de 1956 - n.27 – ano XXVIII



(Fig. 67) O Cruzeiro, 21 de abril de 1956 - n.27 – ano XXVIII

O recorte da fotografia no exemplar de 28 de abril – Figura 68 - mostra JQ e JK em uma conversa ao pé do ouvido; a legenda identifica e localiza: *JÂNIO E JUSCELINO em Assis*. O texto maior logo abaixo da fotografia, no entanto, nos faz compreender outra face do evento:

O Presidente da República se avistou com o Governador de São Paulo, pela primeira vez, depois da sua posse, numa atmosfera de reserva e frieza, na Cidade de Assis. Tal encontro, porém, cujo começo despertava tanta dúvida, se transformou, pouco depois, segundo a impressão generalizada, no início de uma nova fase de relações entre os Srs. Jânio Quadros e Juscelino Kubitschek. A jovialidade do Chefe do Governo da União conseguiu transpor a casmurrice do Chefe do Executivo paulista. (**O CRUZEIRO**, 28 de abril de 1956 – n.28 – Ano XXVIII, p.107)

Os adjetivos utilizados no texto marcam as imagens de Jânio e Juscelino no discurso escrito, mas no imagético percebemos que há certa dificuldade na sua visibilidade, pelo menos nesse primeiro semestre de 1956. A expressão grave de JK é a imagem da crise visualizada pelo público leitor. Essa

visualização não ocorre em apenas um exemplar, ela tem um desenrolar, é necessária uma repetição, uma retomada de imagens para que a compreendamos. Dessa maneira, a idéia de “decomposição analítica” de Nadja Peregrino ao estudar as fotorreportagens, também pode ser utilizada na seção **Política de O Cruzeiro**, mas essa decomposição não é realizada no mesmo exemplar, e, sim, durante vários exemplares numa espécie de divisão em capítulos de um dado acontecimento. A crise ou as crises predominam como cenários em todo o decorrer de 1956; ela recebe um tratamento de decomposição na medida em que é associada a outros acontecimentos dos quais JK participa.

Em maio JK tenta explicar a crise partidária, as questões que envolvem a reforma constitucional e a participação dos militares em todos esses eventos. No entanto, outra crise começa a aparecer como cenário: a reforma ministerial, que se arrasta desde abril, quando Juscelino dá os primeiros sinais de descontentamento com o ministério, reaparece em junho e julho. Em setembro outro cenário de crise: o da lei de imprensa.



(Fig. 68) O Cruzeiro, 28 de abril de 1956 – n.28 – Ano XXVIII

A entrevista exclusiva, segundo **O Cruzeiro**, dada em maio para Carlos Castelo Branco com fotos de Geraldo Viola, permite que JK posicione-se nesse

cenário um tanto caótico e que as revistas tentavam explicar através da especulação.



(Fig. 69) O Cruzeiro, 19 de maio de 1956 – n. 31 – ano XXVIII

Nesse exemplar – Figura 69 - temos o discurso escrito e imagético caminhando no mesmo sentido. Juscelino afirma que seu papel é o de tranquilizar: *Minha missão é de paz e de ordem*, é uma das frases do comentário que faz sobre a crise militar e, mais especificamente, o levante de Jacareacanga, ocorrido em fevereiro. A certeza com que tece seus comentários e a posição firme no campo da política não faz contraponto com sua imagem sorridente; fazem-no um homem seguro de si, tranqüilo e simpático. A maneira despojada com que se senta na poltrona em frente ao jornalista que o entrevista, na fotografia da página da direita, reforça a consciência que JK tem de seu próprio papel no momento enfrentado. A expressão grave cede lugar ao sorriso de um homem cuja única preocupação é a economia, segundo o entrevistador e autor do texto.

É preciso observar que **O Cruzeiro**, ao abordar o levante de Jacareacanga envolvendo oficiais da aeronáutica numa discutida oposição ao governo, não o relacionou, pelo menos em imagens, á figura de JK. Não encontramos nas páginas da revista nenhuma fotografia ou fotorreportagem em

que a imagem de Juscélino estivesse junto a imagens dos implicados no acontecimento. Postura diferente tem **Manchete**. No exemplar de 24 de março de 1956 – Figura 70 –, Juscélino aparece como *O Anistiador*, a expressão séria, porém tranqüila, na página da esquerda, enquanto na página da direita vemos os possíveis anistiados: Prestes e os oficiais participantes do levante de Jacareacanga.



(Fig. 70) Manchete, 24 de março de 1956 – n.205

O texto de Murilo Melo Filho exalta a postura do governo nas figuras de JK e Vieira de Melo, líder da maioria no Congresso, a proposta da anistia e a estratégia contra a oposição; explica que a rapidez com que o governo propôs a anistia mostra a sua eficiência e dinamismo perante uma oposição lenta. Mas haverá desaprovações no próprio governo, além da manifestação do Partido Comunista. O texto ao lado da fotografia de Juscélino reforça a sua aparência de negociador tranqüilo como já observamos:

Procurei apenas abrir o caminho ao desarmamento dos espíritos. Com isto quis dar ao país a demonstração de que ao governo interessa grandemente um clima de paz e de concórdia para que ele possa trabalhar em benefício dos brasileiros. Visamos, com o projeto já apresentado à Câmara, a apagar os ressentimentos pelos fatos verificados no dia 11 de novembro. Pretendemos assegurar para começar vida nova. Jacareacanga foi um episódio isolado e não

a partir do dia 11 de novembro. Precisamos esquecê-los para começar vida nova. Jacaréacanga foi um episódio isolado e sem adesões.

A crise em **Manchete** não é discutida junto à imagem de JK. A revista, como já vimos, é considerada um dos principais apoios a Juscelino, ao governo e veículo de propaganda não estatal, abertamente favorável a todo o projeto pensado e desenvolvido pelo presidente. Podemos considerar que de fato essa relação é importante, no entanto, compreendemos que **O Cruzeiro** não exercia uma oposição nem a JK e nem a seu governo. Nos exemplares que estudamos até agora não há críticas, a imagem de Juscelino não é subestimada. Em **Manchete** tampouco há críticas, o uso da imagem do presidente se dá num outro sentido, pelo menos no primeiro semestre de 1956; enquanto **O Cruzeiro** o mostra como uma das imagens mais recorrentes das diversas crises, **Manchete** alia JK à crise em raros momentos e só intensifica essa relação no segundo semestre do primeiro ano de governo.

No mês de março a crise é discutida, mas não citada. Pedro Andrade Gomes, de **Manchete**, apresenta num primeiro momento os problemas econômico-financeiros do país a serem enfrentados por JK e as possibilidades em resolvê-los. As fotografias do rosto do presidente recebem legendas que fazem referência a esses problemas, mas os problemas de outra natureza também são colocados nos outros textos abaixo da fileira de fotografias. A expressão predominante é de seriedade, não há tensão, tal como na figura 70.

Em abril, a fotorreportagem **Juscelino e Jânio: novo J-J?** nos mostra a visita que ambos fazem a Assis. Vimos que a abordagem do mesmo evento de **O Cruzeiro** foi essencialmente política. Em **Manchete**, a aproximação entre ambos também foi o fio condutor dos textos que não deixaram de mostrar aspectos curiosos da viagem, como a chuva que insistiu em cair durante a visita. A decomposição do encontro tem como início o aperto de mão e o sorriso aberto de JK e jeito contido de Jânio Quadros. Os diversos momentos enfatizam aspectos do comício e do banquete. A seriedade predomina, como se pode observar em **O**

Cruzeiro, e a idéia de diálogo é visualizada pela insistência do fotógrafo Luis Pinto em fotografá-los sempre juntos. O encontro e a visita fazem parte do ritual de poder, mas também da crise, pouco discutida e mostrada no primeiro semestre em **Manchete**.



(Fig. 71) Manchete, 03 de março de 1956 – n.202



(Fig. 72) Manchete, 14 de abril de 1956 – n.208

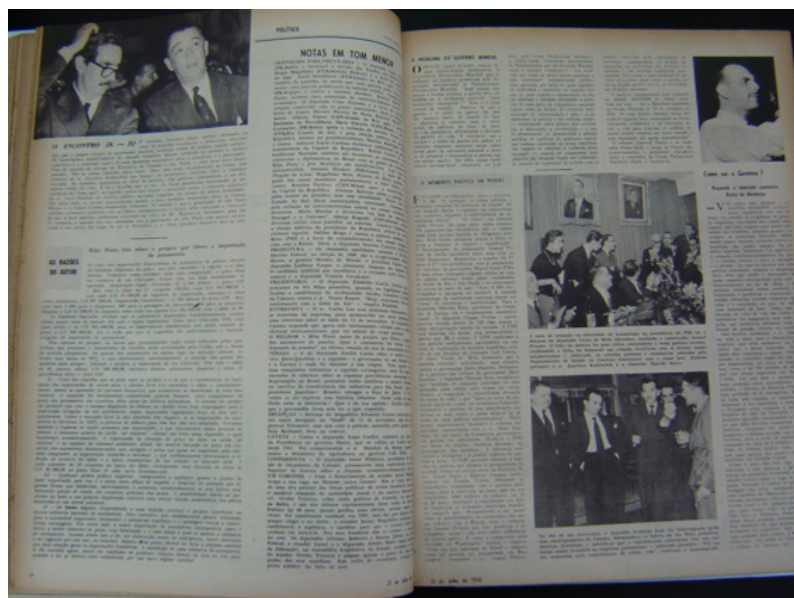


(Fig. 73) Manchete, 14 de abril de 1956 – n.208

A imagem de Jânio e Juscelino juntos representa para a crise, principalmente político-partidária a aproximação do governo com a oposição e a tentativa de neutralizá-la. Em julho, essa negociação ainda estava em curso. Pedro Andrade Gomes na seção **Política** de **Manchete** deixa muito claro como o governador de São Paulo resistia à insistência de Juscelino para que a oposição paulista representada por Jânio colaborasse com o governo. O texto curto, como uma longa legenda, se contrapõe à imagem de Jânio com uma das mãos na cabeça e JK inclinando-se para o lado do governador – Figura 74. Jânio estaria confuso ou interrogando-se frente á fala do presidente? Ele

(...) apresentou ao chefe de governo, com palavras contundentes, a sua dramática versão da crise. E foi o que se viu. As forças governistas interessadas na manutenção do “status quo”, ou aquelas outras que temem e procuram conter a crescente influência do sr. Jânio Quadros no cenário político nacional, reagiram em termos de aberta hostilidade.(...)

Jânio estaria tentando negociar mais ministérios para a bancada paulista sem deixar de ser oposição. Por outro lado, havia um temor que essa aproximação se tornasse uma realidade.



(Fig. 74) Manchete, 21 de julho de 1956 – n.222

As personagens da crise, como Jânio, giravam em torno de JK assim como entravam e saíam de cena. No exemplar de **Manchete** de 02 de junho, - Figura 75 - Pedro Andrade Gomes divulga perguntas que os parlamentares fizeram a Juscelino em forma de questionário expondo ao presidente as suas principais dúvidas. Duas fotografias são utilizadas sem qualquer contextualização, apenas num sentido ilustrativo. Na página da esquerda, bem abaixo do texto com as perguntas, JK manipula papéis; podemos nos perguntar se seria o questionário que, segundo o colunista, já estava nas mãos do presidente; na página da direita há uma seção, '*Para o álbum do fã*', no caso, do presidente. Ele ainda deputado federal, ao lado de Benedito Valadares, Dutra e Israel Pinheiro, mas o texto logo abaixo faz referência ao presente, Valadares agora assumiria a presidência do PSD.

Junho e julho foram meses em que, para **Manchete**, Juscelino discursou e participou de encontros com o intuito de fortalecer-se politicamente,

sua imagem não se limitava à seção **Política**. Vimos que o encontro com Jânio foi tratado em forma de fotorreportagem. Outros eventos também foram elevados pela fotorreportagem e entendemos que estão no contexto das crises desenvolvidas.



(Fig. 75) Manchete, 02 de junho de 1956 – n.215

Nesse sentido, a fotorreportagem **JK despacha nas nuvens** - Figura 76 -, de 26 de maio, com fotografias de Hélio Santos é exemplar. O fotógrafo de **Manchete** acompanhou o presidente em seu avião, fotografando seu cotidiano de presidente-viajante; o texto sem autor enfatiza essa característica de JK: em poucos meses de governo, viajou mais que seus antecessores, despachava no ar. Esse por certo não era um acontecimento político de influência na crise, mas tornava visível o estilo do presidente, a idéia de dinamismo e modernidade é explorada pela revista ainda nos primeiros meses da presidência.

A imagem de Juscelino não se constitui apenas de encontros e discursos, ela também se fortalecia na medida em que ao público leitor era dada a oportunidade de conhecê-lo nas mais diversas atividades que se relacionavam ao seu cargo de homem público, inclusive aspectos inusitados.

O percurso da imagem de JK nas duas revistas não acontece de maneira diametralmente oposta, uma não estabelece oposição à outra, como já

observamos, no entanto **Manchete** procura ocultar ou ainda estabelecer uma ligação pelo menos visual entre as crises e Juscelino, e privilegia outros aspectos do presidente.



(Fig. 76) Manchete, 26 de maio de 1956 – n.214

Isso não significa que a revista não tenha informado ou discutido as crises; o primeiro exemplar de setembro a trata de duas maneiras: em uma fotorreportagem de três páginas sobre o Conselho do Desenvolvimento Econômico, **Manchete viu de perto o QG de JK**, e o artigo em **Política** de Pedro Andrade Gomes, **Ângulos da crise**.

A fotorreportagem não discute a crise como o artigo, mas ela coloca a imagem de Juscelino como chefe do Conselho, que é uma espécie de “pequeno-grande ministério”, onde são discutidos os problemas e apresentadas as soluções. Segundo o texto: “Seu objetivo: abrir caminhos surpreendentes no caminho da burocracia”. O Conselho era constituído pelo presidente, por todos os ministros e seus assessores, e o presidente do Banco do Desenvolvimento Econômico. O texto ressalta as características das reuniões: “sempre secretas” e sem hora certa

para começar, “mas que tem prazos certos para deliberar prazos que se contam por um calendário especial em que cada cinco anos de governo devem representar 50 anos de progresso”. Portanto, de alguma maneira as crises instaladas ou a se instalarem passavam pelo Conselho. Mas o que nos interessa são as imagens que seguem: a de abertura nos mostra Juscelino sentado em sua cadeira, na extremidade da mesa, ao seu lado, Lucas Lopes, presidente do Banco de Desenvolvimento Econômico – Figura 77. O fotógrafo aproximou-se de tal maneira do grupo que, para além da conversa, vemos JK com um dos pés fora do sapato, aliás comportamento que se tornaria uma característica de seu estilo como presidente, dentre outros. No meio do artigo, o autor revela entre parênteses: “(é um velho hábito que, por coincidência, a objetiva de Armando Rozário, de **MANCHETE**, foi a única a documentar até agora: a primeira vez, durante a campanha presidencial)” .



(Fig. 77) Manchete, 01 de setembro de 1956 – n.228

Nas duas páginas seguintes o grupo aparece em seu trabalho de discutir; na primeira fotografia, da esquerda para a direita, vemos a cadeira onde

JK estava sentado, vazia; a legenda explica que sua ausência é proposital, deixa o grupo só para a discussão. No artigo, a saída do presidente tem uma razão mais específica: ele foi receber o embaixador da Alemanha. Na página da direita, JK de volta ao seu lugar, olha tediosamente para alguém, segundo a legenda: *JK ouve os debates, só fala quando a solução está amadurecendo.*



(Fig. 78) Manchete, 01 de setembro de 1956 – n.228

Algumas páginas à frente, em **Política**, JK aparece em meio à crise, ao lado de militares, um dos pilares da crise, ou uma das crises; assistem a algum evento de caráter militar, a legenda não nos informa sobre onde, quando e como, mas interroga: *Juscelino, Lott e outros generais: o poder civil e militar. Até que ponto estarão ajustados? Eis o problema.*

As outras fotografias que estão ao redor do artigo, **Ângulos da crise** – Figura 79 -, mostram as personagens que participaram de alguma maneira da crise; tenta-se entender o problema em seus diversos “ângulos”: Jango, agressivo; Lacerda discursando. Afinal, era necessário, de alguma maneira, apresentar não apenas em palavras, mas em imagens, o que estava acontecendo politicamente, já que a imagem de Juscelino pouco apareceu relacionada a ela; e mesmo nesse

exemplar ele está diluído em meio aos militares e ao lado de outras fotografias mais apelativas, como a de Jango com o dedo em riste, logo abaixo à de JK.



(Fig. 79) Manchete, 01 de setembro de 1956 – n.228

Às crises que se desenrolam durante 1956 outra crise se sucede e torna o cenário um pouco mais crítico, é a crise da lei de imprensa. O debate em torno da censura ou do controle da imprensa acontecia desde novembro de 1955 com o impedimento de Café Filho realizado pelo General Lott, passando pela presidência de Nereu Ramos e o estado de sítio que vigorou até a posse de JK.

Segundo Tokarski (2003, p.288),

O projeto de lei de imprensa n.1943/1956 foi apresentado à Câmara apenas no dia 10 de outubro de 1956. As discussões, no entanto, baseadas em especulações ou em declarações de políticos da base governista – especialmente do então ministro da Justiça, Nereu Ramos – ocuparam os jornais durante todo o mês de setembro.

O Cruzeiro e **Manchete** também apresentam o debate nesse mesmo período, ou seja, setembro e outubro. Cada uma das revistas traz apenas duas

edições discutindo a questão da lei da imprensa, pelo menos em textos acompanhados da imagem de JK.

As edições de 15 e 22 de setembro de **O Cruzeiro** apresentam a crise da lei de imprensa no interior da crise política. Ela é impulsionada pelos militares ainda muito influentes no governo e por atitudes autoritárias, como a apreensão do jornal Tribuna da Imprensa, dirigido por Carlos Lacerda, pelo chefe de polícia General Magessi.



(Fig. 80) O Cruzeiro, 15 de setembro de 1956 – n.48 – ano XXVIII

Na figura acima vemos os protagonistas da crise, a fileira de fotografias que corta o texto os apresenta, a legenda identifica e ao mesmo tempo indica a posição que cada um deles ocupa em relação à crise: *O PRESIDENTE às voltas com nova crise; O GENERAL LOTT, chefe e símbolo; O GENERAL ZENÓBIO confia no regime; MAGESSI desencadeou a crise; NEREU, Ministro da Justiça; CARLOS LACERDA, foco das apreensões*. As legendas refletem, sobretudo, algumas preocupações que o autor do texto interpretava diante do cenário político. As imagens claramente de arquivo são colocadas de maneira a que o leitor compreenda principalmente as extremidades do problema: à esquerda, JK em

mais uma crise e tentando contorná-la; à direita, Carlos Lacerda, que inspirava apreensões, como diz a legenda, pois mesmo no auto-exílio a euforia de suas opiniões de atitudes influenciava o momento político.



(Fig. 81) O Cruzeiro, 22 de setembro de 1956 - n.49 – ano XXVIII

A idéia de liberdade de imprensa era discutida á essa altura da crise como uma questão política. Não se questionava mais a legalidade do governo JK, mas sim a influência dos militares e a dúvida na força do que o texto coloca como “Poder Civil”, isto é, senadores e deputados.

O artigo de 22 de setembro – Figura 81 – é assertivo em sua chamada: **A nova lei de imprensa derrubará o regime**. Em quatro páginas o repórter Wilson Aguiar faz uma retrospectiva do que aconteceu até aquele momento e depois publica o que chama de “monstruosidade”, o anteprojeto de lei realizado por Vitor Nunes Leal e Nereu Ramos. O texto concentra-se nas ações de coerção ao que o Estado entenderá como infâmia, injúria e difamação aos poderes. O teor é evidentemente repressivo e controlador. O autor começa o artigo com uma declaração de Juscelino dada ao mesmo repórter em abril de 1955, onde entende que a “(...) a Nação já atingiu uma fase de maturidade política que muito

difficilmente se poderá admitir retrocesso.” A imagem na página da esquerda que segue a primeira parte do artigo nos mostra Juscelino num gesto em que parece explicar, os olhos acompanhando o gestual das mãos. Entretanto, é o repórter quem se coloca frente à crise e tenta explicá-la, tomando partido contrário adjetivando a lei de monstrosidade e criticando abertamente a ação de Juscelino, Vieira de Melo e Nereu Ramos além dos militares e a oposição. O seu lado é o da imprensa.

Manchete não toma partido de maneira tão clara como **O Cruzeiro**. O que se sabe através da revista é bastante superficial e se limita a duas notas. Isso não significa que a imagem de JK não tenha sido usada em ambas as vezes.



(Fig. 82) Manchete, 22 de setembro de 1956 – n.231

Assim como **O Cruzeiro**, o exemplar acima, de **Manchete**, nos apresenta algumas personagens da crise, posicionando-os com a legenda abaixo de cada fotografia: “JK e Nereu Ramos. Entendidos?; Vieira de Melo. Ligação com a Câmara.; General Denny. A peça militar; General Magessi. O elemento detonador; Vitor Nunes Leal. O jurista.” – Figura 82.

No pequeno texto, **O caldeirão da Lei de Imprensa**, Pedro Gomes informa que os grupos e pessoas responsáveis pelo anteprojeto terão dificuldades em realizá-lo e pergunta-se que produto aparecerá a partir das tensões e conflitos já existentes. Na seção **Política**, de 06 de outubro – Figura 83 -, o mesmo colunista político escreve sobre o jantar que Juscelino oferece para alguns jornalistas dos principais jornais e revistas do Rio de Janeiro e São Paulo. Ao lado do texto, há quatro fotografias mostrando aspectos do jantar. Juscelino tenta, em meio à turbulência da lei de imprensa, cortejar os jornalistas mais influentes, mas, segundo o texto, a estratégia não é muito feliz, pois, no dia seguinte os jornalistas comentam a recepção em minúcias, inclusive citam declarações que não poderiam sair da sala de jantar. A repercussão não foi favorável e o gabinete do presidente publicou uma nota tentando remediar a confusão. O jornalista de **Manchete** comenta que a medida teve êxito e entende que o jantar aconteceu “talvez numa hora de indefesa cordialidade”.



(Fig. 83) Manchete, 06 de outubro de 1956 – n.233

Juscelino Kubitschek era cordial, disso não há dúvidas, mas não era ingênuo. O cortejo aos jornalistas junto com seus assessores de gabinete foi uma tentativa de acalmar os ânimos. Alguns jornais que ficaram ao seu lado nas

eleições, como o Correio da Manhã, eram abertamente contrários ao anteprojeto da lei de imprensa. A resposta dada pelos jornalistas ao jantar oferecido por JK foi uma grande expressão de oposição. Apesar de ser um acontecimento pontual, ele nos mostra que o apoio da imprensa variava não apenas no seu engajamento político, ao lado de determinado partido, mas também em relação à liberdade de imprensa, que parecia sempre em perigo no país.

Em 09 de outubro de 1956 o governo manda o projeto da lei de imprensa ao Congresso, que não o votou, segundo Tokarski, e o retira no mês seguinte

(...) o que podemos atribuir à enorme pressão exercida por segmentos organizados da sociedade e amplificada pelas manifestações de jornais e jornalistas, e, ainda mais, pela pressão exercida pelos proprietários dos grandes jornais brasileiros, em conjunto (2003, p.301).

A imagem de JK se fortalece durante o governo e continua nas seções **Política**, sendo seu espaço inquestionável. Jânio Quadros aparecerá algumas vezes ao lado de Juscelino, como dissemos, representando a possibilidade de aproximação da oposição.

A crise político-partidária e militar parece tornar-se mais branda a partir do final de 1956. O governo de Juscelino atinge a estabilidade política, mas nem por isso a imagem do presidente toma outro rumo nas revistas quando aliada à questão política. Seu rosto com expressão grave é predominante. Há, curiosamente, algumas fotografias de pequeno formato em que ele está de costas ou de perfil, sem significar qualquer gestual pejorativo que o atinja, muitas vezes ele é apenas citado no artigo que acompanha a foto, ou, ainda, é acompanhado de legenda identificadora.

A crise sofre um revigoramento em momentos mais decisivos para a política nacional, como as eleições de 1958 ou a sucessão presidencial, mesmo aí a imagem de Juscelino se sustenta na gravidade.

4.2 – Brasília: cenário e cena

“O poder – segundo Georges Balandier – utiliza, aliás, meios espetaculares para marcar sua entrada na história (comemorações), expor os valores que exalta (manifestações) e afirmar sua força (execuções)” (1982, p.10). A construção de Brasília durante o governo JK faz todo esse movimento: Juscelino a coloca como meta-síntese justamente com o intuito de entrar para a história. Talvez essa idéia tenha sido entendida de forma mais clara quando retomada em suas memórias, mas, de qualquer maneira, naquele momento a transferência da capital tornou-se um símbolo para todo o resto do Programa de Metas já idealizado. Construir uma nova cidade, uma nova capital, foi uma idéia discutida e julgada pela sociedade, ou seja, diante da meta-síntese todos, em atitude de oposição ou de situação, se manifestaram; e finalmente a realização das obras da construção afirmou a vontade e a força de mobilização de Juscelino enquanto presidente.

Juscelino Kubitschek não foi o portador da idéia original da mudança da capital federal do litoral para o interior ou ainda o coração do Brasil. Antes dele já havia o que podemos chamar de uma vontade histórica que se tornava mais forte desde Tiradentes até Getúlio Vargas e acabou se concretizando em seu governo. Em *Por que construí Brasília* (1975) ele nos conta como corporificou a idéia da mudança da capital federal:

Tudo teve início na cidade de Jataí, em Goiás, a 4 de abril de 1955, durante minha campanha como candidato à Presidência da República. (...) No discurso que ali pronunciei, referindo-me à agitação política que inquietava o Brasil e contra a qual só via um remédio eficaz – o respeito integral às leis –, declarei que, se eleito, cumpriria rigorosamente a Constituição. (...) (KUBITSCHEK, 1975, p.7-8)

O discurso chegou ao final e abriu-se o debate com as perguntas da população ao candidato, então:

Foi, nesse momento, que uma voz forte se impôs, para me interpelar: “O senhor disse que, se eleito, irá cumprir

rigorosamente a Constituição. Desejo saber, então, se pretende pôr em prática o dispositivo da Carta Magna que determina, nas suas Disposições Transitórias, a mudança da capital federal para o Planalto Central.” Procurei identificar o interpelante. Era um dos ouvintes, Antônio Carvalho Soares – vulgo Toniquinho – que se encontrava bem perto do palanque. (idem)

A resposta positiva integrou Brasília ao Programa de Metas já estabelecido pelo candidato. Essa história também faz parte das histórias de Brasília antes de sua construção. No plano simbólico ela existia, mas não se concretizava, era uma profecia, um projeto histórico, uma ambição em demarcar, construir e viver que não se materializava.

Como meta-síntese, Brasília simbolizava naquele momento a capacidade de uma nação de se construir e seria uma espécie de “pólo mobilizador” (RODRIGUES, G.M. 1990, p.9) das outras metas propostas. Não entendemos que tais corporificação e incorporação se deram de maneira casual como nos conta o próprio Juscelino, começando com “Tudo teve início...” num tom fabular. Concordamos com Rodrigues, que aponta as viagens da campanha presidencial e a experiência do governo mineiro como pontos importantes para que JK entendesse a mudança da capital como algo a ser materializado. O governo de Juscelino retomou o que outros governos já haviam realizado, concepções e estudos desenvolvidos, a vontade histórica.

A construção de Brasília é associada ao novo, o que nos faz retomar a questão da crise. No item anterior, vimos que JK é mostrado no primeiro ano de seu governo como a principal personagem da crise, entendemos que Brasília também faz parte da “imagem da crise” (CHAUÍ, 1978, p.127), integrada ao discurso racional da ideologia desenvolvimentista. Apresentada como uma das faces do “novo” Brasil proposto por JK, ela recebe o adjetivo de revolucionária justamente porque representa a superação de um contexto que gerava desordem, de conquista de um espaço geográfico a ser definitivamente incorporado a esse novo Brasil dinâmico, uma capital moderna para o Brasil que se modernizava.

No discurso escrito e falado por JK pode-se perceber um dado salvacionista, ele é um “intérprete da realidade brasileira” como bem mostrou Rodrigues (idem, p.3), ao mesmo tempo “reatualiza” (idem) a idéia de um Brasil que precisa se interiorizar, de maneira pragmática, levando ao homem desse interior possibilidades de trabalho e de desenvolvimento econômico.

A construção de Brasília não se deu apenas de maneira simbólica, a sua materialização foi mostrada pelos meios de comunicação da época, a euforia e a oposição, muitas vezes agressiva em torno dos custos para a sociedade, de alguma maneira mobilizavam a discussão sobre a nova capital e seu realizador.

Para Balandier (op.cit., p.11), a nova capital “é o espetáculo que o poder oferece da nação em atividade e dele próprio.(...) construída segundo um modernismo de vanguarda, para afirmar a antecipação do futuro”. Por outro lado, se houve um movimento mobilizador da sociedade na direção dessa construção moderna ele também foi um movimento de convencimento. Nesse sentido, o estudo de Rodrigues (1990) nos mostra como Juscelino e a equipe representada pela NOVACAP foram fundamentais para que a construção de Brasília fosse entendida como um fator de desenvolvimento regional e urbano que integraria todo o país.

O processo de convencimento da opinião pública, que durou todo o período de governo de JK, exigiu um esforço que congregou pelo menos quatro movimentos:

Um, uma espécie de “corpo a corpo” com a sociedade, que consistia em patrocinar conferências, palestras, congressos, etc., em todo o País (e no exterior), com a presença de funcionários do governo, membros da diretoria da NOVACAP, ou outros funcionários graduados da empresa. Outro, que era a propaganda no próprio território, no palco onde se desenrolava o acontecimento, isto é, no canteiro de obras. Essa investida significava atrair para o local o maior número de visitantes possível, de preferência figuras ilustres, tanto do país como do estrangeiro. E um terceiro movimento, que consistia em utilizar os meios de comunicação: rádio, televisão, jornais, revistas e até o cinema, através dos cinejornais. E, finalmente, o quarto, que era a própria

atuação do presidente da República, através dos seus pronunciamentos sobre Brasília. (RODRIGUES, G.M. idem, p.38)

Todas essas iniciativas não “eram ações isoladas” ou hierarquizadas, “ocorriam simultaneamente e cada uma cumpria um determinado papel que, no seu conjunto, objetivava popularizar a idéia” (idem, p.39). A propaganda sobre Brasília reuniu um aparato que misturava instituições estatais e outras da iniciativa privada em torno da idéia e de sua materialização. Segundo Rodrigues, esse aparato implicou o uso da força e da repressão na medida em que os contrários apresentados como “pessimistas” “antipatrióticos” (ibidem, p.40) também eram contra o desenvolvimento econômico, o progresso sempre no sentido ascendente. A NOVACAP, empresa responsável pela administração da construção de Brasília, ainda tinha o papel de divulgar e vulgarizar as idéias ligadas à nova capital no sentido de convencer e converter os contrários a ela.

Uma das faces da imagem pública de Juscelino Kubitschek está ligada a esse processo de persuasão da sociedade em torno de uma idéia, de uma vontade histórica. Criador e criatura foram mostrados pelas revistas ilustradas, pelos cinejornais e filmes institucionais realizados a pedido da NOVACAP.

A própria NOVACAP tinha uma revista, **Brasília**, que divulgava tudo o que se referia à construção, e produzia cinejornais através de diversas produtoras particulares, como a Libertas Filmes, a Jean Manzon Films, a Persin Perrin Produções, a Atlântida, em que abordavam fundamentalmente as visitas de autoridades e personalidades do Brasil e do exterior aos canteiros de obras. A relação entre governo e iniciativa privada para a divulgação de Brasília era intensa. Veremos que mostrar as obras da nova capital e a sua inauguração significou muito mais que propaganda institucional, implicou uma educação do olhar; a cidade era construída diante dos olhos do público leitor que acompanhava imagetivamente essa construção através das páginas de **O Cruzeiro** e **Manchete** e no cinema.

Segundo Silva, A.H. (2003, p.192) “As fotorreportagens assumem um cunho presentificador e pedagógico da nova capital (...)”, mas a construção de Brasília não era apresentada apenas nas fotorreportagens. Assim como a imagem de JK, outras seções das revistas ilustradas a mostravam.

As imagens em movimento dos cinejornais tinham o mesmo caráter presentificador e pedagógico das revistas ilustradas e eram uma espécie de ‘outro lado da rua’ no olhar estabelecido sobre Brasília: todas aquelas imagens queriam persuadir os opositores e, ao mesmo tempo, mostrar aos já convencidos aquilo que o conjunto da nação era capaz de construir.

Nem todos os participantes da estratégia de persuasão levada avante pelo governo de JK de fato acreditavam nela. Assis Chateaubriand era o mais irônico, como já dissemos no capítulo anterior, ao defender o cosmopolitismo da Baixada Fluminense em relação ao planalto central de Goiás. Apesar da opinião pessoal de seu proprietário, a revista **O Cruzeiro** precisava de seus leitores e a eles forneceu imagens de Brasília. Não havia o mesmo empenho que **Manchete**, mas não desqualificava de forma alguma o empreendimento que se constituía.

Adolpho Bloch acreditou na empreitada desde que tomou conhecimento. Conta ele em suas memórias:

Em 1956, Otto Lara Resende era diretor da revista Manchete. Almoçava ele num domingo, com Helena, em meu apartamento no Edifício Chopin, quando chegou o Deputado Israel Pinheiro, seu sogro, comunicando-nos que renunciara ao mandato de deputado e à presidência da poderosa Comissão de Finanças para assumir a direção da Novacap, que tinha de construir Brasília em apenas 36 meses. A idéia me empolgou. Compreendi, naquele momento, que, com a construção da nova capital, íamos conquistar a outra metade do país e criar condições para a definitiva ocupação dos 8 milhões e 500 mil quilômetros quadrados do nosso território. (BLOCH, A. 1978, p.107)

A imagem pública de Juscelino tinha em Brasília o seu caráter mais dinâmico. Os mineiros conheciam suas obras ambiciosas e agora a nação

começaria a tomar conhecimento dessa dimensão. A população seguiu a sua preocupação desde a concepção até depois da inauguração.

Em uma primeira notícia de 13 de outubro de 1956, em **Manchete**, vemos JK e o projeto de Brasília nas mãos de Israel Pinheiro, o mesmo que surpreendeu Bloch.



(Fig. 84) Manchete, 13 de outubro de 1956 – n.234

As três fotografias da seção **O Brasil em Manchete**, na página da esquerda, mostram o grupo ao redor do marco fundador. Lott, Lúcio Meira, JK e Israel Pinheiro discutem Brasília ainda no chão. Nessa mesma seção, na edição de 15 de dezembro do mesmo ano, as duas fotografias de JK encurtam o tempo e o espaço das situações vistas e descritas: após receber o título “honoris causa” em Maceió, Juscelino voa para inspecionar as obras de Brasília.



(Fig. 85) Manchete, 15 de dezembro de 1956 – n.243

Em 1957, Juscelino está às voltas com a primeira missa da cidade em construção. Para **Manchete**, essa foi a segunda primeira missa do Brasil referindo-se à primeira missa rezada na ocasião da descoberta. O pequeno texto de Luiz Fernando Mercadante informa o número de pessoas vindas de todos os cantos do país, inclusive índios. A decomposição do evento mostra um grande grupo de pessoas, JK, Jango e um indígena.

A fotorreportagem de **O Cruzeiro** de 18 de maio de 1957 – Figura 87 - com texto de Olavo Drummond e fotos de Flávio Damm nos mostra JK no planalto assistindo à mesma missa, na página ao lado, uma foto sangrada com a figura exótica do índio carajá que veio da Ilha do Bananal (afinal de contas, a associação implícita, segundo a revista, é de que é descendente daqueles que assistiram à primeira missa do Brasil); na página seguinte, JK, Israel Pinheiro e sua esposa batizam a primeira criança nascida em Brasília, filha de um operário.

A improvisação de tudo é marcante nessas imagens em que Juscelino encontra-se no terreno onde Brasília está sendo construída. O texto informa, em frases curtas, as instituições que se instalam ali e as pessoas que visitam as obras.



(Fig. 86) Manchete, 11 de maio de 1957 – n.264



(Fig. 87) O Cruzeiro, 18 de maio de 1957 – n.31 – Ano XXIX

A figura de JK é sempre associada à modernidade, um presidente que viaja de avião para ser mais rápido. Essa idéia é ainda mais forte quando ele visita de avião as obras da construção, quase sempre em horário não programado, em

visitas-surpresa. Essa associação, como já vimos no filme de Jean Manzon, **O mundo aclama o Brasil**, é muito reforçada em relação a Brasília. O deslocamento necessário para supervisionar os canteiros de obras só era possível pelo ar. A imagem clássica dessa idéia está em **Manchete** de 29 de novembro de 1958 – Figura 88 –, na fotorreportagem **Brasília demonstra que o impossível acontece**, de Murilo Melo Filho (texto) e Victor Gomes (fotografia). Na página da direita, temos JK descendo do helicóptero, seguido de Israel Pinheiro, e uma tomada aérea de edifícios em construção, na página da esquerda. Um pequeno texto sobre a fotografia aérea interpreta e liga à outra:

Vista do alto, a futura cidade é igual a um brinquedo de Gulliver: aqui e ali, em meio a formigueiros liliputianos, as casas vão brotando do solo, como cogumelos. Parece que Brasília não está sendo construída sob o signo da engenharia, mas, sim, com as leis que presidem à fecundação botânica: em pleno chapadão goiano, à boca da selva, em vez de uma árvore, uma cidade vem sendo plantada. Pois o seu visionário, neste momento, não ambiciona outra coisa senão figurar na História como um plantador de cidade.

Cada uma das fotografias também está orientada por legendas individuais: na página da esquerda: “Vista do alto, Brasília oferece um panorama diferente a cada mês. A febre de construção é grande. Vários edifícios de institutos estão, hoje, quase prontos”. E a página da direita: “O Presidente Juscelino Kubitschek conhece cada detalhe da construção de Brasília que percorre de helicóptero sempre que isso lhe é possível”. A fotografia aérea é ao mesmo tempo o olhar de JK e o do fotógrafo de **Manchete**.

O planalto central é um dos palcos nos quais Juscelino se movimenta, talvez aquele em que ele se sinta mais à vontade para representar; aos poucos a geografia é modificada, o cenário em que predominava a natureza recebe agora um outro cenário não acabado até aquele momento. A cidade como um todo é um cenário e dentro dela cenas se desenrolam antes mesmo de sua finalização.

A palavra **impossível** no título da fotorreportagem dá a dimensão das dificuldades que se enfrentavam para que a cidade fosse construída. A fotografia

aérea predominante permite que o leitor visualize o “formigueiro liliputiano” do pequeno texto inicial; sua interpretação estabelece comparações em dois sentidos, no da fábula e no da biologia e orienta muito mais o leitor do que as legendas de caráter informativo.



(Fig. 88) Manchete, 29 de novembro de 1958 – n.345 – ano 6

No ano de 1959, as revistas ilustradas apresentam JK em Brasília no ritual de mostrá-la. É claramente a realização do movimento que emprestamos de Rodrigues, no qual “a propaganda se realizava no próprio canteiro de obras” (op.cit.). As personagens, autoridades e artistas participavam das situações desenvolvidas no cenário em construção. Não era uma viagem a um lugar turístico, era uma das etapas do ritual do poder que então se desenrolava. Juscelino convidava, o visitante aceitava.

Foi o que aconteceu a Fidel Castro, e **O Cruzeiro** não deixou de registrar em algumas páginas o encontro. Na página de abertura da fotorreportagem, apesar de as fotografias estarem em uma página e a disposição ser vertical, a idéia é a mesma da Figura 88. Ambos os estadistas olham para fora do helicóptero; logo abaixo, uma tomada aérea dos esqueletos dos edifícios do

congresso: o leitor vê aquilo que JK e Fidel Castro vêem. Assim sugere a fotorreportagem com textos e fotos de Luciano Carneiro.



(Fig. 89) O Cruzeiro, 23 de maio de 1959 – n.32 – Ano XXXI

Na página seguinte, Juscelino, de costas para o leitor, discursa na mesma Brasília em obras, dedo em riste. Na página da direita, na seqüência de oito fotografias, vemos JK e Fidel em uma mesa para um banquete em comemoração ao líder cubano. O texto de chamada faz uma brincadeira com ambas as páginas e as situações ali mostradas: Juscelino fala e gesticula aos trabalhadores na concentração de Primeiro de Maio em Brasília, mas no banquete a Fidel Castro se limita a ouvir e olhar.

O texto explica que Fidel Castro estava a caminho de Buenos Aires para participar da Comissão dos 21, responsável por estruturar a OPA – Operação Pan-Americana. Em suas memórias Juscelino escreve sobre o encontro com Fidel e sua preocupação com os trabalhos da Comissão, a “falta de tato” norte-americana em relação à OPA e aos problemas dos países da América Latina, enquanto revela simpatia a Castro, que melhor refletiu em seu discurso os problemas que todos os governos latino-americanos enfrentavam (KUBITSCHKE, J. 1978, v.3, p.279-281).



(Fig. 90) O Cruzeiro, 23 de maio de 1959 – n.32 – Ano XXXI

O mesmo dedo em riste vimos em outra reportagem, de Hélio Fernandes, sobre Brasília de 05 de dezembro de 1959 – Figura 91. A montagem utiliza a mesma fotografia da figura acima, mas os propósitos são de exaltar a cidade em descrédito daqueles que duvidavam de sua existência. As imagens fotográficas do primeiro evento estão agora entre o desenho das colunas do Palácio da Alvorada, no entanto, a imagem do Primeiro de Maio foi captada nas obras do edifício do Congresso Nacional.

Em evento anterior, os Diários Associados lançam a pedra fundamental do edifício do Correio Braziliense. Juscelino e Sarah participaram do lançamento, foram os protagonistas desse acontecimento importante para uma das maiores empresas de comunicação do período – Figura 92.

JK e Brasília receberam muitos visitantes, não vemos pelas revistas um protocolo estabelecido para as visitas que ocorriam nos canteiros de obras. Sukarno, André Malraux e Eisenhower foram autoridades que ficaram tão entusiasmadas com o que viram quanto Fidel Castro.

Em fevereiro de 1960, alguns meses antes da inauguração da nova capital, a Caravana da Integração Nacional chegou a Brasília. Esse acontecimento

significou o clímax de uma série de outros eventos: o primeiro deles foi a finalização da estrada Belém-Brasília e o segundo o uso de veículos nacionais nessa travessia de alguns dias.

A estrada tinha o objetivo de ligar o centro do Brasil, representado por Brasília, ao norte, Belém. A sua construção foi objeto de algumas fotorreportagens e em si era um acontecimento à parte; um empreendimento no sentido de dominar a selva, a natureza, conhecer o desconhecido. As imagens fotográficas e cinematográficas são quase sempre aéreas, para que o leitor perceba a dimensão da natureza e a grandiosidade do esforço humano para fender a selva e integrar espaços urbanos e regiões ainda inexploradas.

As duas revistas dão importância diferente para o evento: o repórter Fausto Wolff e os fotógrafos Ivo Barretti e Jáder Neves, de **Manchete**, acompanharam todo o trajeto da caravana e há muitas fotografias de página inteira onde vemos de que maneira a estrada repercutiu na vida das pessoas; **O Cruzeiro** dedica apenas duas páginas ao acontecimento e, na abordagem, tão importantes quanto a estrada são os veículos que a atravessaram.

Em **Manchete**, Juscelino está num Rome-Isetta, o dia chuvoso, ele sorri, um grupo de pessoas está ao lado do carro. A revista informa na legenda de outra fotografia em que JK está cercado de mãos, que ele havia chegado de helicóptero pouco antes de se encontrar com os recém-chegados. Na terceira foto em que JK aparece, ele está ao lado de Sarah na missa realizada em agradecimento ao sucesso da Caravana.

Nas páginas de **O Cruzeiro**, JK está debaixo de guarda-chuvas “recebendo flâmulas” dos participantes da Caravana; na fotografia usada aqui o presidente nem mesmo olha para a câmera.

Por certo, o ano de 1960, último ano de seu governo, era também aquele em que inauguraria Brasília. Os conflitos e tensões que se desenrolaram durante os anos anteriores o desgastaram, as fotografias usadas em ambas as revistas nos deixam ver um presidente contido.



(Fig. 91) O Cruzeiro, 05 de dezembro de 1959 – n.8 – Ano XXXII



(Fig. 92) O Cruzeiro, 24 de outubro de 1959 – n.2 – Ano XXXII



(Fig. 93) O Cruzeiro, 27 de fevereiro de 1960 – n.20 – Ano XXXII



(Fig. 94) Manchete, 20 de fevereiro de 1960 – n.409 – ano 7

Se durante alguns anos os leitores acompanharam visualmente a construção de Brasília e os argumentos de convencimento nas revistas ilustradas,

cinējournals e documentários também exerciam o mesmo papel e tinham o seu espaço garantido nas salas de cinema; naquele momento, antes do filme de longa-metragem, podiam-se ver imagens em movimento sobre e de Brasília. As imagens que trabalharemos são aquelas que abordam a sua construção, não conseguimos imagens de sua inauguração e nem mesmo do último ano do governo de JK em que ele aparecesse na nova capital.

É importante compreender que, no caso das imagens de Brasília, a NOVACAP exercia um papel importante na medida em que funcionava como um aparato estatal que estabelecia relações com as empresas cinematográficas para a realização de cinejournals e documentários com o objetivo de difundir a nova capital. Se as revistas ilustradas, como vimos, estabeleciam uma relação direta com Juscelino Kubitschek para a divulgação, tanto de sua imagem como da ideologia nacional-desenvolvimentista, a construção de Brasília mereceu um outro tipo de orientação.

Para acompanhar cinematograficamente as obras, a NOVACAP, segundo Rodrigues (1990), contratou a produtora mineira Libertas Filme, de José³¹ e Sálvio Silva. Os cinegrafistas tinham experiência na realização de filmes oficiais, principalmente em Minas Gerais e eram conhecidos de Israel Pinheiro. O contrato, no entanto, não era comercial segundo a autora: “(...) a Companhia apenas daria transporte, hospedagem e pagaria o custo do material para a produção dos filmes (...)” (op.cit., p.97). Todavia, não havia exclusividade com determinada produtora para a realização dos filmes, outras produtoras realizavam documentários para a NOVACAP, como a Atlântida, a Jean Manzon Films, a Líder Cine Jornal, Persin e Perrin Produções. Com essa última produtora, Rodrigues revela como a produção deveria ser realizada:

No documento, onde estão estabelecidas as condições de pagamento e realização do filme, lê-se que será feito “com imagens vistas pelo olhar do presidente Juscelino”. Pelo contrato fica-se sabendo também que foi feita uma cópia em

³¹ Nos filmes editados por José Silva, o nome da produtora é Alvorada Filmes.

16mm, com “mais ou menos 25 minutos de duração para uso interno da NOVACAP” e uma versão “reduzida de 10 minutos para veiculação nacional”. Mas não era somente o local da construção que era filmado. Uma entrevista do presidente da NOVACAP, durante visita ao escritório regional da empresa em São Paulo, no dia 29 de janeiro de 1959, foi transformada em documentário sobre Brasília. Produzido pela “Produções Cinematográficas Leides Rosa – Atualidades”, uma empresa de São Paulo, o documentário, intitulado “Atualidades Brasília”, foi exibido em todos os cinemas do Estado de São Paulo. (RODRIGUES, 1990, p.96)

Isso sustenta nossa idéia de que o governo Kubitschek estabelecia relações com as empresas de comunicações privadas para a construção de sua imagem pública e da propaganda de seu governo, ultrapassando o uso de aparelhos de propaganda estatais. Tais relações tinham formatos oficiais com os contratos como vimos acima no caso da NOVACAP, mas havia o uso de relações pessoais, principalmente para os contatos. Israel Pinheiro já conhecia José Silva, o cinegrafista e editor de muitos cinejornais **Brasília**, JK tinha fortes laços com Jean Manzon e Adolpho Bloch, correspondia à simpatia de Samuel Wainer, cortejava Assis Chateaubriand. Essas relações amistosas com proprietários dos meios de comunicação reforçaram a divulgação positiva da construção de Brasília de uma maneira ampla.

Mas, afinal, quais os temas e as imagens que esses cinejornais desenvolviam em torno da construção de Brasília e da imagem de JK? De uma maneira geral os cinejornais **Brasília** estavam preocupados em mostrar as obras e muitas vezes responder a questões que o homem comum que não se afastou de sua cidade, de seu trabalho e de sua família para se engajar diretamente nesse empreendimento poderia dirigir ao presidente da República.

Brasília n.10 mostra uma série de inaugurações, todas realizadas por JK em companhia de Sarah e de Israel Pinheiro, presidente da NOVACAP. O narrador nos informa a data – junho de 1958 – desse evento importante que é o início das inaugurações dos edifícios que estão finalizados. O primeiro deles é a Capela Nossa Senhora de Fátima, conhecida por “Igrejinha”. Essa inauguração é

sugerida nos planos iniciais do cinejornal: uma cruz no serrado, como o marco fundador e ponto de partida de tudo. Nas seqüências seguintes, não há obras ainda, apenas tratores em movimento. Logo depois, vemos Sarah descerrando a placa da Capela e a câmera mostra alguns aspectos da missa da inauguração rezada pelo arcebispo de Goiás, Dom Fernando Gomes dos Santos; vemos JK, a esposa e as duas filhas, Márcia e Maristela. A Igreja Católica é a primeira instituição a se fixar na terra desmatada da nova capital, o empreendimento está devidamente protegido das forças do mal, das ações da oposição; o plano espiritual está garantido.

O segundo trecho é sobre a inauguração da estrada Brasília-Anápolis. Agora JK está com Israel Pinheiro e diretores da Companhia. Israel Pinheiro discursa e um grande grupo de pessoas acompanha o evento; no palanque, JK abraça Israel Pinheiro, automóveis e motocicletas estão em movimento na estrada recém-inaugurada. No terceiro trecho vemos o Palácio da Alvorada ainda em construção, uma tomada aérea nos faz vê-lo de cima e perceber sua dimensão. O quarto evento é a solenidade em que JK passa em revista a sexta companhia de guarda. A inauguração que segue é a do Palácio da Alvorada. O evento congrega um grande número de autoridades entre civis, militares e religiosas. Estas últimas têm novamente na imagem de Dom Fernando, o representante que legitima espiritualmente, através da missa, a inauguração. O momento também foi oportuno para a entrega de credenciais ao novo embaixador de Portugal no Brasil, Manoel Rocheta. Brasília já funcionava como capital federal, ali se recebia não apenas com o intuito de mostrar o processo de construção, mas era importante para o fortalecimento do papel da nova capital, pois se mostrava assim que era possível exercer a diplomacia em meio a operários, tijolos, areia, cimento e aço. Há a inauguração do Hotel de Turismo e imagens aéreas da cidade; o espectador já sabe, agora, que Brasília se concretiza aos poucos, os passos não são lentos, o cinejornal ao tratar todos esses eventos juntos quer mostrar o dinamismo do empreendimento, e o narrador finaliza em tom profético:

Em menos de dois anos brota do chão como um milagre da natureza uma cidade nova em folha que vai regurgitar de vida e atividade marcando um novo passo no desenvolvimento do país. Brasília é produto de esforços reunidos, o empenho do governo, o amor de uma multidão de pioneiros entre administradores, técnicos e operários e, antes de tudo, a confiança de que se está criando as bases de uma nova civilização.

Brasília n.12, com narração de Cid Moreira, aborda a visita do Secretário de Estado norte-americano Foster Dulles ao Brasil; a visita a Brasília foi apenas um dos aspectos da visita a outras cidades³². Ele foi mais uma das pessoas ilustres que visitaram as obras de Brasília; na verdade, pouco vemos Foster Dulles, que aparece no início do cinejornal quando chega, na seqüência seguinte, junto a JK e Israel Pinheiro e confere o lugar onde será construída a Embaixada dos Estados Unidos. As imagens se ocupam da construção de edifícios e a mostrar máquinas funcionando. Foster Dulles acompanha a colocação de estruturas metálicas na Praça dos Três Poderes, conhece o Brasília Palace Hotel, a Capela Nossa Senhora de Fátima, planta um pé de magnólia, visita o Palácio da Alvorada. No final desse trecho, vemos Foster Dulles e sua esposa indo embora de avião. A segunda parte do cinejornal nos mostra o dia seguinte: pela manhã, JK e Israel Pinheiro chegam de helicóptero para inauguração da base da FAB em Brasília; na solenidade oficial, JK passa em revista a tropa da nova base aérea.

O cinejornal **Brasília n.14** nos mostra JK em uma visita de inspeção às obras. Ele chega de avião, encontra-se com Israel Pinheiro e logo tomam um helicóptero para observar os trabalhos a partir de uma visão panorâmica da cidade em construção. Desse momento em diante não veremos mais Juscelino Kubitschek, mas “o seu olhar” nas seqüências aéreas. Todos os temas desenvolvidos pela narração nesse cinejornal demonstram o andamento da

³² Abordaremos novamente esse filme no próximo capítulo, ao estudarmos os rituais de poder.

construção em seu conjunto, formulam e respondem a questões gerais ligadas tanto às obras quanto ao futuro funcionamento da cidade e à sobrevivência daqueles que morarão ali.

Após a seqüência da chegada de JK alternam-se planos aéreos do espaço geográfico em mudança e planos de edifícios em construção realizados com a câmera no chão ou no alto de edifícios. Há uma seqüência das obras do Congresso Nacional onde finalmente seguimos o trabalho dos operários.

As seqüências aéreas das cachoeiras do Paranoá têm como narração as informações sobre a construção da barragem para prover o abastecimento da cidade; a natureza e máquinas trabalhando são mostradas, enquanto na narração predominam os números: “(...) a barragem formará um lago com cerca de 600 milhões de metros cúbicos e produzirá 28 mil hp”.

A seqüência de tratores e operários asfaltando estradas e ruas é, segundo o narrador, “outro aspecto animador de Brasília”; ele também revela que, para provar a comodidade do asfalto, o cinegrafista faz as tomadas de dentro de um microônibus, para que o espectador tenha uma melhor sensação desse benefício. O olhar agora não é o de JK, mas o do cinegrafista. O presidente continua no helicóptero a fiscalizar; ao espectador é dado um outro ponto de vista.

Essa passagem de olhares continua quando o tema é a rede de esgotos; na seqüência, vemos homens escavando a terra e grandes tubulações sendo colocadas nos veios abertos com pás. Para o abastecimento de água há a construção de reservatórios e a rede de distribuição de águas; as imagens privilegiam a terra sendo movimentada por homens e máquinas.

Todos os caminhos conduzirão a Brasília, para tanto é fundamental a construção de estradas, um amplo sistema rodoviário em função da cidade e estradas de ferro. As seqüências, então, apresentam a construção de pontes que ligam Brasília a outras cidades.

Outra seqüência aborda o abastecimento de alimentos da cidade. Forma-se, então, o cinturão verde ao redor de Brasília que é mostrado através de

imagens de tratores revolvendo a terra, plantações em granjas e chácaras, rebanho de gado bovino, o trato com aves e uma pessoa colhendo ovos.

Finalmente há uma seqüência aérea do Palácio da Alvorada, e outra de homens embaixo da cruz do marco inicial de Brasília. Segundo o narrador, “parlamentares mineiros ficaram deslumbrados com essa realização histórica do atual governo”.

O tema abordado em **Brasília n.16** é o Primeiro de Maio. Na seqüência inicial vemos caminhões com trabalhadores desfilando pelas ruas da cidade em construção, logo depois uma seqüência de JK e Israel Pinheiro em um jipe também pelas ruas da cidade. Ambos e um grupo de autoridades chegam ao edifício do Congresso Nacional ainda em construção onde vemos JK e outras pessoas discursarem. Seguem-se planos aéreos alternados a planos de edifícios em construção, homens trabalhando nessas obras e no asfaltamento de ruas e estradas. Finalmente vemos uma seqüência de planos do Palácio da Alvorada. Durante todo o filme, o narrador reproduz o discurso que JK fez aos trabalhadores.

Esse conjunto de filmes realizados nos anos de 1958 e 1959 faz parte da estratégia de convencimento sobre Brasília, uma estratégia que tem na imagem de Juscelino Kubitschek o seu ponto de partida. Ele aparece como o presidente que inspeciona e inaugura, participa da sua função de administrador maior e líder de um grupo que concebeu a cidade, do empreendimento que movimenta o país. Quase sempre aparece no começo dos filmes de maneira a legitimar o olhar; o espectador vê aquilo que Juscelino vê de helicóptero, a pé, de jipe. A câmera logo passa a privilegiar as construções, as estradas que ligarão Brasília a todas as outras capitais do Brasil.

Os visitantes ilustres que JK leva para Brasília ficam extasiados, segundo os diferentes narradores, com o tamanho do projeto do qual apenas ouviram falar, com a força e a coragem daqueles que o comandam e daqueles que o colocam em ação; descerram placas de futuros edifícios que representarão

seus países e instituições; andam sobre o terreno desmatado e por entre esqueletos de edifícios em construção.

Tanto as imagens como as narrações enunciam o caráter épico do empreendimento da nação comandada por JK. A imagem do líder dinâmico e empreendedor está intrinsecamente ligada à construção de Brasília. Os constantes deslocamentos do presidente da então capital, Rio de Janeiro, ao planalto central para acompanhar mais de perto a execução do projeto da nova capital, dão expressividade ao poder que não se limita à recepção de autoridades, mas em mostrar como um projeto sai do papel, mobiliza pessoas, para, enfim, mostrar-se pronto.

Outros filmes que não pertenciam a essa série de cinejornais também foram realizados por outras produtoras, no entanto as abordagens eram muito semelhantes e até mesmo usavam algumas de suas imagens³³.

As primeiras imagens de Brasília é um documentário em torno de 10 minutos, o mesmo tempo dos cinejornais acima, realizado pela Atlântida e Jean Manzon Films com supervisão técnica de René Persin, montagem de Ítalo Di Bello e narração de Luiz Jatobá. O filme inicia com uma legenda explicativa: “Este documentário tem a única finalidade de historiar em imagens os primeiros meses de vida de Brasília”. Na primeira seqüência, JK está dentro do avião olhando para a paisagem; a seguir; os planos aéreos mostram o Palácio da Alvorada em construção – segundo o narrador, ele “será o marco do ponto de vista técnico e artístico da cidade que surge”.

Os temas abordados no documentário são as estradas, a energia elétrica a ser gerada para a atividade da cidade, assim como a agricultura que a abastecerá. Os planos de homens abrindo com pás grandes covas para as manilhas da rede de água mostram a preocupação com o abastecimento de Brasília. As estruturas dos edifícios são visitadas por JK e Israel Pinheiro. Ambos

³³ Não conseguimos saber quem captou originalmente as imagens repetidas, pois os filmes não estão datados de maneira precisa e mesmo assim é importante observar a manipulação possível das produtoras e até mesmo da NOVACAP.

aparecem novamente em alguns planos, subindo as escadas dessas estruturas, conversando entre si e olhando as obras.

Em meio às imagens documentais, alguns aspectos curiosos pontuam o filme como uma maneira de sair de sua formalidade. Isso se dá em três momentos: o primeiro é quando da abordagem do abastecimento de água, a câmera encontra um banheiro improvisado e um operário nordestino toma seu banho. Não é apenas o narrador quem nos fornece tal informação, mas o plano é de um chapéu típico da região. O segundo momento ilustra a idéia da simultaneidade com que tudo é construído em Brasília em função da sua urgência: um plano de homens fazendo o telhado de uma padaria, a câmera desce e vemos o padeiro retirar pães do forno, o narrador explica: “O pão fresco é feito antes mesmo que se faça a padaria”. O mesmo acontece com a seqüência que segue: crianças em uma escola ainda em acabamento: “A cultura não pode esperar, as atividades aí têm de ser simultâneas”. O terceiro é a seqüência final do filme: à noite, a câmera acompanha um operário entrando em sua casa, ele atravessa a varanda, abre a porta e é recebido por uma mulher que o beija – sua esposa. Há um corte e a câmera se aproxima da janela, o casal conversa por segundos e caminha saindo de campo; a câmera permanece fixa por alguns segundos, outro corte, vemos um carro passando diante da suposta casa do operário. Os planos realizados à noite foram claramente ensaiados, a câmera não entra em momento algum na casa como se tivesse certo pudor em invadir a intimidade do casal. O narrador finaliza:

Brasília já existe, as famílias que para lá se deslocaram, hoje vivendo com simplicidade um momento histórico, irão constituir amanhã a legião, comovidamente lembrada, dos pioneiros. Os primeiros homens e mulheres que deram ao Brasil os primeiros filhos de uma nova era. A jovem cidade do planalto central é a estrela guia do futuro, a menina dos olhos do Brasil.

Antes desse final que exalta o homem comum, o operário anônimo de Brasília, o filme aborda ainda no mesmo sentido de atividades simultâneas o

nascimento de um bebê, “um brasileiro”, o trabalho noturno nas obras, e Lúcio Costa e Oscar Niemeyer no escritório no trabalho de concepção da cidade.

Outro documentário realizado pela Agência Nacional, **Brasília – Profecia de São João Bosco** fundamenta seu título com a profecia do santo italiano sobre o lugar onde aparecerá uma nova e grande civilização, leite e mel correrão nos veios dos rios. As seqüências aéreas seguintes dão conta da base da FAB; as imagens de um evento nos mostram JK comemorando o segundo aniversário do Catetinho, homenageiam-se aqueles que trabalharam na sua construção.

Em outra breve seqüência, vemos Juscelino Kubitschek e Israel Pinheiro; a seqüência anterior cuidou de mostrar o Palácio da Alvorada, o Brasília Palace Hotel, a estrada Anápolis-Brasília, a Praça dos Três Poderes. Assim como os cinejornais e o documentário realizado pela Jean Manzon Films, depois da imagem de JK era preciso mostrar e dizer como as obras se sustentavam energeticamente, de que maneira as crianças eram educadas, como se alimentavam; portanto, imagens de crianças em escolas e plantações eram recorrentes. No final, as tomadas aéreas privilegiam a construção de casas populares.

O documentário **Corte Vertical na Selva Amazônica: ligação rodoviária de Belém a Porto Alegre através da estrada Brasília-Belém** não faz referência direta à construção de Brasília, mas sim à estrada que é uma espécie de símbolo da integração de regiões. Construída simultaneamente a Brasília, a estrada implicou abrir caminho por entre a selva amazônica, conquistar territórios considerados inóspitos e desconhecidos.

Juscelino Kubitschek aparece no início do filme na reunião com autoridades e jornalistas para falar sobre a estrada e o trabalho do grupo que iria percorrer seu trajeto ainda em papel durante alguns dias. À frente da excursão representando JK vai o Coronel Lino Romualdo. As seqüências aéreas mostram a selva, os povoados e as clareiras abertas por grupos que estão à frente dos operários que constroem a estrada, são pioneiros. Para mostrar esse trabalho de

vanguarda, a câmera deixa o avião, explora a mata e conhece o trabalho realizado por esses grupos exploradores até a cidade de Belém no Pará.

Alguns documentários realizados pela Jean Manzon Films também trazem a imagem do presidente associada à nova capital. **No Cinturão verde de Brasília**, realizado em 1958 para a Organização Imobiliária Mara, JK aparece por apenas 20 segundos, mas é uma bela imagem na qual ele (em primeiro plano) observa a construção de Brasília (ao fundo) de cima de um andaime, volta-se e olha para a câmera, esta sai de JK fazendo um pequeno travelling para as obras, há o corte para as cenas do Rio de Janeiro e seus inúmeros problemas urbanos. Aí o filme se desenrola abordando venda de lotes ao redor da nova capital em construção.

Em 1959, a produtora realizou, para o governo goiano, **Goiás, Celeiro do Brasil** e **Goiás, Coração do Brasil**. No primeiro filme, JK está ao lado do governador José Ludovico observando uma cachoeira; no segundo filme, agora ao lado de Israel Pinheiro, ao fundo Brasília em construção, num andaime os dois de costas para a câmera, logo se voltam e caminham em direção à câmera, passam por baixo de algumas vigas de madeira e sobem uma escada, olhando para baixo como que observando homens cavando que é o próximo plano em plongée. Nesta seqüência, todos os planos são médios procurando contextualizar JK e Israel Pinheiro na construção de Brasília sem deixá-la fora de foco, pois já fazia parte da propaganda do Estado de Goiás. Em ambos os filmes, JK inaugura: o Palácio da Alvorada no segundo, e obras que não identificamos no primeiro, tudo mostrado por planos médios e alguns closes.

O entorno da construção de Brasília vivia a mesma euforia construtora. Afinal, a construção da capital federal concentraria uma série de outras metas, as mais evidentes nos filmes são transporte e energia. O canteiro de obras não se restringe ao espaço da cidade propriamente dita, mas a tudo aquilo que diz respeito a ela, o viver nela. As imagens aéreas são predominantes e acentuam o sentido de mostrar de maneira a engrandecer o espaço ainda dominado pela natureza. Por outro lado, essa mesma natureza é conquistada, desbravada para a

instauração da cidade; a partir do planalto central percebia-se que havia um grande território a ser conhecido.

No cenário ainda em construção desenvolviam-se encenações com personagens ilustres e anônimos. As imagens nas revistas, cinejornais e documentários pouco enfatizam o homem comum, aquele que constrói Brasília; a técnica e a máquina parecem fascinar cinegrafistas e fotógrafos, assim como a natureza e o espaço grandioso do planalto: mais que isso, são diretrizes de convencimento na medida em que o espectador e o leitor visualizam algo de que ouviram falar.

No palco em formato de avião, muitos cenários eram construídos ao mesmo tempo, outros palcos também apareciam: estradas, granjas, chácaras, lagos, usinas, cidades; as encenações percorriam palcos e cenários.

A inauguração de Brasília foi a expressão máxima do espetáculo do poder. O mundo olhava a capital símbolo da modernidade e seu criador, o realizador, o ator, o regente. **O Cruzeiro** lançou uma edição extra e **Manchete** publicou um número histórico para abordar o evento histórico em si mesmo. À consciência histórica do momento, a imagem de Juscelino é definitivamente ligada à de Brasília.

A representação daquele momento inaugural levou as revistas a trabalharem com a retrospectiva histórica, lembrando ao leitor as dificuldades por que passou tal empreendimento, mas também aqueles que a visitaram, daí a repetição de fotografias que já haviam sido publicadas em outros exemplares.

A capa de **Manchete** privilegia a arquitetura em detrimento do homem, no caso JK está acompanhado de Sara e do arcebispo, em fotografia pequena na contracapa. **O Cruzeiro** faz a imagem de JK sobressair da montagem de fragmentos de imagens de Brasília em construção, na contracapa uma fotografia com parte do Palácio da Alvorada e suas colunas modernas. A abordagem convencional da capa de **Manchete** prossegue no interior da revista: JK recebe as chaves da cidade, assiste à missa, em ambos os momentos acompanhado de

Jango, comparecem ao Congresso lotado. A reportagem faz a retrospectiva histórica; o colunista social Jacinto de Thormes faz a cobertura do baile.



(Fig. 95) Manchete, 21 de abril de 1960 – edição histórica



(Fig. 96) O Cruzeiro, 07 de maio de 1960 – n.30 – Ano XXXII

A proposta da capa de **O Cruzeiro** do exemplar de 07 de maio de 1960
- Figura 96 - aborda na reportagem extra, **O futuro tem capital – Brasília**, a

inauguração como um acontecimento ligado ao presente, olhando para o futuro. O presente é o das comemorações, a legenda da fotografia na página inicial da fotorreportagem revela essa idéia:

O Brasil, com sua nova Capital, deixa para trás o próprio tempo. Brasília saltou por cima do século XX. É um poema com a marca da imortalidade. É de cimento e de sonho. Eis o que traduz a cobertura dos repórteres Ubiratan de Lemos, Audálio Dantas, Luiz Carlos Barreto, José Medeiros, Ronaldo Moraes, Paulo Namorado, Geraldo Viola, Rubens Américo e Lisl Steiner.



(Fig. 97) O Cruzeiro, 07 de maio de 1960 – n.30 – Ano XXXII

Na figura acima, um provável Juscelino de chapéu está de costas para o leitor e de frente para o edifício do Congresso. A seguir, ele recebe as chaves da cidade, assiste à missa consagradora ao lado de Jango e Sarah, recebe convidados, discursa. Apesar do pequeno texto de título **Cabeça de JK faz o Brasil pensar certo** traçar rapidamente a história da cidade, ele historiou a idéia e não retomou o percurso das obras.

O dia 21 passou, mas as revistas continuaram a publicar reportagens sobre a inauguração. Um mês depois, **O Cruzeiro** ainda explora o acontecimento com fotografias em cores; vemos os edifícios à noite, alguns deles ainda sendo construídos na fotorreportagem **Brasília: maioria chegou cedo**, com texto de Ubiratan de Lemos e fotografias de Paulo Namorado. Luz e cores predominam na fotografia que se estende por duas páginas mostrando JK recebendo cumprimentos de “embaixadores de meio mundo”, ladeado por militares e civis, o chão com carpete verde e sobre ele tapetes em tons vermelhos; ao fundo, uma parede de vidro com luz estourada nos faz compreender melhor o ambiente proporcionado pela festa.



(Fig. 98) O Cruzeiro, 21 de maio de 1960 – n.32 – Ano XXXII

Em algumas páginas anteriores, vemos Juscelino de fraque, caminhando acompanhado de militares e civis, dentre eles, Israel Pinheiro, Armando Falcão e João Goulart. A ênfase da fotorreportagem é na cidade que, para o autor do texto, atingira a maioria e não em JK, mas ainda não seria possível desvincular um do outro.

A edição do dia 07 de maio de **Manchete** – Figura 99 - também nos traz uma continuação da cobertura da inauguração. Começa pela capa com fotografia colorida de Gervásio Batista: Juscelino de fraque acena com chapéu na mão, sorriso largo, ao fundo os dois edifícios verticais do Congresso Nacional e o céu azul de Brasília. No interior da revista vemos a fotorreportagem da capa, com fotografias de outros ângulos de acontecimentos já abordados na edição histórica; uma reportagem de Murilo Melo Filho, **Aqui e agora começa – O novo Brasil**, e um pequeno texto sem autor com fotografia, **O adeus de JK**.



(Fig. 99) Manchete, 07 de maio de 1960 – n.420 –
Ano 8

O gesto de JK na capa saúda os brasileiros ao mesmo tempo em que apresenta a cidade inaugurada. O chefe de Estado também é o anfitrião: apesar de ele já ter exercido esse papel durante as obras, a inauguração marca uma passagem oficial, um momento apoteótico, não no sentido de divinização do lugar ou do seu realizador, mas no sentido de glorificar; mesmo que a cidade ainda esteja com algumas construções inacabadas, o momento de esplendor chegou.

Em **O adeus de JK** – Figura 100 - o vemos junto a Sarah, as filhas e funcionários descendo a escada do Catete. O adeus não era ao governo, o mandato ainda iria até janeiro de 1961, mas ao Palácio do Catete, casa e escritório do presidente, que daí para frente se transformaria no Museu da República. Segundo o texto, a despedida de Juscelino foi emocionante e emocionada. Cumprimentou a todos os funcionários e a cada um deles perguntava quando iriam para Brasília. Na fotografia, o grupo como um todo olha para o fotógrafo que está na parte de baixo da escada. O texto, por sua vez, tinha que deixar evidente a comoção de Juscelino ao deixar o Rio de Janeiro e não desqualificá-la:

Disse JK ter a sensação de estar “perdendo alguma coisa de muito valioso”, ao afastar-se do Rio de Janeiro: o privilégio de conviver com o povo carioca, ao qual dirigiu expressiva mensagem de afeto e reconhecimento. Era com tristeza que dizia adeus à cidade que hospedara o Govêrno do Brasil durante quase dois séculos, mas estava certo de que ela continuaria a manter o título de “maravilhosa” e a influir, mesmo de longe, nas decisões fundamentais para os rumos do Brasil.



(Fig. 100) Manchete, 07 de maio de 1960 – n.420 – ano 8

Juscelino Kubitschek não tinha dúvida alguma em trabalhar em Brasília, pois, como vimos, antes mesmo ele já despachava em meio aos canteiros de obra; sua imagem não está ligada apenas à capital inaugurada, mas a todo o processo de sua construção. A atividade da nova capital aumentava à medida que políticos e todo o aparelho burocrático do Estado iam se instalando.

Se JK encarna o papel do herói, ele o faz em seu próprio tempo, inclusive porque a oposição que enfrenta e as crises contornadas o tornam dono de uma “autoridade carismática” (SCHWARTZENBERG, s.d., p.22), da admiração; ele consegue mobilizar e convencer, força a adesão pelo seu talento pessoal.

O herói em tempos de mídia política lida com o poder ilusório, espetacular; em nosso caso, Juscelino é herói e vedete. Sua imagem possui uma ambigüidade limitada na medida em que nem tudo o que faz é mostrado, e, paradoxalmente, o que é mostrado parece ser tudo o que realiza.

5. IMAGENS DA VIDA PÚBLICA

A leitura das biografias de Juscelino Kubitschek e citações a ele em outras nos impressiona pelo uso de inúmeros adjetivos que lhe são atribuídos: “dotado de uma simpatia irradiante, um calor humano excepcional, extremamente bom, generoso, espontâneo tolerante e liberal” (WAINER, S. 1988, p.216), compreensivo, habilidoso, otimista, jovial, confiante, imbuído de dinamismo inesgotável, presidente bossa nova, grande comunicador e motivador, cordial, sorridente, afável, sensível, etc. Alguns autores compartilharam de sua vida privada outros de sua vida pública, outros ainda partilharam das duas esferas, poucos não o conheceram, mas foram seduzidos pela possibilidade de conhecê-lo através de documentos e depoimentos dos que lhe foram mais próximos.

Essa aproximação da vida pública e da vida privada de um político a ponto de se escrever sobre ele, nos faz pensar justamente em primeiro refletir sobre o que significam essas duas esferas em nosso tempo. Richard Sennet (1988) define as palavras “público” e “privado”: aquela “significava aberto à observação de qualquer pessoa”, esta “significava uma região protegida da vida, definida pela família e pelos amigos” (idem, p.30). Para o autor, esses significados foram utilizados no século XVII e dizem respeito a todos em uma sociedade e não especificamente ao político. No século XVIII o sentido de público ampliou-se

(...) significava não apenas uma região da vida social localizada em separado do âmbito da família e dos amigos íntimos, mas também que esse domínio público dos conhecidos e dos estranhos incluía uma diversidade relativamente grande de pessoas. (ibidem, p.31)

Havia, segundo Sennet, um “equilíbrio entre a geografia pública e a privada” (ibidem, p.34), que se transformou no século XIX influenciado pelo capitalismo industrial e pelo secularismo. Por fim, o século XX sofre a decadência da vida pública, ou seja, uma “erosão” daquele “(...) equilíbrio entre um terreno impessoal em que os homens poderiam investir uma espécie de paixão, e um terreno pessoal em que poderiam investir uma outra espécie” (ibidem, p.413).

Apesar do desequilíbrio no século XX, o significado de esfera pública e privada é, de alguma maneira, norteado por aquele do século XVII. A idéia de imagem pública parte desse significado, ou seja, ela diz respeito àquilo que pode ser visualizado por qualquer pessoa; em outro campo, há o que é visualizado em um ambiente familiar ou de amigos, que designamos imagem privada.

Evidentemente, ambos os significados passam por uma série de nuances, em que a família e os amigos podem ter uma imagem pública, o que em princípio, parece paradoxal. Aqui também há o desequilíbrio e, no caso das imagens, a invenção da fotografia e do cinema, no século XIX, e o desenvolvimento da televisão no século XX, influenciaram esse desequilíbrio, fortaleceram convenções do olhar estabelecidas com o advento da sociedade burguesa e permitiram que um número cada vez maior de pessoas tivesse acesso aos meios de reprodução de imagens realizadas no âmbito público ou no privado.

Partindo dessas idéias, iremos nesse capítulo analisar as imagens de JK que o retratam como um homem de família, caracterizam-no sobretudo como um homem moderno, dos rituais do poder e do que chamamos de bastidores da política, isto é, algumas imagens que estão junto a entrevistas, balanços anuais de seu governo e o cotidiano do presidente, presentes nas revistas e filmes.

5.1 – JK: um homem de família, um político moderno

As revistas ilustradas no período que estudamos satisfazem ou incitam a curiosidade do leitor para a esfera privada de pessoas de vida pública, sejam elas artistas – atrizes, atores, cantores e cantoras, políticos -, homens e mulheres da elite, intelectuais, militares, enfim, aqueles que em sua própria área de atuação tinham algum destaque.

Existia um movimento de ligação entre os diferentes meios de comunicação para que essa vida privada fosse mostrada nas revistas. O *star system* penetrava em todas as áreas, artistas tinham sua vida privada exposta nas páginas das revistas ilustradas, o estrelato deixava a nu as intimidades daqueles

que trabalhavam no rádio, no teatro, no cinema. Alguns casos nos parecem exemplares, um deles é o de Marta Rocha, Miss Brasil em 1954, que representou durante muito tempo o ideal de beleza brasileira, atributo que a levou para uma curta carreira artística.

Através das revistas ilustradas, seguimos sua carreira como Miss Brasil iniciada aos 18 anos, seu casamento na Argentina com o banqueiro português Álvaro Piano, o nascimento de seus filhos, o cotidiano da família, a morte do marido, sua tristeza, o luto e o recomeço. Tudo devidamente documentado em fotorreportagens.

Com os políticos não era diferente, o *star system* também chegou à esfera política, havia alguns aspectos da vida privada que eram mostrados muitas vezes num tom curioso. É o que podemos ver na fotorreportagem **Cabeça fria e olho no povo**, em **O Cruzeiro** de 27 de junho de 1959, com texto de J. Rêgo Costa e fotografias de Badaró Braga. O então deputado e líder da maioria na Câmara, Armando Falcão, aparece com seu filho na página da esquerda, a legenda que acompanha ressalta a importância do filho: *Só uma coisa é mais importante para Armando Falcão do que um verso: um espirito do Guizinho*. Na página da direita ele está com JK, em conversa cotidiana sobre o desenvolvimento de questões políticas na Câmara dos Deputados – Figura 101.



(Fig. 101) O Cruzeiro, 27 de junho de 1959 – n.37 – Ano XXXI

Tanto **O Cruzeiro** quanto **Manchete** faziam fotorreportagens ou pequenos comentários sobre a vida privada de políticos em algumas de suas seções como **O Brasil em Manchete**, ou **Um fato em foco**, ou ainda aproveitando datas comemorativas como o dia das mães e as festas do Natal. Como vimos no caso de Marta Rocha, outras personalidades eram mais mostradas, todavia não percebemos uma devassa na vida privada tampouco a ousadia dos *paparazzi*.

Em fotorreportagens desse tipo, a idéia de flagrante não predomina como concepção fotográfica, na maioria das fotografias a pose é o elemento fundamental, há alguma informalidade em muitas cenas, mas as personagens fotografadas estão conscientes de que há um fotógrafo com uma câmera no ambiente, um repórter a fazer perguntas e a atuação é, portanto, limitada.

O interesse na vida privada de um determinado político parte de sua atuação na realidade. Armando Falcão é uma peça chave para o governo na Câmara, ele é hábil em convencer grande parte dos deputados a favor dos projetos do governo evitando desgastantes embates políticos. A partir dessa projeção, ele torna-se uma personagem interessante para a revista.

A vida privada de políticos não é abordada nem em fotografias sensacionalistas, nem com textos agressivos, há certo pudor, os políticos e suas famílias são mostrados de maneira idealizada, há muitos sorrisos, as mulheres elegantes, filhos sempre muito bem vestidos, sentados em sofás nas salas de visitas como se o leitor fosse o convidado preferencial a olhar suas vidas; ou então, vemos os jardins das casas onde as crianças brincam alegremente. Não há conflito ou tensão na família do político. O amor materno e paterno é fundamental na visualidade, em nosso exemplo Armando Falcão olha sorrindo para o filho que está em seu colo; a legenda, como vimos, revela que ele é uma das coisas mais importantes de sua vida e, ao mesmo tempo, está ao lado do trabalho, da política.

É impossível para um político moderno deixar de mostrar a vida privada. Para Schwarzenberg

Expõe-se tudo, exhibe-se tudo: a idade, os boletins de saúde, os desempenhos esportivos, os certificados de boa conduta e de bons costumes, as relações conjugais, a vida familiar, os animais domésticos. A vida privada é exibida e devassada por completo. (s/d, p.113)

Podemos questionar o quanto a vida privada do político é devassada, talvez não o seja por completo. Os aspectos mostrados da intimidade podem ser controlados pelo político ao mesmo tempo como uma defesa de si e de sua família e como uma parte significativa na constituição de sua imagem pública. Percebemos certo pudor na aproximação de fotógrafos e repórteres na invasão da privacidade dos políticos. Essa é uma observação datada, o desenvolvimento dos meios de comunicação e de suas relações com o espetáculo da política, transformou muitos políticos em celebridades. No entanto, no período em que trabalhamos, a devassa parece ser menor ou menos agressiva, nem por isso a vida privada, a intimidade foi deixada de lado. As revistas ilustradas exerciam o mesmo papel da televisão depois da década de 1970, embora nos anos 1950 ela ainda desse seus primeiros passos.

A partir dessas observações, podemos perguntar o quanto a vida privada influenciou na construção da imagem pública de Juscelino Kubitschek.

De manhã à noite, eu tinha a agenda cheia e, além disso, as obras que vinha realizando haviam avançado tanto que se tinham transformado em verdadeiros desafios. Em face disso, aceitei, com certa tranquilidade, os primeiros dias de ausência da família. Entretanto, a solidão foi penetrando, sem que o percebesse, no palácio das Laranjeiras. Sentia-a vagamente quando terminava um despacho. Pressentia-a, com certa frequência, à mesa do jantar, ao ver vazia três cadeiras que sempre estiveram ocupadas. E, por fim, passei a ter a impressão nítida do que ela representava, quando, terminado o expediente do dia, fazia um disco girar na vitrola. Meu mundo afetivo era limitado, mas rumoroso. Minhas filhas enchiam-me a vida com a alegria de suas vozes claras, com a desenvoltura de seus gestos de carinho. (KUBITSCHKEK, 1978, p.295)

JK escreve essas impressões no terceiro volume de sua autobiografia, ele conta o quanto a viagem de alguns dias de Sarah e das filhas, Márcia e Maristela, para os Estados Unidos e Europa fortaleceu sua convicção da “importância que a família desempenhava na minha vida” (idem, p.299). Esse olhar que Juscelino lança sobre sua própria vida, anos depois, é carregado de sentimentos saudosos e de grande afetividade. Uma outra face dessa intimidade é contada por Cláudio Bojunga:

Apesar dos apelos de dona Sarah, Juscelino ignorava horários rígidos e trabalhava até tarde. Sempre levava gente para almoçar no palácio das Laranjeiras, desorganizando horários e rotinas.(...)

Durante os primeiros tempos na presidência, almoçava no gabinete do Catete, no quarto em que Vargas se matara. Dona Sarah providenciava os pratos preferidos preparados pela cozinheira Etelvina, que servia à família desde os tempos de Belo Horizonte. O almoço vinha numa bandeja com água quente num depósito, mas como JK nunca interrompia na hora apropriada o que estava fazendo, a comida acabava esfriando e ele não se alimentava direito. Dona Sarah passou a forçar o marido a almoçar no Laranjeiras:. Costumava dizer ao telefone: “Juscelino, está ficando tarde, as meninas estão com fome”. O pretexto das meninas funcionava. (BOJUNGA, 2001, pp.353 e 354)

Esses dois trechos que nos contam um determinado aspecto da vida privada de Juscelino fazem-no de maneira diferente, mas não contraditória, deles sobressai um Juscelino sempre às voltas com o trabalho. A afetividade também é marcante principalmente no trecho da autobiografia.

Observamos no capítulo anterior que a revista **O Cruzeiro**, logo após a posse de Juscelino, publicou no exemplar de 04 de fevereiro de 1956 uma fotorreportagem de cunho biográfico – Figuras 58 e 59. O repórter volta com JK a Diamantina e faz desse retorno uma ligação entre o passado difícil do presidente e o presente triunfante e glorioso.

A vida privada por certo foi devassada nesse exemplar, porém ele funcionou também como uma apresentação do homem Juscelino para o público de cidadãos que o tinham eleito presidente. A imagem de Sarah já havia sido

apresentada ao país nos exemplares da posse, agora ela representava a mãe e a esposa em seu cotidiano. O círculo da intimidade limitou-se ainda à mãe, D. Júlia, figura importante para JK, alguns amigos e admiradores antigos da cidade.



(Fig.102 e 103) O Cruzeiro, 04 de fevereiro de 1956 – n.16 – Ano XXVIII

Nas figuras acima, vemos um trecho dessa fotorreportagem, **É o presidente do Brasil**, o subtítulo: *Juscelino na intimidade: o atual presidente da república é um homem de trabalho e pai dedicado*, e o texto ao lado das fotografias, *Juscelino na intimidade*, faz com que o leitor tenha uma idéia do cotidiano do homem que é o presidente. Como em uma agenda, o autor traça um roteiro de suas atividades, suas preferências. Carregado em adjetivos positivos, o texto afirma: é o marido que admira sua esposa; “é o pai amigo e camarada”; apresenta os “cacoetes” que não são aspectos negativos ou positivos à sua personalidade, imprimem a ele certa humanidade assim como a presença das filhas acentua o aspecto afetivo de sua imagem e sua humanização.

Na fotografia da página da esquerda, a legenda repete o texto maior enfatizando a união da família nos intervalos do trabalho sempre corrido. O retrato da família nesse início de mandato é importante, ela representa uma qualidade

social que fortalece sua imagem pública. Ao abraçar suas filhas num gesto de proteção tendo a esposa ao lado, JK fortalece as convenções sociais de representação da família e da moral tradicional, o “bom esposo” nos diz Schwartzberg (s/d, p.119) não causa inquietação.

A figura da primeira dama também deve corresponder à do marido presidente:

(...) é, por excelência, a esposa auxiliar, instalada em seu papel secundário, de complemento; à sombra, ou na trilha do marido, a serviço de seus interesses e de sua carreira. Fiel, paciente e submissa, na posição clássica do *Segundo sexo*, apresentado por Simone de Beauvoir. (idem, p.121)

Sarah, por certo, se apresentou sempre ao lado do marido em sua carreira política. De família tradicional mineira, a política não era novidade para ela, a família materna e paterna eram atuantes no ambiente político mineiro, o que influenciou de alguma maneira a carreira de Juscelino mesmo que isso seja negado por vezes. Sarah soube proporcionar, em seu papel de primeira dama, o ambiente familiar propício para o desenvolvimento do político moderno que era JK.

O assédio das revistas ilustradas a Sarah parece ser limitado, as suas aparições eram em função da atividade do presidente. Sua imagem sempre foi vinculada ao papel de mãe, esposa e primeira dama. Esse papel ela tomou para si com eficiência, participou ativamente das campanhas eleitorais do marido. Conduzia com naturalidade as atividades domésticas e atuava secundariamente através das Pioneiras Sociais, com o trabalho assistencialista. Nesse ponto trabalhava literalmente à sombra das obras desenvolvidas pelo Programa de Metas de JK; um exemplo é a atividade da instituição na construção de Brasília e de algumas estradas, funcionando como posto avançado de assistência médica.

A imagem de D. Júlia, mãe de JK, não tem a mesma dimensão, ela participa residualmente da construção de sua imagem, por certo ela é referência importante na constituição de sua personalidade, isto é bastante divulgado na época. As dificuldades com que lutou para criar seus dois filhos a tornaram uma mulher influente no caráter do filho presidente. Sua história de vida fortaleceu a

imagem tradicional de JK enquanto um homem equilibrado moralmente, pois viúva ainda jovem, não se casou novamente, preferiu dedicar sua vida ao trabalho de professora para prover a sobrevivência da família, mantendo-a unida.



(Fig. 104) O Cruzeiro, 12 de maio de 1956 - n.30 – ano XXVIII

Na figura acima, vemos a fotorreportagem **Mães do Brasil**, com texto de Luiz Edgard de Andrade e Fotos de Badaró Braga, Eugênio Silva, Henri Ballot, Antonio Pirozelli, Alencar Monteiro e Antonio Ronex, que relata brevemente as virtudes e dificuldades das mães de políticos, artistas e jogadores de futebol. Na página da esquerda, JK, em um gesto que parece sufocar a mãe, beija-a. Há ainda três pequenas fotografias que mostram outras situações em que D. Júlia aparece, não é a decomposição da situação retratada na fotografia maior, mas se relaciona com ela justamente pela personagem principal. Na página da direita, Jânio Quadros beija discretamente sua mãe, Leonor Quadros, e segue a mesma idéia de composição da página anterior.

Na continuação da fotorreportagem encontramos uma fotografia de Sarah penteando os cabelos de Márcia – Figura 105. A legenda junto à foto enfatiza o papel de mãe carinhosa frente ao seu trabalho nas Pioneiras Sociais.



(Fig. 105) O Cruzeiro, 12 de maio de 1956 - n.30 – ano XXVIII

A imagem de Juscelino Kubitschek enquanto pai protetor sai algumas vezes do âmbito familiar para outras áreas que utilizam esse estereótipo para exemplificar comportamentos. É o que acontece na fotorreportagem sobre o processo de beatificação do Padre Eustáquio. JK está abraçando Márcia, a legenda e o texto os ligam ao Padre milagreiro: *Antes de ser presidente da república, o cidadão Juscelino Kubitschek alcançou duas graças, com a intercessão do saudoso apóstolo: a 1ª, o nascimento de sua filha Márcia (aos dez anos de casado ainda não tinha descendente); a 2ª, a cura de grave infecção na garganta* – Figura 106.

Em outra fotorreportagem de **Manchete** Juscelino é o pai da debutante Márcia, na fotografia que representa o pai carinhoso, vemos os rostos sorridentes e muito próximos de JK, Márcia e Maristela – Figura 107. Na comemoração de seu aniversário, o exemplar de **Manchete** de 24 de setembro de 1960 mostra-o no

mesmo sentido da imagem de pai carinhoso, próximo não apenas à família ao lado de Sarah, D. Júlia e as filhas, mas ainda abraçando outras crianças – Figura 108.



(Fig. 106) O Cruzeiro, 01 de setembro de 1956 – n.46 – ano XXVIII



(Fig. 107) Manchete, 25 de outubro de 1958 – n.340 – ano 6



(Fig. 108) Manchete, 24 de setembro de 1960 – n.440 – ano 8

Líder charmoso, JK, no exercício do poder, surpreende, cativa e agrada; para Schwartzberg (op.cit.), esse líder entende a política como “uma arte de sedução”, e associa a ele uma imagem fraternal, que ao contrário da imagem do pai, nada impõe, pois está associado à democracia. Os exemplos do autor são Kennedy e Giscard d’Estaing, entendidos como aqueles que representam o irmão, com imagem fraternal, e ainda pela juventude com que se tornaram presidentes. Entretanto, o que mais nos interessa no líder charmoso é “a familiaridade, a simplicidade ou a modéstia” como “uma arma política.” (idem, p.74)

A simplicidade, para Schwartzberg, é muitas vezes simulada, o líder charmoso cultiva ao mesmo tempo uma distância em relação aos outros e à massa e uma “proximidade familiar” (ibidem). Essas imagens contraditórias tornam o líder charmoso complexo e cheio de humanidade. Vemos acima como a família e os gestos de carinho, a relação corporal que Juscelino dispensa às filhas e à mãe, sempre abraçando-as e beijando-as mostra o outro lado do herói que inspeciona as obras de Brasília ou enfrenta as batalhas políticas.

A vida familiar e cotidiana é levada para Brasília mesmo antes de sua inauguração; em muitas visitas, JK era acompanhado por Sarah e pelas filhas, como na inauguração da “Igrejinha”, no cinejornal **Brasília n.10**, como vimos, no capítulo anterior.

Após o 21 de abril, a família está preparada para a nova casa, na nova capital. A mudança foi matéria em **O Cruzeiro** de 21 de maio de 1960, na capa Sarah e as filhas em uma bela fotografia colorida de Ed Keffel, realizada no Palácio das Laranjeiras – Figura 109. O presidente ausente está provavelmente despachando em Brasília.



(Fig. 109) O Cruzeiro, 21 de maio de 1960
– n.32 – Ano XXXII

O líder heróico e charmoso que JK representa é também moderno. Podemos nos perguntar de que maneira a idéia de moderno é associada à imagem pública de Juscelino Kubitschek.

Brasília é o ponto mais importante dessa caracterização, ela é “(...) exemplo de uma moderna concepção de cidade no que tal concepção corresponde à intencionalidade racional do homem na sua relação com a natureza” (BOMENY in GOMES, 1991, p.150).

As imagens, principalmente de cinejornais, trabalham justamente nesse sentido de mostrar o domínio da natureza pelo homem, empreender a sua modificação racionalmente, para construir uma nova cidade.

Uma paisagem mais ampla nos apresenta outros elementos da modernidade. Para Renato Ortiz (1988), no modernismo há o estabelecimento de “uma ponte entre a vontade de modernidade e a construção da identidade nacional. O Modernismo é uma idéia fora do lugar que se expressa como projeto.” (idem, p.35)

O Programa de Metas de JK é um projeto de modernização do país, ele se opõe ao velho modelo agrário-exportador. A industrialização proposta por Juscelino e pelo ISEB é um dos aspectos desse projeto. Outros objetivos como a construção de estradas ligando regiões distantes, o impulso à construção de usinas hidrelétricas, as indústrias de base, como a siderúrgica e a petrolífera, desempenharam importantes movimentos para que a modernidade se instalasse de vez no país.

A maneira como esse projeto econômico foi conduzido incorporando capitais estrangeiros, público e privado, aos investimentos nacionais é que foi discutida e aplicada pelas diferentes classes sociais. Entretanto, os aspectos econômicos do modelo anterior mais ligados ao campo não foram modificados, por vezes ocultos ou desqualificados.

Nas revistas ilustradas, a imagem de Juscelino não está associada a esse Brasil velho, se quisermos contrapô-lo às imagens de um Brasil novo. No entanto, no que concerne à questão político-partidária e político-militar já observamos que a imagem de JK é a da crise, associando-o ainda ao velho jogo político.

Se as imagens de Brasília são importantes na constituição da imagem de JK como político moderno, outras imagens são emblemáticas na sua caracterização.

O telefone e o avião certamente são dois meios de comunicação que o caracterizam como um político moderno, pois encurtam distâncias, dinamizam

decisões. O pragmatismo de JK não poderia andar de trem e se andasse não poderia atrasar. Segundo Cláudio Bojunga “JK começava a telefonar cedo para os auxiliares, cobrando resultados nas primeiras horas do dia”. (2001, p.352)

Em **Manchete** de 12 de janeiro de 1957 – Figura 110 -, uma pequena nota nos mostra Juscelino com um telefone “ultramoderno”, o título e a legenda da fotografia nos informa: *Telefone ultramoderno oferecido ao Presidente da República. O Sr. Juscelino Kubitschek, Presidente da República, experimenta o novo modelo de telefone denominado Ericofon, que lhe foi oferecido pelo Sr. Sven Oscar Englund, Presidente da Ericson do Brasil, em visita a sua Exa., em companhia do Embaixador da Suécia, Sr. Jan Strenstrom*



(Fig 110) Manchete, 12 de janeiro de 1957 – n.247

O **Cruzeiro** também fotografou JK utilizando o aparelho Ericofon. Mas em situações bem diferentes da apresentada em **Manchete**. A fotoreportagem de 02 de fevereiro de 1957 faz um balanço do primeiro ano de governo – Figura 111; o texto de Wilson Aguiar, com fotos de Indalécio Wanderley e do arquivo da revista, revê os principais fatos publicados pela revista para mostrar o que

aconteceu no governo de Juscelino no ano de 1956. Entre as fotografias selecionadas, está Juscelino na cabeceira da mesa de reuniões telefonando com o Ericofon, segundo a legenda: *Por intermédio dêsse telefone especial, o Presidente da República se comunica com todos os chefes de serviços. Muitas vezes começa a dar telefonemas às seis horas da manhã.*



(Fig. 111) O Cruzeiro, 02 de fevereiro de 1957 – n.16 – Ano XIX

Dentre as imagens da crise política um pouco menos agressiva no ano de 1957, **O Cruzeiro** também usa um outro ângulo da fotografia, não sabemos se a mesma, de Juscelino ao telefone, na seção **Política** de tema, *Origens e limites do caso Lacerda*, abaixo da fotografia segue a legenda: *Nos planos de Juscelino Kubitschek não estaria prestigiar Lacerda.*

É no exemplar de **Manchete** de 04 de julho de 1959 que temos de maneira mais explícita a relação entre Juscelino, a modernidade e o telefone como símbolo. A fotorreportagem com texto de Caio de Freitas e fotografias de Gervásio Batista faz uma biografia de JK; as duas primeiras páginas são as que nos interessam, o close no rosto de Kubitschek ao telefone tem no título a relação mais importante, **Juscelino fala e o Brasil anda**, o subtítulo: *É o primeiro Presidente a utilizar o telefone para governar.* Na página da direita, duas

fotografias menores abaixo do texto ressaltam hábitos do presidente: *Homem ocupado, Juscelino Kubitschek relaxa a mente distraíndo-se com alguma coisa entre os dedos e descansa tirando os sapatos* – Figura 112.



(Fig. 112) Manchete, 04 de julho de 1959 – n.376 – ano 7

Ao considerar os hábitos do presidente como algo inerente à sua personalidade e que faz a diferença no seu estilo de ser e de governar, o jornalista Caio de Freitas acentua o uso do telefone como característica do dinamismo moderno de Juscelino Kubitschek. Não pudemos constatar se ele de fato foi o primeiro presidente a utilizar o telefone para governar, afinal o aparelho já estava incorporado no cotidiano da sociedade brasileira nesse período. Sheldon Maran (in GOMES, 1991) faz referência a esse hábito: “Para dar instruções a seus assessores e discutir questões políticas, porém, dava preferência a comunicação verbal, em pessoa ou por telefone” (idem, p.101).

As imagens das revistas realçam os hábitos do político moderno ao mostrá-los, explicá-los e até interpretá-los dando ao leitor possibilidades para construir a imagem pública do político como um quebra-cabeça.

Outro símbolo que elencamos como importante na constituição da imagem de Juscelino como político moderno é o avião. Discutimos no capítulo 2

como as imagens das hélices de avião em **O mundo aclama o Brasil**, foram importantes para que compreendêssemos a idéia de deslocamento durante a viagem ao exterior.

Tanto na campanha para governador como para presidente, JK utilizou o avião para chegar mais perto dos eleitores atingindo municípios que muitos políticos nem sabiam que existiam. Eleito presidente, o hábito de viajar de avião não iria ser modificado. Mesmo porque a extensão de seu Programa de Metas não permitia que ele passasse horas dentro de um carro para chegar a destinos distantes e nem mesmo que o deslocamento na cidade do Rio de Janeiro demorasse além do previsto.

Em uma fotorreportagem de **Manchete**, de 26 de maio de 1956, **JK despacha nas nuvens** – Figura 76 -, mostra o presidente em uma série de 12 fotografias em que o vemos trabalhando em pleno ar. A necessidade imperiosa de acompanhar todos os projetos que concebeu não o deixava permanecer apenas no Rio de Janeiro.

O hábito do presidente era tão popular que foi cantado por Juca Chaves na música *Presidente Bossa Nova*:

*Bossa nova mesmo é ser presidente
Desta terra descoberta por Cabral
Para tanto basta ser tão simplesmente
Simpático, risonho, original.*

*Depois desfrutar da maravilha
De ser o presidente do Brasil,
Voar da Velhacap pra Brasília,
Ver a alvorada e voar de volta ao Rio.*

*Voar, voar, voar, voar,
Voar, voar pra bem distante, a
Té Versalhes onde duas mineirinhas valsinhas
Dançam como debutante, interessante!*

*Mandar parente a jato pro dentista,
Almoçar com tenista campeão,
Também poder ser um bom artista exclusivista
Tomando com Dilermando umas aulinhas de violão.*

*Isto é viver como se aprova,
É ser um presidente bossa nova.*

Em quase todos os cinejornais e documentários que analisamos sobre Brasília, há imagens de Juscelino chegando de avião e logo subindo em um helicóptero para vistoriar as obras, ou então o avião pousa, saem dele JK e o visitante, logo vemos seqüências de imagens aéreas para nos mostrar Brasília em construção.

Nesse sentido, a fotorreportagem da visita de Fidel Castro é exemplar: **N'O Cruzeiro** de 23 de maio de 1959 – Figura 89 – JK e Fidel estão juntos no avião olhando a paisagem, Brasília. Em **Manchete**, ele está descendo de um helicóptero na fotorreportagem **Brasília demonstra que o impossível acontece** – Figura 88 -. A nova capital e o avião estão juntos como símbolos da modernidade constituindo faces diferentes de Juscelino Kubitschek, porém complementares.

O Cruzeiro de 21 de fevereiro de 1959 – Figura 114 -, na seção **Um fato em foco** publica várias imagens de Juscelino Kubitschek que o associam de vez ao avião e à modernidade. **JK presidente alado** – Figura 113 -, com textos e fotos de Flávio Damm, mostra Juscelino no heliporto do Palácio do Catete, em frente a uma das águias que decoram o telhado. A fotografia está em duas páginas e ao lado um texto. Na página seguinte vemos a continuação da fotorreportagem: duas fotografias com a legenda no meio: *Na foto superior o Presidente, pensando em Brasília, olha com ar de despedida o que dentro em pouco será o ex-palácio presidencial. Abaixo: desembarca cauteloso, do helicóptero, quando do primeiro pouso feito no Catete.*

O texto de Flávio Damm é bem humorado e mostra a relação que o fotógrafo estabeleceu com JK para que as fotografias representassem o presidente tanto quanto a música de Juca Chaves:

O inegável dinamismo do Presidente Juscelino Kubitschek estava nos últimos tempos sendo atrapalhado pela desorganização do trânsito da capital da república (...) No dia

quatro do corrente o presidente posou pela primeira vez no teto do Palácio do Catete, fazendo acrescentar mais uma águia às sete tradicionais imobilizadas em bronze esverdeado e que simbolizam o velho casarão onde tantos episódios da vida nacional foram desenrolados (...) JK voou até hoje cerca de cinco mil e trezentas horas (...) Detalhe pitoresco foi presenciado por este repórter que, ao voar no helicóptero presidencial, entre Catete e Laranjeiras, sugeriu ao Presidente que amarrasse o cinto. Sorridente e descontraído, respondeu: - “Precisa não, isto é bobagem”. E desobedeceu a uma das regras elementares de segurança. Juscelino nasceu para voar.



(Fig. 113) O Cruzeiro, 21 de fevereiro de 1959 – n.19 – Ano XXXI



(Fig. 114) O Cruzeiro,
21 de fevereiro de 1959 – n.19 – Ano XXXI

A realização dessa fotorreportagem não se deu sem conflitos entre o fotógrafo-repórter e o editor da revista, quem nos conta é o próprio Flávio Damm:

O Juscelino introduziu na Presidência da República a idéia da mobilidade do presidente. Voava, ia pra todos os lugares, né. Andava de... Era conhecido como o presidente voador. Até o Juca Chaves fez uma música e tal. E, com a coisa de Brasília, mais ainda, porque a movimentação pra Brasília. Vai e volta, vem e tal. Naquela época até... Até cimento e... Cimento e tijolo se transportava por avião pra construir Brasília. (...)E o Juscelino não era outra coisa senão um presidente voador. Pela utilidade, pela necessidade. Realmente um presidente, não é, até hoje, com a globalização, o homem tem que estar aqui hoje e amanhã na China.(...) Pra vender avião. Depois de amanhã no Canadá pra brigar por não sei o quê. Depois vender soja na Rússia. Enfim... O presidente tem que ter essa mobilidade e o Juscelino praticou isso. E o Juscelino era essencialmente um presidente voador. (...) Muito bem. Aí resolveram, pra facilitar, pra ele não ter que ir ao aeroporto pegar... Pegar carro no Palácio pra ir pro aeroporto pra tomar avião, criaram no, no, no teto do palácio do Catete, criaram um heliporto. Ali é... Ali é liso... (...) Criaram ali um heliporto. Sinalizaram e tal. Aí O Cruzeiro me chamou, uma tarde, e me pautou pra ir pro... Pra ir pro Palácio do Catete. Aí eu fui pra lá. Cheguei lá, era pra esperar o Juscelino chegar porque ele ia fazer o primeiro vôo de helicóptero do Catete pra Laranjeiras. E eu ia voar com ele. Como voei. E o helicóptero, dali pra lá. Inaugurando o primeiro vôo. Chegada do helicóptero e tal, aquela coisa. Já conhecia o Juscelino. Ele sempre foi uma pessoa extremamente cordial e, tratava pelo nome. Enfim... Aí... Presidente, estou aqui pra lhe acompanhar. Ah tá, e tal (...). E... E estava nisso preparando o helicóptero, botando em ordem, aquela coisa toda e, me deu um estalo. O Presidente Voador. Aquelas águias todas... Tem lá em cima aquelas águias. Gigantescas. São imensas. Daqui de baixo, logicamente... Mas elas têm uma envergadura de mais ou menos uns três metros. Ponta a ponta da águia. E são... Eu acho que são doze. Tem três em... Quatro. Três em cada lado. Acho que doze. Enfim, tem as águias plantadas lá em cima, de cauda pra dentro, de bico pra fora, né. Aí eu peguei o presidente, que era muito malandro. Ele pegou logo a idéia né. Então eu disse, vamos fazer uma foto sua aqui e tal. Aqui aonde? Aqui, o sol, aqui está melhor, o sol, tem sombra e tal. Empurrei o Juscelino e botei o Juscelino confundindo o corpo

do Juscelino e a cabeça da Juscelino com a cabeça... As costas da águia e as costas da cabeça da águia. O que fotograficamente é muito fácil de fazer. E as asas ficaram... Esta foto é inédita. (...) É. Porque O Cruzeiro era um tigre de papel. O Cruzeiro não quis publicar esta foto. Quando... Eu me desgostei sempre. Que dizer, sempre não. Mas eu tive muitos, muitas contrariedades com O Cruzeiro por causa disso. Você tinha essa fotografia que daria uma página dupla. Aqui, ô. O Cruzeiro. (...) Essa foto... Está vendo? Eu confundi a cabeça dele com a cabeça da águia, o corpo, e ficou o Juscelino com as asas. Você quer foto melhor do que essa pra sintetizar, pra marcar o presidente voador? [...]E O Cruzeiro então, quando saiu a foto, foi uma reunião, na paginação. Bota, não bota. Eu... Eu atrás das lágrimas né. Era a foto. Aí, o Leon Gondim veio. Tiveram que chamar o Leão Gondim com aquela burrice toda. Veio ele arrastando aquela burrice. Não, o Juscelino pode não gostar. Chateaubriand. Isso aqui, PSD e tal. O Juscelino... Tudo que o Juscelino queria era sair essa foto no O Cruzeiro.....em página dupla.(...)Não, não tinha nada, andar caricato. Não tinha nada. (...) Estava posando. Ele sabia. Ele sabia que ele estava posando pra uma foto com asas. Quer dizer, não publicou porque teve medo de que o Juscelino não gostasse.³⁴

O que nos impressiona no depoimento de Flávio Damm é que ele não perdeu seu bom humor em relação ao fazer fotográfico, apesar de ter ficado bastante triste em não ter a fotografia publicada [sic] e ao mesmo tempo revela como os editores da revista mantinham uma postura de respeito e receio em relação a Juscelino Kubitschek, ao PSD e ao grupo governante. Esse episódio e o depoimento vêm reforçar nossa idéia de que **O Cruzeiro** não fazia e não era oposição e tão pouco foi cooptada por algum grupo oposicionista que a usasse como porta voz.

O fotógrafo ficou, e no depoimento continuou, inconformado com essa postura reticente, a falta de inteligência e a insensibilidade dos editores em

³⁴ Entrevista a Ana Mauad em 24/04/03 – Transcrita e depositada no Laboratório de História Oral e Imagem do Departamento de História – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense.

perceber o quanto a fotografia representava a essência de Juscelino enquanto presidente e político moderno. Entretanto, a fotografia em questão e as outras provavelmente realizadas naquele mesmo momento foram publicadas em três páginas, mais do que o fotógrafo desejava.

Ana Mauad (2005) em artigo que reflete sobre o fazer fotográfico de Flávio Damm, utiliza a fotografia indicada no depoimento e reproduzida abaixo³⁵. Ao compararmos as duas fotografias, a publicada e a que ficou com o fotógrafo, reconhecemos que não se trata do mesmo negativo: a pose é semelhante, JK está em frente à águia, com o corpo bem no meio da escultura, a mão sobre o corrimão da grade, no entanto, na fotografia publicada Juscelino olha para a esquerda enquanto na que ficou de posse do fotógrafo ele olha para a direita.



Fig. 115 – fotografia de Flávio Damm

A situação transformada em acontecimento é a mesma, há uma dúvida estabelecida a partir do depoimento de Flávio Damm: se ele não se lembrou da publicação de outra tomada da mesma seqüência fotográfica, da decomposição

³⁵ A fotografia está no mesmo artigo de MAUAD, Ana (2005, p.11).

do evento na página seguinte, com mais duas fotografias e do texto escrito por ele segundo os créditos.

A dúvida, porém, não impede de refletirmos sobre alguns aspectos de Juscelino Kubitschek presentes no depoimento. Ele estabelecia uma relação bastante cordial com a imprensa, não apenas com seus proprietários em que o jogo político deveria ser mais cuidadoso, como também na relação com aqueles que produziam as reportagens e fotografias. O fato de Flávio Damm seguir com ele no helicóptero não é um caso isolado, ao contrário, era constante o convite a fotógrafos de revistas e jornais para que o acompanhassem em suas viagens.

A pose de Juscelino é consciente, foi ajustada entre ambos, o fotógrafo evidencia o desejo do presidente em assim ser representado: com as asas da águia. Por outro lado essa representação nos leva a idéias sobre o quê a pose pode significar. A águia é um animal cujos principais atributos são a astúcia, a perspicácia e a habilidade inata na arte da caça; as esculturas no telhado do Palácio do Catete nos mostram o pássaro com as asas abertas, em posição de alçar vôo contra o inimigo predador ou preparando-se para caçar.

Se o perigo rondasse o Catete, por certo, simbolicamente, a proteção estava com as asas estendidas, em prontidão. O texto ao lado da fotografia não faz essa comparação, nem mesmo a sugere, limita-se a tratar de aspectos pragmáticos como a necessidade de driblar o trânsito caótico da capital, o dinamismo do presidente e, por conseguinte, a sua falta de paciência.

O presidente alado também é garoto-propaganda de Companhias Aéreas – Figura 116 -, que tão pragmáticas quanto o presidente, o tomam como imagem fundamental para poderem vender credibilidade e passagens de avião. Afinal, se o presidente o preferia como meio de transporte, o cidadão comum também deveria utilizá-lo. A propaganda é publicada em alguns exemplares dos meses de abril e maio de 1959 em **Manchete** e **O Cruzeiro**.



(Fig. 116) Manchete, 25 de abril de 1959 – n.366 – ano 7

Há ainda outra propaganda de 10 de maio de 1957 em **O Cruzeiro**, agora a revista A Cigarra, voltada para o segmento feminino, usa a figura de JK. Ele, contudo não está sozinho, ao lado de seu rosto emoldurado estão na mesma situação Getúlio Vargas e Dutra. A peça publicitária instiga a curiosidade feminina em uma pesquisa na qual a pergunta era: *você votaria em uma mulher para a presidência da república?*



(Fig. 117) O Cruzeiro, 10 de agosto de 1957 – n.43 – Ano XXIX

A publicidade é um aspecto da modernidade importante no século XX, principalmente no Brasil, onde o mercado consumidor se fortalece na década de 1950. As grandes agências de publicidade também se instalam no país nesse mesmo período, momento em que as indústrias multinacionais chegam para constituir o parque industrial.

Esse movimento econômico que congrega também um movimento de bens simbólicos e culturais não pode deixar de usar a imagem de Juscelino Kubitschek como uma grande aliada em seu fortalecimento. O uso de sua imagem em peças publicitárias para vender produtos é residual. Entretanto, Juscelino se utilizava da relação propagandística com empresas privadas através de inaugurações, um dos aspectos do ritual de poder, para promover o Programa de Metas.

Não entendemos que essa atitude seja paradoxal ou antiética, porque nem se discutia esse aspecto naquele momento, frente a postura ideológica do desenvolvimentismo de JK.

Essa relação é muito evidente no tocante à industrialização, principalmente à indústria automotiva. Tanto **Manchete** quanto **O Cruzeiro** publicaram fotorreportagens da inauguração de fábricas de automóveis no Brasil e de outros segmentos durante todo o governo de Juscelino. Sua presença legitima a instalação da empresa e a torna uma fator importante no cumprimento das metas propostas em seu programa de governo.

O Cruzeiro de 20 de outubro de 1956 publica fotorreportagem de cinco páginas sobre a inauguração da fábrica de caminhões Mercedes-Benz. **Caminhões para o Brasil**, com texto de Neil Ferreira e fotos de Antonio Pirozelli, nos informa que desde 1951 a indústria estudava as possibilidades de se instalar em São Bernardo dos Campos, o montante de dinheiro aplicado nesse investimento, e a crença no progresso industrial e econômico do Brasil – Figura 118.

Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros são as vedetes da festa, embora haja outros políticos como o ministro Lúcio Meira, o presidente da Daimler-Benz,

Fritz Koeneck. Operários aparecem ao lado de JK e Jânio e no interior da fábrica trabalhando.



(Fig. 118) O Cruzeiro, 20 de outubro de 1956 - n. 1 ano XXIX

Na Figura acima, JK e Jânio aparecem, nesses dois momentos, ao lado do presidente da indústria e outros políticos discursando, na fileira de seis fotografias que atravessam as duas páginas, em decomposição do evento. Na parte inferior da página da direita, ambos, separadamente, posam em cima de caminhões ladeados por homens, a legenda da fotografia em que vemos JK, à direita, comenta: *A multidão de operários da Mercedes-Benz acompanha o Sr. Louis Winkler e o Presidente Juscelino Kubitschek no primeiro caminhão que foi fabricado no Brasil*. Há um exagero no texto da legenda, o grupo ao lado do caminhão é pequeno e se a multidão existe, ela não aparece na fotografia.

Em pequena nota seguida de fotografia, **Manchete** aborda rapidamente a inauguração da Willys Overland do Brasil, no ano de 1958. JK está novamente ao lado de Jânio Quadros e do Ministro da Guerra, General Lott, todos em cima de um jipe fabricado no Brasil. O texto curto expõe o montante de investimento realizado pela empresa – Figura 119.



(Fig.119) Manchete, 29 de março de 1958 – n.310 – ano 5

Produzido no mesmo ano encontramos o filme publicitário **Bandeirante de Hoje**, realizado pela Jean Manzon Films para a Willys Overland do Brasil. A inauguração também é o tema do filme, que é propaganda disfarçada da empresa. As primeiras seqüências nos contam de maneira bem geral as dificuldades com que se lidou no Brasil, a partir da descoberta, para desbravar a terra. Às imagens de florestas seguem outras de estradas, o trabalho em poços petrolíferos e construções de barragens; o Brasil é o do século XX.

A ênfase das imagens passa para a linha de montagem da indústria de automóvel, após a seqüência em que vemos Juscelino Kubitschek, Jânio e Lott empoeirando-se em cima de um jipe e no palanque, JK concentrado nas exibições do novo carro fabricado no Brasil, as imagens mostram as possibilidades de uso desses automóveis.

O texto da narração é em primeira pessoa, representando o jipe, é ele quem fala: *Conto uma história que começa quando Cabral se achava a caminho do Brasil. Direi logo que não sou gente: sou máquina. E também que eu não*

existia quando Erasmo ilustrava a Renascença, Copérnico abria perspectiva às ciências, e o nativo brasileiro vivia na sua bonita simplicidade.

O caráter publicitário do filme, como mencionamos acima, não poderia aparecer o que gerou alguns problemas para o roteirista desse filme, ele teve que lidar com os desejos do cliente e a política da censura da época. Para se ter uma idéia das dificuldades, transcrevemos algumas *Notas do Roteirista*:

- 1. Foi um drama fazer esse texto, entre a cruz e a caldeirinha, isto é, entre o cliente e a censura.*
- 2. Será preciso mostrar ao cliente que a propaganda realizada sem descrições chatas, sem muitos dados técnicos ou numéricos, sem que o público perceba que se trata de propaganda, é a melhor e insubstituível.*
- 3. Para a Censura mostrar que se trata de um filme de alta propaganda para o Plano Automobilístico Nacional, além de ter um teor educativo, pois em 10 minutos dá uma verdadeira aula de história do Brasil, desde o descobrimento até a industrialização. A propaganda digna das indústrias protegidas pelo atual governo é coisa que a censura não poderia impedir, sob o risco e contradição.*
- 4. Ainda para a censura: tocamos em todos os pontos vitais de interesse particular do atual governo e do Brasil, estradas, siderurgia, petróleo, eletricidade, agricultura (café), defesa militar.*

A *P.A. Nascimento – ACAR PROPAGANDA*, agência publicitária da empresa também forneceu a Jean Manzon Films os objetivos que deveriam nortear a realização do filme, o primeiro deles coincide com o item três das *Notas do Roteirista*:

Dar idéia da WOB como indústria, não isoladamente, mas como mola propulsora de mais de 250 indústrias de auto-peças, ressaltando seu pioneirismo como primeira indústria a se enquadrar no Plano do GEIA (Grupo Executivo da Indústria Automobilística), o que a colocou na vanguarda da indústria automobilística nacional.

Essas dificuldades parecem não existir para as revistas ilustradas, os textos enfatizam os milhões investidos pelas indústrias e as relacionam com a industrialização e os planos do governo de maneira clara e sem rodeios. As

seqüências fotográficas nas fotorreportagens não precisam criar ficções para mostrar o evento, ao contrário, as imagens privilegiam os acontecimentos tomados no calor da hora.

Duas fotorreportagens sobre a indústria automobilística Volkswagen, deixam mais evidentes ainda a relação de legitimação que a imagem de JK exercia na publicidade da empresa. Em 19 de dezembro de 1959 – Figura 120 - **Manchete** publica a fotorreportagem de quatro páginas, **Volkswagen 100% brasileiro para o Brasil**, na página da direita JK condecora o diretor-geral da Organização Mundial Volkswagen com a Ordem Cruzeiro do Sul, na da esquerda a linha de produção do volkswagen, o popular fusca, a legenda explicando que os carros estão na fase final da montagem e logo prontos para o teste final.

O texto faz uma ligação estreita entre a produção da indústria, suas pretensões em aumentar o número de automóveis fabricados no Brasil e o quanto seu potencial de produção é responsável pela criação de empregos e desenvolvimento de outras indústrias menores que lhe dão suporte.

O Cruzeiro de 09 de janeiro de 1960 também faz a cobertura do evento na fotorreportagem **Automóveis para o Brasil** – Figura 121 -, vemos as instalações da fábrica, Juscelino visitando-a, vários aspectos da linha de montagem. Algumas fotografias desse exemplar são as mesmas de **Manchete**, mas em tamanho menor. O texto mais sintético, além de informar sobre a atual produção da fábrica, traça a perspectiva de novos empregos com o aumento de sua produção.

Juscelino Kubitschek é garoto-propaganda tanto em filmes como nas revistas ilustradas, ele legitima através de sua imagem as obras de empresas que estabeleciam compromissos econômicos com seu governo.

Assim como foi necessário um processo de convencimento para a construção da nova capital, a participação de JK em inaugurações de indústrias, momento ritualístico de poder, também pode ser entendida como um processo de convencimento do Programa de Metas, isto é, no desenvolvimento econômico do país.

As imagens não se limitam aos apertos de mãos e discursos de autoridades e diretores, mostram as instalações, as máquinas e os operários trabalhando. O olhar era dirigido para que o leitor e o espectador aprendessem que o Brasil se modernizava e que os homens públicos não estavam alheios à modernização.

Ser garoto-propaganda para JK era muito mais que mostrar-se enquanto homem público, era fazer com que o cidadão comum fortalecesse sua crença em seu Programa de Metas e nos objetivos de desenvolvimento que tinha proposto.

(Fig. 120)

Manchete, 19 de dezembro
de 1959 – n.400 – ano 7



(Fig. 121)

O Cruzeiro, 09 de
janeiro de 1960 – n.13
– Ano XXXII

5.2 – *Rituais de poder*

O tema do **ritual de poder** usado por Paulo Emílio Salles Gomes (1957) ao analisar os filmes documentais na fase muda do cinema brasileiro é cristalizado “naturalmente em torno do Presidente da República” nos momentos em que ele preside, visita, recebe, inaugura, etc. O político moderno que se serve dos meios de comunicação para construir sua imagem pública não se limita a ter esses momentos como rituais de poder; ele pode eleger situações banais como rituais, a serem exibidas, ou os meios de comunicações também podem elegê-las como tais.

A personagem que o político moderno ou, mais precisamente, o presidente desempenha influencia no ritual de poder. Schwartzberg nos conta como Giscard d'Estaing imprime às cerimônias seu estilo de líder charmoso:

Vinte e sete de maio de 1974: para inaugurar suas funções, Giscard d'Estaing sobe a Avenue Champs-Élysées, não de carro e envergando um fraque, mas a pé e vestindo um terno com paletó jaquetão. (...) Catorze de julho: escolhe um novo itinerário, mais popular, da Place de la République à Bastille, para a tradicional parada militar. (s.d., p.84)

Juscelino Kubitschek, um líder heróico e charmoso, infunde seu estilo aos cerimoniais, porém não quebra ou desvia as regras protocolares. Sua imagem nas revistas ilustradas nas situações de ritual de poder são convencionais, ou seja, não apresentam conflitos ou tensões de maneira geral.

Tanto **Manchete** quanto **O Cruzeiro** mostram muitas imagens de Juscelino recebendo líderes de outros países, artistas, esportistas. Seguem o presidente em diversas situações e as transformam em rituais. Casamentos, funerais e corridas de cavalos são eventos que aparentemente não têm ligação alguma com o poder, mas Juscelino os freqüentava e as câmeras dos fotógrafos as registravam e as revistas publicavam: não era o cidadão Juscelino que era o padrinho, era o presidente JK.

O ano de 1958 parece ter sido o dos casamentos. Juscelino e Sarah Kubitschek foram padrinhos de casamentos no Rio de Janeiro, em Aparecida do Norte e em Brasília. Tanto **Manchete** quanto **O Cruzeiro** fizeram a cobertura jornalística e fotográfica desses eventos sociais.

Destacamos para nosso estudo o casamento da filha de Israel Pinheiro em meio às obras da construção de Brasília. A cerimônia aconteceu em junho, e reuniu políticos e personalidades; JK e Sarah foram os padrinhos da noiva, e Assis Chateaubriand o padrinho do noivo, seu parente próximo. O evento foi considerado por **O Cruzeiro** como o “casamento dos pioneiros”. A legenda da foto de JK nos revela que ele comungou durante a missa realizada durante a cerimônia de casamento. O texto das duas primeiras páginas da fotorreportagem já nos tinha revelado esse aspecto religioso, a comunhão, importante para a imagem do presidente em um país majoritariamente católico.



(Fig. 122) O Cruzeiro, 09 de agosto de 1958 – n.43 – Ano XXX

Os enterros, assim como os casamentos, em que vemos JK são freqüentados por políticos. Personalidades importantes para o país faleceram durante o governo de Juscelino e por isso, seus enterros tomaram uma dimensão de ritual de poder. As mortes do Marechal Rondon e de Nereu Ramos, em 1958, e

a de Osvaldo Aranha em 1960 são momentos em que vemos Juscelino e outros políticos como Jango em grande comoção.

As primeiras páginas da cobertura de **Manchete** do enterro de Nereu Ramos nos mostram uma significativa fotografia de Juscelino chorando ao lado de Jango com expressão grave. A legenda explica o gesto do presidente: *Juscelino chorou à beira do túmulo de Nereu Ramos. Há pouco mais de dois anos dêle recebia a faixa de presidente* – Figura 123.

A situação fica mais dramática quando sabemos que a causa da morte foi um acidente de avião. Outros políticos, como o governador de Santa Catarina, Jorge Lacerda, também morreram no acidente. A morte inesperada do então senador leva o governo federal a decretar luto nacional por cinco dias. Reuniões, pronunciamentos e trabalhos foram suspensos para que o governo e a nação velassem o ex-presidente da República.



(Fig. 123) Manchete, 05 de julho de 1958 – n.324 – ano 6

Ambas as coberturas das revistas elevaram Nereu Ramos, como o texto da fotorreportagem de **O Cruzeiro** ao caracterizá-lo:

O retrato que o Sr. Nereu Ramos deixou aos brasileiros foi, sem dúvida, o de um homem austero. Austero e tranqüilo. Poucas fotografias (rindo ou mesmo sorrindo) se conhecem dele. Rosto sempre fechado, não convidava realmente a intimidades. No entanto, era uma criatura cheia de bom humor. (...) (O Cruzeiro, 28 de junho de 1958 – n.38 – Ano XXX, p.86)



(Fig. 124) O Cruzeiro, 28 de junho de 1958 – n.38 – Ano XXX, p.86-87

Em **O Cruzeiro** JK aparece na página da esquerda – Figura 124 – na decomposição do evento em fotografias menores. O que interessa ao fotógrafo é o acontecimento e não a figura de Juscelino que é secundária assim como a de Jango. O drama das esposas domina a página da direita. **Manchete** prefere mostrar em duas páginas as expressões do presidente e do vice-presidente como personagens principais.

O Sweepstake, o Grande Prêmio Brasil no Jockey Club do Rio de Janeiro era um evento social no qual Juscelino comparecia todos os anos, e era muito freqüentado pela elite do Rio de Janeiro.

Havia muito glamour em torno da tradicional corrida de cavalos do Jockey Club da capital federal, lugar em que muitas fortunas eram feitas e outras

desfeitas. Na ocasião, a alta sociedade carioca aproveitava para mostrar os mais elegantes, e muitas vezes inusitados, modelos de vestidos e chapéus, no caso das mulheres, enquanto aos homens cabia vestir o conservador mas “chique” fraque, como JK, na figura abaixo.



(Fig. 125) Manchete, 10 de agosto de 1957 – n.277

Entre os eventos sociais que analisamos, apenas o Grande Prêmio do Brasil acontecia todos os anos, e o consideramos um ritual de poder, momento em que o presidente devia mostrar-se à elite carioca, ser simpático à população do Rio de Janeiro que, em certo sentido, sentia-se preterida devido ao frenesi da construção da nova capital; as discussões sobre a transferência só aparecem com mais frequência à medida que se aproximava o final das obras de Brasília.

As viagens que Juscelino Kubitschek fazia a Brasília também podem ser entendidas como **rituais de poder**. Muitas delas ficaram registradas em filmes e em fotografias publicadas nas revistas ilustradas. Podemos compreendê-las como rituais de poder porque estão inseridas em algum tipo de acontecimento

maior como as visitas de chefes de Estado ao Brasil ou, então, as visitas a Brasília são elevadas ao *status* de acontecimento.

Um exemplo desse tipo de visita como acontecimento está no cinejornal **Brasília n.14**, já discutido no capítulo anterior. Durante os anos de construção da cidade, JK a visitou muitas vezes para inspecionar o andamento das obras. No documentário da Jean Manzon Films, **As primeiras imagens de Brasília**, também há imagens de Juscelino fiscalizando obras.

Essa frequência de visitação sem um motivo que não fosse o de saber *in loco* o que se passava, faz desse momento de construção uma espécie de símbolo do poder. A encenação da visita no espaço que se transformava em urbano mostra o poder em ação. Essa encenação não se repetirá no futuro, a cidade construída ganhará outras funções.

A cidade, uma vez inaugurada, mesmo que com alguns edifícios inacabados, não receberá mais o presidente que designa a si mesmo o fiscal das obras. Essa função já não terá mais sentido, pois ele será tão-somente presidente. Ele será “pioneiro” em receber na nova capital, o ritual de poder se concentrará em novos cenários propondo novas cenas.

As dramatizações do poder mudarão definitivamente de palco e cenário quando todo o aparelho burocrático estatal estiver em Brasília. Tudo será novo e por outro lado tudo continuará o mesmo; a princípio há uma mudança de espaço físico e geográfico. Há a interiorização no plano material da burocracia, das pessoas. Isso implicou conflitos e tensões, entretanto, as convenções ligadas aos rituais de poder continuaram as mesmas.

Juscelino Kubitschek governou pouco tempo na capital inaugurada, de abril de 1960 a janeiro de 1961. Os rituais de poder que presidia antes desse período estavam circunscritos simbolicamente no futuro, ou seja, a recepção dos chefes de Estado incluía o descerramento de placas de edifícios que ainda seriam construídos. Dessa maneira a futura capital fazia parte do roteiro de visitas de todos aqueles que vinham ao Brasil e tinham algum contato com o presidente.

* * *

Os rituais de poder que envolviam líderes de outros países recebiam a cobertura fotográfica de **O Cruzeiro** e **Manchete**. As coberturas poderiam durar várias semanas mesmo que a visita durasse apenas alguns dias, tudo dependia da importância política do visitante.

Em 1957, a visita do presidente português Craveiro Lopes foi objeto de várias edições do mês de junho e julho de **Manchete** e **O Cruzeiro**. A cobertura não se prestou apenas a mostrar os principais momentos da visita. A primeira notícia que temos sobre a visita do líder português está em **Manchete** de 08 de junho na coluna de Ibrahim Sued, porém, é na edição de 15 de junho que temos a grande fotorreportagem sobre a visita.



(Fig. 126) Manchete, 15 de junho de 1957
– n.269

Matéria de capa e mais de quinze páginas de fotorreportagem foram o resultado do trabalho de repórteres e fotógrafos sobre os momentos mais importantes da visita. A fotografia que abre a reportagem – Figura 127 – nos mostra JK e Craveiro Lopes abraçados no que parece ser um palanque, a legenda informa: *Juscelino deu um viva a Portugal e Craveiro respondeu com outro ao*

Brasil. A multidão delirou. No entanto, não vemos a multidão que só aparecerá em poucas fotografias no meio da fotorreportagem.



(Fig. 127) Manchete, 15 de junho de 1957 – n.269

A multidão está celebrando a passagem de Craveiro Lopes – Figura 128 –, a vemos na ocasião do desfile em carro aberto por algumas ruas do Rio de Janeiro, segundo o pequeno texto: *A certa altura, quando o cortejo percorria, em marcha reduzida, a Avenida Rio Branco, os motores do carro presidencial foram desligados para que o povo, manifestando seu entusiasmo, pudesse empurrá-lo. Craveiro sorria e acenava, com satisfação, o tempo todo.*

Não sabemos até que ponto as pessoas que viam o desfile puderam de fato se aproximar do carro do presidente ou, ainda, quantas pessoas foram permitidas a fazer essa aproximação. Outra fotografia é aquela em que vemos o desfile de cima de algum edifício. O fotógrafo nos deu uma visão privilegiada: as pessoas pequeninas, os carros, a festiva chuva de papéis, a fumaça dos fogos. Até mesmo a repressão realizada pela polícia sobre a população que estava vendo o evento, significou a grandeza e a emoção do momento. A legenda orienta a leitura nesse sentido: *Não havia cordão de isolamento que suportasse a*

explosão de ternura e entusiasmo dos populares – fotografia inferior da página esquerda – Figura 128.



(Fig. 128) Manchete, 15 de junho de 1957 – n.269

Nas edições dos dias 22 e 29 de junho, Craveiro Lopes e Juscelino Kubitschek viajam para Minas Gerais, Bahia, São Paulo. Visitam, entre outras cidades, Ouro Preto, Brasília, Belém, Fortaleza e, por último, em Recife. O presidente português despede-se do Brasil recebendo um abraço entusiasmado de JK – Figura 129.



(Fig. 129)

Manchete, 06 de julho de
1957 – n.272

A cobertura de **O Cruzeiro**, por sua vez, nas edições de 15, 22 e 29 de junho, nos mostra o roteiro de viagens de Craveiro Lopes sempre acompanhado de Juscelino Kubitschek. Para a revista foi uma “maratona” a visita do presidente português.



(Fig. 130) O Cruzeiro, 22 de junho de 1957 – n.36 – Ano XXIX



(Fig. 131) O Cruzeiro, 29 de junho de 1957 – n.37 – Ano XXIX

A viagem é envolta em recepções. Vemos Craveiro Lopes e JK em jantares e banquetes no Rio de Janeiro ou em Minas Gerais. Em Brasília, ele inaugura uma placa comemorativa de “*um monumento à raça e aos homens que fundaram este país*” como vemos na figura abaixo. Na fotografia inferior à direita, o monumento ainda não está erguido, há apenas a placa. Na fotografia inferior à esquerda, JK e o presidente português conversam na capital em obras, nos informa a legenda.



(Fig. 132)

O Cruzeiro, 13 de julho de 1957 – n.39 –
Ano XXIX

Definida por JK como um “encontro de dois velhos amigos”, a visita de Craveiro Lopes tem um tom de amizade no documentário **Visita ao Rio de Janeiro de sua Excelência o General Francisco Higinio Craveiro Lopes – Presidente da República Portuguesa**, encomendado pelo Departamento de Turismo e Certames do Distrito Federal à Jean Manzon Films em 1957. Observemos primeiramente quais imagens mostram tal encontro.

O plano médio e o close imperam para mostrar Juscelino Kubitschek recebendo Craveiro Lopes. Apresentando-o a seus ministros, em banquetes,

festas e comemorações, jantares, entrevistas, passeios de carro aberto pelas ruas do Rio de Janeiro, as imagens tentam justamente ocultar uma realidade que afeta as relações exteriores do Brasil. Externamente, a política de JK era tradicional. As relações diplomáticas, principalmente com Portugal esbarravam no continente africano, onde ainda existiam colônias de ultramar portuguesas.

O filme restringe-se ao Rio de Janeiro, pois há uma vinculação entre a visita e seu uso como propaganda para a ainda capital federal. Entre banquetes e jantares, Craveiro Lopes percorre a cidade em seus pontos mais significativos: a Igreja da Candelária, o Jockey Club, o Jardim Botânico, o Maracanã; encontra-se também com personagens importantes do mundo político e social da cidade, além de Juscelino Kubitschek, seu anfitrião: Roberto Marinho, o cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara, e o casal Leite Garcia. O filme termina com Craveiro Lopes e Juscelino Kubitschek embarcando no avião rumo a Minas Gerais, mas com fim apoteótico: plano médio de JK na porta do avião acenando; o narrador dá voz ao gesto:

NARRAÇÃO: Depois de galgar os primeiros degraus do avião, o presidente comandou os aplausos: Viva Portugal! Viva o presidente Craveiro Lopes! Viva o Brasil! Viva Juscelino Kubitschek de Oliveira!

As fotorreportagens das revistas e o filme nos mostram muito mais um evento social do que um encontro político. Os textos que acompanham as fotografias em **O Cruzeiro** ou **Manchete** procuram em primeiro lugar situar o leitor geograficamente. Em segundo lugar, tentam interpretar os encontros, banquetes e jantares: são impressionistas e comentam as situações. As legendas identificam as personagens das fotografias e têm a mesma função dos textos.

A longa visita, quase uma semana, estreitou os laços afetivos entre Portugal e Brasil; as expressões desse estreitamento de relações são enfatizadas em cada edição das revistas. Entretanto, o leitor não tem qualquer informação sobre o que de fato conversaram ambos os presidentes, se firmaram acordos,

convenções, os avanços da política externa, as relações conflituosas entre Portugal e as colônias na África. As imagens de JK e Craveiro Lopes ficaram restritas às convenções ou às pequenas contravenções “permitidas” de encontros sociais.

Em 1958, JK recebe outros líderes: em abril é a vez do presidente eleito da Argentina, mas ainda não empossado, Arturo Frondizi. Tanto em **Manchete** quanto em **O Cruzeiro** a abordagem da visita é política. Frondizi também passa pelos rituais de banquetes, recepções, encontros, porém, os textos nos informam sobre os problemas já enfrentados pelo presidente, que tenta mesmo antes de sua efetivação no cargo, conciliar peronistas e militares. **O Cruzeiro** publica uma entrevista exclusiva com Frondizi para melhor entender os conflitos e sua proposta de paz política. A simpatia com que Juscelino recebe seu colega argentino é expressa pelas duas revistas.



(Fig. 133) O Cruzeiro, 19 de abril de 1958 – n.28 – Ano XXX

Em junho, o casal de príncipes japoneses Mykasa e Yukira é recebido por JK e a ênfase das revistas é para os eventos sociais da visita. Bem diferente da chegada do secretário de Estado norte-americano Foster Dulles, em agosto, ou da visita do presidente norte-americano Eisenhower, no mês de março de 1960.

Foster Dulles chega ao Brasil em 04 de agosto de 1958. **Manchete** e **O Cruzeiro** não demonstram muito empenho em publicar a visita. Em comparação à visita de Craveiro Lopes, por exemplo, o secretário de Estado norte-americano não pareceu suscitar muita curiosidade ou atenção.

Manchete, na edição de 09 de agosto, publica uma entrevista realizada por Murilo Melo Filho com Foster Dulles ainda nos Estados Unidos. A fotografia da página da esquerda – Figura 134 – é muito sugestiva, aproximando-se da iconografia clássica norte-americana do *Tio Sam* muito divulgada na época. O título do artigo, **Um americano intranquilo**, faz referência ao romance *O americano tranqüilo*, de Graham Greene, escrito em 1955, e ao filme de mesmo nome, dirigido por Joseph L. Mankiewicz em 1957, baseado no romance.



(Fig.134) Manchete, 09 de agosto de 1958 – n.329 – ano 6

Antes da entrevista, na edição de 26 de julho, **Manchete** publica uma reportagem da preparação de protestos da UNE – União Nacional dos Estudantes – contra o secretário de Estado norte-americano durante sua visita ao Brasil. Segundo a reportagem, a movimentação dos estudantes estava sendo observada pelo FBI.

Em suas memórias, JK ao narrar a visita, menciona que Foster Dulles sondou a possibilidade de alterar a data da viagem em função de problemas graves no Oriente Médio. Juscelino deu resposta negativa à pretensão de mudança. O argumento foi a intensa cobertura que a imprensa já fazia à visita.

Com texto de Armando Nogueira e fotografias de José Medeiros, **O Cruzeiro** faz a cobertura da visita na edição de 23 de agosto – figura abaixo.



(Fig. 135) O Cruzeiro, 23 de agosto de 1958 – n.45 – Ano XXX

Na página da esquerda, JK e Dulles apertam as mãos após reunião reservada em outra sala. Esse episódio ficou muito conhecido na época porque uma outra fotografia, muito semelhante a essa, foi publicada no **Jornal do Brasil** antes mesmo que a de **O Cruzeiro**. A fotografia do jornal vinha seguida da legenda “*Tenha paciência, Mister...*” (CARVALHO, 2001, p.339). Isso gerou “ódio” no presidente, segundo Autran Dourado (2000, p.85), e desentendimentos com o **JB**; o jornal se retratou mais tarde, mas perdeu uma concessão de televisão. Segundo Bojunga (2001, p.511), a fotografia foi publicada no *New York Times* piorando a crise.

A legenda em **O Cruzeiro** tem um caráter de negociação: *O presidente JK e o secretário Dulles cumprimentam-se por sobre a mesa de entendimentos, selando o reencontro das Américas.*

Segundo Dourado (idem, p.84-85), foi dele a idéia de que JK e Dulles sentassem frente a frente na mesa, ladeados por assessores, mas ele julgou sua idéia infeliz em função dos problemas que gerou. No entanto, nos parece que **O Cruzeiro** tentou remediar a situação dias depois.

Na página da direita, JK e Dulles em Brasília “*apertam parafusos*” no lugar onde será construída a futura embaixada dos Estados Unidos. No cinejornal **Brasília n.12**, vemos Foster Dulles visitando as obras da cidade, como já abordamos no Capítulo 4. As imagens em movimento reforçam as fotorreportagens das revistas, mas limitam-se aos acontecimentos de Brasília.

As imagens em **O Cruzeiro** e no cinejornal não mostram as tensões que precederam a visita e nem mesmo aquelas que surgiram a partir dela.

As relações diplomáticas entre Brasil e Estados Unidos eram mornas desde Truman e Juscelino mobilizava-se para tirá-los da indiferença quanto às questões econômicas relacionadas à América Latina. A OPA – Organização Pan-Americana – foi essa tentativa, pois seu “objetivo econômico explícito era o aporte de recursos em larga escala para projetos de desenvolvimento na América Latina” (MOURA, in GOMES, 1991). Todavia a reação norte-americana era cautelosa. Eisenhower, num primeiro momento, acenou para a idéia, entretanto não passou desse aceno.

O primeiro aceno foi a visita de Dulles que serviu justamente para traçar os planos da Organização Pan-Americana. O segundo foi a visita de Eisenhower em fevereiro de 1960, a questão ainda girava em torno da OPA. Os Estados Unidos continuavam afastados da América Latina, e não percebiam as reais necessidades de desenvolvimento dos países latino-americanos para a superação dos problemas econômicos.

Na edição de 23 de janeiro de 1960 – Figura 136 –, **Manchete** publica duas páginas sobre o encontro de Juscelino e Eisenhower. É uma preparação para a visita em fevereiro. A fotografia sangrada na página da direita nos mostra JK cumprimentando Ike e foi tirada no Panamá por Justino Martins na ocasião do encontro de líderes americanos, em 1956.

O texto de Octávio Bonfim faz algumas considerações sobre a viagem e revela algumas curiosidades, como o gosto do presidente por filé de frango, e a sesta de uma hora, pelo menos; o aparato de segurança do governo norte-americano; e os estudantes que prometeram manifestações de simpatia ao visitante.



(Fig. 136) **Manchete**, 23 de janeiro de 1960 – n.405

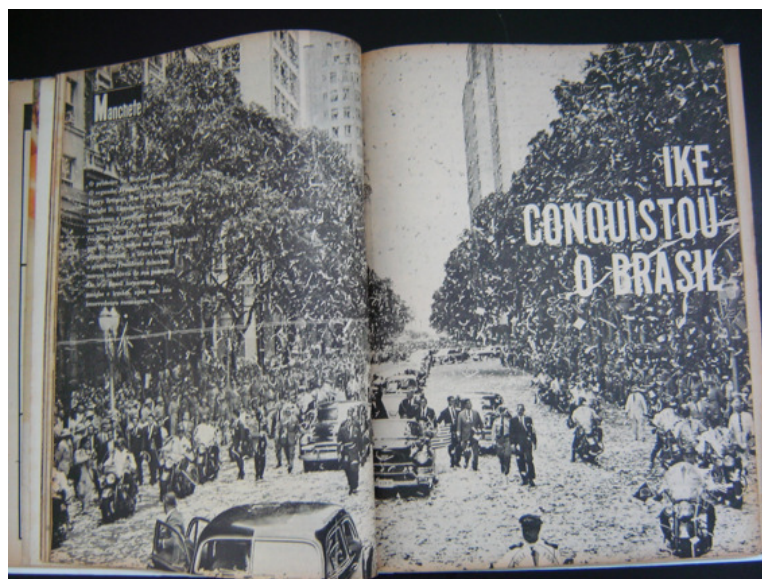
A edição de 05 de março de **Manchete** mostra Eisenhower na capa. A reportagem tem a intenção de fazer com que os leitores conheçam a vida do presidente norte-americano. É na edição de 12 de março que vemos a fotorreportagem dedicada à visita – Figura 138.

Apesar de Eisenhower iniciar sua visita por Brasília, a fotografia – Figura 137 – em duas páginas, que inicia a fotorreportagem, é do desfile de carro

aberto pelas ruas do Rio de Janeiro; esse tipo de fotografia é predominante. Mesmo que ambos os presidentes sejam mostrados em festas e recepções em ambientes internos, a relação com a ambientação externa é mais abundante.

A fotorreportagem de **Manchete** não segue o roteiro oficial desenvolvido por Ike. O que importa expor é a expressão de acolhimento que o povo brasileiro demonstrou durante a viagem, daí a importância das fotografias mostrarem muito mais os desfiles que as recepções.

O mesmo acontece em **O Cruzeiro**. O percurso oficial não é mostrado, ou seja, vemos Eisenhower primeiro no Rio de Janeiro, depois em Brasília, em São Paulo e a despedida no aeroporto do Galeão. Predominam novamente as fotografias de desfiles de carro, os papéis picados sugerindo a presença da multidão.



(Fig. 137) Manchete, 12 de março de 1960 – n.412 – Ano 7



(Fig. 138) O Cruzeiro, 12 de março de 1960 – n.22 – Ano XXXII

Ambas as revistas dedicaram em torno de quatorze páginas na cobertura da visita de Eisenhower. Nenhum conflito ou tensão é mostrado; os textos comentam as situações ou interpretam emoções.

Além das imagens das revistas, um filme financiado pela USIS – United States Information Service –, realizado pela Jean Manzon Films, também tem na visita de Eisenhower seu tema, é **Eisenhower no Brasil**. Juscelino, em fevereiro de 1960, está prestes a inaugurar Brasília e aproveita essa visita para fazer o primeiro grande ensaio de inauguração.

Na futura capital chuvosa, cumprem-se os rituais de chegada: o cumprimento entre ambos os chefes de Estado, a revista das tropas e a multidão. Novamente a multidão, fator importante em qualquer visita de qualquer chefe de Estado. Assim como Craveiro Lopes, Eisenhower é recepcionado e ovacionado por ela, há papéis picados, há sorrisos e acenos dos estadistas. Sempre acontece de um anônimo conseguir furar a segurança e ir ao seu encontro, mas este fato é ocultado no documentário; os cortejos nos quais a multidão tem um papel fundamental são completamente isentos de incidentes: os planos médios e os

closes permitem a redução do campo da imagem onde, como já destacamos, a multidão é representada pela chuva de papéis picados ou pelo barulho de vozes, além dos necessários planos para mostrá-la.

Juscelino com Craveiro Lopes ou Juscelino com Eisenhower: o primeiro, nos cortejos, sempre deixa a cargo do visitante as expressões mais calorosas dos cumprimentos ao povo. Em Brasília, a multidão no Palácio da Alvorada ouve o discurso de Ike, que é silenciado no filme. No seu lugar a interpretação do narrador:

Sempre sob o calor das aclamações populares, as quais agradece sorrindo, o presidente Eisenhower pronuncia seu primeiro discurso em terras brasileiras (pausa). “Brasília – diz ele – é uma epopéia digna das vastas possibilidades e aspirações desta nação.”

Ao chegar ao Rio de Janeiro, Eisenhower faz outro discurso, aqui escutamos sua voz, mas logo entra o narrador, numa suposta tradução do discurso:

Falando ao povo brasileiro, diz o presidente Eisenhower (pausa) – “Buscamos uma maior compreensão... convicção mútua de que todos os problemas entre nós existentes serão resolvidos, em benefício de ambas as nações... uma associação duradoura de esforços para construir um Hemisfério mais forte e mais livre, um mundo livre mais forte”.

A voz do narrador faz pensar numa tradução, pois temos um plano médio de Ike discursando ao lado de JK, e em seguida close de JK e outro de Eisenhower. Ainda em Brasília, depois dos discursos e sorrisos para a multidão, a ênfase desloca-se para a inauguração da outra pedra da embaixada dos Estados Unidos em Brasília e o final do dia com um plano panorâmico do palácio da Alvorada, solitário no descampado do planalto central.

No Rio de Janeiro, Eisenhower é recebido no Arsenal da Marinha por JK numa solenidade que mais parece a de sua chegada ao país: juntos ouvem os

hinos nacionais, apertam as mãos, fazem discursos. A câmera está sempre próxima, mais próxima, ou seja, em close, quando ambos os presidentes estão discursando. Há, também, o passeio pela Avenida Rio Branco e o jantar no Itamarati, com outro discurso novamente silenciado pelo narrador que informa o provável tema – a Operação Pan-Americana – OPA.

Em São Paulo, novo passeio de carro pelas ruas, agora sob chuva, e o jantar com industriais e políticos, sem faltarem as presenças do então governador Carvalho Pinto e de Juscelino Kubitschek. Na volta ao Rio, Ike oferece um jantar para JK e retorna aos Estados Unidos.

Esta visita está envolta num clima de tranquilidade e confraternização. Os dois presidentes trocam sinais de amizade através de apertos de mão, sorrisos, jantares, passeios. As câmeras da Jean Manzon Films privilegiam Eisenhower, mas a seu lado, sempre, Juscelino Kubitschek; o mesmo podemos notar nas revistas **Manchete** e **O Cruzeiro**.

Na análise que faz sobre esse filme, Edson Nars ressalta “o desgaste da figura política de Kubitschek” (1996, p.120) e alia esse desgaste aos acontecimentos da política externa internacional centrados na guerra fria e problemas políticos internos, dentre eles a sucessão presidencial, e podemos acrescentar a proximidade da inauguração de Brasília.

O desgaste não aconteceu de maneira “natural no cumprimento do mandato presidencial” (idem, p.119). Gostaríamos de fazer uma reflexão sobre essa questão. É certo que os acontecimentos políticos internos e externos desgastaram Juscelino Kubitschek; é necessário um movimento no jogo político que refaça o fôlego de governo do governante.

As mudanças ministeriais e as novas alianças políticas no decorrer do mandato funcionam como um *oxigênio* para que o desgaste ou não aconteça ou tenha um impacto menor do que o esperado.

Outro desgaste é o da imagem do político. O uso de sua imagem na mídia exige um reinventar constante para que ele não caia em descrédito a partir

de sua imagem. Nars entende que em **Eisenhower no Brasil**, a imagem de JK foi preterida em relação à do presidente norte-americano.

Entretanto, temos que levar em conta outras variantes. Ao estudarmos as fotorreportagens de visitas de líderes nas revistas ilustradas, percebemos que JK fica em segundo plano em todas elas, afinal, a personagem principal é o visitante. As revistas quase sempre fazem um levantamento da vida do líder a visitar o Brasil para que o leitor o conheça em linhas gerais; a biografia do presidente que recebe já é conhecida.

Juscelino como anfitrião oferece a casa e dá espaço ao outro. Ele interage com o visitante na medida em que não cumpre apenas protocolos, mas demonstra interesse naquilo que o visitante tem a lhe oferecer. Nos cinejornais vimos como a imagem de JK é legitimadora daquilo que acontecerá no decorrer do filme.

Quanto ao documentário sobre a visita de Eisenhower, podemos perguntar o que há por trás dessa viagem aparentemente tão bem-sucedida e agradável segundo as lentes de Jean Manzon. Reconheceremos o financiamento da agência norte-americana USIS, tal como coloca Nars (1996) e a falta de interesse da política externa norte-americana em relação à América Latina.

O ocultamento de incidentes durante sua visita refere-se ainda à desastrosa viagem do vice-presidente norte-americano Richard Nixon, em 1958, pelos países latino-americanos. Segundo Juscelino, foi a lembrança de tal fato – além de outros – que o fez pensar na OPA. Mas, como vimos, tanto Estados Unidos quanto a população latino-americana não se entusiasmaram por ela. No Brasil, por trás das imagens edulcoradas, segmentos da sociedade, como os estudantes ligados à UNE, manifestaram-se contra a visita de Eisenhower, que por sua vez, saiu-se muito bem procurando anulá-las através do riso e do bom humor.

Exemplar na condução da abordagem do ritual de poder do recebimento é a cobertura que **O Cruzeiro** faz da visita do presidente da Itália, Giovanni Gronchi. Na edição de 13 de setembro de 1958 – Figura 139 – a revista faz uma fotorreportagem sobre a vida de Gronchi: conhecemos sua mulher Carla, seus filhos Maria Cecília e Mário. Ficamos sabendo onde a família mora, seus hábitos, seus gostos, o cotidiano do trabalho do presidente. A personagem do “*presidente simples*”, como nos diz o texto de Henri Ballot, é apresentada aos leitores brasileiros que pouco ou nada conhecem sobre o presidente italiano.

Ao mostrar a vida familiar do presidente, sua imagem se torna mais próxima do leitor e humaniza o político, como já discutimos no item anterior sobre a imagem de Juscelino Kubitschek. Há também uma maior identificação de Gronchi com a colônia italiana no Brasil, ao mesmo tempo em que o subtítulo da reportagem faz menção ao esforço dos italianos em esquecer “*as marcas do fascismo*”. Assim, Gronchi é a imagem do democrata.

A visita do presidente italiano é uma retribuição à visita de JK em janeiro de 1956 à Itália. Giovanni Gronchi permanece cinco dias³⁶ no Brasil, as fotorreportagens enfatizam os cortejos em carro aberto, recepções, jantares com a colônia italiana no Rio de Janeiro. Na edição de 04 de outubro, vemos Gronchi visitando Porto Alegre e Caxias do Sul. O contato com a colônia italiana no sul do Brasil foi emocionante, segundo **O Cruzeiro**. O prefeito de Porto Alegre, Leonel Brizola, o vice-presidente João Goulart e o presidente Juscelino Kubitschek prestaram homenagens e Giovanni Gronchi colocou flores no monumento ao imigrante italiano, que existe por iniciativa da empresa jornalística Diários Associados.

³⁶ Segundo **Manchete**, o presidente italiano Giovanni Gronchi permaneceu dez dias no Brasil.



(Fig. 139) O Cruzeiro, 13 de setembro de 1958 – n.48 – Ano XXX

Manchete é mais econômica na abordagem da visita do líder italiano. A edição do dia 20 de setembro faz a cobertura a partir da capa com uma fotografia colorida do abraço entre JK e Giovanni Gronchi – Figura 142. Com o título **A casa é sua, Presidente Gronchi**, a fotorreportagem nos mostra o desfile de carro pelas ruas do Rio de Janeiro, as recepções e reuniões entre os dois presidentes. A figura do fotógrafo e o trabalho da imprensa apareceram dessa vez. Repórteres e fotógrafos foram impedidos de entrar na sala onde os dois líderes assinavam acordos e conversavam reservadamente. Mas vemos o momento em que o registro do encontro foi permitido – Figura 144; um dos fotógrafos de **Manchete** registrou a permissão do outro lado da mesa.





(Fig. 142)

Manchete, 20 de setembro de 1958 –
n.335 – ano 6



(Fig. 143) Manchete, 20 de setembro de 1958 – n.335 – ano 6



(Fig. 144) Manchete, 20 de setembro de 1958 – n.335 – ano 6

A visita do presidente mexicano López Mateos ao Brasil em fevereiro de 1960 não foi precedida de biografias do líder nas revistas **Manchete** e **O Cruzeiro**. Cada uma delas realizou a cobertura com fotorreportagens em uma edição, aliás, as duas foram publicadas no dia 06 de fevereiro.

Manchete empregou um teor mais político à fotorreportagem – Figura 145. Desde as duas páginas iniciais, o título já nos informa o tema principal das reuniões entre JK e López Mateos: *Brasil e México num só ideal: OPA*. A fotografia de duas páginas nos mostra o presidente mexicano em carro aberto desfilando na Av. Rio Branco decorada com uma espécie de grande arco com motivos astecas. A recepção no Itamarati teve como show a participação de Ataulfo Alves e suas pastoras, em uma evidente demonstração do carnaval brasileiro.

Para **O Cruzeiro**, o simpático e elegante López Mateos cumpriu um cansativo, mas *sentimental* itinerário de visitas que começou no Recife, centrou-se no Rio de Janeiro, passou por São Paulo e Brasília, afinal *ele foi ver de perto a*

mais famosa capital do século e foi fotografado ao lado de JK em paisagem de Niemeyer – Figura 146.



(Fig.145) Manchete, 06 de fevereiro de 1960 – n.407 – ano 7



(Fig. 146) O Cruzeiro, 06 de fevereiro de 1960 – n.15 – Ano XXXII

Na figura acima, vemos a decomposição tradicional que **O Cruzeiro** fazia do acontecimento como um todo. As doze fotografias dessas duas páginas procuram dar conta dos eventos sociais e políticos que marcaram a visita de

López Mateos. As legendas de seis linhas comentam, e por vezes interpretam, o representado pela fotografia.

Outros visitantes como Sukarno, presidente da Indonésia, a Duquesa de Kent, membro da aristocracia inglesa, Fidel Castro – Figuras 89 e 90 –, Hailé Selassié, Imperador da Abissínia, Golda Meir, Ministra do Exterior de Israel, são temas de fotorreportagens menores. Juscelino Kubitschek e Sarah aparecem sempre como anfitriões amáveis, cordiais e elegantes. Sarah é companheira constante nas recepções, festas e banquetes ao lado de JK que recebe, segue o protocolo, permanecendo ao lado do visitante.

Sempre que as revistas registram Juscelino nas festas e bailes, não deixam de retratá-lo dançando com as esposas dos visitantes, o apelido de *pé-de-valsa* não é esquecido por fotógrafos e editores. As filhas Márcia e Maristela pouco aparecem nesses momentos, mas não são totalmente ausentes dos eventos sociais, aproximam-se formalmente dos visitantes como é o caso da Duquesa de Kent apresentada a Maristela.

* * *

As viagens a outros países e a recepção no exterior também são formas de ritual de poder. Ao ato de recepcionar implica o ato de visitar, é um gesto de retribuição. Apesar de JK ter começado seu mandato com uma longa viagem aos Estados Unidos e Europa, como já discutimos no Capítulo 3, e ser conhecido como o *presidente alado*, pelo seu hábito de viajar de avião, ele pouco se ausentará do Brasil.

As duas viagens mais importantes de Juscelino ao exterior após sua posse foram ao Panamá em agosto de 1956 e a Portugal e à África em agosto de 1960.

Juscelino Kubitschek viajou ao Panamá para participar da Conferência dos Presidentes Americanos, discutir e assinar a Declaração do Panamá, fruto das discussões desenvolvidas entre os chefes de Estado de todas as Américas. A conferência era mais uma tentativa de os países latino-americanos levarem aos

Estados Unidos alguns objetivos econômicos em comum que desejavam alcançar, tais como: “preços mais altos e estáveis para suas matérias-primas, créditos para a industrialização, criação de um banco interamericano para o desenvolvimento econômico e estabelecimento de um mercado integrado latino-americano” (MOURA in GOMES, 1991, p.29). Essas questões eram colocadas desde os anos 1940, mas pouco ou quase nada foi realizado pelos Estados Unidos. Dessa maneira, a criação da OPA em 1958 por JK tenta não apenas sensibilizar, mas mobilizar os Estados Unidos diante dos problemas latino-americanos.

Manchete e **O Cruzeiro** passaram longe das questões mais profundas discutidas na Conferência. No entanto, visualizamos a imagem de JK fora do Brasil.



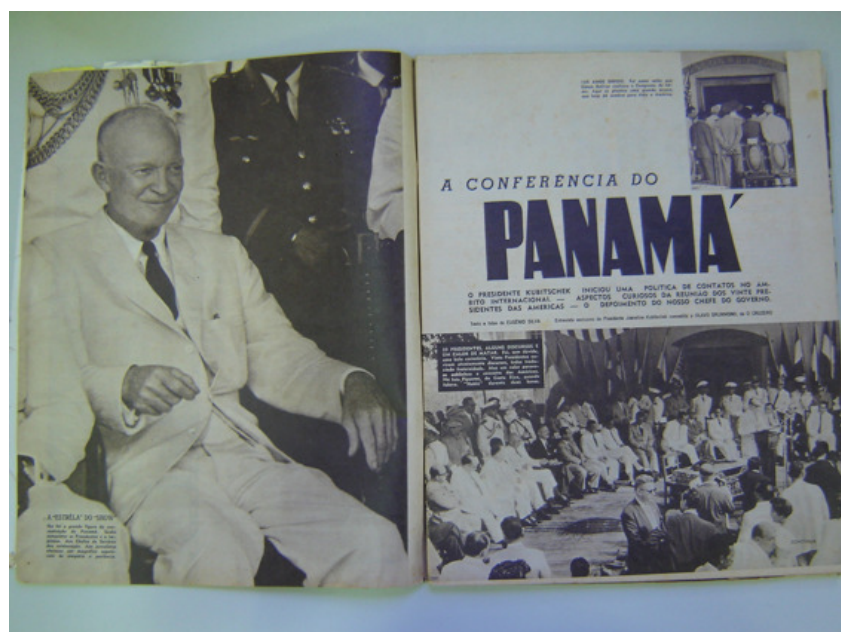
(Fig. 147) Manchete, 04 de agosto de 1956 – n.224

As duas primeiras páginas da fotorreportagem de **Manchete** com o título *Arca de Noé no Canal do Panamá* enfatizam a diversidade dos participantes. A reportagem e fotos de Justino Martins privilegiam os contatos entre os chefes de Estado, destacando JK em encontros com líderes. O texto de maior fôlego tenta de maneira bem-humorada descrever os acontecimentos, proporcionar ao leitor o

outro lado que as fotografias não abordavam, como, por exemplo, os cuidados médicos a que estava sendo submetido Eisenhower, um pouco abatido como nos mostra a fotografia da página da esquerda de **O Cruzeiro** – Figura 149.



(Fig. 148) Manchete, 04 de agosto de 1956 – n.224



(Fig. 149) O Cruzeiro – 11 de agosto de 1956 – n.43 – ano XXVIII

Com textos e fotografias de Eugênio Silva, a fotorreportagem de **O Cruzeiro** faz do presidente norte-americano a vedete da conferência. Mas Juscelino não fica atrás. Segundo o repórter, JK e Ike são os mais simpáticos e aplaudidos pela multidão que acompanha o movimento da conferência, e são mostrados pela revista sempre próximos – é o caso da figura abaixo. O layout das duas páginas é freqüente na revista, o editor fez parecer um “álbum de figurinhas” e nos mostra os 20 líderes das Américas assinando a declaração final da conferência – Figura 150. A fotografia de JK está ao lado da de Eisenhower na primeira fileira, de cima para baixo, na página da esquerda.



(Fig. 150) O Cruzeiro – 11 de agosto de 1956 – n.43 – ano XXVIII

No último ano de seu governo Juscelino Kubitschek faz uma viagem a Portugal e à África. Calorosamente recebido em Portugal, as revistas mostram os eventos sociais acontecidos durante a estadia de JK, sua família e comitiva.

Manchete e **O Cruzeiro** mostram JK sendo recebido pelo povo português com muito papel picado e muitas festas. Predominam as fotografias dos desfiles em carro aberto e as tomadas externas das recepções como na

Universidade de Coimbra, sua chegada na cidade do Porto, a missa campal. Festas e recepções também fazem parte da calorosa recepção que Juscelino recebeu em Portugal. No caminho de volta passa pela África, isto é, Marrocos, e ali permanece por menos de um dia. A abordagem fotográfica ressalta os hábitos exóticos da elite política marroquina; sabemos apenas que o príncipe marroquino e JK se entenderam, a revista não informa o assunto discutido.



(Fig. 151)

Manchete, 20 de agosto de 1960 – n.435 – ano 8



(Fig. 152) O Cruzeiro, 27 de agosto de 1960 – n.46 – Ano XXXII

Juscelino Kubitschek é o personagem principal dessa visita a Portugal, os fotógrafos de ambas as revistas o retratam sempre ao lado do presidente português Almirante Américo Tomás, ou então, do primeiro-ministro Antonio de Oliveira Salazar.

Os rituais de receber e ser recebido, as personagens do anfitrião e do visitante representadas por Juscelino Kubitschek talvez nos mostrem os momentos em que o espetáculo do poder têm seu ponto mais alto, aliás, pontos altos.

Discutimos como Brasília também faz parte desse espetáculo, é cenário e cena para a representação dos rituais. Entretanto outros rituais de poder também foram importantes para a construção da imagem de JK, pois eram as expressões finais, resultados de seu trabalho para o cumprimento do Programa de Metas.

Mais do que receber ou visitar, a imagem de JK durante seu governo também privilegiará inaugurações. Esse ritual de poder incorpora situações que contemplam não apenas as iniciativas ligadas exclusivamente ao Estado, como estradas e usinas hidrelétricas, mas também e principalmente indústrias.

No item anterior discutimos como as inaugurações de indústrias automobilísticas era uma das metas a serem cumpridas – “Meta 27 – Indústria de automóveis: implantação da indústria para produzir 170 mil veículos nacionalizados em 1960” (FARO, SILVA, in GOMES, 1991, p.58) – e ganho econômico segundo a ideologia desenvolvimentista que aliava recursos privados ao desenvolvimento econômico do país. Ao mesmo tempo, a imagem de JK tomava uma dimensão de **garoto-propaganda**.

O presidente não fazia apenas propaganda de seu governo, mas também das empresas privadas que se instalavam no Brasil. Sua imagem é legitimadora do desenvolvimento da indústria automobilística ou de qualquer outra que se estabelecesse no país.

Manchete, na edição de 09 de novembro de 1957, publica uma fotorreportagem de duas páginas sobre a inauguração da fábrica de máquinas de escrever Remington Rand. E **O Cruzeiro**, na edição de 19 de dezembro de 1959, publica outra com a inauguração da Olivetti S.A., fábrica italiana que também produzia máquinas de escrever. Em ambas as inaugurações, Juscelino visita as instalações e discursa no sentido de elevar essas iniciativas incorporando-as aos objetivos de industrialização do Brasil.

(Fig. 153) O Cruzeiro, 19 de dezembro de 1959 – n.10 – Ano XXX



(Fig. 154)
Manchete, 09 de novembro de 1957 – n.290

Ao ler **Manchete** ou **O Cruzeiro**, o leitor visualizava o Programa de Metas do governo de JK, seguia passo a passo o desenvolvimento do prometido durante as eleições. Apesar do conteúdo propagandístico de imagens e textos há por outro lado certo teor pedagógico, afinal, as metas sobre as quais o leitor ouvira falar agora estão em imagens através das fotorreportagens.

O Programa de Metas se materializava na medida em que o leitor visualizava as fábricas, as máquinas, os operários. As revistas preocupavam-se em oferecer ao leitor imagens e textos sobre a produção de máquinas, operários empregados, postos de trabalho a serem abertos no futuro próximo, e o aumento do potencial energético do país, fundamental para o desenvolvimento econômico.

O ritual de poder nesses casos não mostra Juscelino Kubitschek como anfitrião ou visitante, mas como presidente dinâmico e moderno, que oferece possibilidades para o crescimento do país. As situações em que aparece não correspondem apenas à passividade do político, cortando a fita inaugural. Este é tão-somente um primeiro momento, em seguida vemos JK andando de Jipe, datilografando na máquina de escrever – Figura 154 –, interessado em ver as instalações das indústrias.

* * *

No ano de 1957, ao inaugurar a Usina Hidrelétrica de Peixoto entre Minas Gerais e São Paulo, no filme **Kilowatts para o progresso do Brasil**, Juscelino, na seqüência inicial, está rodeado de políticos e personalidades, o tom grandiloqüente prossegue durante o filme que conta a história da construção da usina, tendo Juscelino desaparecido das seqüências seguintes; 32 segundos é o tempo de Juscelino nesse filme para a Companhia Auxiliar de Empresas Elétricas Brasileiras, responsável pela construção da Usina. Acompanhado pelos diretores do grupo que investiu na construção e do ministro Eugenio Gudín, JK, sempre em plano médio, inaugura a hidrelétrica. Qual a sua relação com o resto do filmes no qual não participará mais?

A meta número um de seu programa refere-se justamente à energia elétrica. Era fundamental aumentar a potência em kilowatts, acelerando o processo de eletrificação, pois a baixa capacidade de geração de energia elétrica era um “ponto de estrangulamento” dentro do processo de industrialização que vinha acontecendo e sua ampliação pretendida. O filme, ao contar a história da construção da usina também fala do esforço governamental em atingir a meta primeira. O **ritual de poder** não se estabelece somente no dia da inauguração, mas a partir dela, e em *flashback* a narração inicia a história após as seqüências da inauguração:

NARRAÇÃO: Há seis anos se iniciavam as obras preliminares da construção da Hidrelétrica de Peixoto com os primeiros levantamentos topográficos para a escolha do local adequado. Dadas as ásperas dificuldades naturais do lugar; as pesquisas se prolongaram por dois anos.

Não há recursos visuais anunciando o *flashback*, como a fusão, por exemplo. O narrador é quem faz tal passagem. A imagem de JK não está mais no filme, mas permanece sua meta energética que faz parte da construção de sua imagem, mostrando-o apenas no momento da inauguração para legitimar a possibilidade da continuação proporcionada a uma obra iniciada seis anos antes; mais, a usina localiza-se em Minas Gerais, estado no qual JK fez um governo muito bem-sucedido e peça importante na sua vitória presidencial. Entretanto a usina irá beneficiar muito mais o Estado de São Paulo, que, por sua vez, destaca-se como peça principal no processo de industrialização do país, outra meta importante para JK. *Garoto-propaganda* de um produto concebido e financiado pelo governo (o de Getúlio Vargas e agora o seu) JK não o vende, mas mostra-o e “doa-o” tornando-se onipresente através da tela de cinema.

As revistas ilustradas também mostraram como o setor de energia se desenvolvia no país. Esse mostrar manifesta mais uma vez as relações de propaganda entre o governo e as revistas.

Na edição de 07 de novembro de 1959 de **O Cruzeiro** a fotorreportagem **Furnas: Brasil de amanhã** – Figura 155 – não mostra JK

inaugurando a hidrelétrica, mas uma discussão em torno de sua construção e as consequências em todos os setores da sociedade. O debate foi idealizado pelo Embaixador e proprietário dos Diários Associados, Assis Chateaubriand. É Juscelino Kubitschek quem aparece discursando – Figura 155.

Em 1960, na edição de 16 de abril, **O Cruzeiro** publica fotorreportagem sobre as obras da mesma hidrelétrica: **Furnas: desenvolvimento em marcha**. Não é a inauguração ainda, mas a cerimônia do desvio do rio Grande para os túneis construídos. As imagens privilegiam a paisagem modificada, alguns operários são retratados, anônimos ao lado da imensa construção. Juscelino Kubitschek assina um decreto para que um grupo estude a economia da região.

O nome de Assis Chateaubriand aparece novamente. Ele não comparece à cerimônia, entretanto sua opinião não deixa de aparecer no texto da fotorreportagem ao lado da fotografia de Juscelino assinando o decreto – Figura 156.



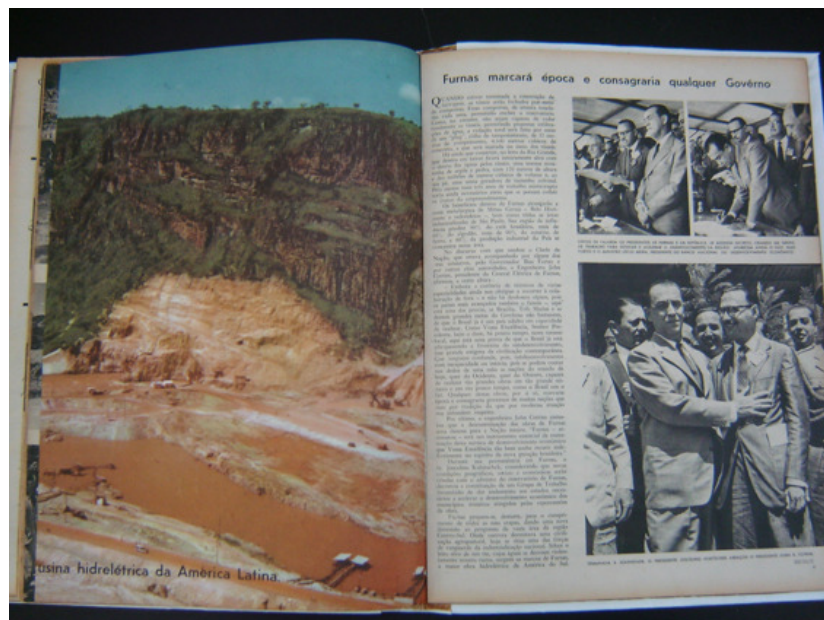
(Fig. 155) O Cruzeiro, 07 de novembro de 1959, n.4 – Ano XXXII

Manchete também publica fotorreportagem – **O Brasil não pode parar – Furnas** sobre o mesmo evento em 02 de abril de 1960; há fotografias coloridas de Jader Neves que saíram em forma de encarte dobrado no meio das páginas de

fotografias em preto e branco. Essa fotografia que cobre quatro páginas mostra o terreno do rio remexido pelas máquinas, expõe a terra vermelha, a devastação em função do progresso, o desbravamento da natureza – Figura 157.



(Fig.156) O Cruzeiro, 16 de abril de 1960 – n.27 – Ano XXXII



(Fig. 157) Manchete, 02 de abril de 1960 – n.415 – ano 7

Fotorreportagens e filmes publicitários, ligados ou não ao governo, procuram legitimar, através da imagem do presidente, as obras em andamento. Era fundamental mostrar a concretização do programa de metas para fortalecer o governo. Esse mostrar está caracterizado pelos números, como por exemplo, no documentário **BR3 – Record Rodoviário**. Realizado em 1957 a pedido do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, este filme conta a história da construção da estrada Rio–Belo Horizonte. Juscelino aparece duas vezes, com voz impostada, sentado atrás de uma mesa, lendo o início da narração:

Este filme é a história da Rodovia Rio–Belo Horizonte que acaba de ser aberta ao tráfego. Era antiga aquisição dos que almejam o acelerado progresso do Brasil e querem os Estados vinculados por modernas e eficientes estradas. As duas velhas províncias do Império, a mineira e a fluminense, desejaram-na e a República a prometia em vão. Eu a prometi como candidato, mantive no governo o firme propósito de concluí-la e tenho a felicidade de inaugurá-la no primeiro aniversário de meu mandato. Com essa obra a engenharia conquista magnífico record, através do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem. No meu governo foram executados 222km de pavimentação, 18 pontes e viadutos num total de 735 metros lineares, além de 4 milhões e meio de metros cúbicos de terraplenagem, cobertos de ponta a ponta com o asfalto brasileiro de Cubatão.

Juscelino aparece novamente, na última cena, tal como no início do filme, ao mesmo tempo em que, continuando a narração que estava em off, finaliza o filme:

Caminhões, automóveis e ônibus rodam pela Rio–Belo Horizonte. A nação inteira certifica-se do esforço e da energia, da capacidade técnica e do profícuo trabalho dos que tomam qualquer parcela de responsabilidade na realização do meu programa. Até o fim do meu governo serão construídos e melhorados 10 mil e 500 quilômetros e pavimentados aproximadamente 5 mil km que hão de marcar época nas realizações rodoviárias brasileiras.

Este é um dos raros filmes em que JK fala. As imagens representam muito melhor os seus empreendimentos do que seu discurso falado. É fundamental que os espectadores **vejam** com seus próprios olhos as melhorias que estão acontecendo.

Em **O Brasil na Era Atômica** e **Átomos para a Paz ou para a Guerra**³⁷ uma mesma seqüência é usada: cercado pelo governador de São Paulo, Jânio Quadros, e pelo Almirante Otacílio Cunha, JK inaugura o primeiro reator atômico do país; a câmera parada observa o presidente e o governador sentados à mesa de comandos do reator, curiosos diante de tantos botões.

Do primeiro para o segundo filme, a seqüência encurtou cinco segundos. Os dois filmes foram encomendados pela Comissão Nacional de Energia Nuclear, órgão oficial, para uma campanha sobre a energia nuclear, o nome dela: *Átomos para a paz*, liderada pelos militares através do Conselho Nacional de Pesquisas. O primeiro filme aborda o que é a energia atômica e de onde vem, tudo muito didaticamente, é importante deixar claro que o Brasil participa, naquele momento, da política internacional de energia atômica, destacando os aspectos positivos de tal energia.

O segundo filme preocupa-se em chamar a atenção para o uso da energia atômica; ironizando, através da animação, uma guerra nuclear e suas conseqüências, novamente o eixo temático segue uma linha otimista, não deixando dúvidas quanto ao uso da energia nuclear pelo Brasil: pacífico, saudável e positivo.

Em **O Nordeste não quer esmolas**, filme produzido para o Departamento Nacional de Obras contra a Seca (DNOCS) em 1958, pela Jean Manzon Films, Juscelino aparece em rápidos 25 segundos, passando em revista o pessoal da viação civil, ao lado do Ministro da Viação, comandante Lúcio Meira. Apesar de rápida, a presença de JK no filme é fundamental para ligá-lo ao problema secular da seca nordestina e, mais ainda, à sua solução: a criação da

³⁷ Produções de 1958 e 1959 realizadas pela Jean Manzon Films.

SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste). Entretanto, esse órgão será criado no ano seguinte à produção do filme.

Desde 1956, o Grupo de Trabalho de Desenvolvimento do Nordeste formado por Israel Klabin, Luis Carlos Mancini e Celso Furtado estudava o problema da seca e pensava diretrizes para a criação da SUDENE. A seca de 1958 impressiona bastante Juscelino Kubitschek que procura soluções técnicas para o problema; as Ligas Camponesas e os Sindicatos Rurais, muito ativos na região nordestina, davam à seca dimensões políticas e sociais.

Nesse documentário, estamos diante de um Juscelino longe das massas, as imagens ao lado de Lúcio Meira reforçam a idéia do estadista solucionador de problemas crônicos; JK foi ver de perto o problema da seca, encontrando-se com o povo faminto, mas a imagem desse encontro nunca foi necessária para Jean Manzon; importa reforçar a idéia de solucionador de problemas pelo discurso falado e não pelas imagens. O filme carrega antes de tudo a proposta de mostrar os serviços prestados pelo Departamento Nacional Contra as Secas, e a inserção da imagem de JK nesse contexto, mostrando quem tinha o comando oficial.

O encontro ausente do documentário sobre a seca no nordeste é expressão da imagem pública de Juscelino Kubitschek. As revistas ilustradas e os filmes que estudamos não apresentam imagens do presidente em meio à massa.

Há momentos por certo que a massa é retratada, como na viagem de JK a Portugal, mas de maneira geral ela é sugerida por uma chuva de papéis picados e é a legenda que nos informa de sua presença.

Ao contrário da imagem de Getúlio Vargas, que tinha na relação com as massas sua maior característica, a imagem de JK não precisa dessa relação para se conformar como líder popular. As comemorações do Sete de Setembro ou do Primeiro de Maio como rituais de poder, no período ditatorial, em que o líder se mostrava e se relacionava intimamente com a massa festiva, porém disciplinada, no estádio de futebol, não sobrevivem no governo de Juscelino Kubitschek.

As revistas ilustradas pouca atenção manifestam quanto a essas duas comemorações que expressam o civismo.



(Fig. 158) Manchete, 12 de maio de 1956 – n.212

Manchete, no primeiro ano de governo de JK, publica uma pequena nota com fotografia na seção **O Brasil em Manchete** – Figura 158. JK, em carro aberto, acena para a massa que não aparece.

O Cruzeiro, na edição de 24 de setembro de 1960, publica o desfile de Sete de Setembro em Brasília na seção **Um fato em foco**. Com fotos de Rubens Américo, vemos JK ao lado de Jango acenando para a população que assiste às comemorações – Figura 159.

Uma fotografia aérea mostra o momento do desfile em que lemos a palavra *salve* escrita na avenida pelos participantes. A massa, um número reduzido de pessoas, ao lado da avenida próxima dos edifícios dos ministérios, assiste ao desfile. Nas outras duas fotografias vemos soldados desfilar. O texto revela situações ausentes nas imagens: as evoluções dos aviões da FAB e

“detalhe pitoresco: centenas de candangos trabalharam normalmente, na Plataforma do Eixo Rodoviário, como se não fosse feriado. Um autêntico ‘flash’ do dinamismo de Brasília”. A pequena foto logo abaixo do texto nos apresenta um grupo de pessoas como se fosse a massa – Figura 159.



(Fig. 159) O Cruzeiro, 24 de setembro de 1960 – n.50 – Ano XXXII

Juscelino Kubitschek, no ritual de poder, sente-se muito à vontade no papel de anfitrião. O cenário não importa muito, pode ser Brasília, os salões do Itamarati ou do Catete. Ao receber líderes de outras nações, JK se identifica como o líder que está à frente do país que se movimenta na direção do futuro.

Mas não são apenas os líderes que ele bem recebe. Artistas, misses e esportistas são recepcionados por Juscelino e fazem parte do ritual de poder. Conferem à sua imagem pública uma leveza que as imagens de rituais de poder com líderes políticos muitas vezes não conseguem atribuir.

Em **Manchete** de 23 de março de 1957, na seção **O Brasil em Manchete**, Juscelino está sentado entre a Miss Universo Hilieve Rombim e a atriz norte-americana Joanne Dru – Figura 160.



(Fig.160) Manchete, 23 de março de 1957 – n.257



(Fig. 161)
Manchete, 25 de julho de 1959 –
n.379 – ano 7

A campeã do torneio de tênis de Wimbledon em 1959, a brasileira Maria Ester Bueno, foi recebida por inúmeras pessoas no aeroporto do Galeão. Logo após o desembarque, seguiu para o Palácio do Catete, onde recebeu os cumprimentos do presidente Kubitschek: o encontro mereceu capa em **Manchete** – Figura 161. A simpatia de JK é revelada nesses encontros pelo sorriso sempre aberto com que recebe os artistas e destaques do meio esportivo. Em outras situações, o sorriso não está estampado em seu rosto.

Esses encontros informais são frequentemente utilizados pelas revistas para reforçar alguma característica de sua imagem. É o que vemos em **O Cruzeiro** de 26 de março de 1960. Na fotografia, JK está sentado ao lado da atriz Kim Novak. O pequeno texto logo abaixo da fotografia descreve e comenta a situação:

Kim Novak e JK descobriram várias identidades: a letra K, sangue tcheco e o hábito de tirar os sapatos em público. Êste flagrante (que está correndo mundo) desgostou a oposição, e surgiram as críticas. Mas o Presidente é bossa-nova mesmo (aí está o Brasil de hoje) e de quando em quando quebra o protocolo sem se preocupar muito com as comadres linguarudas. Vai tocando a caravana.



(Fig. 162)

O Cruzeiro, 26 de março de 1960 – n.24 –
Ano XXXII

5.3 – Bastidores à mostra

Um dos significados de bastidor para o teatro é o corredor, ou os corredores que contornam a cena no palco. Consideramos um sentido semelhante do bastidor no palco da política. A política entre cenas, nos corredores, é aquilo que não está à mostra, um dia poderá estar em cena. Se pensarmos na tela de cinema, o bastidor pode se expressar pelo *making of*, ou pelas seqüências que não fazem parte da montagem final do filme, mas hoje são comercializadas ao lado da versão final.

Porém, há bastidores que devem ser expostos para compor a imagem do político moderno. Que bastidores são esses? O cotidiano do trabalho, alguns aspectos da vida privada, mas não a sua família, como já discutido no item 5.1, as entrevistas, as retrospectivas anuais, aspectos dos bastidores do governo que constituem a imagem do presidente veiculada pelas revistas ilustradas.

O cotidiano de trabalho de Juscelino Kubitschek foi exposto logo nos primeiros meses de seu governo. Discutimos, no Capítulo 3, como foi necessária a divulgação nacional da imagem de JK para que ele pudesse ser conhecido por todos os cidadãos. E, a seguir, a publicação em **O Cruzeiro** de aspectos da imagem de sua vida privada, na fotorreportagem biográfica **É o presidente** – em 04 de fevereiro de 1956 – Figuras 58, 59, 61, 102 e 103.

Essa exposição estendeu a relação entre os cidadãos e o presidente. A população o conhecia e o reconhecia como líder político possuidor de uma família e de um cotidiano de trabalho. Revelaram-se aspectos que estavam ao lado das idéias de Kubitschek. A construção de sua imagem não apresentava divergências entre sua postura ideológica e a forma como vivia sua vida privada, pelo menos a exposta. Não apresentava contradições, conflitos e tensões entre a imagem do homem político e do homem de família.

Manchete apresenta em **JK despacha nas nuvens** – Figura 76 – na edição de 26 de maio de 1956 o trabalho do presidente alado. O avião é o escritório enquanto ele viaja de um lugar para outro. O trabalho do presidente não pode parar. Ele carrega consigo papéis e assessores que devem se acostumar com seu ritmo que parece vertiginoso.

A necessidade de conhecer esse ritmo de trabalho levou o repórter Olavo Drummond e o fotógrafo Eugênio Silva de **O Cruzeiro** a viverem o cotidiano do presidente durante uma semana. A fotorreportagem publicada em 04 de agosto de 1956 revelou o presidente que levantava antes das seis horas da manhã e seguia uma rotina pesada de trabalho burocrático – Figuras 163 e 164.

JK – O pé de boi é o título da fotorreportagem de 10 páginas. A expressão popular significa a pessoa que trabalha muito, que não se cansa daquilo que faz, enfrenta as diversidades do cotidiano com disciplina. Por outro lado, a figura do boi não nos parece muito condizente com Juscelino Kubitschek, pois ele apresentava uma desenvoltura que certamente o animal em questão não tem. De qualquer maneira, a figura de linguagem diz respeito apenas ao cotidiano de seu trabalho como presidente, repleto de problemas a serem solucionados.

Repórter e fotógrafo procuraram retratar JK o mais próximo daquilo que viram. O texto é bem-humorado, com diálogos entre Juscelino, seus assessores e o repórter. O recurso humaniza a figura do político, o leitor compreende o trabalho burocrático a partir das palavras do próprio presidente.

A dimensão imagética é dada pela proximidade entre o fotógrafo e Juscelino: podemos vê-lo fazendo a barba ainda em “robe de chambre”, sentado na cama colocando as meias, tomando café, conhecemos a cozinheira Etelvina, que trabalhava havia muitos anos para a família e era responsável pelas refeições do presidente. Maristela toma “lunch” com o pai, a outra filha, Márcia, e a esposa Sarah estão viajando...

O ritmo de trabalho de JK é mostrado em duas páginas: trinta pequenas fotografias colocadas em cinco fileiras expõem os diferentes momentos da

semana vivida ao lado do presidente – Figura 164. A legenda de cada uma delas identifica aquele que está ao lado de Juscelino e comenta a situação.



(Fig. 163) O Cruzeiro, 04 de agosto de 1956 – n.42 – Ano XXVIII



(Fig. 164) O Cruzeiro, 04 de agosto de 1956 – n.42 – Ano XXVIII

A revista **O Cruzeiro** já havia mostrado em uma pequena coluna na edição de 02 de junho desse mesmo ano um acontecimento cotidiano: em **O presidente vai ao alfaiate** – Figura 165 –, o fotógrafo Eugênio Silva surpreende com “sua objetiva indiscreta” o presidente provando um “smoking”. Segundo o texto, o alfaiate não era qualquer um, mas José Trotta, que havia trinta anos costurava para senadores, deputados, industriais, comerciantes e o ex-presidente Getúlio Vargas. A elegância de Juscelino Kubitschek estava a cargo das agulhas do alfaiate havia 25 anos.



(Fig. 165) O Cruzeiro, 02 de junho de 1956 – n.33 – Ano XXVIII

O texto de **Isto é um dia do presidente** – Figura 166 –, publicado em **Manchete** na edição de 19 de setembro de 1959, ressalta o bom humor de Juscelino apesar dos inúmeros afazeres e problemas que enfrenta diariamente. Na fotografia superior da página da esquerda, condecora a Madre Superiora das Vicentinas, Irmã Blanchot, e na fotografia abaixo do texto, recebe o então Secretário-Geral da ONU, Dag Hammarskjöld. Estamos diante do “pé-de-boi” da reportagem de **O Cruzeiro**.

Em **JK: a estrela sobe** – Figura 167 –, Murilo Melo Filho, comentarista das reportagens sobre política de **Manchete**, analisa o que ele chama de *fenômeno* político daquele momento: o presidente. O texto traça o percurso político de seu governo, aborda a falta de popularidade inicial e como naquele momento, início de 1960, Juscelino Kubitschek havia conseguido contornar as crises política e militar, esvaziar a oposição e cooptar a simpatia da sociedade:

(...) Os jornais e revistas que publicam reportagens sobre suas Metas são arrebatados das bancas pelos leitores. Na televisão, durante duas horas e meia, ele fala como se fosse um “show-man” perfeito, ou um ótimo garoto-propaganda, habituado às câmaras, aos “booms”, aos ângulos, aos “closes”, aos “slides” e aos cortes. (MELO FILHO, in **MANCHETE**, 27 de fevereiro de 1960 – n.410 – ano 7, p.87)

Entretanto, há um preço para tudo isso: é a saúde prejudicada. Há a possibilidade de um infarto a partir da estafa evidenciada pela fotografia na página da esquerda. JK sentado na cama, trabalha ao telefone, o pé com meia, mas sem sapato, o rosto visivelmente cansado. O “pé-de-boi” de **O Cruzeiro** dava sinais que deveria parar, ou ao menos diminuir o ritmo.



(Fig. 166) **Manchete**, 19 de setembro de 1959 – n.387 – ano 7



(Fig. 167) Manchete, 27 de fevereiro de 1960 – n.410 – ano 7

No início de cada ano, **O Cruzeiro** e **Manchete** publicavam balanços das atividades do governo no ano anterior ou retrospectivas dos acontecimentos políticos. No formato de fotorreportagem, eram repletos de fotografias de arquivo relembrando ao leitor o que havia acontecido, a avaliação do presidente e as perspectivas diante da situação presente.

Com o título **Desperta Gigante**, a reportagem de Álvares da Silva para **O Cruzeiro** de 05 de janeiro de 1957 – Figura 168 – analisa o esforço de JK para superar as crises e iniciar seus projetos. O subtítulo **Ano 56: da espada e da cruz** reflete os problemas militares e políticos no início do governo. A imagem de Juscelino chamado de **o presidente elétrico** mostra-o envolvido com o setor de energia elétrica, a primeira meta de seu programa.

Na edição de 01 de fevereiro de 1958, **Manchete** publica **JK sopra 2 velinhas** – Figura 169. É um balanço dos dois primeiros anos de governo. Apresenta, além das obras em andamento, a influência da administração do presidente e de sua equipe na sociedade. Em fevereiro de 1960, o repórter

Marcelo Coimbra entrevista JK. É o próprio presidente quem faz o balanço de seu governo a partir das perguntas do repórter. A fotografia das duas primeiras páginas é a mesma da fotorreportagem de fevereiro de 1958 na comemoração dos dois primeiros anos do governo de Juscelino Kubitschek – Figura 170.

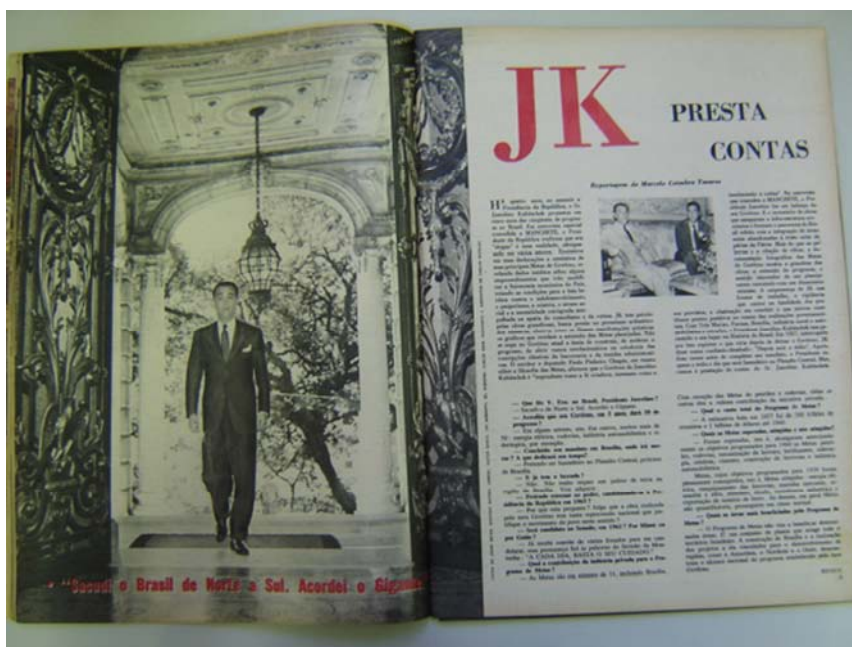


(Fig. 168) O Cruzeiro, 05 de janeiro de 1957 – n.12 – Ano XXIX



(Fig. 169) Manchete, 01 de fevereiro de 1958 – n.302 – ano 5

A entrevista e a fotorreportagem de 1960 têm mais de 30 páginas com fotografias de arquivo mostrando todas as obras do governo e as metas em processo de finalização. Se em 1958 a fotorreportagem ainda mostrava o início de obras e as dificuldades de fortalecimento do governo, na edição de 1960, Juscelino aparece em quase todas as páginas como o condutor de um governo que venceu as adversidades, apresentando visualmente o que prometera. É a materialização de promessas e, como diz o próprio presidente: *Sacudi o Brasil de norte a sul. Acordei o gigante.*



(Fig. 170) Manchete, 06 de fevereiro de 1960 – n.407 – ano 7

As entrevistas realizadas pelos repórteres políticos de **O Cruzeiro** e **Manchete** eram sempre seguidas por fotografias de Juscelino predisposto a conversar. Não é o JK que inspeciona obras, que viaja ou aquele que recebe ou visita, mas o que escuta atenciosamente a pergunta e responde com ponderação.

Não se encontram entrevistas coletivas nas revistas ilustradas. As entrevistas aconteciam reservadamente, no escritório de JK ou em sua residência. Realizadas quase sempre em momentos de crise, refletiam a vontade do

presidente em querer esclarecer ou ainda colocar-se frente a frente com a gravidade da situação.

Em 1960, os repórteres políticos especulavam sobre a saída de JK do governo e sua volta à presidência em 1965. Na edição de **O Cruzeiro** de 02 de abril, Juscelino comenta seu governo para Carlos Castelo Branco. Em **JK não quer ficar** – Figura 171 – o presidente revela o desejo de ser fazendeiro nas proximidades de Brasília, onde comprará uma fazenda.



(Fig. 171) O Cruzeiro, 02 de abril de 1960 – n.25 – Ano XXXII

A fotografia de Antônio Rudge trabalha com acentuado contraste entre luz e sombra: a luz ilumina o repórter e o presidente, deixando o canto da sala muito escuro; o ambiente ganhou uma atmosfera um pouco pesada. Outras fotografias dessa mesma situação aparecem nas duas páginas seguintes, decompondo o encontro. Juscelino faz gestos enquanto responde às questões do repórter – Figura 172.

O humorista de **Manchete**, Leon Eliachar, entrevista Juscelino na edição de 18 de junho de 1960. O fotógrafo de **Manchete** aproveita a luz do dia de Brasília para impregnar de leveza as imagens utilizadas na entrevista. Leon Eliachar acende o cigarro de Juscelino, e a legenda comenta: *Pela primeira vez,*

JK é fotografado com cigarro na bôca. O presidente quase nunca fuma. Na última página da entrevista, outra fotografia: no mesmo sofá, entrevistado e entrevistador estão sorrindo, Juscelino segura a xícara de café descontraidamente e olha para o fotógrafo, enquanto Leon Eliachar, de cabeça baixa, mexe nos papéis que estão sobre a mesa – Figura 174.



(Fig. 172) O Cruzeiro, 02 de abril de 1960 – n.25 – Ano XXXII



(Fig. 173) Manchete, 18 de junho de 1960 – n.426 – ano 8



(Fig. 174) Manchete, 18 de junho de 1960 – n.426 – ano 8

Se em junho, Juscelino Kubitschek está muito bem-humorado, em novembro, ao ser entrevistado por Murilo Melo Filho e fotografado por Jader Neves, o presidente parece estar muito cansado – figura abaixo.



(Fig. 175) Manchete, 05 de novembro de 1960 – n.446 – ano 8

JK não acha a entrevista necessária, pois o repórter conhecia muito bem suas idéias. Todavia, diante da insistência de Murilo Melo Filho, ele responde às perguntas que lhe são entregues por escrito.

A aparência cansada não significa um desgaste de sua imagem; pode-se pensar que, de fato, nos últimos meses de mandato ele já estava com corpo e mente em outros planos. O resultado das eleições e seu futuro político são algumas das especulações que os entrevistadores dirigem ao presidente em fim de mandato.

Entretanto, as imagens de JK veiculadas nas edições do mês de dezembro em nada lembram o presidente cansado de novembro. Foram escolhidas, para finalizar esse capítulo que refletiu sobre as imagens dos bastidores, duas situações que são, ao mesmo tempo, bastidor da imprensa e ritual de poder.

A edição de **O Cruzeiro** de 10 de dezembro de 1960 – figura abaixo – publica a fotorreportagem sobre o banquete que a empresa Diários Associados ofereceu para o presidente. Ele discursa seriamente, o rosto está concentrado. O banquete reuniu a elite da política e da sociedade brasileira para prestar homenagem ao presidente em fim de mandato.



(Fig.176) O Cruzeiro, 10 de dezembro de 1960 – n.06 – Ano XXXIII

A penúltima edição de **Manchete** de 1960 publica uma mensagem de natal do Presidente da República. Na fotografia em duas páginas, a família Kubitschek, acomodada nos sofás de uma das salas do Palácio das Laranjeiras, posa para o fotógrafo. Sem o sorriso aberto, o presidente deseja prosperidade para todos os brasileiros no ano de 1961.

A mensagem é seguida de uma pequena entrevista em que JK fala de sua intenção em voltar à presidência no ano de 1965. Ele “não vai desertar da arena política”, diz o texto de Lausimar Lauss.



(Fig. 177) Manchete, 24 de dezembro de 1960 – n.453 – ano 8

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, o objetivo foi compreender a construção da imagem de Juscelino Kubitschek como presidente da República. Não estudamos uma imagem, mas a imagem pública cujo processo de construção se deu ao mesmo tempo em que governava.

A imagem pública de JK é multifacetada. Ela não estava pronta quando ele tomou posse em 31 de janeiro de 1956, tampouco foi finalizada em janeiro de 1961. Entretanto, foi durante esses anos que ela se tornou conhecida de todos os cidadãos e tomou a dimensão nacional e, por que não, internacional.

Juscelino Kubitschek deixava-se fotografar, não colocava obstáculos ao trabalho de repórteres e fotógrafos. Tomou-os como aliados para a divulgação de suas idéias, sua maneira de viver, sua forma de governar.

Sabia posar, aguardava os pedidos dos fotógrafos para o *click*, lia e escutava as perguntas dos repórteres, respondia com paciência às provocações. Se, no início de seu governo, a tensão entre ele e a imprensa era grande, no decorrer do período em que esteve na presidência, as revistas ilustradas tomaram para si o papel de diluir essas tensões e conflitos iniciais e, por outro lado, não dispensaram a crítica.

A crítica está fundamentalmente nas seções de discussão política que estudamos. E no caso de **O Cruzeiro**, através dos artigos de David Nasser. Esse jornalista constituiu uma das duplas de fotojornalismo mais famosas das revistas ilustradas. Ao lado de Jean Manzon, realizou fotorreportagens consideradas clássicas do fotojornalismo brasileiro. O fim da dupla não impediu que David Nasser continuasse a atuar em **O Cruzeiro**. O ritmo das fotorreportagens foi diminuindo e ele se dedicou a escrever artigos analisando acontecimentos de diversos setores da sociedade.

Seus artigos sobre Juscelino Kubitschek atingiam não apenas o governo, mas também sua vida pessoal. No entanto, na série de artigos que publicou contra JK, encontramos alguns nos quais saiu em defesa do presidente. O caso mais famoso dessa postura a favor foi o da fotografia publicada pelo *Jornal*

do Brasil quando o secretário de Estado norte-americano Foster Dulles visitou o país. O episódio, como já abordamos, suscitou uma série de protestos, inclusive o de David Nasser, e a fotografia publicada é considerada até hoje um clássico da manipulação da relação foto–legenda.

Esses conflitos não abalaram as relações estabelecidas entre o governo e os meios de comunicação. Ao contrário, os movimentos de Juscelino Kubitschek eram mostrados pelas revistas e pelos filmes num esforço de lhe proporcionar credibilidade.

Se a revista **Manchete** era abertamente favorável à sua imagem, **O Cruzeiro** não deixou de ser. Ambas as revistas compreenderam que não sobreviveriam se não tivessem na imagem de JK um de seus objetos, não o tomassem como tema semanal. Tornaram-se porta-vozes do presidente e seu governo.

Por sua vez, Juscelino Kubitschek, como político moderno, percebeu que deveria estabelecer boas relações com os meios de comunicação de massa que se expandiam no Brasil nos anos 1950. Essas boas relações não significavam apenas concessões de canais de rádio e televisão para empresas de comunicação, mas, principalmente, o estabelecimento de laços afetivos e políticos com todos que se aproximavam dele.

Dessa maneira, num período em que as assessorias de imprensa estavam germinando, JK conseguiu dispor de um aparato de propaganda que conjugou o Estado e a iniciativa privada.

As revistas e as produtoras de filmes que estudamos, trabalharam para que o seu governo tomasse consistência aos olhos do cidadão, apesar do contexto de crise. Isso fica claro nas análises das imagens de Juscelino Kubitschek durante o primeiro ano de presidência, quando, ao mesmo tempo em que encontramos sua imagem como expressão da crise, ele também foi apresentado como o solucionador de problemas, o negociador, o anistiador.

Essa relação, Estado e iniciativa privada, propiciou a expansão de cenários para a encenação da política. Brasília é o maior exemplo. O processo de

convencimento da construção da nova capital federal não pode ser entendido sem as imagens dos cinejornais e documentários realizados pelas produtoras comerciais para a NOVACAP e sem as imagens produzidas e publicadas nas fotorreportagens em **O Cruzeiro** e **Manchete**.

Essas imagens formam um conjunto inesgotável de conhecimento imagético do período e influenciam até hoje nossa forma de pensar e compreender a cidade e a nação. As imagens da construção de Brasília ainda mobilizam posições a favor e contra tanto à própria cidade quanto a Juscelino Kubitschek.

As imagens de Brasília foram fundamentais, constituindo uma das faces mais importantes de Juscelino Kubitschek. No cenário em construção, ele também construiu e fortaleceu sua imagem de homem político moderno e dinâmico. Analisamos outras imagens que também constituíam essa face, entretanto, Brasília sintetizava os outros aspectos: o presidente viajava ao planalto central de avião, eis uma das sobreposições de imagens.

Por outro lado, Brasília é a imagem da crise. Ela revela o quanto foi necessário, para o espetáculo do poder, produzir imagens para desviar ou cindir os olhos e as consciências. Porém, a capital federal e suas imagens não são as únicas a provocar no cidadão a identificação com o presidente.

As *imagens permitidas* de sua vida privada também fazem parte desse desvio do olhar. Dessa forma, outra face da imagem de Juscelino é a visualização de sua família e de seu cotidiano mesmo que de maneira idealizada. Mais uma vez, no processo de persuasão, “a ilusão de intimidade com o povo é necessária”, nos diz Peter Burke (1994, p.213). Ele se refere ao contato corporal do líder com a massa e os eleitores, entretanto a idéia é pertinente quando as imagens escolhidas expõem o dia-a-dia do presidente. Mas é duvidosa na relação que Juscelino Kubitschek dispensava à massa, ou, ainda, como tal relação se estabelecia a partir das fotografias nas páginas das revistas ilustradas e dos filmes.

Certamente, a massa não aparecia, era sugerida. A distância não impede que JK seja entendido como um líder popular, porém não populista. Sua imagem não é evocada pela multidão. A imagem de herói e líder charmoso foi predominante para Juscelino Kubitschek. Em seu tempo ele não foi o único; Kennedy é o que mais se aproxima, e talvez Charles De Gaulle.

As aproximações são artificiais, a imagem de Juscelino Kubitschek foi construída com seu consentimento, ele tinha plena consciência de que seu estilo de governar permaneceria não apenas no discurso falado no rádio e nas sessões do parlamento ou no discurso escrito nos jornais, mas também no discurso em imagens.

Todavia não era ele quem o escrevia, nem sua equipe de assessores de gabinete. Ele dependia de sua habilidade em negociar a produção e principalmente a publicação da imagem que mais lhe conviesse. De maneira geral, esse movimento JK soube fazer com eficiência.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO

ANAIS

O LUGAR DA HISTÓRIA - XVII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, Campinas:UNICAMP, 6 a 10 de setembro de 2004.(em cd-room)

ARTIGOS E CAPÍTULOS DE LIVROS

CARDOSO, Ciro Flamarion. Iconografia e história. *Resgate – Revista Interdisciplinar de Cultura do Centro de Memória – UNICAMP*. Campinas: Ed. Papyrus, 1:09-17, 1990.

GOMES, Paulo Emílio Salles. A expressão social dos filmes documentais no cinema mudo brasileiro – 1898-1930. Recife, *I Mostra e I Simpósio do filme documental brasileiro*/Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1957.

HERLIHY, David. Am I a câmara? Other reflections on films and history. *The American Historical Review*. New York, 93(5):1186-92, dec.,1988.

MAUAD, Ana. Através da Imagem: História e memória do fotojornalismo no Brasil Contemporâneo. *4º Seminário do Centro de Memória da Unicamp – Memória e Contemporaneidade*. Campinas/SP: Unicamp - 8 à 10 de junho de 2005.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A fotografia como documento – Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico. *Tempo*, Universidade Federal Fluminense, Departamento de História. Rio de Janeiro:7Letras, vol.7, n.14, jan.2003.

MORETTIN, Eduardo. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. CAPELATO, Maria Helena [et al]. *História e cinema*. São Paulo:Alameda, 2007. p. 39-64.

O'CONNOR, John E. History in images/images in history: reflections on the importance of film and television study for na understanding of the past. *The American Historical Review*. New York, 93(5):1200-09, dec., 1988.

OLIVEIRA JR, Antonio R. História, fotografia e semiótica numa perspectiva grande angular. *IV COMPÓS*. Brasília, 1995. Disquete.

ROSENSTONE, Robert. History in images/history in words: reflections on the possibility of really putting history on film. *The American Historical Review*. New York, 93(5):1173-85, dec., 1988.

SILVA, Marcos A . da. O trabalho da linguagem. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 6(11):45-61;set.1985/fev.1986.

SOUZA, José Inácio de Melo. Trabalhando com cinejornais: relato de uma experiência. CAPELATO, Maria Helena et al. *História e cinema*. São Paulo:Alameda, 2007. p. 117-133.

TOPLIN, Robert Brent. The filmmaker as historian. *The American Historical Review*. New York, 93(5):1210-27, dec., 1988.

TREVISAN, Maria José. Os anos '50: os empresários e a produção cultural. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 8(15):139-56, set.87/fev.88.

WHITE, Hayden. Historiography and historiophoty. *The American Historical Review*. New York, 93(5):1193-99, dec., 1988.

WILLIAMS, Brooke. Uma visão semiótica da história. *Revista Face*. São Paulo. Pontifícia Universidade Católica, v.2, número11, jan/jun, 1989.

DOCUMENTAÇÃO

Revistas:

O Cruzeiro – janeiro de 1956 a janeiro de 1962;

Manchete – janeiro de 1956 a janeiro de 1962.

Filmes dos acervos do Arquivo Público do Distrito Federal, do Departamento de Filmes da Universidade de Brasília – UNB, do Arquivo Nacional da Cinemateca Brasileira – SP.

Filmes da produtora Jean Manzon Films – São Paulo

LIVROS, DISSERTAÇÕES E TESES

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. *História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900*. Rio de Janeiro:Elsevier, 2004.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira, SP: Editora Ática, 1989.

AUGUSTO, Sérgio. *Este mundo é um pandeiro – A chanchada de Getúlio a JK*. São Paulo, Cinemateca Brasileira:Companhia das Letras, 1989.

AUMONT, Jacques. *A imagem*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Campinas, SP:Papirus, 1993.

BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Trad. Luiz Tupy Caldas de Moura. Brasília:Editora Universidade de Brasília, 1982.

BANN, Stephen. *As invenções da história – ensaios sobre a representação do passado*. Trad. Flávia Villas-Boas, São Paulo:Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994.

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. *A fotografia a serviço de Clio: uma interpretação da história visual da Revolução Mexicana(1900-1940)*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

BARBOSA, Francisco de Assis. *Juscelino Kubitschek – Uma revisão na política brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*. Trad. Lea Novaes, Rio de Janeiro:Nova Fronteira, 1990.

BENEVIDES, Maria V. de Mesquita. *O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política – 1956-1961*. RJ: Paz e Terra, 1976.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo:Companhia das Letras, 1986.

BERNARDET, Jean-Claude, RAMOS, Alcides Freire. *Cinema e história do Brasil*. São Paulo: Ed. Contexto, 1988.

BIZELLO, Maria Leandra. *Imagens Otimistas: representações do desenvolvimentismo nos documentários de Jean Manzon – 1956-1961*. Campinas,SP, Dissertação de mestrado:Instituto de Artes-UNICAMP, 1995.

BLOCH, Adolpho. *O pilão*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1978.

BRANT, Vera. *JK: o reencontro com Brasília*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BROTHERS, Caroline. *War and photography – a cultural history*. London & New York: Routledge, 1997.

BOJUNGA, Cláudio. *JK – o artista do impossível*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

_____. *A fabricação do rei – a construção da imagem pública de Luis XIV*. Trad. Maria Luiza X. de A . Borges, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

_____. *Testemunha ocular: história e imagem*. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CABRAL, Carlos B.M. *JK: 21 de abril: história romanceada*. SP: Edicon, 1995.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo(orgs). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. *Ideologia do desenvolvimento – Brasil JK-JQ*. RJ: Paz e Terra, 1977.

CARNES, Mark C.(org.). *Passado imperfeito: a história no cinema*. Trad. José Guilherme Correa. Rio de Janeiro: Record, 1997.

CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras criadas: David Nasser e o Cruzeiro*. 2ed., SP:Editora Senac, 2001.

CASTRO, Ruy. *Chega de saudade – a história e as histórias da bossa nova*. São Paulo:Companhia das Letras, 1990.

_____. *Ela é carioca: uma enciclopédia de Ipanema*. São Paulo:Companhia das Letras, 1999.

_____. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo:Companhia das Letras, 1995.

CHAUÍ, Marilena de Souza e FRANCO, Maria S.C. *Ideologia e mobilização popular*. RJ: Paz e Terra/CEDEC, 1978.

CIAVATTA, Maria e ALVES, Nilda (orgs.) *A Leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação*. São Paulo:Cortez, 2004.

CONY, Carlos Heitor. *JK: como nasce uma estrela*. Rio de Janeiro:Record, 2002.

CORBISIER, Roland. *JK e a luta pela presidência: uma campanha civilista*. São Paulo:Duas Cidades, 1976.

COSTA, Helouise. *Aprenda a ver as coisas: fotojornalismo e modernidade na revista O Cruzeiro*. São Paulo:Dissertação de mestrado/ ECA/USP, 1992.

_____. e RODRIGUES, Renato. *A fotografia moderna no Brasil*. Rio de Janeiro:Editora da UFRJ:IPHAN:FUNARTE, 1995.

_____. *Um olho que pensa: estética moderna e fotojornalismo*. São Paulo: Tese de doutorado/FAU/USP, 1998.

COOK, Timothy E. *Governing with the news: the news media as a political institution*. Chicago&London: The University of Chicago Press, 1997.

CUNNINGHAM, Noble E. *The image of Thomas Jefferson in the public eye: portraits for the people 1800-1809*. Charlottesville,USA:University Press of Virginia, 1981.

DE PAULA, Jeziel. *1932: imagens construindo a história*. Campinas/Piracicaba, SP:Editora da Unicamp/Editora Unimep, 1998.

DELAGE, Christian, GUIGUENO, Vincent. *L'historien et le film*. Paris :Éditions Gallimard, 2004.

_____. *La vérité par l'image :De Nuremberg au procès Milosevic*. Paris :Éditions Denoël, 2006.

_____. *La vision nazie de l'histoire – à travers le cinema documentaire du Troisième Reich*. Lausanne: Editions L'Age d'Homme, 1989.

DONATO, Palmerinda. *Juscelino Kubitschek, o brasileiro do século XX*. Brasília:Valci, 2001.

DUBOIS, Phillippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, SP:Papirus, 1994.

EPSTEIN, Isaac. *O signo*. 2^a ed., SP: Ed. Ática, 1986.

FELDMAN-BIANCO, Bela, LEITE, Míriam L.M. (orgs). *Desafios da imagem. Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas, SP: Papirus, 1998.

FERRO, Marc. *Analyse de Film, analyse de sociétés*. Paris: Classiques Hachette, 1975.

_____. *Cine e historia*. Versión castellana de Josep Elias. Barcelona:Editorial Gustavo Gili, 1980.

_____. *Cinema e história*. Trad. Flávia Nascimento, RJ: Paz e Terra, 1991.

_____. *Film et histoire*. Paris: Éditions de l'École de Hautes Études en Sciences Sociales, 1984.

FREUND, Gisèle. *Photographie et société*. Paris:Éditions du Seuil, 1974

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. Trad. Maria Lucia Machado, SP:Companhia das Letras, 1987.

GOLDBERG, Vicki. *The power of photography: how photography changed our lives*. New York:Abbeville Press,1991.

GOLDFEDER, Miriam. *Por trás das ondas da Rádio Nacional*. RJ: Paz e Terra, 1980.

GOMBRICH, Ernst Hans. *Gombrich: l'essentiel : écrits sur l'art et la culture/choisis et presentes par Richard Woodfield*. Traduit de l'anglais par A. Béchard-Léauté, D. Collins, J. Combe, G. Durand, D. Lablanche et C. Lauriol, Paris:Phaidon, 2003.

GOMES, Angela de Castro(org.). *O Brasil de JK*. RJ: Ed. Da Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1991.

GOMES, Renata Vellozo. *Cotidiano e cultura: as imagens do Rio de Janeiro nos cinejornais da Agência Nacional nos anos 50*. Dissertação de mestrado em Artes Visuais, Rio de Janeiro:Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

HOBBSAWN, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Trad. Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino, SP: Paz e Terra, 1990.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JARDIM, Serafim. *Juscelino Kubitschek: onde está a verdade?* . Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. SP:Editora Ática, 1989.

_____. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. SP:Ateliê Editorial, 1999.

KUBITSCHKEK, Juscelino. *A experiência da humildade. Meu Caminho para Brasília*. Rio de Janeiro:Bloch Editores, 1974, v.1.

_____. *A escalada política. Meu caminho para Brasília*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1976, v.2.

_____. *Cinquenta anos em cinco. Meu caminho para Brasília*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1978, v.3.

_____. *Por que construí Brasília*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1975.

_____. *Uma campanha democrática*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1959.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et alii, Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1990.

_____ e NORA, Pierre. *História: novos problemas, novas abordagens, novos objetos*. RJ: Francisco Alves, 1976.

MACHADO, Arlindo. *A ilusão especular: introdução à fotografia*. SP: Brasiliense, 1984.

MAYRINK, Geraldo. *Juscelino*. SP: Ed. Nova Cultural/Círculo do Livro, 1992.

MEIRELES, William Reis. *Cinema e história: o cinema brasileiro nos anos 50*. Dissertação de mestrado, Assis, SP; Faculdade de Ciências e Letras (confirmar)/Unesp, 1989.

MONTELLO, Josué. *O Juscelino Kubitschek de minhas recordações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

MONTENEGRO, Rosilene Dias. *Juscelino Kubitschek: mitos e mitologias políticas do Brasil moderno*. Tese de Doutorado, Campinas, SP: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Unicamp, 2001.

MORAIS, Fernando. *Chato: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NAPOLEÃO, Aluizio. *Juscelino Kubitschek: audácia, energia, confiança*. RJ: Bloch Ed., 1988.

NARS, Edson Luiz. *Um olhar sobre o Brasil pelas lentes de Jean Manzon: de JK a Costa e Silva*. Dissertação de mestrado, Araraquara, SP: Faculdade de Ciências e Letras/Unesp, 1996.

NETTO, Accioly. *O império de papel - os bastidores de O Cruzeiro*. Porto Alegre: Sulina, 1998.

O'CONNOR, John E. and JACKSON, Martin A. *American History/American Film. Interpreting the Hollywood Image*. New York: The Ungar Publishing Company, 1991.

OLIVEIRA, Eduardo Romero de. *Getúlio Vargas, a personagem em questão: ensaio sobre a constituição da figura do poder*. Dissertação de mestrado, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1995.

OLIVEIRA, José Aparecido (org.) *JK – o estadista do desenvolvimento*. Brasília: Memorial JK/Secretaria de Edições Técnicas do Senado Federal, 1991.

OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte de. *João Goulart na imprensa: de personalidade a personagem*. SP: Annablume, 1993.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PAIVA, Vanilda Pereira. *Paulo Freire e o nacionalismo-desenvolvimentista*. RJ: Editora Civilização Brasileira S/A, 1980.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil – entre o povo e a nação*. Trad. Maria Júlia Goldwasser, SP: Editora Ática, 1990.

PEREGRINO, Nadja. *O Cruzeiro – a revolução na fotoreportagem*. RJ: Dazibao/Agil, 1991.

PINHEIRO NETO, João. *Juscelino – uma história de amor*. RJ: Mauad Ed., 1994.

RAMOS, Alcides. *Canibalismo dos fracos: cinema e história do Brasil*. Bauru, SP:EDUSC, 2002.

RAMOS, Fernão(org.). *História do cinema brasileiro*. São Paulo: Art Editora, 1987.

RAMOS, José Mário Ortiz. *Cinema, Estado e lutas culturais: anos 50, 60, 70*. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1983.

RÉMOND, René(org.). *Por uma história política*. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro:Editora UFRJ, 1996.

RIEDINGER, Edward. *Como se faz um presidente: a campanha de JK*. Trad. De Roberto Raposo, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

RODRIGUES, Georgete Medleg. *Ideologia, propaganda e imaginário social na construção de Brasília*. Dissertação de mestrado, Brasília-DF:Instituto de Ciências Humanas/UnB, 1990.

ROLLINS, Peter C.(org.) *Hollywood as historian – american film in a cultural context*. Lexington:The University Press of Kentucky, 1983.

SAMAIN, Etienne (org.).*O fotográfico*. São Paulo: Hucitec/CNPq, 1998.

SANTOS, Pedro Augusto Gomes. *A classe média vai ao paraíso: JK em manchete*. Porto Alegre:EDIPUCRS, 2002.

SCHAEFFER, Jean-Marie. *A imagem precária: sobre o dispositivo fotográfico*. trad. Eleonora Bottmann. Campinas,SP:Papirus, 1996.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. *O estado espetáculo: ensaio sobre e contra o star system em política*. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo:Círculo do Livro S.A., s/d.

SEGUIN des HONS, André. *Le Brésil : presse et histoire – 1930-1985*. Paris :Editions L'Harmattan, 1985

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Trad. Lygia Araújo Watanabe, São Paulo:Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Adriana Hassin. *A modernidade em alvorecida: Brasília e a imagem do Brasil moderno no fotojornalismo d'O Cruzeiro e da Manchete (1956-1960)*. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

SILVA, Marcos. *Prazer e poder do amigo da onça (1943-1962)*. RJ: Paz e Terra, 1989.

SILVA, Silvana Louzada da. *Fotojornalismo em revista: o fotojornalismo em O Cruzeiro e Manchete nos governos Juscelino Kubitschek e João Goulart*. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2004.

SIMÕES, Josanne Guerra. *Sirênico Canto – Juscelino Kubitschek e a construção de uma imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo (1930-1964)*. Trad. De Ismênia T. Dantas, 7^a ed., RJ: Paz e Terra, 1979.

SMITH, Paul (org.) *The historian and film*. Cambridge:Cambridge University Press, 1976.

SOARES, Mariza de Carvalho e FERREIRA, Jorge(org.). *A história vai ao cinema*. Rio de Janeiro:Record, 2001.

SOUSA, Jorge Pedro. *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*. Chapecó:Argos; Florianópolis:Letras Contemporâneas, 2004.

SOUZA, José Inácio de Melo. *A ação e o imaginário de uma ditadura: controle, coerção e propaganda política nos meios de comunicação durante o Estado Novo*. Dissertação de mestrado, São Paulo: ECA/USP, 1990.

TOLEDO, Caio Navarro. *ISEB: fábrica de ideologias*. SP: Ática, 1978.

TOKARSKI, Flávia Millena Biroli. *Com a corrente: modernidade, democracia e seus sentidos no jornalismo brasileiro dos anos 1950*. Tese de doutorado, Campinas:Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UNICAMP, 2003.

TOMAIM, Cássio dos Santos. *"Janela da Alma": cinejornal e Estado Novo – fragmentos de um discurso totalitário*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.

TREVISAN, Maria José. *50 anos em 5...A FIESP e o desenvolvimentismo*. Petrópolis,RJ: Ed. Vozes, 1985.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. Trad. Maria Julia Cottvasser. 2ed., SP:Editora Brasiliense, 1991.

WAINER, Samuel. *Minha razão de viver – memórias de um repórter*. Augusto Nunes (org.), 9^a ed., RJ: Record, 1988.

WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. 2ed., Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1980.

WILLIAM, Wagner. *O soldado absoluto: uma biografia do marechal Henrique Lott*. 2.ed., Rio de Janeiro:Record, 2006.

XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1977.